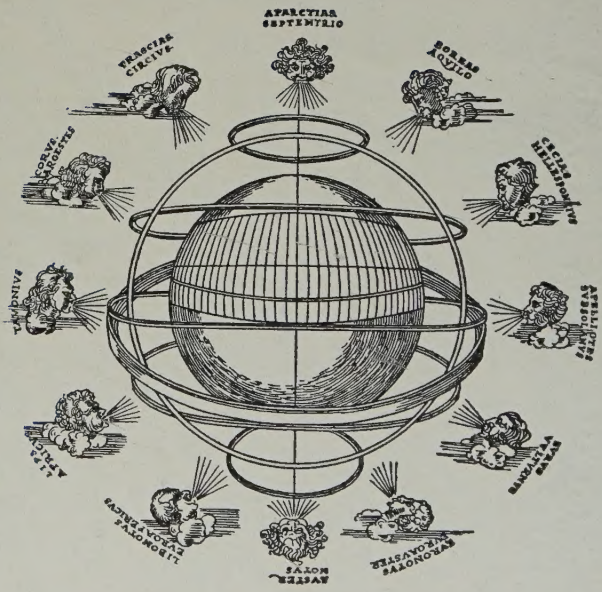



Arthur Lee Askins

Poesias

de

Pedro d'Andrade

de Caminha

# POEZIAS
## DE
## PEDRO DE ANDRADE CAMINHA.

# PEDRO DE ANDRADE CAMINHA:

DE PRESA

A

MANDADO DA RAINHA

CAMINHA

# PEDRO DE ANDRADE

DE

# POESIAS

# POEZIAS

DE

# PEDRO DE ANDRADE

CAMINHA,

MANDADAS PUBLICAR

PELA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE LISBOA.

---

*Obſcurata diu populo bonus eruet atque*
*Proferet in Lucem.* Hor.

---

LISBOA.
NA OFFICINA DA MESMA ACADEMIA.
MDCCXCI.
*Com licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame e Cenſura dos Livros.*

# PROLOGO.

AS Obras poeticas de Pedro de Andrade Caminha, que por ordem da Academia Real das Sciencias ſe publicaõ, eraõ ha muito tempo deſejadas dos eruditos Portuguezes. O público imparcial ſerá agora livre juiz do ſeu merecimento: neſte prologo ſe pertende taõ ſómente dar-lhe alguma noticia do author, e da autenticidade deſta collecçaõ das ſuas obras.

Pedro de Andrade Caminha era fidalgo de illuſtre Linhagem, originaria de Caſtella. Fernaõ Caminha ſeu ſexto Avô, tinha vindo para Portugal em 1367, e ElRei D. Fernando recompenſou ſeus ſerviços dando-lhe o Senhorio da Terra de S. Eſtevaõ. Foraõ desde entaõ ſempre illuſtres as alliaças deſta familia com a Fidalguia Portugueza. No tempo em que o noſſo author viveo era dividida em dous ramos, de que, para intelligencia das ſuas meſmas poezias, ſerá juſto dar aqui noticia.

Affonſo Vaz Caminha, que viveo no fim do decimo quinto ſeculo, Avô do noſſo author, teve dous filhos varões. Vaſco Fernandes Caminha foi o primeiro, e Joaõ Ca-

mi-

minha o ſegundo. Vaſco Fernandes foi Alcaide mór de Villa-Viçoſa, Camareiro mór do Duque de Bragança D. Theodoſio I., e pai de Affonſo Vaz Caminha, hum dos Fidalgos mais eruditos que houve em Portugal no ſeu tempo. Joaõ Caminha ſervio na India com grande reputaçaõ de valor ás ordens de Affonſo de Albuquerque, ſendo hum dos primeiros que entráraõ em Adem. De volta para o Reino, foi Veador da Infanta Dona Iſabel filha DelRei D. Manoel, e depois Emperatriz mulher de Carlos V. Caſou Joaõ Caminha com Dona Filippa de Souſa, e depois de largos annos de uniaõ, morrêraõ ambos em hum meſmo dia, como ſe póde ver no epitafio 35 deſta collecçaõ. Naſcêraõ deſte caſamento o noſſo Poeta, Gaſpar Caminha, que foi Cavalleiro de Malta, Affonſo Vaz Caminha, que morreo moço militando no Oriente, Dona Joanna de Toar, Dona Anna de Toar, Dona Guiomar de Souſa, os quaes todos morrêraõ em vida do noſſo author, como ſe póde ver na ſua collecçaõ de Epitafios, num. 24, 25, 26, 44, 53, e Dona Catharina de Toar, que foi religioſa, como ſe colhe dos Epigrammas 207, e 216.

Parece que as letras, e o ſerviço do Senhor D. Duarte Duque de Guimaráes, de quem era Camareiro, foraõ as unicas occupações da vida de Pedro de Andrade Caminha; e bem podiaõ eſtas occupações juntar-ſe por ſer

aquel-

aquelle Principe dos mais doutos que illuſtrá-raõ a noſſa Caſa Real, e dos mais amigos da gente letrada, que em ſeus dias floreceo, por quem a ſua morte, funeſta em ſi a toda a Monarquia, foi chorada, e mui de coraçaõ ſentida. A eſta ſombra cultivou Pedro de Andrade as letras, unido em correſpondencia, e amizade com os maiores engenhos, que entaõ poetavaõ em Portugal, menos ao que parece com Luiz de Camões, do qual nem elle, nem os outros fazem mençaõ; o que nos moſtra que os ſeculos literarios das varias naçõeſ ſaõ mui parecidos huns com os outros, e que em todo o tempo a ſuperioridade he odioſa aos contemporaneos.

Huma vida dedicada ás Muſas, e o pouco valimento de que gozou no Paço o Principe a quem ſervia, foraõ provavelmente a cauſa dos poucos progreſſos da fortuna do noſſo author, pois naõ ha no Arquivo Real memoria de outra mercê alguma que elle recebeſſe DelRei, ſenaõ huma doaçaõ DelRei D. Joaõ III. de 15 de Julho de 1556, de parte dos direitos reaes dos vinhos que ſahem do Porto, dos quaes tinha feito mercê a ſua mãi Dona Filippa de Souſa, por Carta de 21 de Outubro de 1553 em reçompenſa dos ſerviços de Gaſpar de Andrade, irmaõ della, que os Mouros matáraõ na India.

Se porém foraõ poucas as mercês DelRei, extrema foi a eſtimaçaõ que delle fez o

Prin-

Principe de saudosa memoria, a cujo serviço estava. Deo-lhe algum tempo antes da sua morte a Alcaidaria mór de Celorico de Basto, e huma tença de duzentos mil réis, mercês ambas, que ElRei D. Sebastião lhe confirmou depois do falecimento do Senhor D. Duarte. No seu testamento tantas vezes falla em Pedro de Andrade, e por taes termos, que não só honrão a ambos, mas dão huma idéa do excellente caracter do nosso Poeta. Além de o recommendar ao Infante Cardial D. Henrique com os outros Fidalgos, de cujo serviço estava contente, manda que de tudo o que estava a seu cargo de ouro, prata, joyas, &c. se lhe não tome conta alguma. Dispõe a seu favor de hum cavallo de estimação chamado *o lima*, no primeiro codicillo deixa-lhe sessenta mil réis de tença da que ElRei lhe tinha dado com faculdade de renunciar; e finalmente no ultimo artigo do testamento, conclue com estas palavras: *Pero de Andrade me tem servido como todos sabem com muita continuação, e sem nunca me dar desgosto em nada, peço muito por mercê ao Senhor Cardial, que em tudo o em que o puder favorecer em suas cousas com ElRei meu Senhor, o faça como eu de S. Alteza confio, e me Pero de Andrade merece, porque será grande consolação para minha alma.*

Sobreviveo o nosso author a este Princi-

pe

pe doze annos e alguns mezes, e veio a fallecer em nove de Setembro de 1589, o que se prova com a verba que na Chancelleria de Filippe II. se acha posta a huma mercê que este Rei tinha feito a Pedro de Andrade, de poder por sua morte renunciar a sua pensaõ de duzentos mil réis, a metade a favor de sua filha Dona Marianna, e a outra metade a favor de sua mulher Dona Pascoalla de Guzmaõ. Até aqui pelo que diz respeito ao author.

As obras delle, que neste volume se publicaõ, saõ todas tiradas ou do Manuscrito que existe em casa do Duque de Cadaval, ou de outro, até agora desconhecido, da Livraria do Convento da Graça de Lisboa. O primeiro destes Manuscritos goza de hum estabelecido credito entre os curiosos da nossa literatura, e já o Senhor Pedro José da Fonseca tinha publicado alguns fragmentos delle, principalmente no seu prologo á ediçaõ de Ferreira de 1771. Do segundo porém he necessario dar ao público alguma informaçaõ.

No anno de 1784 examináraõ o Senhor Fr. Joaquim Forjaz, e José Corrêa da Serra, Socios da Academia, todos os Manuscritos Portuguezes da Livraria da Graça, para escolher o que pudesse servir aos progressos da nossa litteratura. Entre outros appareceo hum livro de Poezias, que trazia na primeira pa-

gi-

gina o nome de Fernaõ Pinheiro de Brito, que foi provavelmente algum dos poſſuidores. A harmonia dos verſos, e delicadeza dos penſamentos excitou a curioſidade, e a cópia de obras dirigidas ao Duque de Guimarães fez ſuſpeitar que o author foſſe hum dos ſeus protegidos. Finalmente as duas epiſtolas que traziaõ por titulo: *A meu Irmaõ Affonſo Vaz Caminha*, e outra: *A meu Irmaõ Gaſpar de Souſa a Malta*, os epitafios *de D. Joanna de Toar minha Irmãa*, *de D. Anna de Toar minha Irmãa*, *de D. Guiomar de Souſa minha Irmãa*, *de Affonſo Vaz Caminha meu Irmaõ*, *de Gaſpar de Souſa Caminha meu Irmaõ*; e ſobre tudo o epitafio 35 a ſeu pai e mãi, trouxeraõ huma plena demonſtraçaõ de ſer Pedro de Andrade Caminha o author daquellas Poezias. He para notar que nem hum ſó verſo do Manuſcrito do Duque exiſte no da Graça, o que faria julgar que ſejaõ dous diverſos volumes da meſma collecçaõ. O Manuſcrito do Duque naõ foi poſſivel vermos, mas ſervíraõ para eſta ediçaõ duas cópias eſtimaveis, huma que pertence á Livraria da Academia, outra que lhe communicou o ſeu Socio o Illuſtriſſimo Monſenhor Haſſe. O da Graça foi por aquella douta Communidade franqueado para a impreſſaõ, e he eſcrito da propria maõ do author, como he facil colligir das replicadas mudanças, e emendas da meſma letra que eſcre-

creveo o volume. Traz em varios lugares approvações de Fr. Bartholomeu Ferreira, cuja letra he aſsàs conhecida, por ſe achar em varios documentos daquelle ſeculo, e por huma curioſa ſingularidade os verſos com que Pedro de Andrade convida Fr. Bartholomeu Ferreira a rever as ſuas obras, eſtaõ no Manuſcrito do Duque de Cadaval.

Adiante ſe achará hum indice das poezias que pertencem a cada hum deſtes dous Manuſcritos; e no fim os opuſculos do author, que naõ ſendo incluidos em nenhum dos dous, andavaõ diſperſos por alguns livros, que em ſeu tempo ſahíraõ.

NO-

# NOTICIA

*De qual dos dous Manuſcritos nos forneceo cada huma das obras deſta Collecçaõ.*

## EGLOGAS.

SAõ todas do Manuſcrito da Graça.

## EPISTOLAS.

1. 2. Do Manuſcrito do Duque; as outras do Manuſcrito da Graça.

## ELEGIAS.

1. 2. 3. 4. 5. Do Manuſcrito da Graça; as outras do Manuſcrito do Duque.

## SONETO.

Do Manuſcrito da Graça.

## ODAS.

Todas do Manuſcrito da Graça.

## EPITHALAMIOS.

Do Manuſcrito do Duque.

## EPITAFIOS.

Saõ todos do Manuſcrito da Graça.

## EPIGRAMMAS.

Saõ todos do Manuſcrito do Duque.

# EGLOGAS.

# FILIS.

## EGLOGA I.

*Serrano. Androgeo. Pierio.*

*Ser.* A Caſo dous paſtores ſe juntarom,
Quando mais ſeu ardor o Sol moſtrava,
Numa ſombra, onde o gado refreſcarom.
Um Pierio, outro Androgeo ſe chamava,
Por Filis eſte em vivo fogo ardia,
De Filis todo tempo o outro cantava.
O mal Androgeo chora noute e dia,
Que lhe a vida por Filis tem gaſtada,
E o deſcuido que nella delle avia.
De Pierio ſempr'era ſó cantada
A meſma Filis, cuja fermoſura
De ninguem póde ſer aſſaz louvada.
Eu que d'uma grave pena, aſpera, e dura
Por huma e outra parte era levado,
Trazido pera alli fuy da ventura.
Delles fuy viſto, delles fuy chamado,
» Se pedes (dizem) repouſar, Serrano,
» Aqui eſtarás quieto e repouſado.
» E aqui (ſe pode ſer) ao grande dano,
» Qu'inquieto te traz, farás, amigo,
» Com teus amigos algum leve engano.
» Aqui acharás á calma doce abrigo,
» Se abrigo pode achar em alguma couſa
» Quem traz a vida em dor, Alma em perigo.
Eu, inda que meu mal buſcar naõ ouſa

Alivio, alli com elles me detive;
Mas ah, que em nada a grande dor repouſa!
Quem ſómente á vontade alhea vive,
Nunca da ſua tem um ſó momento,
Aſſim eu téqui da minha nunca o tive.
Acheyos ambos, e cad'um attento
Em Filis, que mil vezes nomeavam
O' ſom d'um paſtoril doce inſtrumento.
Docemente alternados o tocavam,
E áquelle ſom ſuave docemente
Alternados de Filis ſó cantavam.
E do que ouvi me lembra iſto ſómente.
*Andr.* Aſperiſſima Filis a meus danos,
De que eu, por áprazerte, mais deſejo,
Naõ ſei ſ'iſto é verdade, ou ſaõ enganos,
Ouço dizer que és branda, naõ o vejo.
Acrecentame, Filis, a triſteza,
Mudares para mim tua natureza.
*Pier.* Fermoſiſſima Filis, s'eu tivera
Do gram Titiro a frauta, a voz, e o canto,
A frauta, a voz, e o canto a ti ſó dera
Co' meſmo amor, com que ora a ti ſó canto.
Mas iſto, Filis, é pura verdade,
Que muyto mais te dá minha vontade.
*Andr.* Amote, Filis, quanto amarte poſſo,
Vejo que quanto pódes te avorreço.
Eſcondido lá tens o lume noſſo,
Sem elle nem me vejo, nem conheço.
Deixate, Filis, ver, ah naõ t'eſcondas,
Só porque mal a meu amor reſpondas.
*Pier.* Cantote, Filis, quanto ſei cantarte,
Sempre a teu canto dou tudo o que entendo:
A meus verſos naõ buſco eſtilo ou arte,
Pois nunca aõ de chegar ó que pretendo.
Diſto á, Filis, em mim continua queixa,
Mas aſſi como ſei cantarte deixa.

An-

*Andr.* Inda, Filis, que n'Alma com que te amo
Sempre te tenho, ſe naõ poſſo verte
Dos olhos triſtes lagrimas derramo,
Que a abrandarte naõ baſtam, nem moverte.
Mas ſe a lagrimas, Filis, naõ te abrandas,
Naõ tens as condiçoẽs (como ouço) brandas.
*Pier.* Inda, Filis, que ſempre Alma te canta,
Se á voz teu canto ás vezes ſe m'eſtrova,
Se cobre o eſprito de triſteza tanta
Que ſ'enche d'uma dor aſpera e nova.
E naõ ſe gaſta, Filis, eſta pena
Té que outra vez ó canto a voz ſe ordena.
*Andr.* Todo um anno naõ é, Filis, tam grande,
Quanto a mim ſem te ver um breve eſpaço.
Nem á quem minha grave dor m'abrande
Sem a viſta, em que ſó me ſatisfaço.
Daõ teus olhos á pena, Filis, termo,
Sem elles quanto vejo é eſcuro e ermo.
*Pier.* Naõ é, Filis, tam grande ũa triſte vida
Quanto a mim ſem cantarte um eſpaço breve,
De mim ſó a voz que de ti canta é ouvida,
Só cantado de mim quem de ti eſcreve.
Enche teu nome, Filis, meus ouvidos,
Tenho todos os outros eſquecidos.
*Andr.* Filis, naõ é tam aſpero e tam duro
O bravo Boreas na mayor tormenta,
Nem é o triſte Inverno tam eſcuro
Quando a ſua mór furia repreſenta,
Quanto a mim, Filis, é danoſo e forte,
Ver de ti deſprezada minha ſorte.
*Pier.* Filis, naõ é tam doce, nem tam brando
Zéfiro, quando mais brando o ſintimos;
Nem tam alegre e claro o Veraõ, quando
Mais fermoſo, e mais claro, e alegre o vimos;
Quanto, Filis, a todo peſo grave
Tua branda voz ſempre é doce e ſuave.

*Andr.* Minha triſteza, Filis, grave ſeja
Quando naõ vejo os teus olhos fermoſos,
Outra vez em alegria nova veja
Os meus do que em ti viam ſaudoſos:
A dor com elles, Filis, ſe deſterra,
E ſem elles a paz ſe muda em guerra.

*Pier.* De flores ſeja o campo, Filis, cheo,
De cores ria o boſque, o prado, e o valle;
Metaſe o duro tempo logo em meo,
Tudo ſeque, deſtrua, mova, e aballe:
Se te vás, Filis, flor e cor perece,
Se tornas logo tudo reverdece.

*Andr.* Por mil arvores vou, Filis fermoſa,
Contando quanto te amo, e me deſamas,
Verſ'á nellas a pena riguroſa
Qu'eſte peito m'accende em vivas chamas,
Porque quando a voz, Filis, me faleça,
Nellas eſte amor e odio ſe conheça.

*Pier.* Por mil arvores, Filis, o teu nome
Tenho (como em meu peito eſtá) eſculpido,
Nellas digo que naõ á quem aſſome
O' louvor que de todos t'é devido,
Porque quando eu cantarte já naõ poſſa,
De mim ſ'ouça inda o bem da idade noſſa.

*Ser.* Eſtes verſos alli forom cantados,
Naõ cuidei que em tal parte tal ouviſſe.
Vendo os ambos em Filis transformados
Com deſejo e amor e dor lhes diſſe;
» Crea Filis, Androgeo, teus amores:
» De tua voz ouça, Pierio, ſeus louvores.

FRAN-

# FRANCO.

## EGLOGA II.

INda te peço, Musa, um favor grande;
Novo Canto me dá, com que ós ouvidos
De Marilia o amor de Franco mande.
De Marilia meus versos sejam lidos,
E dʿalguma branda voz a Franco amiga
Mil vezes a Marilia repetidos.
Aʿ sorte do meu Franco dura e imiga
Quem versos negará? quem á que a grave
Dor sua em alta voz com dor naõ diga?
Amor, e um brando Zéfiro e suave
Seu amor ós ouvidos surdos leve,
Porque menos a pena Alma lhe aggrave.
Franco que ó Sol e á sombra, é fogo e neve;
Nunca a Marilia mais nem menos ama,
E que sempre a Marilia nʿAlma escreve;
Franco que tristes lagrimas derrama,
E em suspiros do peito deita fogo,
E a si por só Marilia se desama.
Moveſe o Amor a seu queixume e rogo,
Choram seu dano as mais incultas feras,
Tens seu mal só, Marilia, em riso e jogo.
Ah Marilia cruel, que desesperas
Cada vez mais a Franco injustamente!
Porque a ira contrʿelle naõ temperas?
Que mal em Franco teu esprito sente
Que cadʿora em seu odio mais sʿaccende,
E cadʿora em seus danos mais consente?
Ah fermosa Marilia, em que te offende
Quem só amar sabe tua fermosura,

Teu

Teu ſó nome ouve, teu ſó amor entende?
Se cres que a Franco falta inda ventura
Para abrandar teu odio, nada falta
A quem, Marilia, em teu amor ſe apura.
Já tem eſtrella grande, e ventura alta,
Pois pode verte, e pois que ſabe amarte,
Só de tua brandura ſente a falta.
Naõ deves, ah Marilia, deſviarte
De dar ó triſte Franco algum momento
De vida, com ſó ós olhos ſeus moſtrarte.
Dalhe ſe quer algum contentamento
Da dor que por ti ſente, e aſſi naõ queiras
Que a tal amor ſ'ajunte tal tormento.
Suas queixas naõ faças verdadeiras,
Nem o deixes andar aſſi perdido,
Qu'inda ſuas penas tem por liſongeiras.
Naõ é Franco paſtor para eſquecido
Ser aſſi de quem ama, é Franco amado
De todos, e de todos bem ouvido.
Entre todos ſeu nome é bem lembrado,
A todos ſeu eſprito e ingenho eſpanta,
Por poeta entr'os paſtores é cantado.
Com ſeus verſos, Marilia, te levanta,
E no mundo teu nome perpetua,
Que ſempre doce tange, e doce canta.
Liberalmente a grande Muſa ſua
Eſtá ſempre, Marilia, exercitando,
Cantando a grande fermoſura tua.
E' Franco paſtor facil, paſtor brando,
D'animo a que temor nenhum aballa,
Como já muitas vezes foy moſtrando.
Sabe Franco, Marilia, quando falla,
(Quanto delle ſe diz tudo ſe crea)
Sabe Franco, Marilia, quando calla.
Se no campo ſ'ajunta, ou ſe na aldea
C'os paſtores, que o tempo mais eſtima,

Nas

Nas apoſtas ninguem mais ſe recea.
Entr'as melhores tem lugar ſua rima.
Canta a ſeu meſmo ſom com grã pureza;
E em teu amor até cantar ſe anima.
Nas manhas Franco tem manha e deſtreza;
E grande força tem entr'os forçoſos;
Nos perigos esforço e fortaleza.
Nunca paſtores vi delle queixóſos;
E' da verdade amigo, e dos amigos;
Brando e amoroſo ós brandos e amoróſos.
Vem Franco de paſtores muito antigos,
Aquelles antiquiſſimos paſtores,
Que a barbaros tomarom eſtes pacigos.
Eu naõ canto de Franco vaõs louvores,
Puras verdades delle eſcrevo e canto,
Mas eu cantava ſó dos ſeus amores.
Pan, Marte, Febo, Amor o eſtima tanto;
Que devera de terſe em grande conta,
Mas elle teu ſó amor eſtima e canto.
Tudo iſto julga e tem por grande afronta
Se ſeu amor, Marilia, deſprezares,
Sem ti nenhuma eſtima ant'elle monta.
Com ſuſpiros o vi romper os ares,
Com lagrimas banhar o triſte peito,
Que é bem que em tanto dano já repares.
Vejo-o ſempre na dor tam ſatisfeito,
Que de nada contr'ella ſe ſoccorre,
Tal amor deve ſer, Marilia, acceito.
Sempre a todo outro nome a voz lhe morre;
A teu ſó nome a tem, Marilia, viva,
Polo ouvir tudo buſca, e tudo corre.
Ah Marilia, por ti Franco já viva,
Par'elle Amor t'eſtá pedindo a vida,
Por ti morreo, para ti já reviva.
Das lembranças do Amor taõ eſquecida
Naõ te moſtres, Marilia, naõ ſe offenda

De ſua vóz ſer de ti taõ mal ouvida.
Contra ti Amor ſua ira naõ accenda,
Como tu contra Franco a tua accendes,
Antes que acuda Amor ſeu dano emenda.
Se tam claro, Marilia, ves e entendes,
Que em teus olhos eſtá ſeu doce abrigo,
Porque c'os meſmos olhos tanto o offendes?
Sentindo ſeu tormento como amigo
Huma vez em ſua dor, eu lhe dizia;
Quem te pode trazer a tal perigo?
Só, Marilia, Marilia, reſpondia.
E quem te póde dar remedio certo?
Só, Marilia, Marilia, reſpondia.
Mas ah! que eſte remedio, inda mais perto
Me fora nos fins ultimos da terra,
Lá o eſperara achar menos incerto.
Se deſſa termoſura o mal deſterra
Amor, e quer que amor della ſe crie,
Já que pódes dar paz, porque dás guerra?
Naõ dês occaſiaõ que deſconfie
Do que pódes, quem vir Franco na morte,
E que em teus olhos naõ ſe lhe deſvie.
Muda nelles em branda e doce ſorte,
A que nelles lhe deu o Amor tégora
Contraria, dura, triſte, aſpera, e forte.
Ah Marilia formoſa, Alma me chora
D'um amigo perder que me ama, e que amo,
E em quem tanto amor teu, Marilia, mora!
Par'elle tua brandura a alta voz chamo,
Deixa-mo vivo, baſta a dor e a pena,
Porque eu ſuſpiros mil tambem derramo.
Em tudo a teu amor Franco ſe ordena,
Marilia, e o meſmo amor n'Alma entheſoura,
A lei do Amor ſe o matas te condena.
Nem é bem que quem tanto te ama moura.

PRO-

# PROTHEO.

## EGLOGA III.

### *AO SENHOR D. DUARTE.*

GRANDISSIMO DVARTE, a ti ſe offrece
Eſte canto de Protheo, recebido
Seja de ti, ouvindo-o favorece
A verdade com que te é offrecido;
Quebranta o máo coſtume, que inda crece
Na terra, que é ſer iſto mal ouvido,
Eſta cega opiniaõ vay deſprezando,
E irás os que inda a ſeguem alumiando.

Naõ creas que coſ as letras tem menores
Forças as armas, ſempre ſe ajudarom;
Olha os antigos Reys, e Emperadores
Que umas e outras igualmente honrarom,
Aos feitos dinos d'immortais louvores
Vida immortal, ſómente ellas deixarom,
E aſſi d'armas e letras juntamente
Uma ſó deoſa adorava a antiga gente.

Vejo huns, em ſi ſómente confiados
Quererem reprender eſte exercicio,
Dañoſas condiçõẽs, peitos dañados
Que reprovam o bem, aprovam o vicio;
Tais votos ſaõ de ti pouco eſtimados,
Dá em tudo, ó Real Eſprito, igual officio:
Num alto monte ao ſubir trabalhoſo
Deſcança muito um prado deleitoſo.

Digote eſta verdade que bem ſentes;
Doute, como em conſelho, o que já ſegues,
De qualquer juizo vaõ naõ te contentes
Nunca a nenhum contra as Muſas te entregues.
Ouve de Protheo já os verſos contentes,
Eſte favor que eſperam naõ lho negues,
Comtigo Era e Loureiro vaõ creſcendo,
Deſejoſos de em ti ſe eſtarem vendo.

PRO-

# PROTHEO.

## EGLOGA III.

QUe mar naõ ſabe Protheo? Porto, ou rio
Qual ſe lhe eſconde? que naõ lhe é ſabido
Deſd'o quente Meodia ó Norte frio,
E deſde a Manham clara ó Sol caido?
Tudo iſto corre, em tudo é nomeado,
Em tudo ſeu ſaber é conhecido.
Perto donde recebe o mar ſalgado
Naõ pouco ufano ao noſſo ufano Tejo,
Foy já de peſcadores eſcutado.
Furtava a tudo o al todo o deſejo
De quem o ouvia, inda que o ſempre ouvirom
Nunca chegára a parecer ſobejo.
Juntos alli polo eſcutar ſe virom
Delphins e Crocodilos, eſquecidos
Do odio com que ſe ſempre perſeguirom.
Eſtavam os ventos todos recolhidos,
Brando o mar, claro o Ceo hi ſe moſtrava,
Sómente eraõ ſeus verſos alli ouvidos.
O dia era paſſado, mas baſtava
A Filha de Latona, que moſtrarſe
Tam clara quiz, que a noute em dia tornava:
Tudo alli convidava a deſejarſe,
E o canto mais, deſpois ſómente d'iſto
Os peſcadores poderom lembrarſe.

*Prot.* Pois como cantarei os teus louvores
De todo engenho mores? Como o Eſprito

Tam

Tam raro, e tal Eſprito? como a arte,
Grandiſſimo DVARTE? como tudo
O que ha em ti que mudo fará Apolo?
Teu nome deſde hum Polo irá ſeguindo
Té o outro, e ir-ſ'á imprimindo em todo peito.
Que á em ti que perfeito naõ pareça?
Nada á que em ti já creça co' a idade.
Crecerás, e a verdade irás moſtrando
Do que eſtá deſejando em ti o mundo.
Em tudo ſem ſegundo te fizerom
Os Ceos que te nos derom, honra e gloria
Do mundo, que alta hiſtoria eſtou já vendo:
Vaime o eſprito movendo, e o deſejo
De moſtrar quanto vejo em ti, que a tanto
Levanto já meu canto, tu o levantas,
Tu já a ti meſmo eſpantas, tu me guia,
Que pódes clara guia em tudo ſerme.
Se pudeſſe ora erguerme quanto devo ...
Mas a quanto me atrevo! vás voando,
Vaſte ó Ceo levantando, eſpanto grande ...
Tal gloria ao mundo mande o Ceo, que em ti
Se veja o que eu em mi de ti conheço.
As Muſas, que alto preço tem ganhado
Com ſeres já inclinado ao bom coſtume
Dos que ſeguem ſeu lume, leva avante
Com eſtudo conſtante eſſa affeiçaõ,
Eſſa alta inclinaçaõ, eſſe exercicio,
Darás aſſi alto officio a todo eſtilo:
Té o apartado Nilo deſd'o Tejo
S'eſtenderá o deſejo de louvarte.
As Muſas, gram DVARTE, nunca morrem;
Por todo mundo correm em toda idade,
Sofreme eſta verdade, recebidas;
Peor, peor entendidas aqui ſaõ,
Tu, ſe o que com rezaõ lhes he devido
Lhes dás, nada duvido que aqui eſperem

Mais,

Mais, que onde mais as querem: ellas preſente
Fazem a antiga gente: ellas guardarom
As grandezas, que obrarom teus paſſados
Reys ao Ceo levantados d'alta fama;
Com rezaõ pois as ama quanto as amas.
Com que prazer te inflammas, quando os feitos
Claros, altos, perfeitos eſtás lendo!
Com que eſprito movendo eſtás teu peito
Já d'eſprito perfeito todo cheo,
Já todo ſem receo, a deſejar
Tempo em que já moſtrar poſſas muy claro
Ao mundo, o que tam raro elle moſtrou!
Quanto em ti vendo eſtou! que altos eſtados
D'honra e gloria ganhados com tanta honra,
De que a terra já ſe honra, e o Ceo ſe alegra!
Naõ he eſta noute negra em que iſto canto,
Bem vejo com que eſpanto tudo me ouve,
Sua luz a Lua trouve mais perfeita;
Parece o Ceo que acceita o que cantando
Vou de ti, que eſpantando a tudo irá.
Teu gram nome ſoará per toda parte,
Soará tudo, DVARTE, ſerá acceito
Teu nome a todo peito, em Cedro e Ouro
Como a mayor teſouro o guardaráõ;
As Muſas ſe honraráõ, honrarſ'á Marte
Que d'honra em ti igual parte lhes darás.
Polos boſques ſerás tambem ſoado,
Nas arvores cortado, que Diana
Que ora é comtigo ufana, em letras vivas
Fará que ſempre vivas conhecido,
Onde ora és recebido ás vezes della,
E das Ninfas que co' ella alegre fazes,
E que tambem deſfazes d'amor puro.
Teu nome em marmor duro tambem eſcrito
Será, que brando eſcrito a quem o ler,
Naõ me atrevo a dizer, ſerá com tudo.

Naõ ſeja ſó o mar mudo, ſuas vieiras
Com letras verdadeiras, ſeus penedos
Que vem muitos ſegredos de Nereo,
Verſe-á ſer tudo cheo de teu nome:
Tudo para ſi tome, que o merece.
Crece depreſſa, crece já, e veremos
Eſſes grandes eſtremos, que em ti eſcondes,
Como em tudo reſpondes a quem és!
Quanto mais em ti ves do que ſ'entende!
Pois olha, onde ſe eſtende inda a rezaõ
Que tua alta opiniaõ deve inda alçar,
Se hi ha mais levantar, olha a que Irmans,
Tam perfeitas Irmans, o Ceo te deu
Por Irmaõ todo ſeu, cad'úa divina
MARIA e CATERINA, cada úa
Vence o Sol, vence a Lúa, vence Eſtrellas;
Vence as tres Graças bellas, gentileza
Nellas tudo é, e belleza, e penſamento
Alto, alto entendimento quanto vejo
Nellas, nada ſobejo, nada falto:
Quem voará tam alto, por mais claro
Que tenha o engenho, e raro que entender
Só poſſa, o que temer faz todo peito?
Tudo em ambas perfeito: perfeiçoẽs
Em diverſas feiçoẽs. Tal cada roſto,
Que ao Sol defronte poſto eſcuro o faz,
E a noute aſſi desfaz, e aſſi alumia
Que ante elle tudo he dia. Os olhos tais;
Que a todos por demais ſerá cuidar
Que lhes pódem alçar os ſeus direitos.
Altiſſimos obgeitos a um divino
Engenho, ar peregrino, riſo ſuave,
Viſta branda, olhar grave, de Real peito
Moſtra, e d'alto conceito. Já os cabellos
Eſpanto e gloria he velos, gram teſouro,
Que com deſprezo o ouro eſtaõ olhando,

E

E que os rayos cegando do Sol vaõ;
Quando soltos estaõ, e desatados
Aos ares delicados, vaõ fazendo
Com elles se movendo huns movimentos,
Que vencem entendimentos. Que direi,
Que já fallar naõ sei, que das divinas
Suas palavras, só dinas dellas sós,
Que saõ no mundo sós? Bellos corais,
Perlas Orientais, onde formadas
Vem, onde pronunciadas, donde ouvidas
Saõ para ser sentidas? Suave canto
Que faz enveja e espanto cá ás Sereas,
Celestes vozes, cheas de doçura,
Que convertem em brandura a mór dureza,
E em prazer a tristeza? Quem fallar
Sabe, em seu doce andar, e repousado,
Seguro, compassado, e bem medido,
Ou grave, ou despedido, sempre ayroso,
O estar sempre fermoso, tudo assi?
Choreas nunca as vi em nenhuma idade
Com tanta suavidade, ar, graça, e arte:
Ou comtigo, gram DVARTE, ou sem ti ellas
Clarissimas Estrellas, ou cad'uma,
Naõ á boa parte alguma que naõ tenham.
As Musas tambem venham, que entendidas
Saõ dellas, saõ ouvidas, saõ honradas.
Princesas assi alçadas a essa alteza
Toda a terra estreiteza é para vós,
Mas vós sois nella sós em ricos dões
De ricas perfeições, seloheis no al
Que o Ceo he liberal, e a quem deu tanto
(Gloria do mundo, e espanto) dará o menos:
Parece que com acenos já me está
Mostrando que será cedo o que digo,
Com prazer o predigo, com prazer
O espero cedo ver, como o já vejo:

Muito d'antes que o Tejo inda vos visse,
Muitas vezes o disse, e o cantei
Por todo mundo, e achei grande alegria
Em tudo o que me ouvia. Vereis cedo
Este grande segredo descuberto,
Sereis ó longe e ó perto em som divino,
E em canto peregrino ao Ceo alçadas,
Com amor nomeadas, co' elle ouvidas,
Com elle recebidas, e sereis
Com DVARTE, que vereis noutro alto estado
Com rezaõ levantado, grande gloria
De quem olhos, memoria, alma, e sentidos
De vós nunca esquecidos em vós tem
Seu repouso, seu bem, seu grande amor;
Descanso á grande dor que inda assi sente,
Que só em vós consente achar descanço.
Vós lhe fareis mais manso seu constante
Cuidado, ó Clara Infante, alta affeiçaõ
De tua alta geraçaõ, DVARTE grande,
Grande MARIA, e grande CATERINA,
Por vontade Divina a ti tais dados,
Com elles descansados descansada
Serás da dor passada, de que dura
Em tua alma tam pura inda a memoria,
Que só com esta gloria a abrandarás,
Que co' elles muitos annos possuirás.

Do que Protheo cantou, ficou só isto
Aos nossos pescadores, que o guardarom
Com prazer nunca nelles igual visto.
Acabando elle o Canto, começarom
Ledas danças Nereides, e Tritões
Que téqui polo ouvir o acompanharom.
A altas vozes louvavam tantos dões
Quantos o Ceo juntara, e as Estrellas
Qu'em Reais peitos influirom Reais tenções.

Vaõ

Vaõ cantando antre ſi das Irmãs bellas
Que os peitos lhes enchiam d'alegria,
E do fermoſo Irmaõ, tam Irmaõ dellas.
Huns nomeavã DVARTE, outros MARIA,
E outros CATERINA, ora nomeava
Todos tres juntos toda a companhia.
Ora hum Delphim, ora outro ſaltos dava
Grandes por cima d'agoa, e arremedando
Os hiam os Phocas, que Protheo guiava.
Mil alegres ſinais aſſi moſtrando,
Se forom recolhendo: o mundo veja
Cedo, o que Protheo eſteve ali cantando.
Todo peito aqui diga, SEJA, SEJA.

## ANDROGEO.

### EGLOGA IV.

POr Filis arde Androgeo em vivo fogo;
(Filis ſó de ſi meſma ſatisfeita)
Queixume naõ lhe val, nem lhe val rogo.
Muitas vezes (mas nada lh'aproveita)
Entr'as arvores ſó ſe recolhia,
Onde a vida em chorar lh'era desfeita.
Dalli de quando em quando a voz erguia
O triſte, e em vaõ ó vento, em vaõ ós montes
Com ſuſpiros e lagrimas dizia:
» Filis para mim dura, naõ te affrontes
» D'ouvir meus rudes verſos, nem t'eſcondas
» A meus olhos por ti tornados fontes.
» Filis, a meu amor mal naõ reſpondas,
» Que primeiro que eu deixe aſſi d'amarte
» Sem luz verás o fogo, o mar ſem ondas.
» Se um pouco já quizeres abrandarte,

» E a mim volver teus olhos piedoſos ;
» Verás que ſó ſei ſempre em vaõ chamarte.
» Verás que por teus olhos mais fermoſos ,
» Que quantos vé o povoado e a ſerra ,
» Arde eſte peito em fogos amoroſos.
» Por elles , Filis , em continua guerra
» Ando triſte , ora os veja , ora os naõ veja ,
» Nelles meu mal , nelles meu bem ſ'encerra.
» Em quanto ſem ti vejo ſe me peja
» A viſta , que eu em vaõ , Filis , derramo
» Sem ver o bem , que mais Alma deſeja.
» Teu brando nome ſempre a alta voz chamo
» Por eſtes valles , e Ecco ſó reſponde
» Repetindo-me o nome , que eu mais amo.
» Acudo áquella voz , mas naõ vejo onde
» Soa teu nome , ſempre o bem ſómente
» Ouço , mas ſempre ós olhos ſe m'eſconde.
» Como tua brandura aſſi conſente
» Que ſeja de ti , Filis , deſprezado
» Quem por ti todo mal ſofre contente ?
» Vem já ver , Filis , o fermoſo prado ;
» Vem já ver , Filis , a fermoſa fonte
» Onde teu nome , Filis , é cantado.
» Naõ á aqui quem naõ cante , e quem naõ conte
» Da grandiſſima tua fermoſura ,
» Qu'enche de graça o boſque , o valle , e o monte.
» Vem com teus olhos dar nova freſcura
» A tudo o que ſem ti ſecco parece ,
» Vem já dar cheiro á flor , graça á verdura.
» Aqui comtigo , Filis , apparece
» O Sol mais claro e puro , aqui comtigo
» O campo com mais graça reverdece.
» E quando aqui é o tempo duro , e imigo
» Comtigo fica facil , fica brando ,
» Comtigo ſem receo o mór perigo.
» Vé que por ti , fermoſa Filis , ando

» Per-

» Perdido ora no monte, ora no valle,
» Cos olhos a ti só sempre buscando.
» Nada á que a meus queixumes naõ se aballe,
» Ninguem que em meus suspiros naõ se doa,
» Ninguem que em meu amor sempre naõ falle.
» Nestes valles e bosques sempre soa
» Este amor, esta dor, e esta verdade,
» E d'aqui a toda outra parte voa.
» E tu, Filis, tens inda essa vontade
» Tam dura para mim, que já parece
» Naturalmente imiga da piedade.
» S'este meu amor tanto t'avorrece,
» Que alli deixas por mim seccar os prados,
» Que fazes a quem odio te merece?
» As Ninfas destes bosques apartados
» Te desejam, e esperam co' as maõs cheas
» De dões a ti só, Filis, dedicados.
» Para ti mais copiosas suas veas
» Soltam as claras fontes, e os ribeiros,
» Mas tu lá só comtigo te recreas.
» Para ti os frescos valles, e os outeiros
» Se vaõ cubrindo de mil varias flores,
» Mas tu em ti só tens gostos verdadeiros.
» Para ti cantam sempre mil pastores
» Em amor apurando a voz e a canna,
» Mas tu tens só comtigo teus amores.
» Olha, Filis, que amor nunca s'engana,
» Se se vé desprezado ás vezes s'ira,
» E a quem alli o despreza offende, e dana.
» Amor é o que em mim chora, e em mim suspira,
» Amor é o que em mim canta, e o que em mim falla,
» Amor que naõ me deixa usar mentira.
» Amor é o que em mim cuida, e o que em mim cala,
» E o que sempre em mim faz tudo o que faço,
» E o meu amor de todos desiguala.
» Em nada sem te ver me satisfaço,

» E

» E o peito e olhos, quando te naõ vejo,
» Em ſuſpiros e lagrimas desfaço.
» A nada, ſem te ver, movo o deſejo,
» Se naõ, fermoſa Filis, a ſó verte,
» Que por teus olhos ſós ſempre me rejo.
» Já me tentou a dor a naõ quererte,
» E me dizia por me ver vencido,
» Que quiçá poderia aſſi aprazerte.
» Mas nunca o meu amor ſerá offendido,
» Filis, d'alguma falta, a ti ſó quero,
» Seja embora de ti ſempre eſquecido.
» Se brandura a meu mal em ti naõ 'ſpero,
» Se de piedade em ti naõ faço conta,
» Com ver que é tua vontade a dor tempéro,
» Que j'ágora outro amor me ſerá afronta.

# EPISTOLAS.

## *AO SENHOR D. DUARTE.*

## EPISTOLA I.

QUe é do favor, Duarte, que os eſpritos
De louvor dinos juſtamente achavaõ
A ſeus bons cantos, a ſeus bons eſcritos?
Que é dos louvores, com que ſe animavaõ
A erguer a vóz mais confiadamente,
E com mais ſeguro animo cantavaõ?
Como eſquecido eſtá taõ baixamente
O que já tanto poude, que podia
Hum eſprito fazer raro e eminente?
Quem ás Muzas tirou tanta valia?
Quem a Febo tornou taõ deſprezado
Que já entre nós ſeu nome naõ ſ'ouvia?
Antes inda mal ſ'ouve, e mal julgado
Hé de muitos juizos quem o ſegue,
Eſte voto é de muitos approvado.
Antes que o Ceo de todo á terra negue
Eſte dom, que elle a alguns inda naõ nega,
A terra a eſte favor toda ſe entregue.
Mas ah, que toda eſtá de todo cega
Tras intereſſes, tras cobiças, e ouro,
E a eſtes deſejos vaõs toda ſ'entrega!
Tem-ſe em grande deſprezo já o tezouro
D'Apollo, que os eſpritos enriquece
E as fontes orna d'Era, e verde louro.
Quaõ contente de ſi quando amanhece
Se acha o eſprito entregue todo á Muza,
Quaõ contente de ſi, quando anoutece!
Quaõ confiado ſempre, e ſeguro uza
De ſeu entendimento; quaõ ſeguro
Sabe ó bem dar louvor, ó mal eſcuza!
Quanto melhor entende o bom, e o puro,

Quan-

Quanto melhor o máo, que quem ſe arreda
Das doutas Muzas com eſprito duro!
Mais facil neſte eſtá, mais certa a queda
Do entendimento, e em qualquer fraco laço
Facilmente ſe prende, enlaça, e enreda.
Pejaõ-ſe as Muzas, correm-ſe no paço,
Se ſe achaõ nelle eſtaõ como forçadas,
Vem-ſe em toda outra parte mais d'eſpaço.
Será de ſerem mal agazalhadas,
Como ſaõ, dos eſpritos ociozos
De que nunca ſer podem bem julgadas.
Nunca deraõ de ſi muito os mimozos:
Fogem do mimo, fogem da brandura,
Mas fogem muito mais dos cobiçozos.
Eſcondem muito a ſua fermozura
Sómente a moſtraõ a quem amala ſabe,
E em eſtudo, e trabalho, e amor ſe apura.
O peito, em que tudo iſto naõ cabe,
Como pode eſperar tanta riqueza,
Como que a Muza nunca co' elle acabe?
E quem naõ força muito a natureza
Por eſte amor, com que razaõ eſpera
Achar nelle, ſenaõ odio, e dureza?
Fermoſiſſimas Muzas, ſe podera
Encher de voſſo eſprito eſte meu peito
Quaõ pouca inveja a todo o Mundo houvera!
Fora-ſe quem quizera ſatisfeito
Do rubi, da eſmeralda, do diamante,
E ſó fora-vos eu a vós acceito.
Graõ Principe, que ſempre tens diante
Dos olhos o favor das brandas Muzas;
Faze os ingenhos bons ir ſempre ávante.
Os meus verſos, a que hei miſter eſcuzas,
A que deſculpas mil ſe te offerecem,
Trata-os co' amor que os teus tratar ſempre uzas;
Viraõ achar aſſi o que naõ merecem.

## *AO LIVRO.*

## EPISTOLA II.

Cuidará, Livro, alguem que te dezejo
Azas, com que por tudo vás voando,
E enchas o Mundo do que ſinto, e vejo.
Cuidará que te quero hir procurando
Que ſejas entre todos bem ouvido,
E que a teu nome os vás afeiçoando.
Mas eu, Livro, naõ ſou deſcomedido,
Conheço-te, e ſei bem que o naõ mereço,
Que nunca fui das Muzas conhecido.
Sempre as ouvi de longe, ſó conheço
Que as deve dezejar todo alto eſprito,
Que dezeja no Mundo hum alto preço.
Sei tambem que nem canto, nem eſcrito
Poderá nunca moſtrar a menor parte
Do que Amor em meu peito tem eſcrito.
Sei por muito que o uzes levantar-te,
O's louvores de Filis, de que tremo,
Naõ poderás, ó menos igualarte.
Eu poſto aſſi entr'eſte, e eſt'outro extremo
Como hei de pertender, que em ti ſe veja
O que eu cuidar com tanta razaõ temo?
O que principalmente Alma dezeja
E' que Duarte te acceite; mais recea
Minha Muza, que a tanto indigna ſeja.
E que Filis acazo inda te leia,
E veja em ti, que a ſua fermozura
Enche eſta Alma d'amor, de medo a enlea.
Veja que eſte meu peito em ſó brandura
Se desfaz, quando mais ſente ſua ira,
E no mór odio mais o amor ſ'apura.
Veja que a ſeu louvor ſempre Alma aſpira;

E que em ſeus olhos tem ſeu claro norte,
E que por elles treme, arde, e ſuſpira.
Se te acontece taõ ditoſa ſorte,
Que te poſſo querer d'outros favores?
Que te poſſo temer do tempo, ou morte?
Quem para ſi pertende vaõs rumores
E ſer viſto de muitos, e tratado,
O Mundo todo o encha de louvores.
Se de Filis hum ſó momento olhado,
E ó graõ Duarte acceito inda te viſſe,
Aſſim te julgarei por mais louvado,
Que ſe louvarte a todo o Mundo ouviſſe.

*AO SENHOR D. DUARTE.*

## EPISTOLA III.

SEnhor, de mim cantado nos primeiros
Meus verſos de ti indinos, graõ DVARTE,
Que cantado ſerás nos derradeiros.
S'um eſprito occupado ſó em amarte
Merece ſer ouvido, ouvem'agora
Que nunca ſem amor ſoube fallarte.
Vaiſem'o anno, o mes, o dia, e hora
Sempre em ſervirte, devote amor puro,
Como ſe negará o que n'Alma mora.
Aprazer ſempre a todos é tam duro,
Que parece impoſſivel, ós melhores
Contentar; e aprazer é o mais ſeguro.
Das mais altas virtudes e mayores
Se deve ornar um Principe, qu'eſpanto
Quer dar de ſi ós grandes, e ós menores.
Mil vezes ouvirás que naõ é tanto
Gram nome, como graõ merecimento,
Eſte cria memoria, e immortal canto.
Quantos vimos trazendo o nacimento

D'al-

D'altos Reis, d'altos Principes, ſómente
Encher ſeus nomes d'avorrecimento.
Deſtes nom curo, paſſam levemente
A vida toda, indinos de memoria,
Dinos de commum odio a toda a gente.
Louvo ſómente aquelles, que ſua gloria
Poem na virtude, na honra, na grandeza,
E em ſaber ter de ſi ſempre victoria.
Deſtes és, bom DVARTE, tua pureza
Se moſtra em quanto fazes, e a bondade
Se vê bem de teu peito em tua clareza.
Nom tens por teu exemplo a antiguidade,
Nom Julios, nom Auguſtos, nom Trajanos,
Nom outros mil qu'eſpantaõ toda idade:
Que por fumos, por ventos, por enganos
Sómente obravam tudo quanto obravam,
Nom chegando co' a viſta ós deſenganos,
Da cega vaidade nom paſſavam,
Detinhaos o que os olhos tem diante,
A penſamentos altos nom voavam.
Tens exemplo nos teus que te levante,
Imperadores, Reis, altos Infantes,
Com que podes em tudo ir ſempre avante.
Muito qu'imites, muito que t'eſpantes
Acharás nelles, pouco em que t'enganes,
Inda que todos em teu peito os plantes.
Cinco Afonſos, um Pedro, dois Joanes,
Um Sancho, um bom DVARTE, um Dinis grande,
C'os quais no mal e bem te deſenganes.
Manoel teu avô, que muitos mande
Deos á terra como elle, Joaõ teu tio,
Cuja memoria ſempre no mundo ande.
Cuja perda deixou d'um fraco fio
Muitos reinos pendendo, e em Deos ſeguros,
Que nunca a boa eſperança deu deſvio.
Pois em muitos Infantes, fortes muros

Sem-

Sempre do Reino em armas, e em conſelho,
Qu'exemplos acharás claros e puros!
Que! naquelle alto Henrique vivo eſpelho
De letras e virtudes, cujo eſprito
( S'eu poſſo ) que o imites t'aconſelho.
Digo aquelle alto Infante de qu'eſcrito
Mil maravilhas acho, a quem ſe deve
Um alto canto, um raro e grave eſcrito.
Em quem principio, delle dino, teve
Noſſa navegaçaõ que o mundo eſpanta,
Que tantos annos eſcondida eſteve.
Meo per que ſe moſtra, enſina e planta
A Fé entre gente d'antes dura, immiga,
Que já com noſco um Deos confeſſa e canta.
Os mais eſpero que teu peito os diga,
Que os vai em tudo o bom ſempre imitando,
Como a memoria já menos antiga.
Um Luis, um Afonſo, e um Fernando,
E teu pay de ti dino, de que herdaſte
Caſa, graças, e nome doce e brando.
Que! noutro grande Enrique que alcançaſte
Do Ceo, por vivo exemplo puro e claro;
Eſta ſó imitaçaõ em tudo baſte.
Principe, entre os mais raros o mais raro,
Que nos deixou e deixe a maõ divina
Por remedio commum, por bem e emparo.
Nom nos impida a terra ingrata, e indina
Eſta mercê que nós mal merecemos,
Mande, governe, enſine como enſina.
Com ſua virtude que ſeguir devemos,
Ponha Sebaſtiaõ em idade inteira
Tal Rei como já'gora o promettemos.
De Reis exemplos tais, que da primeira
Idade ſempre foſte, e vás ſeguindo,
Tem ſempre n'Alma a hiſtoria verdadeira;
Nella verás como ſ'irá ſubindo

Um

Um Principe ó que deve, a paz e á guerra;
O bem e o mal irás claro ſentindo.
Alli aprenderás a erguer da terra
Teus altos penſamentos á virtude,
Qu'em baixos penſamentos nom ſ'encerra.
E nella uma firmeza a que nom mude
Tempo, trabalho, nem algua mudança,
Mas com conſtancia a tudo em ſi ſ'eſcude.
Verás nos goſtos vaõs a temperança
Quanto aproveita, e como é leve e incerta
Só no humano ſaber a confiança.
E que ſómente aquelle ſempre acerta
Que ouve o conſelho bom, e que o acceita,
E agradece a vontade clara e certa.
Que o liſongeiro e falſo eſtranha e engeita.
Mal que tudo deſtrue, e tudo dana,
E inda em perigo poem a Alma perfeita.
Da ſciencia divina, e ſciencia humana
Convem encher o peito, eſta alumia,
Eſta enſina a verdade, e deſengana.
O Principe, em que as letras á porfia
Co' a bondade eſtiveſſem, com que fama
Com que nome no mundo voaria!
Eſta as virtudes todas a ſi chama,
Eſta de liberdade enche os eſpritos,
A piedade conſerva, a juſtiça ama.
N'Alma com vivas letras traz eſcritos
A' patria amor, graõ zelo ó bem commum
De que nacem proveitos infinitos.
Apos eſta os bens todos um e um
Sempre ſeguindo vaõ, traz ſempre acima
De tudo ós bons amor, odio a nenhum.
Com eſta a fortaleza mais ſ'eſtima,
A grandeza d'eſpritos mais ſ'apura,
A cada couſa dá ſeu preço, e eſtima.
Aqui co' a corteſia e co' a brandura

Aſſi a authoridade ſe tempera,
Que uma e outra eſtá inteira e ſegura
A liberalidade, que s'eſpera
Mais qu'em todos num Principe, aqui ſabe
Uſar de ſi, que tudo aqui ſ'eſmera.
Quem dirá o que num grande eſprito cabe
De ſciencia e virtude bem guiado?
Mas nom á quem igualmente tudo acabe.
Conhece o bom ſerviço o bom criado,
Sabe qual é o amor, qual o intereſſe,
Entende a qual eſtá mais obrigado.
Quem de ti, grande Principe, ſoubeſſe
Tudo o que ſegues, tudo o a que t'inclinas,
Que buſcaria em ti que nom teveſſe!
Condiçõeſ brandas, condiçõeſ divinas,
Coſtumes, com que neſſa idade branda
Nos moves, nos reprendes, nos enſinas.
Sempre a memoria chea d'exemplos anda
De mil Reis teus avôs, de ti imitados,
Sabes qu'o exemplo obriga, vence, abranda.
Sejam de ti eſtes verſos bem julgados,
Que ó amor com que vaõ ſómente o deves,
S'elles devem por ſi ſer deſprezados.
Ouveos, Principe grande, ſe t'atreves,
Pois igualmente a todos ſatisfazes,
Nom por lembrança do que fazer deves,
Mas por memoria ó mundo do que fazes.

*AO SENHOR D. DUARTE,*
*quando ElRey o poz em caſa do Infante D. Luiz.*

## EPISTOLA IV.

DE clariſſimos Reis geraçaõ clara,
Duarte, em quem o Ceo nos quis moſtrar
De todo raro bem ũa forma rara.

El-

Elle que a tantos quiz a ti mandar
Grande e alegre remedio a gram triſteza;
Elle que aſſi te quiz téqui criar:
Enchendote eſſe peito de grandeza,
Eſſ'Alma de virtuoſa inclinaçaõ,
Comtigo uſará em tudo ſua largueza.
Mas alça agora um pouco o coraçaõ,
Verás que o que téqora te tem dado
Saõ ſeguros ſinais que nom é em vaõ.
Dos Reis teus biſavós ora deixado
O conto dino d'immortal lembrança,
Que tal nos foi cad'um do Ceo mandado.
Olha quam alta, e certa confiança
Devemos ter do que de ti já cremos
Na branda paz, e na guerreira lança.
Pois daquelles dous lumes, dous eſtremos
No mundo ſós, dous Reis em tudo claros;
Netto e Sobrinho, em tudo ſer te vemos.
Manoel, e Joaõ certos emparos
Sempre a toda virtude, a cujo certo
Louvor devidos ſaõ ingenhos raros.
Reis, com cujos eſpritos deſcuberto
E ſeguido é de nós o rico Oriente,
Que a noſſos olhos foi ſempre encuberto.
Reis, com cujas Leis vive aquella gente
Que cada dia deixa o Sol eſcuro,
Em quanto a noſſas viſtas é preſente.
D'um delles quiz já o Ceo em ſua ſegura
Gloria receber a Alma, a Deos voou
De todo impedimento limpa, e pura.
E cá, por noſſa gloria, nos deixou,
Sobre tantos bens ſeus, tam claro Norte,
Qu'em todo o mundo ſua luz moſtrou.
Eu digo aquelle Rei, a quem nem morte,
Tempo, ferro, agoa, ou fogo eſtorvará
Ter ſobre todos mais famoſa ſorte.

Aquelle gram Joaõ, a quem eſtá
Tanto mar, tanta terra obedecendo,
E qu'inda muitos annos eſtará.
Rei, de que tantos Reis eſtaõ pendendo,
A qu'eſtaõ de tam longe tanto amando,
A qu'eſtaõ de tam longe aſſi temendo.
Que com armas o Oriente eſtá guardando,
Que com coſtumes bons o Occidente honra,
Que com Leis juſtas tudo eſtá emendando.
A quem tem dado Deos tal dom, tal honra,
Que por elle ſua fé ſe pregue, e imprima
Nos qu'eſtavam, ſem ella, em vil deshonra.
Santo Rei, que tem poſto tanto acima
Seu Reino de todo outro, no Divino
Culto, que mais que todos honra, e eſtima.
Rei, que entre os outros Reis é ſó mais dino
De ſer ſó Rei na terra, cujo peito
Arde em amor dos ſeus, Senhor benino.
Aſſi á juſtiça, aſſi á razaõ ſugeito
Qu'igualmente honra o bem, caſtiga o mal,
Sempre a todos igual, ſempre direito.
Em todas as virtudes um ſó, tal
Que já no Ceo merece alta Coroa,
Como em tudo merece aqui a Real.
Quam docemente em todo ouvido ſoa
Seu brando nome, como é recebido
Por todo mundo, que por todo voa.
Nunca tal nome em ti ſeja eſquecido,
Tal Rei, tal pai, tal tio, e tal Senhor
Te terá ſempre em alto eſtado erguido.
Inflamma eſſe teu peito em ſeu amor,
Tudo em ti ſeja amor deſte Rei grande,
Por quem t'inda eſperamos ver mayor.
Niſto ſempre teu eſprito occupado ande,
E naquelles Reis grandes de que vens,
Cujos eſpritos Deos em ti nos mande.

Em

Em ti nos moſtre grandes e altos bens,
Em ti teu pai, clariſſimo alto Infante,
Que por exemplo certo em tudo tens.
Com ſuas raras virtudes ſempre diante
Dos olhos terás clara e certa guia,
Com que, quanto em ti ouver, ó mundo eſpante.
De lá d'entr'Anjos onde eſtá, te guia
A couſas, que com grande honra na terra
Nom percas da do Ceo a alta valia.
Que cá ſem eſte lume em tudo ſe erra,
Sem eſta luz nom á quem nada veja,
Buſca-a, que a quem a buſca nom ſe cerra.
Vai ſempre avante em tudo, e tudo ſeja
Mais qu'em todos em ti, que certo faro
Tens, que moſtrarte o bem ſempre deſeja.
A que hora Deos t'entrega, por tam raro
Como em tudo o conhece, quem conhece
(Se á quem) que tudo o bom tem nelle emparo.
Eſte é aquelle alto Infante, que merece
Quanto á que merecer, eſte ante quem
A antiguidade toda ſ'eſcurece.
Clariſſimo Luis por noſſo bem
A' terra dado, em quem todo deſejo,
Todo eſprito ſeguro exemplo tem,
Já teus olhos alçados ver deſejo
A'quelle claro lume, ſe tal lume
Sempre ſegues, DVARTE, qual te vejo!
Pódes chegar por elle ó alto cume
D'armas e letras, e ó mayor eſtremo
Em paz, em guerra, em todo bom coſtume.
Falle iſto (que ante tanto todo tremo,
Vai-ſe uma, vem m'outra onda, e eu com tudo
Hora em deſejos arço, e hora temo),
Falle o conſelho bom, alto, e ſeſudo,
Que nunca ó bem negou o qu'entendeo,
Que nunca contra o mal ſe vio ſer mudo.

Falle a gram fortaleza, que temeo
Tanto aquelle gram Turco, e Carlo o diga
Que co' elle o fez fugir, co' elle o venceo,
Que co' elle a tanta terra dura imiga
(Medo já de Romanos) gente fera
Com Leis e obediencia hora ſuggiga.
Falle em ſeu peito o mais qu'inda fizera,
Se o tempo avaro d'honras merecidas
A ſuas altas tenções nom ſe oppoſera.
Fallem tantas Sciencias tam ſabidas
Delle Principe tal, que d'amor puro
Apos ſi leva as Almas, leva as vidas.
Eſte amor, bom DVARTE, em ti ſeguro
Se veja ſempre, neſte amor t'accende,
Que pode em tudo ſerte forte muro.
De ſua vontade em tudo ſempre pende,
A outra nenhũa t'entregues, fiate mais
Deſta que ſe te dá, nom ſe te vende.
Farás a teu deſejo obras iguais,
Se tens nos olhos, e no entendimento
Seus feitos dinos d'honras immortais.
Aſſenta nelle em tudo o fundamento,
Tudo levantarás quanto quizeres,
Nom t'enganará em nada o penſamento.
Em tudo acertarás quanto fizeres,
Serás honra da patria, ſerás gloria
Dos que te querem, DVARTE, e dos que queres,
E encherás d'altos feitos tua hiſtoria.

*A meu Irmaõ*
*GASPAR DE SOUZA, A MALTA.*

## EPISTOLA V.

MAndas que d'eſta terra, Irmaõ, t'eſcreva;
Mas que t'ei d'eſcrever, que tal é tudo

Que

Que nom ſei com que eſprito a iſſo m'atreva.
E' neceſſario fazer-ſe homem mudo,
Por nom vir a fallar couſas que doam,
Sempre ſe cala mais o mais ſeſudo.
Todos ſ'eſcandalizam, ſe magoam
Da verdade, e deve ella de dizer-ſe,
Mas bens em maos ouvidos bem nom ſoam.
Mas o que, Irmaõ, de cá póde eſcrever-ſe
E' que vivemos ſempre em ocioſidade,
Querendo o que mais deve aborrecerſe.
E' o alvo a que ſe tira huma vaidade,
Huma honra buſcada baixamente
Per meos ſem juſtiça, e ſem verdade.
Alcançaa mais depreſſa quem mais mente,
E quem em tudo é ſempre verdadeiro
Nom engana, nom tem, nom o honra a gente.
Quanto ſe tem, ſe val, és o primeiro
Em bondade, em ſaber, ſe o ouro falta
Bem te podes contar por derradeiro.
E' trazido nas maõs, per cima ſalta
Das cabeças quem tem, vé que baixeza
Tam indevidamente eſtá tam alta!
Vil é a prata e o ouro; a boa nobreza
A verdadeira honra é ſam virtude,
Qu'em menos tem que tudo a vam riqueza.
Quem no eſprito e no corpo tem ſaude,
E meammente o neceſſario á vida,
Só no remedio d'Alma ſempre eſtude.
Os theſouros de Creſo, o ouro de Mida
Deſpreze. Nade os mares, corra a terra
O que tem da cobiça a Alma vencida.
A morte geralmente tudo enterra,
Sabe os nomes a todos, todos chama,
Hora os do povoado, hora os da ſerra.
Triſte (ó que grave mal) o que tanto ama
O que lhe á de peſar de ter amado,

E o que mais amar deve, mais defama.
Nenhum temor refrea, é pregoado
De velhos, e de moços, buſqueſe ouro,
Ou ſeja mal, ou bem ſeja buſcado.
Eſqueceſe de todo o bom teſouro
Onde o ladraõ naõ entra, nem a traça.
Que mais póde fazer um Turco, ou Mouro?
Mil vezes a Alma aſſi ſe m'embaraça
Com couſas que ouço em uns, em outros vejo,
Que fico ſem ſaber que cuide ou faça.
Um livre eſprito, um puro e ſaõ deſejo
De maravilha ſe acha, andam tomados
Do medo, ninguem ouſa, tudo é pejo.
Olhos, e penſamentos, e cuidados
Em mil couſas ſem nome, em ſemrazões
Andam ſempre detidos e occupados.
Nom á amizades, nom converſações
Para exercicios bons, para coſtumes
Qu'inclinem á virtude os corações.
As praticas continuas, os queixumes,
Na praça, na iguaria má ou boa,
No jogo, nas delicias, nos perfumes.
De maravilha ſ'ouve, apenas ſoa
D'armas, e letras o louvor devido,
Que da nobreza faõ honra e coroa.
De todo eſte exercicio anda eſquecido
Como vaõ, como incerto, como indino,
Que nelle um alto eſprito ande embebido.
Culpa de cada um, e deſatino,
Mayor culpa do tempo, que o que mais
Honra merece, tem por menos dino.
Se um tem altos eſpritos, deſiguais
Dos eſpritos communs, zombam e rim,
Valem (como já diſſe) vaõs metais.
Quero, Irmaõ, recolher agora em mim
Mil couſas qu'inda a medo de mim fio;

Mas

Mas sei que tudo emfim á de ter fim.
Ditoso tu, que d'este commum fio
Da gente t'apartaste, qu'escolheste
Trabalho, armas, perigo, calma, e frio,
A que, ledo, tua vida offereceste
Nessa bandeira a que te já obrigaste,
E cujas Leis cumprir já prometeste.
Bandeira de Joaõ, em que ganhaste
Mór honra, melhor nome, dom mais certo
Do que esta vida dá que cá deixaste.
Aquelle Joaõ digo, no deserto
Criado, que vencido o humano medo,
Sempre teve á verdade o peito aberto.
Aquelle que o Senhor mostrou c'o dedo,
Que o bautisou no rio claro e puro,
Que ouvio aquelle altissimo segredo.
Que já quando naceo, nacco seguro
De peccado, já Santo, já triunfando
De si, e do mundo, e do outro immigo duro.
Aquelle a que Deos mesmo esteve alçando
Com mil louvores, que com mil louvores
Devem todos ir sempre celebrando.
Ditoso tú outra vez, que os vaõs favores
Humanos nom esperas, que direito
Tens o espirito ós descansos, e ós temores.
Que muitas vezes o esforçado peito
Exercitas contente contra o immigo,
Pondo em Deos sempre o principal respeito.
Que o tempo em guerra gastas com perigo,
E enches de lições graves a memoria,
E és da verdade e bem sómente amigo.
Poderás assi ter certa a victoria
Do mundo, e de ti mesmo, e inda da morte,
Na terra terás honra, no Ceo gloria.
Ditoso a quem couber tam grande sorte!

## *A JORGE DE MONTE MAYOR em reſpoſta d'outra ſua.*

## EPISTOLA VI.

MOnte mayor, cujo alto ingenho eſpanta
Grandes ingenhos, e ditoſamente
A todo eſtilo e verſo ſe levanta.
Teus graves verſos li, nelles preſente
Eſtive todo, que tal fundamento
Forçára a ſentir muito quem nom ſente.
Quem melhor que ti nota o vaõ intento
Das humanas tençõeſ tam retorcidas,
Que vem todas parar em leve vento?
Quem as idades todas conſumidas
Apos um goſto vaõ, fraco, e forçoſo,
Que nom dura, e deſtrue Almas e vidas?
Quem o fim que ſeguimos vaõglorioſo,
Engeitando o ſeguro e verdadeiro,
Para as Almas e vidas proveitoſo?
Quem o peito já em tudo liſongeiro
Trocado polo bom, leal, e puro,
(Santo, mas engeitado companheiro)?
Quem vé melhor que ti um juizo eſcuro,
Que do que de ſi cuida, e em ſi confia,
Seu voto em tudo tem por mais ſeguro?
Põe de ſuas razõeſ toda a valia,
De ſuas palavras põe toda a verdade
Em ſeu entendimento, e ſua porfia.
Que grande couſa é ver tanta vontade
Sobre uma meſma couſa, e cada ũa
Cuidar que a que é contraria é falſidade!
Muitas voltas dá o Sol, muitas a Lũa
Muitas o tempo dá, traz mil coſtumes
Que nom ſei ſe os vio nunca idade algũa.

Tu-

Tudo agora saõ causas de queixumes,
Mas quem se queixará, que a vida é breve;
E inda dos pensamentos se á ciumes?
Ver o saber humano fraco, e leve,
Ter por mais o que deve ter por menos!
Ver a vá discriçaõ envolta em neve!
Frieza de razões, juizos pequenos,
Que se nom sabem, mais se remedeam
Ou com tocar de braço, ou dar d'acenos.
E achams'outros que a estes lisongeam,
Acha louvor o mal, propensaõ boa
Todos a louvam, todos a receam.
A ligeireza com que o tempo voa!
A pressa com que a vida á morte corre!
E nada d'isto em nossas Almas soa!
Tudo depressa acaba, tudo morre,
Todos té cegos claramente o vemos,
E ninguem do que deve se soccorre.
Ver quam ligeiramente em outrem cremos
Um erro, um mal, úa culpa, úa deshonra,
E ver nos bens as duvidas que temos!
Ver como nos faz nojo a alhea honra,
Inda que bem ganhada, e merecida,
E nom vemos quanto isto nos deshonra!
Ditosa ó quam ditosa a livre vida,
Que o bem só louva, o bem só tem em conta,
E despreza a que vê que vai perdida!
Com suas faltas (quando as tem) s'afronta,
E doese das alheas, mas á tal
Que se desculpa co' as que noutro aponta.
Como anda bem julgado agora o mal!
Como anda mal julgado agora o bem!
Este quam pouco, aquelle quanto val!
Quantos defeitos um defeito tem,
Que cayo em muitos s'encobrilo quero,
Podendo-o remediar como convem!

Tu-

Tudo quanto ſe trata é engano mero,
Aſſi o ouço, aſſi o vejo, aſſi o entendo,
Que do que ontem eſperei já deſeſpero.
Quem vé porque nom deva d'ir perdendo
A vida ſó de nojo e de triſteza?
Quem á morte ſeguro irá correndo?
A gentilica ſciencia inda ſe preza
D'enſinar a fermoſa e ſam virtude,
Que por ſi meſma tudo o mais deſpreza.
Nom á com eſta afronta quem ſe mude
De couſas, que merecem choro e riſo,
Nom á quem queira ter boa ſaude.
Quantos contraſtes vemos para o ſiſo!
Mas deveſe elle d'ir muito poupando
Para mil males, que vem d'improviſo.
Deos ſofre tudo, mas nom ſei té quando
O quererá ſofrer, por mor caſtigo
Quiçá nos dar, eſtá diſſimulando.
Tentar ſua paciencia é gram perigo,
Tudo ouve, tudo vê, e tudo entende,
E contra ſeu poder nom ſ'acha abrigo.
Mas tu, Monte Mayor, a quem ſe rende
O qu'eu ſinto e entendo, ſinte quanto
A meu entendimento ſe defende.
Mais pudera dizerte; mas é tanto
Que o quiz antes comigo eſtar ſintindo,
Mas a ti o deixo que co' grande eſpanto
O' monte das Irmans foſtes ſubindo.

## *A JOAÕ LOPES LEITAÕ,*
*indo-ſe pera a India, em reſpoſta d'outra ſua:*

## EPISTOLA VII.

Nom m'eſpanto, bom Joaõ, qu'aſſi moveſſe
Teu alto eſprito a tua doce penna,

Que

Que com tam alto aparo assi escreveſſe.
Nunca par'elle foy couſa pequena,
Tens moſtrado já diſſo mil ſinais,
E á muito tudo em ti ſempre ſe ordena.
Mas vindo ó de que tratas, com iguáis
Verſos a teu ingenho raro e puro,
Que crece cada dia muito mais.
Quem andará entr'agente já ſeguro?
E quem ſe nom verá tomado ás maõs,
Cad'hora d'um immigo forte e duro?
Abertos corações, e peitos ſaõs,
E bofes (como dizem) bem lavados
Forom-ſe a troco d'enganoſos vaõs.
Verás andar alguns apoſtemados,
Quero dizer tam cheos de vaidade,
Que andam ſómente d'ella ſempre inchados.
Olha que coſtumada novidade,
Que o qu'eſtá contrariando a natureza
Sigam tantos, e tanto de vontade!
Olha como cad'um de ſi ſe preza,
Como de ſi ſómente ſ'eſtá crendo,
Paſſou de todo a natural clareza:
Clareza pura com que conhecendo
Cad'um ſeu erro claro o confeſſava,
Emenda, e aviſo delle pretendendo.
Aquelle gram pintor, quando acabava
Uma obra á porta a punha, e ſ'eſcondia
Ouvindo o que cad'um d'ella julgava.
Se alguem alguma couſa reprendia
Logo emendava, fez-ſe aſſi eſtremado,
Já perdeo o conſelho ſua valia.
Nom ſofre já ninguem ſer aviſado
No que merece mais ſer reprendido,
Iſto é o que deve ſer peor julgado.
E' de nós de muy longe conhecido
O argueiro pequeno no olho alheo,

E o madeiro no noſſo nunca é crido.
Fallar niſto por nós nada receo;
Porque quem me darás que lançar poſſa
Uma pedra, ſem de culpa ter receo?
O' gram deſaventura, ó perda groſſa,
Perderſe aſſi a amizade verdadeira
Mais querida, e mayor riqueza noſſa!
Eſte monſtro da lingoa liſongeira
A's Almas a furtou, e a fermoſura
Lhe desfez qu'era d'antes tam inteira.
Paſſouſe á Alma a immizade dura,
(Quem á que ſem peſar o crea, ou diga!)
E' d'Alma, e dura em quanto a vida dura.
Nom á quem tanto mal nom contradiga,
E o eſtranhe comſigo, e nom á quem
C'o que faz, do que diz nom ſe deſdiga.
E' tanto agora o mal, qu'encobre o bem;
Tam pouco é agora o bem, que pode o mal
Quanto quer, ſem que o atalhe já ninguem.
Vem iſto, porque o goſto principal
Pomos ſó nos começos, nom ſentimos
O effeito dos males que é mortal.
Em noſſos proprios danos conſentimos
Por ſeguir o coſtume perigoſo,
Com que as penas eternas adquirimos:
O' uſo eſtranho, ó mal tam odioſo,
Por força ei de ſeguir os ocioſos,
Porque o coſtume eſtá em ſer ocioſo!
Nom te pareçam nomes fabuloſos
Para gente que tanto negocea,
Que aſſi chamo eu ós poucos proveitoſos.
Quem averá que tantos males lea
Sem grande eſpanto? mas calarme quero:
Mais deſeja ſair, mais tomo a vea.
Livre deſtes contrarios, inda eſpero
A vida, que me louvas, apartada

Lou-

Longe de tanto immigo duro e fero.
Vida que pode ſer mais deſcançada
Que todas, a quem for d'ella contente,
Que ſem contentamento tudo é nada.
Eſte nom á perfeito entr'a vam gente,
Porque os mais ſentem bemaventurança
No em que menos a ſente o que mais ſente.
Alli deſenganado da eſperança
Eſtá um coraçaõ livre e quieto,
E tem ſó no que deve a confiança.
Alli um penſamento alto e diſcreto
Pode eſtar mais ſeguro de receos
D'achar muitos qu'eſtorvem ſeu ſecreto.
Nom á negocio alli per tam maos meos,
Per tam injuſtos termos, tam infames;
Livremente ſe trata, e ſem enleos.
Nom achas em cem annos quem deſames,
Nem quem t'aggrave, nem de quem t'aggraves;
Antes muitos que t'amem, e que tu ames.
Alli os naturais cantos das aves
Ouvirias mil vezes, de teu goſto
Terias livros doutos, brandos, graves.
De Julho as grandes calmas, e as d'Agoſto
Paſſarias com ſombras, e agoas frias,
E os frios de Janeiro ó fogo poſto.
Alli teu ſono em cheo dormirias,
Terias em caſa alli menos immigos,
E em paz o teu bocado comerias.
Alli quantos tiveſſes por amigos
Selo hiam claramente, e lá coſtume
Em tudo á, ſempre cá claros perigos.
Para ſeguir tambem ó alto cume
Do caminho do Ceo, ſe achará lá
Soſſegado repouſo, e claro lume.
O' quem tal vida nom deſejará?
Mas vejoa bem louvada, e mal ſeguida;

Nun-

Nunca quem d'ella goſta, a deixará.
Mas nom t'eſtá ordenada inda eſta vida,
Chamado a ella ſerás do Ceo que t'ama,
Quando ſobr'outros bens te for devida.
Quer de ti mais agora, já te chama
A quanto com razaõ de ti ſ'eſpera,
Que a Marte darás nova gloria e fama.
Novo Loureiro, nova Palma, ou Era
Para ti creça já, que merecela
Ninguem, que te conheça, o deſeſpera.
Moſtrará lá de ti tua grande Eſtrella
No Oriente, quando cá de ti já cremos,
Nem nos enganará o que cremos d'ella.
Muitos o veraõ lá, e ouviloemos
Os que de ti ſaudoſos cá ficamos,
E todos grande inveja te averemos.
Mas inda que a teu nome inveja ajamos,
Noſſas Almas tomadas e vencidas
Do amor com que te todos muito amamos,
Nos movem já a cantar as merecidas
Honras de ti no Gange, Eufrates, Nilo,
Onde tanto ganharom tantas vidas.
Poderás tu cantarte em alto eſtilo,
Mas ſómente em obrar te occupa ſempre,
Muitos ſe occuparaõ em deſcubrilo,
Farás durar teu nome pera ſempre.

*A meu Irmaõ*
*AFONSO VAZ CAMINHA,*
*embarcando-ſe pera a India.*

## EPISTOLA VIII.

INda que Irmaõ te baſte teu conſelho,
Ouveme o que te quero hora dizer
Como amigo mayor, e irmaõ mais velho.
Serei eu como cego, que ſem ver

Quer

Quer guiar os que vem, ouve com tudo
Vozes d'uma Alma, que te tanto quer.
Accrecenta o ouvir siso ó sesudo;
Tudo ouve, o bom recebe, o máo engeita,
Que nunca é tudo máo, nem é bom tudo.
Vás correr uma carreira mais estreita
Do que cuidam, nem crem muitos que a virom,
Faze pola levar toda direita.
Muito á que teus desejos te pedirom
O que agora lhe dás, desejos altos
Que nunca o mal, que sempre o bem seguirom.
A's de passar por muitos sobresaltos,
Mas assi o que se busca se merece,
Nom custam pouco ó corpo grandes saltos.
Um nome que outros nomes escurece,
Qual t'espero inda ver, nom descansado
S'alcança, que o ocio nada o favorece.
Vas o tempo hora dar, tempo bem dado,
A Deos, ó Rei, á patria, á honra, á vida
Qu'inda qu'ó mundo esqueça, é a Deos lembrado.
Mas sabe que nom póde ser cumprida
Nenhuma obrigaçaõ inteiramente,
S'a virtude a nom leva bem regida.
Tem fracos fundamentos, levemente
Derribado será de qualquer vento
Quem sem virtude for confiadamente.
Virtude anima e esforça, atrevimento
Dá par'o bem, e par'o mal faz pejo,
Segura contra todo movimento.
Levanta o espirito, apura o bom desejo,
Mostra o qu'á de seguirse, o que deixarse;
Diz o qu'é necessario, o que sobejo.
Sabe de si em tudo aproveitarse
Sem dano alheo, em nada sofre engano;
Nunca a quem a buscou soube negarse.
Nom teme, quem a tem, perda nem dano,

Por

Por tudo paſſa, a todo vento corre;
Todos ſeus bens comſigo traz todo anno.
Nella repouſa ſó, em ſi ſe ſoccorre
Contra tudo acha em ſi remedio puro,
Sempre a Deos vive, nunca ó mundo morre.
Tem premios infinitos, tem ſeguro
Theſouro, que no Ceo eſtá eſcondido,
Neſta trabalha por ſer forte muro.
Nunca a golpe nenhum ſejas rendido
Em dano d'Alma, o corpo a mil perigos
Por teu Deos, por teu Rei ande offrecido.
Entrarás mais ſeguro entr'os immigos,
Armado de virtude ſuave e branda,
Que d'armas fortes, que de leais amigos.
A vam ſorte que hora anda, hora deſanda
Terás em pouca conta, ſó fiarás
Na vontade de Deos que tudo manda.
Confiado nelle ſó tudo ouſarás,
Será mais certo o golpe do teu braço,
Que na força do ſeu levantarás.
Nom temerás do immigo o agudo aço,
Sabendo que ſe a vida aſſi perderes,
Ganharás a que dura eterno eſpaço.
Sejam ſómente todos teus prazeres
Pelejar pola Fé ſó verdadeira,
Nom por vans honras, nom por vaõs averes.
Cada dia de Deos ſeja a primeira
Lembrança, qu'a elle ſó deve ſer dada;
Seja tambem de Deos a derradeira.
Nelle o cuidado põe, no immigo a eſpada;
Tem lingoa ſempre ſam, maõs ſempre fortes;
Irás aſſi pola direita eſtrada.
Nom t'eſpantaraõ nada alheas mortes,
Nem inveja terás a ociozas vidas,
Que tem do mundo as mais ditoſas ſortes.
Sejam ſempre de ti bem recebidas

As

As palavras do amigo verdadeiro
Ouve, mas diſſimula coᶜ as vendidas.
Nenhũa couſa faças, ſem primeiro
Ver ſe o farás, e ſê da lingoa avaro
Que nom venhas cair em liſongeiro.
Um arrependimento cuſta caro,
Obra, ou palavra feita ũa vez, ou dita
Voa, e á juizo eſcuro, e juizo claro.
A temperança traze nᶜAlma eſcrita,
Que nem te poſſa inchar nenhũa ventura
Proſpera, nem abater nenhũa deſdita.
Em todo movimento eſtê ſegura
Tuᶜ Alma com virtuoſa fortaleza,
Virtude que a todᶜoutra aviva, e apura.
Tem paciencia no mal, no bem firmeza,
Nem teme, nem commette ſem prudencia;
Nem pode ondᶜella eſtá aver ligeireza.
Qualquer ſucceſſo eſpera com obediencia
Aᶜ Lei de Deos, com tudo tem confiança;
Póde guardar as leis da continencia.
Sabe quᶜeſta virtude tanto alcança,
Que a terra com razaõ lhe dá grandᶜhonra,
E o Ceo lhe dá de ſi certa eſperança.
Dᶜeſta te preza em tudo, dᶜeſta tᶜhonra,
Eſta ama, eſta buſca, eſta deſeja,
Que caem os que a nom tem em vil deshonra.
Neſta, e em todas as mais ſempre te veja
Quem ſó ſabe reger, quem mais amor
Nos tem, e mais que a tudo nos deſeja.
Do tempo que occupado nom te for
O's livros deves dar a mayor parte,
Criarás á ocioſidade deſamor.
Em tudo ſaberaõ bem aviſarte,
Com conſelhos na paz, e ardís na guerra,
De que poſſas em tudo aproveitarte.
Dirᶜaõ o que á no Ceo, e ouve na terra,

Dartʿaõ de tudo exemplos; muito os ama,
Que quanto á que ſaber nelles ſʿencerra.
Para bens grandes creo que te chama
Deos agora ó Oriente, elle te dê
Succeſſos dinos de glorioſa fama.
Contra a gente tam cega que o nom crê
Te dê eſpada, e braço victorioſo,
Iguais ó eſprito que já em ti ſe vê.
Nem te deixe entrar nʿAlma o perigoſo
Deſejo dʿintereſſe, duro immigo
A Almas, a honras, a vidas tam danoſo.
Em paz te leve, e ſempre ande comtigo,
E te deixe paſſar tam largos mares,
Favoraveis tʿos dando, e vento amigo.
Sempre te dê prazer, nunca peſares,
E olhos que te vem ir tornarte vejam,
Por ſer mór teu prazer quando tornares.
As Santas Almas, que na gloria ſejam,
Pera onde juntamente ambas voarom,
De cuja auſencia em nós magoas ſobejam:
Que tanto neſta vida nos amarom,
Que muito mais nos amam de lá agora,
Que nem em vida, ou morte ſʿapartarom:
Sempre de lá te guiem, e cadʿhora
Em todo bem te levem mais avante;
Nunca ſem ſua lembrança eſtês umʿ hora.
Sempre tal pay, e may traze diante
Dos olhos, terás nelles certa guia
De ſaber nas virtudes ſer conſtante.
Dʿelle te digo, que te baſtaria
Tal braço, e eſprito, como foi o ſeu
Neſſa parte, quando ella florecia.
Mas Deos que tudo dá, e tal te nos deu;
Te dará tudo o que te deſejamos;
Entregalhe de todo o eſprito teu,
Veremos inda mais do quʿeſperamos.

## *A ANTONIO FERREIRA.*

## EPISTOLA IX.

ANtonio, quando vejo o ingenho raro;
O puro eſprito que nos vás moſtrando,
O eſtilo facil, alto, limpo e claro;
Vejo que vás em tudo renovando
Aquella antiguidade, qu'inda agora
Com grande nome, e fama eſtá eſpantando.
Vejo em ti ſempre maravilhas, hora
Cantes da viva, da amoroſa chamma
Que um'Alma faz captiva, outra ſenhora:
Ou nos moſtres do que baixamente ama
Amores em baixezas ſó fundados,
Deſtruidores máos da limpa fama:
Hora ſejam teus verſos entoados
O' ſom da doce frauta, a cujo ſom
Forom os do gram Titiro cantados:
Ou em outro mais alto e triſte tom,
Nos moſtres da fortuna as variedades,
Mais vezes polo máo, mais contra o bom.
Hora chores a perda das idades,
Em que o bem tinha premio, o mal caſtigo,
E moſtres de mil erros as verdades:
Hora conſoles o teu triſte amigo,
Ou congratules quando eſtá contente,
Acudindo ós prazeres, e ó perigo:
Agora te levantes altamente
A altos feitos, a empreſas, que glorioſa
Fama, mas merecida, deixam á gente:
Ou temas a ſoberba, a perigoſa,
A vam, a ingrata corte a Almas, a vidas,
A honras, a bons eſpritos tam danoſa:
Ou deſejes as fontes ſó bebidas

Dos que paſſam quietamente a vida;
Nom invejando as agoas mais ſeguidas:
Ou te alces ſobre tudo aquella crida
Vida de nós, de todos deſejada,
De muitos mal, de poucos bem ſeguida:
Quando tudo iſto vejo, quando a eſtrada
Que té'gora ſeguiſte, e o cuidado
De por ti noſſa lingoa ſer honrada:
E vejo d'outra parte já acabado
(Com magoa o digo aſſi) o tempo que uſava
Os ingenhos honrar de qu'era honrado;
Que nom ei de ſentir? Tudo levava
Febo apôs ſi, movia com ſeu canto
Condiçôes feras, gente dura, e brava.
E' tido agora em pouco., grande eſpanto
D'eſpritos raros, de que neſta terra
Nunca ouve tantos em que ouveſſe tanto:
Mas conhecidos mal, fazem-lhes guerra,
Captivamnos com ſerem mal ouvidos,
E aſſi vemos qu'em ſi cad'um ſ'encerra.
Mas ſe os vemos aſſi mal recebidos,
(Nom ſei ſ'é iſto magoa, ou fanteſia)
Cuido qu'é porque ſaõ mal entendidos.
Se nos já amanheceſſe um alvo dia,
E apôs elle outros muitos, que tiraſſem
A eſte enganado tempo ſua porfia;
Que muitos zelos máos deſenganaſſem,
Que muitos zelos bons favoreceſſem,
Porque aſſi máos temeſſem, bons ouſaſſem:
Quem duvida qu'entaõ cad'hora ergueſſem
O' Ceo novos eſpritos, novos cantos
Qu'iguais ó canto antigo ſe fizeſſem.
Poderiamos ter menos eſpantos
D'ingenhos peregrinos, que os dará
(Quando pouco) eſta terra tais, e tantos:
Se algũ' hora tal tempo nos virá

Que

Que veja levantados bons eſpritos ?
Que derribada eſtê a condiçaõ má ?
Que deſpreza bons verſos, bons eſcritos,
Por mão zelo, por odio, ou por inveja,
Qu'eſtes tais entr'os cegos ſejam eſcritos ?
Tempo em que levantado aſſi te veja
Qu'em ti ſ'alegre Apollo, em ti das nove
Irmans o caſto choro alegre ſeja :
E em mim, a quem agora o peito move
Teu alto canto qu'eu vou mal ſeguindo,
Outro mais alto canto entaõ renove :
Com que me pouco a pouco vá ſubindo
Tras as Muſas com tua guia clara,
Que par'ellas meus olhos vai abrindo :
Muſas com que ſ'um' Alma tanto empara
De todo golpe, com que ſe defende
Na vam fortuna, ou prodiga, ou avara.
O tam ditoſo que por ellas vende
Todo outro goſto vaõ, de vaõs deſejos
Livre, noutros melhores Alma accende.
Os ſoberbos eſtados, os ſobejos
Deſpreza, o campo mais que o povo eſtima,
Nom ſofre ſuas ſolturas, ſeus deſpejos.
Converſações de livros põe acima
De quantas á entr'a gente, tam buſcadas
Do tam cego que aquellas deſeſtima.
Horas ditoſas, doces, bem gaſtadas,
As que longe da gente, e povo cego
Numa ſam liberdade ſao paſſadas.
Livres de tanto máo deſaſſoſego,
De tanta inquietaçaõ, que ſó a lembrança
Tirará ó ſoſſegado ſeu ſoſſego.
D'uma eſperança vam noutra eſperança
Nom ſ'anda alli, ſeguro o ſentimento
Eſtá alli de ſentir tanta mudança.
Alli os olhos nom daõ ó penſamento

Tan-

Tanto a que ſ'abaixar, alli o deſgoſto
S'acerta de vir, dura um ſó momento.
Alli do Sol nacido té o Sol poſto,
E d'elle poſto té outra vez nacer,
Nom eſconde a Alegria ſeu bom roſto.
Alli ſe vê mais cedo amanhecer,
Mais tarde a noute qu'em mil lumes arde.
Quam poucos eſte bem ſabem eſcolher,
Que por cedo que ſe ache, achaſe tarde!

*A meu Irmaõ*
*AFFONSO VAZ CAMINHA,*
*á India.*

## EPISTOLA X.

LEvame, brando Irmaõ, e inteiro amigo;
O eſprito que cá em ti cança, e repouſa
A fallar outro eſpaço inda comtigo.
Algũas vezes o alegra, outras nom ouſa
Cuidar em ti, d'amor tudo iſto nace,
Que hora cuida uma couſa, hora outra couſa.
Mas hora o penſamento m'ameace
C'os trabalhos que foſte, e vas paſſando,
E em outros mil receos m'embarace:
Hora cuide de ti que vas ganhando
Devida fama, e nome glorioſo
Sobr'outros muitos nomes levantando:
Sempre de ti te veio victorioſo,
Sempre em qualquer fortuna um meſmo eſprito;
Sempre bom, ſempre igual, ſempre animoſo.
Aquelle peito deve ſer eſcrito
Entr'os mais raros, e das Irmans nove
Merece um alto canto, um grave eſcrito;
Aquelle digo, a que nom muda, ou move
O tempo, e firme eſtá em todo accidente,

Ou

Ou o trabalho, ou o descanso o provê.
De cá te vejo, e t'ouço, e em ti contente
Estou, de cá te fallo, e te desejo,
Em todo bem de todos differente.
Se te rege a vontade, e vaõ desejo,
Cairás em mil erros, s'elle acerta
De nom ser tido d'um virtuoso pejo.
Se queres acertar, tem sempre aberta
A porta ó saõ conselho, assi s'escolhe
O bom, assi se busca, assi s'acerta.
Sempre ó divino Sol s'erga a Alma, e olhe
Tudo com sua luz divina e clara,
Que todo impedimento aparta, e tolhe.
A terra a todo bem, a tod'hora é avara,
Dá poucas vezes onde se merece;
Do Ceo sempre é direita e justa a vara.
S'o intento principal nom s'offerece
Em tudo ó certo fim, no melhor erra,
E o premio principal se desmerece.
Bom trabalho, e bom ocio fazem guerra
O' tempo, e esquecimento, com glorioſa
Memoria que de si deixam na terra.
Agora estás na idade desejoſa
Naturalmente d'honra, fama, e gloria,
Que nem pode, nem quer estar ociosa:
Cujos trabalhos, inda na alta historia,
Que se vai d'esse Imperio cá tessendo
Justamente teraõ larga memoria.
Ah, já t'estou com prontos olhos vendo
Correr alegre á defensaõ devida
Do muro qu'está o immigo combatendo.
Já d'outra parte vejo, Irmaõ, rendida
De ti a força do Rume com espada,
Em gram força Cristam contr'elle erguida:
Já pôr os pés na praya desejada
D'immigos, pera entrar a fortaleza

Que

Que de ti c'os primeiros vejo entrada.
Vejote com esforço, e com firmeza
Nunca a nenhum perigo derradeiro,
Qu'alli o diz o conselho qu'a honra preza.
Vejote sempre estar seguro e inteiro,
Constante e nom vencido d'algum medo,
Tardo ó descanço, e ó trabalhar primeiro.
No amor de Deos quieto, puro e ledo,
No serviço do Rei pronto e contino,
Na verdade c'os homens firme e quedo.
Alcançarás alli favor divino,
Sert'á devido justamente o humano,
Nom faltará por seres d'elle indino.
Nom te fies sómente no engano
Dos humanos favores, vaõs e leves,
Que sem Deos tudo é perda, tudo é dano.
O tempo corre per espaços breves,
De momento em momento passa tudo,
Faze que tudo aproveitado leves.
Nom ouso de fallar, ouço, e som mudo,
Gram pena, vejo, e sinto, e nom faz pouco
Quem em tantos perigos é sesudo.
Deu o tempo gram volta, o bem é pouco,
O mal quasi nas praças já nom cabe,
E ninguem de bradar vejo inda rouco.
Quam poucas cousas vejo que te gabe,
Quantas que grandemente, Irmaõ, te doam;
Tudo se torne em bem, bem tudo acabe.
Quantas Almas, ah triste, se magoam,
Quantas lagrimas justas se derramam,
E emfim justos suspiros no Ceo soam!
Humanas condições, que assi desamam
O seu proprio descanço, e um termo breve;
Nom sei com que razaõ, vida lhe chamam.
Edifica na area, no ar escreve,
Busca quieto mar, e firme vento,

Quer

Quer achar frio fogo, e quente neve,
Quem quer na vida ter contentamento;
Tudo é medo e triſteza, dor, e pranto,
Se acaſo chega um goſto é d'um momento.
Nom era, Irmaõ, meu fim canſarte tanto
Co' eſtas triſtezas, mas a maõ, e a penna
Foromſe apos a magoa, apos o eſpanto.
Mas já que a vida é triſte, e tam pequena,
O' duro eſquecimento nom ſ'entregue,
Siga o que a clara luz moſtra, e ordena.
Ama teu Deos, ſerve teu Rei, e ſegue
Teu Capitaõ, e Capitaõ tam grande
Que lh'é eſſe Imperio juſtamente entregue.
Em quem o Ceo mil bens á terra mande,
Mil victorias, mil triunfos, e ſua fama
Por tudo voe, e todo peito abrande.
Que a ſeu Rei, noſſo Rei a que tanto ama,
Que ſó por ſeu amor paſſou mil mares,
Onde ſó o intereſſe a tantos chama;
Accrecente mil reinos, e a milhares
Venham bens de ſua maõ, e elle ſeguro
Torne a paſſar tanta agoa, e tantos ares.
Será lá Conſtantino forte muro
Que os amigos defenda, offenda immigos,
Gram Capitaõ, e ós bons amigo puro.
De Reis é, de Reis vem, tem Reis amigos,
Sempre (aſſi lho devemos) te direi,
Que o ſigas ſempre em todos os perigos,
Que aſſi ſerves teu Deos, ſerves teu Rei.

## *A LUIS ALVARES PEREIRA.*
*Em reſpoſta d'outra ſua.*

## EPISTOLA XI.

BRando Luiz, das Muſas enſinado
Tam brandamente, e d'ellas tam mimoſo
Que te derom de ſi em tempo tam breve
Tal ingenho, tal copia, e tal eſtilo.
De tudo iſto vi muito, e ſenti muito
Nos doces, brandos, graves, doutos verſos
Com que m'honraſte. Nelles vi pintadas
As vans inquietações da humana vida,
Que a trazem ſempre em mil deſaſſoſſegos,
E dia e noute o eſprito em mil cuidados,
E todo tempo a Alma em mil perigos.
Quem o que fugir deve aſſi conhece,
Quem aſſi ſente o bem, e o mal entende,
Saberá ſeguir um, e fugir outro.
Olhos abertos ſempre, ouvidos prontos
O' ſeguro caminho, ó faõ conſelho,
Tem a vida quieta, Alma ſegura;
Sempre eſta acha mil pejos que a embaraçam,
Sempre aquella mil caſos que a inquietam,
Mas tudo vence o eſprito, tudo paſſa
Seguramente, ſe ſe determina
Em ſeguir, e fugir inteiramente
Tudo o que deve, porque aſſi ſ'alcança
Honra, deſcanſo, ſer, preço, e verdade.
Sem mais outras lições, ſómente o tempo
Com ſuas mudanças vans, inquietas voltas,
Póde ſer meſtre certo á vida incerta;
Couſas vem a moſtrar, couſas deſcobre
A que nunca voou o penſamento,
Que nunca imaginou a fanteſia,

Nem

Nem chegou a temer o leve medo.
E' neceſſario armar o eſprito, e ſiſo,
Anticipar a idade é neceſſario,
Vençaſe aſſi cad'um, ſe quer com peito
Seguro, e animo livre vencer ſempre
O tempo, as ſem razões, as novidades,
Nem pender d'eſperanças, nem receos
Tanto, que co' iſſo dane á vida, ou Alma.
Eu temo muito o ſiſo, porque vejo
Mil couſas com que ſ'elle perder deve,
Mas nom deve perderſe emfim por nada.
Ouço, vejo, e entendo tantas couſas
Que pódem deſtruir todo juizo,
Que por fugir d'eſtes perigos, cuido
Que nem ouço, nem vejo, nem entendo.
Perdoame canſarte tanto eſpaço
Co' eſtes verſos incultos, mal nacidos,
Que a brandura dos teus, a ſua pureza
Nom ſe acha facilmente em todo ingenho.
Tem em conta eſſe eſprito, qu'inda pode
Co' tempo irſe apurando, ( nom ſe dane
Co' tempo que cad'hora mais ſe dana )
A começos tam bons, a tal eſprito
Favorece com arte, e diligencia,
Com liçaõ, com trabalho, eſtudo, e lima;
Aſſi ſ'apura o ingenho, corre a vea
Mais chea e mais inteira, mais fermoſa,
O eſtilo mais confiado, mais ſeguro.
Digote o que te devo, o que me mandas,
Como amigo te fallo, como amigo
Me ouve, me deſculpa, e me perdoa.

## *AO SENHOR D. ANTONIO, uma das vezes que se hia pera Castella.*

## EPISTOLA XII.

PRincipe raro, que glorioſa fama
Tens no mundo alcançado juſtamente,
Concede ouvidos prontos a quem t'ama.
Algum credito dá a quem n'Alma ſente
Tudo o que ſentes; ouve com brandura
Hum' Alma que te falla fielmente.
Averá alguns que cuidem por ventura,
Que porque ſaõ os Principes formados
C'os outros homens d'uma compoſtura;
Que por iſſo nom ſaõ mais obrigados
A fugir da commum e geral ſorte,
De que os mais dos homens ſaõ levados.
Querem que todos ſigam um meſmo Norte,
E que tenham um meſmo entendimento,
E qu'igualmente todo juizo córte.
Levanta, claro Antonio, o penſamento,
Verás quaõ baixamente eſtes entendem
Qual deve ſer do Principe o intento.
Verás a obrigaçaõ dos que deſcendem
De Principes, e Reys, como deſcendes,
E quanto os Reaes Eſpritos mais comprendem.
Todos com tua brandura d'amor prendes,
Com tua condiçaõ atas, e obrigas,
Atate agora, e obriga c'o qu'entendes.
Fazete forte muro nas amigas
Virtudes, na prudencia ſam qu'eſcolhe
O bem que mais a teu deſcanſo ſigas.
Da razaõ ench'o eſprito, á razaõ olhe
O entendimento, e humilheſe a vontade
Que as mais das vezes os diſcurſos tolhe.

C'os

C'os olhos na divina claridade,
Qu'a eſcura noute torna em claro dia,
E d'Alma aparta toda eſcuridade:
Como pode faltar ſegura guia
Que ó melhor, e mais certo ſempre atine?
Nunca o qu'eſta luz ſegue ſe deſvia.
Quem alcança em ſi eſprito que o enſine,
De todo ſe lh'entregue, e lh'obedeça,
Porque do que aſſi deve nom decline.
De quem ſ'eſpera qu'em mor gloria creça,
Trabalhar deve com tod'Alma, e eſprito,
Que a que tem alcançado nom eſcureça.
Antonio grande, que cantado, e eſcrito
Mereces ſer de todos, nom t'eſcondas,
Enche teu canto, e enche teu eſcrito.
Bem entendes qu'é juſto, que reſpondas
De teu rico talento co' as uſuras;
Seguro poem o peito ás fortes ondas.
Couſas difficultoſas, graves, duras
Nom as acaba ſempre a fortaleza,
Mais as acaba o amor, mais a brandura.
O que por boa conſtancia, e grá firmeza
Muitas vezes ſe tem, é lhe devido
Mais propriamente nome de dureza.
Sempre fóy de prudente, e entendido
O conſelho mudar, ſe o tempo o enſina,
Que o tempo é meſtre dino de ſer crido.
Aquelle cuide qu'é da luz divina
Guiado, e qu'ella é d'elle bem ſeguida,
Que ó proveito commum o animo inclina.
Se todos tem obrigaçaõ devida
A eſte commum proveito, deſejado
De tod'Alma do juſto Ceo regida:
Quanto um Principe lh'é mais obrigado;
Que deve procurar com grande gloria
Ser ſobre a outra gente levantado!

Ser Principe é ſer dino de memoria,
Dina de grande nome e glorioſa,
E ſaber ter de ſi ſempre victoria.
Ser Principe nom é ter caſa pompoſa,
Nem ter nome de Principe, nem ſelo,
Que tudo iſto é vam honra e fabuloſa.
Ser Principe, e Senhor é merecelo,
E ſer em tudo ſempre tam perfeito,
Que nunca poſſa o tempo eſcurecelo.
E' ſer o que tú és, que ſempre acceito
A todos foſte, Antonio puro, e claro,
Mas nom fies no mundo contrafeito.
Tornate a conſervar eſte bem raro,
Eſte grá dom que o largo Ceo quiz darte,
Darás prazer á terra, ós teus emparo.
Nom deves de deixar tanto levarte
D'onde és tam deſejado, os olhos vira,
E já ós que tanto t'amam vem juntarte.
Todos os penſamentos d'Alma tira,
Deixa os cuidados que te lá retardam,
E já a noſſos deſejos te retira.
Olha quantos por ti com amor aguardam,
E quantos com puro animo t'o pedem,
Que pura a fé primeira inda te guardam.
E ſe té'gora os Ceos te nom concedem
O que todos deſejam, e tú mereces,
Grandes bens que do Ceo juſto procedem:
Crê, pois eſta verdade bem conheces,
Que nom te tardaraõ, ſe tu nom tardas,
Que nom te faltaraõ, ſe tu obedeces.
Se em teu heroico peito ſempre guardas
Mil divinas, e heroicas virtudes,
Que fazes? Ou que cuidas? Ou que aguardas?
Nom é razaõ que teu eſprito mudes
D'eſſe cuidado que t'eſtá detendo,
E ſó no que te diz o tempo eſtudes?

Co-

Como! e é jufto que t'eſté movendo
O que a qualquer eſprito aballa e move?
S'alguem o entende aſſi, eu nom o entendo.
Nom igualmente o Ceo em tudo chove,
Nom dá a todos iguais entendimentos,
Mas nom me movo porque o outrem approve.
Nom podem ſer ſeguros fundamentos
Os que de quietaçaõ ſempre nom tratam,
Pera eſta ſó ſaõ bons os movimentos.
Os ſaõs conſelhos a eſta ſempre ſe atam,
Bons peitos ſeus diſſegnos a eſta ordenam;
E tudo o que a eſtrova disbaratam.
Tudo o que a nom approva mais condenam,
E os que a conſentem, e querem, e nom eſtrovam,
Juſtamente ſ'affligem, canſam, e penam.
Os animos dos Principes approvam
Sempre o melhor, aſſi de ti ſ'eſpera,
Em quem grandes virtudes ſe renovam.
Virtudes do gram Principe, que t'era
Bom pay, fiel amigo, e conſelheiro,
Que já deſcança na Celeſte Eſfera.
O gram Principe Luis, e verdadeiro
Amor da patria, e gram coluna e firme,
Ante o graõ Rei irmaõ ſempre primeiro.
Em ti o Ceo, do Santo pay confirme
As virtudes, e bens, e graças raras,
E inda em todas as tuas mais te affirme.
Temera, grá Senhor, que me julgáras
Tam mal, como eu entendo que mereço,
Se juſtamente nom me deſculpáras
C'o amor com qu'eſtes verſos t'oſſereço.

AO

## AO SENHOR ALEXANDRE FARNEZ
*Principe de Parma, e de Plazencia. No seu casamento com a Senhora D. Maria.*

### EPISTOLA XIII

GRande Alexandre, em quem liberalmente
Tem o Ceo grandes graças repartido,
Com que te fez amado geralmente.
A quem tem tanto agora concedido,
Que tens comtigo o bem que desejaste,
E a teu amor tem dado amor devido.
Que o graõ contentamento qu'esperaste
Já logras, já festejas com alegria
D'Alma, que neste amor já confirmaste.
Quem tanto agora, ó Principe, ousaria,
Que tentasse estorvarte esse cuidado
Que todo outro cuidado te desvia?
Quem seria de si tam descuidado,
Tam esquecido do que a ti se deve,
Qu'ir ante ti agora fosse ousado?
Mas bem sabes qu'a tudo o amor s'atreve;
Elle me leva a ti, d'elle guiados
Vaõ meus versos, em qu'elle a culpa teve.
Versos que saõ d'amor encaminhados,
De sam vontade, e pura Alma nacidos,
Ouvidos devem ser e perdoados.
Mas como os meus seraõ tam atrevidos,
Qu'ir a ti, grande Principe, s'atrevam,
A quem immortais versos saõ devidos?
E inda qu'os meus já'gora a ti se devam,
Incultos, mal ornados, e sem arte,
Qu'averá em ti que dinamente escrevam!
Ou queira, raro Principe, cantarte
Tam mimoso das Graças e das Musas,

Que

Que de tudo o que tem quiſerom ornarte:
Ou cante os exercicios que ſempre uſas,
Dinos de teu Eſprito raro e puro,
Com que te ſempre á ocioſidade eſcuſas:
Ou teu peito no bem firme e ſeguro,
Com que dás neſſa idade exemplo claro;
Cante inda qu'em verſo humilde e eſcuro:
Ou as grandes virtudes em que raro
Te tem o Ceo com larga maõ já feito,
Em qu'és um lucido e fermoſo faro:
Ou cante teu real e grave aſpeito,
Ornado d'humaniſſima brandura,
Com que a teu amor trazes todo peito:
Ou a real, e clara, e ſanta, e pura,
Tua larga e grande literalidade,
Qu'inda no amor as Almas mais ſegura:
Ou a tua clariſſima verdade,
Acompanhada d'animo conſtante,
E d'uma rara e natural bondade:
Ou do teu animoſo Eſprito cante,
Com que a Marte promettes gloria nova;
E em que mais teu graõ nome ſe levante:
Ou das grandezas qu'em ti o Ceo renova
Do avô Carlo quinto, Eſprito grande
Que todo eſprito canta, louva, e approva:
Ou dos milagres que o Ceo em ti mande
A tua caſa, Farnés, qu'em ti os eſpera,
Com qu'inda mais glorioſo ſeu nome ande:
Ou do fermoſo louro, e da verde Era
Qu'em tua cabeça eſperam nova gloria,
Para qu'eu um eſprito alto quiſera:
Ou tudo o mais que d'immortal memoria,
E do nome glorioſo em ti é dino,
De qu'inda o mundo terá alegre hiſtoria:
Que poderei cantar? Ou como indino
Chegarei ós louvores que mereces,

Dinos d'um raro ingenho, alto, e divino?
Grande e novo Alexandre, qu'eſcureces
Grandes nomes antigos, grandes famas,
E com graõ nome e fama reſplandeces:
Com teus merecimentos grandes chamas
Os mais raros ingenhos, mais divinos
Que com razaõ, graõ Principe, mais amas.
Cantemte mil eſpritos peregrinos,
Teus grandes e rariſſimos Poetas,
Tu dino d'elles, e elles de ti dinos.
Criados nas delicias mais ſecretas
Das brandas Muſas, de cujos eſcritos
Mais alto eſtilo a teu louvor promettas.
Cujos verſos guiados dos eſpritos
De Minerva, e d'Apollo, em tudo ſoam
Ornados de louvores infinitos.
Aquelles que Loureiros mil coroam,
E do liquor Caſtalio puro e ſanto
Banhados, pelo mundo todo voam.
Que criem nova inveja, e grande eſpanto,
E deixem clara imitaçaõ, e dina,
Nom ſó com teu louvor, mas com ſeu canto.
Eu ſó direi o que m'o amor enſina,
Guiado d'um devido e ſaõ deſejo,
Qu'a teu ſerviço, e amor a Alma m'inclina.
Direi o qu'em mim meſmo ſinto, e vejo,
Qu'é um grande fervor d'offerecerte
Quanto eu inda de ti cantar deſejo.
Direi a obrigaçaõ que de quererte
Servir em tudo tenho, e de moſtrarte
Que tudo iſto te devo já ſem verte.
Pois aquelle rariſſimo Duarte
Teu novo irmaõ, que occupa amor, e eſprito
Em quererte, Senhor, e contentarte:
Entr'os ſeus o meu nome tem eſcrito,
E cujo amor deſd'os annos primeiros

Foy

Foy meu principal canto, e meu escrito.
Duarte, em quem sempre vejo verdadeiros
Sinais de teu amor, e a seus louvores
Nom chegam inda os muitos lisongeiros.
Sangue real de Reys e Imperadores,
Ornado d'um espirito grande em tudo,
Cheo de doce fruito, e suaves flores.
Em cujo alto louvor de todo é mudo
Todo peito mais cheo d'Eloquencia,
E o mais claro ingenho esta mais rudo.
Cheo de gram conselho, e alta prudencia,
E de virtudes mil, acompanhadas
Da divina e louvada obediencia.
Direi de nossas Almas qu'enlevadas
Andam agora em teu contentamento,
E em cantigas alegres occupadas.
Cantam bens que t'esperam cento a cento;
E mil a mil, que tu, Alexandre, vejas,
Que d'outros muitos sejam fundamentos.
Logres teu grande bem como desejas,
N'Alma perfeitamente o tem, e o ama,
E com sua Alma uma mesma Alma sejas.
Um santo amor, uma amorosa chamma
Tenha esses dous Espritos sempre cheos,
Dinos de clara e glorioſa fama.
Sempre a clara concordia nesses seos
Segura esté, que tudo ordene, e faça
Com bons respeitos, e com justos meos.
Sempre um Espirito ó outro satisfaça,
Continuamente d'um pera outro voe
Amor gracioso, e amorosa Graça.
Em todas as palavras amor soe,
E a tam suave som, tam amoroso,
Altos louvores todo espirito entoe.
O meu, grande Alexandre, desejoso
Continuamente esta d'est'alta empresa;

Mas a quem nom ſerá muy perigoſo
Tal Principe louvar, e tal Princeſa!

## *AO CARDEAL INFANTE DOM ENRIQUE REGENTE.*

### EPISTOLA XIV.

GRam Principe, e Paſtor, e gram Prelado,
Alegria da Purpura Sagrada,
E a quem ſe deve o mór Pontificado.
Cuja ſanta Alma vemos ſempre ornada
Das mais raras virtudes, mais divinas
De qu'eſtá dia e noute acompanhada.
Com teus raros exemplos tudo enſinas,
As vidas amoéſtas com tua vida
Que do caminho certo nom declinas.
Gram Principe e clariſſimo, devida
Te é toda a gloria, todo o nome e fama,
Que é de ti polo mundo todo ouvida.
Teu rariſſimo Eſprito, que o Ceo ama,
Dos Eſpritos communs tam differente,
E que a tantos cuidados ſempre chama;
A todo eſprito eſpanta grandemente
De ver em quantas couſas ſe reparte,
E como em todas eſtá inteiramente.
Vemos, muy alto Principe, occuparte
No familiar negocio de tal peſo,
Que ó mais poderas com elle eſcuſarte.
Vemos teu claro eſprito todo acceſo
No amor das Almas que tens á tua conta,
Como que nelle ſó o tiveras preſo.
Vigiando o teu gado, porque afronta
Lhe nom faça o cruel e duro immigo,
Quando da viſta do Paſtor traſmonta.
Acudindo ó trabalho, e ó perigo

Com

Com puro amor, com viva charidade
Em que acha ſempre emparo, e certo abrigo.
Vemos como a Catholica verdade
Trabalhas porqu'eſté inteira e ſegura,
Todo Eſprito a iſto dás, toda a vontade.
Vigias dia e noute ſobre a cura
Que deve aver, para que naõ padeça
Eſta clara, e divina fermoſura.
A' zizania nom dás lugar que creça
Entre a ſemente ſam, ſanta, e divina
Que ſempre o Ceo orvalhe, e enriqueça.
E com pureza de teu peito dina,
Que a todo duro peito vence, e doma,
Todas as outras Almas tu'Alma enſina.
Vemos em tuas maõs tudo o que Roma
Te tem dado que dês, Principe claro,
Cujos divinos doês ninguem aſſoma.
Do poder do gram Ceo, que nunca avaro
A ninguem ſe moſtrou, tens parte grande,
De que uſas com Eſprito pronto e raro.
Tais eſpritos o Ceo á terra mande,
Como é em tudo o teu, divino Enrique,
Com que os Eſpritos reja, mova, e abrande.
E com que muitos nomes multiplique
No ſeu livro dos vivos, com que clara
Gloria a eſte reino, e a todo mundo fique.
Vemos tua prudencia que baſtára
A governar o mundo, como chea
D'um alto Eſprito o reino rege, e empara.
Como o reino, e quanto elle ſenhorea
Santamente, gram Principe, governas,
De quem ſempre ſe cante, eſcreva, e lea.
Principe grande, que no mundo eternas
Memorias deixarás, tais qu'eſcureçam
As antigas hiſtorias e as modernas:
Por muito que os cuidados em ti creçam

A nenhum d'elles teu cuidado falta,
Nem á bem qu'em ti todos nom conheçam.
E de toda virtude real e alta
Teu Eſprito, gram Principe, eſtá cheo,
Com qu'em nome, e em gloria a Alma ſ'exalta.
Hora a juſtiça trates que no ſeo
Do Principe eſtar deve clara e inteira,
Onde nom á affeiçaõ, nem á receo:
Hora occuparſe teu Eſprito queira
Em mandar offender ſempre os immigos,
Com grande gloria da real Bandeira:
Hora em paz conſervar os Reis amigos
Com inteireza d'animo, e prudencia
Igual ós de mais nome entr'os antigos:
Hora uſar da real magnificencia,
Dando largas mercès ós que as merecem,
Juſtificando em tudo a conſciencia:
Hora ás neceſſidades que padecem
Os triſtes remediar, e animo eſperto
Ter ás obrigações que ſ'offerecem:
Em tudo teu Eſprito, puro e certo
Louvor merece, e um tam alto canto
Que claramente ſoê ó longe, e ó perto.
Entre os cuidados que te occupam tanto
Por o gram Rey Sebaſtiaõ Auguſto,
Com quem em todos crece amor, e eſpanto:
Entre o governo bom, prudente, e juſto
De mil reinos té Oriente dilatados,
Em que nunca moſtraſte intento injuſto:
Em dous importantiſſimos cuidados
Se deve teu Eſprito ir occupando,
Dinos de ſer de ti muy bem cuidados.
Um d'elles como o Reino irás formando
Como ó meſmo Rey cumpre, e de ti eſpera
Que vê que o vás a iſto encaminhando.
Conſervando nos bens que o Ceo lhe dera,

Re-

Reformando os antigos bons coſtumes,
Com qu'em tudo ſeu nome glorioſo era.
Favorecendo os dous tam claros lumes,
Com que a terra ſ'enſina, e ſe defende,
E ſ'enche d'immortais grandes volumes:
Armas e letras digo, em que ſ'accende
Todo eſprito que as uſa, e ſ'habilita
O' qu'eſprito ſem uſo nom entende.
Erguendo animos bons, de qu'infinita
Gloria á terra, e louvor alto procede,
S'os honra, e os favorece, e os exercita.
E co' a prudencia qu'igualmente mede
O que deve fazerſe, o que deixarſe,
O bem ſ'abrace, e longe o mal ſ'arrede.
Boas faõ boas leys, melhor guardarſe
Inteiramente tudo o qu'ellas mandam,
Iſto faz té os Ceos a terra alçarſe.
Mas ſ'ellas, grande Principe, deſandam,
Tudo ó mal corre, tudo ó peor voa,
E os bens ſ'eſcondem, os males ſe deſmandam.
O outro cuidado, que de gram coroa
De louvor te fará com razaõ dino,
A que todo alto eſprito já ſ'entoa;
Criar o Rey, dado por dom divino,
Como a ſeu reino cumpre, e tam glorioſo;
Que de tam raro Rey pareça indino.
Moſtrandolhe as virtudes que famoſo
Fazem o Rey na terra, e tam perfeito
Como d'um Rey ſ'eſpera milagroſo.
Um Eſprito conſtante, um claro peito
Qu'entendido o melhor nunca ſe mude,
E mais que o ſeu queira o commum proveito.
Uma ſanta inclinaçaõ á ſam virtude,
Ornada de prudencia, e liberdade
De que, em quanto fizer, ſempre ſ'ajude.
Uma clara affeiçaõ á boa verdade,

Um

Um claro odio á má liſonjaria,
Virtude dina da real dinidade.
Razaõ em tudo por ſegura guia;
O' povo bom amor, certo, e ſeguro;
Qu'obediencia e amor no povo cria.
Coraçaõ brando, e na clemencia puro,
Mas na juſtiça ſanta ſempre inteiro,
Qu'eſte nos reinos é o mais firme muro.
Credito certo ſó no Conſelheiro
De mais virtude, e menos intereſſe,
Sem affeiçaõ nem odio, e verdadeiro.
Animo largo e grande, em que coubeſſe
A liberalidade d'um Rey dina,
A que a terra e o Ceo louvores deſſe.
E toda outra virtude a que ſ'inclina
O Ceo a bons eſpritos ſó movido,
Com que a todo ſeu reino o Rey enſina.
O Rey que d'eſtes bens for bem regido,
Logo, grande Senhor, ſerá julgado
Qu'é por teu regimento inſtituido.
Será com puro amor do povo amado,
Sempre o reino ſerá qual tú deſejas,
D'elle e de teus exemplos doutrinado.
E o largo Ceo concederá que vejas
De teu ſanto trabalho o fruito ſanto,
E que de todo ingenho ſempre ſejas
Celebrado em glorioſo, e immortal canto.

## *A SENHORA D. MARIA A FRANDES.*

## EPISTOLA XV.

CHeas eſtaõ já'gora d'alegria
As Almas, que tú cá triſtes deixaſte;
Clariſſima Princeſa, alta Maria.
Em quanto o mar incerto navegaſte

Tras

Tras ti de cá mil Almas navegavam,
E paſſarom comtigo o que paſſaſte.
Todas as ondas que ſe levantavam,
Todos os fortes ventos que as moviam,
Os eſpritos de todo cá torvavam.
E c'os grandes trabalhos que temiam
Do duvidoſo már, do vario vento;
Sempre por ti ós altos Ceos ſ'erguiam.
Eſtavam num contino penſamento,
Num contino trabalho, e num cuidado
Em que occupavam todo o entendimento.
Mas eſprito nenhum tam deſcuidado
Ouve entre todos do qu'em ti s'eſpera,
Que nom foſſe em teu animo confiado.
Crendo que quem ó mundo tal te dera,
Te daria um eſprito que venceſſe
Tudo o qu'outros eſpritos deſeſpera.
E qu'inda que ſe tudo revolveſſe,
Eſtaria teu peito tam ſeguro,
Que a temor, nem eſpanto te moveſſe.
Mas qu'eſpanto averá num Eſprito puro
Como o teu, Sereniſſima Princeſa,
Que ſempr'o amor divino tem por muro?
Uma ſant'Alma ſempre do Ceo preſa,
Em qu'elle tantas graças ſempre chove,
E que tem o amor ſanto por empreſa:
Nada que paſſe, ou veja, a vence, ou move,
Buſca a tudo remedio, a tudo acode,
Nem á bem que a mude, ou mal que a trove.
Nom á couſa a que bem nom ſe accommode
S'entende qu'aſſi o quer, e aſſi o ordena
Quem tudo desfazer, e fazer póde.
Paſſaſte aſſi o trabalho, e grave pena,
Os faſtios do mar, e movimentos
Envoltos em ſaudade nom pequena:
Saudade devida, e penſamentos

De-

Devidos ó amor ſanto da máy ſanta,
Que comtigo paſſou mares e ventos.
Clariſſima, ditoſa, e real planta
Dos Reys de Portugal, e flor divina
Que ó Cẽo com ſuave cheiro ſe levanta:
A quem olhou com luz branda e benina,
Que ſempre em maravilhas foy criando,
Com que de teu graõ nome te fez dina:
A quem foy nas virtudes informando,
A quem deu um eſprito em tudo raro,
A quem d'ingenho, e letras foy dotando.
Ergue a ti meſma o penſamento claro,
Louva em ti quem te deu partes taõ grandes,
Que dár nom pode o mundo injuſto e avaro.
Emfim ouveſte de chegar a Frandes
Per varios caſos, per diverſas couſas,
Ond'é já bem que tua ſaudade abrandes.
Onde devidamente já repouſas
No amor d'Alexandre a ti devido,
Qu'eſta verdade já confeſſar ouſas.
Grande Alexandre a ti ſó concedido,
E do Ceo um par'outro ambos criados,
Cada eſprito par'outro bem nacido.
Amor conſerva, amor próſpéra eſtados,
Amor proſperamente os accrecenta,
E doces faz o amor graves cuidados.
Se ſ'ergue o mar, e ſe de roſto venta,
Os que ſó o amor chama, e amor obriga,
Acodem com amor na mór tormenta.
Mas tua gram prudencia iſto te diga,
De teu meſmo conſelho, ouve, e apprende
A teu ſerviço ter tod'Alma amiga.
Se quem cuida que ſerve mais te offende
Em te lembrar o que te nunca eſquece,
A obrigaçaó da culpa me defende.
Clariſſima Maria, ó Ceo parece

Que

Que a nossos olhos mais claro está agora,
E qu'em tudo alegria resplandece:
Mais formosa nos nace a branca Aurora,
Em tudo o Ceo mil graças cá derrama,
Tod'Alma d'amor ri, de prazer chora:
De ver o grum prazer da may que te ama,
E o grão contentamento que á em tudo
De teu glorioso nome, e clara fama;
Que a quem entende mais deixa mais mudo,
E faz menos dizer quem mais te deve,
Que para tanto todo ingenho é rudo.
Quem tanto, alta Princesa, nom se attreve,
Diga os prazeres só que te deseja,
Iguais ós mores que já o mundo teve,
E qu'inda em ti com grande gloria veja.

## *A D. MIGUEL DE NORONHA.*
### *No seu cazamento.*

## EPISTOLA XVI.

ONde acharei, Miguel, palavras novas
Com que te falle no contentamento
Que Amor te deu, em que Alma já renovas?
Onde uma voz igual ó sentimento
Que tem chea tu'Alma d'alegria,
E satisfeito teu entendimento?
Mas este meu desejo é vam porfia,
Pois só á parte que em teu bem me cabe
Nenhum verso, Senhor, s'igualaria.
Eu o sinto, tu o crês, o Ceo o sabe,
E o meu amor espero inda mostrarte
Antes que o fio Atropos m'acabe.
Felicissimo podes já chamarte,
Pois o teu alvo dia é já chegado
Que possa de mil danos repararte.

Pois

Pois do Ceo juſtamente já t'é dado
O teu mor bem, que de ti longamente
Seja em paz poſſuido, em amor logrado.
De fóra e dentro todo já contente,
Como eſtarás quieto nas lembranças
Do que tu'Alma ſentio que já nom ſente.
E como te rirás das eſperanças
Que duramente já te canſariam,
E dos medos do tempo, e ſuas mudanças:
Como dos penſamentos, que teriam
Envolto ſempre teu eſprito em dores,
Que nas Almas co' duro Amor ſe criam:
E como dos que o povo chama amores,
Que tens em puro amor já convertidos,
Livre de ſobreſſaltos e temores.
Como terás de todo deſpedidos
Os cuidados qu'entaõ t'atormentavam,
Porque de teu amor eram mal cridos:
E as durezas que mais te namoravam,
Que tu'Alma julgava por branduras,
Qu'em novo amor e doce t'enlevavam:
E as importunas horas, graves, duras
Qu'o tempo t'eſcondia teu deſejo
O's olhos ſi, nom ás lembranças puras.
Ah raro e graõ Miguel, como te vejo
Livre de quando a teu amor erguias
Os olhos inda a furto, inda com pejo!
Livre d'aquelles mal paſſados dias,
D'aquellas triſtes noutes mal dormidas,
Que nem teu bem te via, nem tu o vias:
D'aquellas dores para que mil vidas
Nom baſtam, inda que ſejam ſem queixumes
Por doces goſtos n'Alma recebidas:
E a triſteza em que tu, ó Amor, conſumes
O eſprito em que te ſentes verdadeiro,
Envolto em tuas cruezas, e coſtumes:

O

O arder no mayor frio de Janeiro,
No mór fogo de Julho eſtar tremendo,
E amor neſtes contrarios ſempre inteiro:
As paciencias forçadas, e eſtar vendo
Sempre a triſte Alma no mayor perigo
D'incertas eſperanças ſó pendendo.
Mas o Amor que algum'hora por immigo
Poderias julgar, já moſtrou claro
Que te tratava como brando amigo.
Quiz, com razaõ, que te cuſtaſſe cáro
Teu grandiſſimo bem de qu'eſtás cheo,
Pois é tam deſuſado, e ó mundo raro.
Uſou como prudente d'eſte meo,
Para que com mayor prazer e gloria,
Te moſtraſſe os ſegredos de ſeu ſeo:
E porque como em triunfo de victoria
Te deſſe agora teus contentamentos,
E a teu nome com elles mais memoria.
Quam ſeguros ſaõ já teus penſamentos,
Quam livres dos cuidados e dos danos
Em que tinhas por annos os momentos!
Mas por momentos já terás os annos,
E ſeguro, teu bem irás logrando,
De triſtes penſamentos, e d'enganos:
E por mór goſto t'eſtarás queixando
A teu amor de quanto já paſſaſte,
Porque com mais amor t'o vá pagando:
Polas horas que triſtes já contaſte,
De prazer cheas contarás mil horas
Que do amor juſtamente já alcançaſte.
Como ajuntas, Amor, como namoras
Duas Almas, e ũa d'outra ſatisfazes,
E quam doce e igualmente nellas moras.
E como ũa Alma que atormentas, trazes
Deſpois a tanto mimo, e a tal brandura,
Que de todos ſeus danos a refazes.

Mas

Mas nom ſuccede a todos tal ventura;
A poucos o Ceo dá tam doce ſorte,
A poucos tanto bem o Amor procura.
Tu já, Miguel, c'os olhos no teu Norte
Que grande nome ós Ceos irás ſubindo,
Sem injurias temer de tempo, ou morte!
Co' eſprito qu'em ti forom influindo
As brandas Muſas, em que t'igualarom
O's eſpritos que as mais eſtaõ ſentindo:
Co' a vea d'Hyppocrene, em que banharom
Teu peito, e engrandecerom teu eſtilo,
E de brandura, e gravidade o ornarom:
Farás ſoar teu canto álem do Nilo,
E polo ouvir farás correr unidos
O Delfim, e o immigo Crocodilo.
Cantarás os cuidados já vencidos
Com teu ſeguro amor, e tua firmeza,
E os bens por eſtes meos poſſuidos.
Cantarás a verdade, e a pureza
Qu'outr'Alma pura em premio já te derom;
Em que nunca entre dor, nunca triſteza.
Cantarás quanto em ti ſempre poderom
A fermoſura rara, a graça nova
Qu'o eſprito te roubarom, Alma vencerom:
E o doce amor qu'em ti hora ſe renova,
D'outro amor doce, pago e ſatisfeito,
Que o Ceo ama, honra, louva, quer, e approva.
Cantarás como d'um par'outro peito
Polos olhos as Almas ſaõ trocadas,
Como um eſprito ó outro em tudo aceito.
Cantigas eſtas ſaõ do Ceo louvadas,
Eſtes ſaõ do Amor os doces Hinos,
Da verdade eſtas Odas entoadas.
Deſtes bons cantos, bom Miguel, ſaõ dinos
Eſſes dous generoſos bons eſpritos,
Em tudo cá guiados dos divinos.

Em

Em cujos olhos ſempre eſtém eſcritos
Os pentamentos d'ambos, e ſe vejam
Rodeados de prazeres infinitos.
E á nova dor nova alegria ſejam
Que a triſteza tempere, o nojo abrande,
E á vontade do Ceo ſempre ſe rejam.
Elle, Miguel, com gloria tua te mande
Novos lumes, com que teu claro nome
Sempre no mundo ſeja illuſtre e grande.
Em qu'igual parte Apollo, e Marte tome,
Como em ti tem tomado, e aſſi alumiem
Teu ſangue, que ſua fama a inveja dome;
E a que as raras grandezas ſempre guiem
De ſeus claros avôs, cujas memorias
Rariſſimos eſpritos nelles criem.
Qu'inda de mil deſpojos e vitorias
Na fertiliſſima Africa, e Aſia rica
Do Portuguez Imperio ornem as hiſtorias:
Que a clara hiſtoria aſſi ſe multiplica.

## *A FRANCISCO D'ANDRADE.*

## EPISTOLA XVII.

QUeixome, douto Andrade, d'uns indoutos
Qu'o qu'ás vezes lem mal, peor entendem,
Querem julgar como que foſſem doutos.
Tam facilmente a ſeu goſto reprendem
As vigilias alheas, qu'eu m'eſpanto
Como elles de ſi meſmos naõ ſe offendem.
O verſo ou máo ou bom, o eſcrito, ou canto
Qu'ó eſprito cuſta eſtudo, e tempo, e lima
Julgam como que naõ cuſtaſſem tanto.
A livre proſa, ou obrigada rima
Por ſeu juizo, e ſó entendimento
Aſſi a tem em deſprezo, aſſi em eſtima.

Se

Se lhes perguntas polo fundamento,
Reſpondem ſó, que bem naõ lhes parece:
Querem que obrigue o ſeu contentamento.
Que me dizes, Franciſco, a quem conhece
O mundo por tam raro, e em cujo eſprito
Apollo claramente ſ'enriquece?
Com quais julgas que deve ſer eſcrito
Aquelle de juizo taõ ouſado,
Que quer aſſi julgar o alheo eſcrito?
O ſeſudo, o prudente, o attentado,
O douto, antes que julgue tudo attenta,
Por naõ ſer ſeu juizo mal julgado.
Ante os olhos primeiro repreſenta
A obrigaçaõ do verſo, e a natureza,
Vê ſ'offende a invençaõ, ou ſe contenta.
Com livre eſprito nota, e com pureza
Os conceitos, as frazes, as figuras.
E ſe na lingoa tem copia, ou pobreza.
Se as palavras ſaõ proprias, ſe ſaõ puras,
Se as buſca claras para o que pretende,
Ou ſe aſperas, difficiles, e eſcuras.
O decoro ſe o guarda, ou ſe o entende,
E ſe a materia é bem ou mal ſeguida,
Se abranda, ou affeiçoa, ou move, e accende.
Se toma imitaçaõ bem eſcolhida,
S'o eſtilo é ſempre grave, ou ſempre brando,
S'a ſentença a bom tempo, ou máo trazida.
Se ſe vai longamenre dilatando,
Ou ſe diz o que quer tam brevemente
Qu'ou naõ ſ'entende bem, ou vai canſando.
Quem tudo iſto, Franciſco, nota, e ſente
Com clariſſimo juizo, e peito puro,
E o mais qu'engeita a Muſa, e o que conſente;
Julgue, ria, reprenda, e eſtê ſeguro
Que deve inteiramente de ſer crido,
E eu, d'eſtes ſós eſpritos trato, e curo.

D'eſ-

D'eſtes quero ſer antes reprendido,
D'eſtes como tu és, ó raro Andrade,
Que dos outros louvado e recebido.
Aprendeſe com eſtes a verdade
Do que Apollo promette, e a Muſa enſina,
A quem dá a reprenſaõ autoridade.
O eſpirito que nom voa, nem atina
O bem, ou mal do que ſe canta, e eſcreve,
Quando bem, ou mal julga deſatina.
Se dá razaõ, mais fria a dá que neve,
Sem fundamento louva, e aſſi reprova,
Qu'em juizo apreſſado á razaõ leve.
A reprenſaõ no mundo nom é nova,
Mas quem melhor entende, mais d'eſpaço
O máo reprende, ou o melhor approva.
Tem as lingoas agudas mais que d'aço
Eſtes que querem ſer graves cenſores,
Se lhes armas, caem logo em qualquer laço.
Juizos vaõs, indoutos reprenſores,
Nom ſofrem as Muſas ſer aſſi tratadas,
Nem recebem de vós inda louvores.
Tendeos guardados, tende bem guardadas
As leves reprensões que uſais em tudo,
Para as couſas das Muſas naõ tocadas.
Sem ellas todo peito á de ſer mudo,
E rariſſimo aquelle, antes ſó, peito
Que naõ ſe deva ant'ellas chamar rudo.
Seja meu verſo, ſem nenhum reſpeito
D'aquelles, a que Febo mayor parte
Tem de ſi dado, ou reprendido, ou acceito.
Seja de ti, Franciſco, que guardarte
Quiz par'honra da Muſa Portugueſa,
E para entr'os mais raros mais moſtrarte.
Tu ſegue confiado aquella empreſa
Que taõ felicemente começaſte,
Segue-a com pronto eſpirito, e Alma acceſa.

A victoria rariſſima que achaſte,
Dina do raro ingenho qu'em tudo uſas,
E uſaſtes ſempre em tudo o que cantaſte;
Confiado em teu conſelho, e no das Muſas
A ſegue, e em tua lima, e eſprito claro,
E aſſi mais averá eſpantos que eſcuſas
Em teu verſo, e em teu canto douto e raro.

## *A HEITOR DA SILVEIRA, á India em repoſta d'outra ſua.*

## EPISTOLA XVIII.

QU'eſprito as Muſas daõ, claro Silveira,
Que cuido que por ellas te mereço
Eſta honra com vontade verdadeira?
Deixo agora quanto á que ouve começo
Eſte amor entre nós firme e ſeguro,
Que d'amor é ſó amor o proprio preço.
Inda eſte eſtá em meu peito claro, e puro
Guardado para ti, des qu'és auſente,
Sem m'o diminuir o tempo duro.
O amor que ſó conſerva eſtar preſente,
Com razaõ deve ſer pouco eſtimado,
Pois acabarſe pode facilmente.
E como eſte eſtá ſempre em mim guardado,
E inteiramente tenho de ti crido,
Que do amor que me deves és lembrado:
Me torno ás Muſas já, das quais movido
Creo que co' eſtes teus verſos m'honraſte,
Como por teu te tenho merecido.
Mas ſe tu dos meus verſos te lembraſte,
Como me deſte os teus claros e puros?
Como tua Muſa á minha aſſi mandaſte?
Senaõ ſe ós meus incultos, ſeccos, duros
Quiſeſte dar exemplo, a que ſeguindo

Poſ-

Poſſam vir inda a correr mais ſeguros?
Com tua guia a viſta irei abrindo
Para ſubir áquelle claro monte,
A que taõ vagaroſo vou ſubindo.
Buſcarei com tua guia a pura fonte
Que rega o ſempre verde e freſco louro,
De que Febo orna a tua clara fronte.
S'eu vir dos olhos eſte gram theſouro,
De que inda a mayor parte ſe m'encobre;
Quem quiſer buſque, e eſtime a prata, e o ouro;
E ſ'eu d'eſta riqueza menos pobre
Me vir, e parecer em algũa parte
Com quanto d'ella em ti ſe nos deſcobre:
Com mais eſprito entaõ, com mais pura arte,
Com eſtilo mais alto, e voz mais clara
Ouſarei a cantar do gram Duarte.
Grandiſſimo Duarte, gloria rara
Do real ſangue, e luz que neſta idade
A terra com grandezas honra, e aclara.
Da ſua corteſia, e autoridade,
Sua grandeza d'eſpritos, e inteireza,
Seu valor, ſua prudencia, ſua bondade:
Sua verdade clariſſima, e pureza,
Seu animo larguiſſimo, e deſejo
De ſeguir tudo o que a honra eſtima, e preza.
Poderia cantar com menos pejo
Da Muſa, que inda agora me defende
Cantar ouſadamente o que deſejo.
O que ſó de ſeu nome ora pretende
Minha Muſa, inda pouco conhecida,
E que inda d'outras mores Muſas pende;
E' achar nelle nome, e nelle vida,
E em ſua autoridade andar ſegura,
E em ſeu valor de nada andar temida.
Cante em tanto outra voz mais clara e pura;
Qual a tua, Silveira, os ſeus louvores,

Neſte ſujeito o ingenho aclara, e apura.
Aqui de muitos Reys, e Imperadores
Acharás uma antiga deſcendencia,
Que o melhor toma em tudo dos melhores.
Acharás úa firmiſſima obediencia
A' ley do Ceo, ley ſanta, e ley divina
Que nunca acha em ſeu peito reſiſtencia.
Acharás úa bondade de que é indina
A terra ingrata e dura, e que ſó vemos
Em ſu'Alma do Ceo, e de ſi dina.
Cantarás úa verdade que naõ temos
No mundo, firme e pura, inteira e certa,
Que é bem que em alta voz ſempre cantemos.
Uma maõ cantar podes ſempre aberta,
Guiada d'úa vontade nunca eſtreita,
E que a larguezas naõ ſe nega, ou aperta.
Um eſprito verás que ſempre acceita
Tudo o bom, tudo o puro, tudo o ſanto,
E tudo o máo deſpreza, eſtranha, e engeita.
Um animo verás dino d'eſpanto,
Pronto a ſervir a Deos, ſervir ó Rei,
De que poſſas tecer immortal canto.
Verás tantas grandezas que naõ ſei
Em quem ſ'ajuntaráõ tantas grandezas,
Qu'eu ſempre n'Alma canto, e cantarei,
Para cantar ó mundo eſtas rarezas,
Ou maravilhas nunca nelle achadas,
Quem, Febo, achára o ingenho que mais prezas?
Deſejo as Muſas todas transformadas
Com todo ſeu eſprito em meu eſprito,
E neſte canto em mim ſempre occupadas.
Se fora igual meu canto, e meu eſcrito
A meu deſejo, eſte alto Eſprito fora
Sempre de mim cantado, e ſempre eſcrito.
Por perdida julgara entaõ a hora,
Que a voz a ſeus louvores naõ erguera,

Que

Que naõ ouſo, nem ſei cantar agora.
Apos ſuas cobiças quem quiſera
Correra a terra, o mar correra, e abrira;
D'iſto cantára eu cá, d'iſto eſcrevera.
Seus appetites vaõs cad'um ſeguira,
Outras honras buſcara, outras valias,
Contente neſta Muſa eu me ſentira:
Nella gaſtára as noutes, nella os dias;
E outro nome cantára o mais famoſo
Que té qui neſta idade inda ouvirias.
Digo uma fermoſura que fermoſo
Muito mais faz o mundo, e em cujo nome
Se faz o meſmo Amor mais poderoſo.
Fermoſura a que Amor quer que ſe dome
Sua ira natural, aſpera e grave,
E outra branda aſpereza nella tome.
Fermoſura que tem do Amor a chave,
E ſem a qual parece a vida morte,
Com quem parecerá a morte ſuave.
Fermoſura que a quem teve tal ſorte
Que a vio, ſó vela ſempre, e ouvir deſeja,
Qu'em ſua viſta ſ'abranda o mal mais forte.
Fermoſura louvada inda da inveja,
Naõ ſó do Amor, em fim tam milagroſa,
Que naõ á bem que nella naõ ſe veja.
Eu tenho grandemente por ditoſa
A voz, que mais chegar ó que ſe deve
A fermoſura tam maravilhoſa.
Tenho em muito tambem quem naõ ſ'atreve
Soltar a ſeu louvor a voz, e a penna,
E ſempre n'Alma a canta, n'Alma a eſcreve.
Que ſe par'iſto a vida é tam pequena,
Inda de tudo o mais deſobrigada,
Que poderá entre quanto o tempo ordena?
Mas, ah Silveira meu, que renovada
Me deixaſte úa dor grande, na memoria

D'uma

D'uma perda de mim sempre chorada!
Deixemos aquell'Alma já na gloria
Livre de nossas tristes saudades,
Onde logra o repouso da victoria.
Onde já vê clarissimas verdades,
Eternas pazes, e immortal descanço
Em mil, e muitas mil eternidades.
Hia eu lendo os teus versos manso e manso,
Porque fossem de mim melhor logrados,
Senaõ quando de supito me canço.
Senaõ quando de supito voltados
Os vejo na tristissima lembrança
Da dor, que nos terá sempre occupados.
Ah Joaõ Lopes Leitaõ, que confiança
Tinha o mundo no que de ti esperava!
Mas cortounos a morte esta esperança.
Tudo o que o largo Ceo em ti juntava,
Hias tú cada vez melhor mostrando
O' mundo que cad'hora mais te amava.
Mandas, Silveira meu, que vá cantando
D'este espirito gentil, e claro amigo
Quantos bens s'iam nelle renovando.
Mandasme num gravissimo perigo,
Que de sua perda a pena aspera e grande
Nem me deixa fallar isto comtigo:
Buscame antes remedio com que abrande
O sentimento, e dor qne m'atormenta,
Ou do Ceo poderoso se me mande
Que só póde abrandar toda tormenta.

## *A D. JORGE DE MENESES.*

### EPISTOLA XIX.

COmo ey de ſofrer eu, claro Meneſes,
Já que naõ poſſo verte, ſem ouvirte,
Tantos dias paſſar, e tantos meſes?
Pois naõ poſſo de perto já ſervirte,
Nem apprender de ti como apprendia,
Tomára no que fazes bem ſeguirte.
Dás ó bom ocio a noute, e dás o dia,
Tenſte furtado ó mundo, e em ti quieto
Repouſas co'a Chriſtam filoſofia.
Ora um ſecreto, e ora outro ſecreto
Vês hi do Ceo ó vulgo cá eſcondido,
O' vulgo apos vans ſombras inquieto.
Naõ chamo vulgo ó pouco conhecido,
Mil grandes neſte nome ſó comprendo,
Se a miſerias o eſprito tem rendido.
Como ey de crer que quem eſtá pendendo
De couſas de que pende um pobre eſprito,
Outro nome mayor vá merecendo?
Se vês o que á, ſe lês o que eſtá eſcrito
Nas antigas hiſtorias, e modernas,
Acharás d'eſtes numero infinito.
Outros verás, mas poucos, a que eternas
Memorias deva a fama, tu a eſta conta
Te guias, douto Jorge, e te governas.
Poucos vejo que tenham por afronta
Seguir a quem mais val, e a quem mais pode,
Só por correr tras o que pouco monta.
Por mais propicia que a fortuna rode,
Por mais que o vento as velas cheas leve,
Nada tudo é com quanto o mundo acode.
E inda par'eſte nada a vida é breve,

E aſſi breve cercada de temores,
Sujeita a qualquer caſo fraco e leve.
Naõ tiram fracos bens as graves dores,
A que obrigada eſtá eſta natureza,
Qu'entra por elles em mil vaõs furores.
Furor é obedecer a fortaleza,
Que pode ſer num animo invencivel,
A couſas, que naõ daõ mais que pobreza.
Furor é pretender como poſſivel
Na triſte terra achar contentamento,
Sendo elle a noſſos olhos inviſivel.
Furor é correr ſempre apos o vento,
E crer que ſe achará couſa ſegura
No que naõ tem firmeza um ſó momento.
Furor é fazer conta da ventura
Que apos ſi leva a vida, e a eſperança,
Té que ſ'acaba tudo em morte dura.
Quem vio nunca de falſa confiança
Tirarſe nenhum goſto verdadeiro?
Sem fundamento firme que ſ'alcança?
Quantos do mundo no lugar primeiro
Forom já muitas vezes levantados,
Que vierom cair no derradeiro!
Da terra eſprito, e olhos apartados,
Alma com puro amor ós Ceos erguida;
O's meſmos Ceos os paſſos ordenados;
Daõ pura quietaçaõ, daõ doce vida,
Acompanhada ſempre da verdade
Que tanto ora de nós anda eſcondida.
Eu naõ vejo, Meneſes, neſta idade
O que ouço d'outros tempos, nem já vejo
Valer a ouſada e boa liberdade.
Mas ah, que me levava já o deſejo
A fallar noutras couſas, mas retiro
A penna, e vença agora á voz o pejo.
A ti já torno por quem cá ſuſpiro

Mil

Mil vezes, que és amigo doce e brando,
E na converſaçaõ tua reſpiro.
Tornome a ti, Meneſes, que apartando
Muito me fuy do que determinava,
Qu'era comtigo eſtar de ti fallando.
Muitas vezes a inveja me levava
A ſofrer mal eſſe teu bom remanſo,
Outras de verte nelle m'alegrava.
Ora o tempo eſtè bravo, ora eſtè manſo,
Ou ſeja favoravel, ou danoſo
Acharás hi mais facil o deſcanço.
E com teu brando eſprito deſejoſo
Sempre do mayor bem, mais livremente
Os olhos erguerás ó Ceo fermoſo:
Hi te parecerá mais reſplendente,
E a Lũa mais fermoſa, e o Sol mais claro
Dar'aõ ſua luz mais doce e alegremente.
Em toda couſa lá verás um faro
Que te poſſa guiar pera o Ceo alto,
Que nunca d'eſtas guias foy avaro.
Sobre o mundo darás um grande ſalto,
Cada vez que com prontos olhos vires
Quam miſero em tudo é, quam pobre e falto!
Se teu eſprito, e ingenho lá ſeguires,
De cujo douto, e bom, e alto exercicio
Sempre te lembrarei que naõ te tires:
Melhor poderás hi tomar o officio
A's Muſas, a Minerva, e ó claro Apollo
Seguindo a natureza, e o artificio.
D'hi te podes mandar d'um té outro Polo,
E do famoſo Tejo ó grande Nilo,
Voará teu nome mais que o leve Eólo.
Seguirás, claro Jorge, teu eſtilo
Brando, e doce, e ſuave, e culto, e puro;
E tu ſó, porque és ſó, podes ſeguilo.
Dos eſtorvos de cá livre e ſeguro,

Da-

Darás o tempo a altas liçoẽs e graves,
Qu'o eſprito cercaõ d'alto e firme muro.
As horas que terás por mais ſuaves
Seraõ as em que menos te lembrarmos,
Mas negao porque menos nos aggraves.
Veremos quando os teus lá te buſcarmos
Muito mais que eſcrevamos, e cantemos,
Quando de ti eſcrevermos, ou cantarmos.
E o mais que em ti, bom Jorge, inda veremos,
Será para que o mundo entenda, e veja
Quanto mais moſtrar podes do que vemos.
S'alguem neſtes trabalhos te deſeja,
Offenſa te faz grande em deſejarte
Sem eſſe eſtado, a que ſe deve inveja.
Mas a ſi naõ ſe offende, nem á parte,
Nem ó trabalho em que deſeja verte,
Nem ó tempo em que poſſas bem moſtrarte.
O que ſempre, bom Jorge, ey de dizerte,
Que o que eſcolheo teu 'ſprito iſſo ſempre ame,
E nunca chegues niſſo a arrependerte.
D'hi teu nome no mundo ſe derrame,
E c'os grandes louvores que merece
Entr'os melhores nomes ſ'erga, e affame.
Quem, como tu conheces, bem conhece
O mundo, mais ſeguro eſtá agora onde
Menos (como tu fazes) apparece.
O teu rico talento lá ſe eſconde,
Mas co' a devida uſura nunca falta,
Se naõ ó mundo, ó Ceo co' ella reſponde.
O's teus fazes cá ſempre grande falta,
Tambem a muitos outros falta fazes,
Mas cá com mais trabalho ó Ceo ſe falta.
A ti comtigo lá te ſatisfazes,
Nunca os eſpritos cá ſaõ ſatisfeitos,
E tu meſmo a ti meſmo deſaprazes.
Lá vês melhor do mundo os bens eſtreitos;

E

E ós bens do Ceo os olhos lá levantas,
Mais livre d'affeiçoẽs, e de reſpeitos.
O' Ceo com quieto eſprito alegre cantas
Mil doces Salmos, e mil brandos Inos,
Com que, bom Jorge, todo ingenho eſpantas.
Outr'ora dás teus verſos peregrinos
A teu amor devido, e puro, e ſanto,
Verſos do meſmo Amor, e de ti dinos.
Os tumultos de cá que podem tanto,
Os eſtrovos de cá que danam tudo,
Naõ eſtrovaõ teu grave e brando canto.
Paſſas, amigo meu, como ſeſudo
Eſtio, Outono, Inverno, e Primavera
Ora em bom ocio, ora com claro eſtudo.
Aſſi ſe logra a terra, e o Ceo ſ'eſpera,
Sempre vive contente o que aſſi vive;
Quem ſeguirte, bom Jorge, inda pudera,
Pois quem de cá vay morto lá revive.

## *AO PADRE FREY CHRISTOVAÕ D'ALMEIDA.*

### EPISTOLA XX.

PRudentiſſimo Padre, a quem entregue
Foy gram parte da gente pura e ſanta,
Que do claro Franciſco a inſignia ſegue:
Com tanto eſprito, com virtude tanta,
Com tanto exemplo foy de ti regida,
Qu'inda a lembrança ó Ceo mais os levanta.
Neſſe boſque tu'Alma recolhida
Tens toda em Deos, e em Deos toda enlevada
Te fará aſſi quieta e doce a vida.
Sempre eſta foy de ti toda occupada
No ſerviço do Ceo, no amor divino
De que em tudo uma e outra é em ti guiada.

Co-

Conheceſte o vaõ mundo por indino
Do amor que para o Ceo foy ſó criado;
O' Ceo o deſte que é d'amor ſó dino.
Logo em chegando á idade em que enganado
Começa a ſer do mundo o eſprito leve,
Na caſa de Deos foſte agaſalhado.
Sabias que era a vida fraca e breve,
Quizeſte em Deos fazela larga e forte,
Que a naõ desfaça imigo, ou vento a leve.
Naõ quizeſte temer a dura morte,
E para ter contr'ella Alma ſegura,
Eſcolheſte eſſa boa e ſanta ſorte.
Eſſa ſorte que a vida toda dura,
A que com ſantos votos te obrigaſte
Por ſegurar de todo tal ventura.
Co' a ſanta obediencia a conſervaſte,
Virtude que em ſi ſó comprende, e encerra
Todas as mais virtudes que votaſte.
O' mundo aſſi fizeſte illuſtre guerra,
Sabido tinhas bem que obedecendo
Se ſegue o Ceo, e ſe deſpreza a terra.
Humilde e puro eſprito offerecendo
Sempre a Deos, como naõ acertarias
Em tudo o que por Deos foſſes fazendo?
Quam leves os preceitos acharias
Que os profanos eſpritos acham graves!
E que brandura nelles ſentirias!
Como acharias brandos e ſuaves
Os tratamentos duros, e os rigores!
Como nada na dor de que te aggraves!
Como acharias doces os amores
Por quem levaſte a vida a eſſa aſpereza!
Como brandas por elles graves dores!
Como acharias rica eſſa pobreza
Por quem deixaſte o mundo, e as eſperanças!
Como larga por Deos eſſa eſtreiteza!

Ah,

Ah, ſobre quaõ ſeguras confianças
Erguerias ó Ceo teus penſamentos,
Conhecendo do mundo as vans mudanças!
Como ſeriam todos teus intentos
Aſpirar ſempre ó bem que naõ ſe muda,
A quem tem na obediencia os fundamentos!
Alma que nella dia e noute eſtuda,
Como ſempre fizeſte, e ſempre fazes,
Com ella contra todo mal ſ'eſcuda.
Com ella todo Ceo a tu'Alma trazes,
E inda que o mundo nella avorreceſte,
O' meſmo mundo em tudo ſatisfazes.
O Ceo com ella em tudo mereceſte,
Inda que naõ foy menos merecido
Quando a quem te regeo deſpois regeſte.
Foſte com ſanta paz obedecido
Quando mandaſtes, porque aſſi mandavas
Qu'eras amado, e com amor temido.
A todos teus preceitos obrigavas
Naõ com medos, nem penas, nem caſtigos,
Mas porque tudo em ti primeiro obravas.
Tinhas vigia ſempre nos imigos,
Que naõ foſſe teu gado entrado d'elles,
E aſſi ſempre o guardavas dos perigos.
Sabias que deſpois de cair nelles,
E' ſempre á cuſta do arrependimento
Tornar, quem nelles cay, verſe ſem elles.
Querias antes o contentamento
Da boa guarda, que da boa emenda,
Inda que em ambas á merecimento:
Para eſta aver convem que ſe arrependa
Quem cahio, ou quem naõ deſviou a culpa,
E naquella naõ á que ſe reprenda.
Naõ deve no governo aver deſculpa,
Bem que tal é o entendimento humano,
Que a fraqueza com elle ſe deſculpa.

Quem

Quem ſe ſae d'elle ſem notavel dano
Deve ficar de ſi bem ſatisfeito,
Quanto mais quem fugio em tudo o engano;
Quanto mais quem ſeguio ſempre o direito
Caminho que do Ceo ſe moſtra, e enſina
Seguro á terra, e ó meſmo Ceo acceito.
Tomou (por mercê grande) a maõ divina
De ti em grandes virtudes experiencia,
Com que tu'Alma para o Ceo affina.
Provoute já na ſanta obediencia,
Exprimentoute no governo claro,
Vaite agora apurando em paciencia.
Nunca o Ceo nas mercês ſe moſtra avaro,
Nunca nos galardões tem maõ eſtreita,
Nunca deixa Alma ſem. ſeguro faro.
Por guia certa, e por mercê perfeita
A vida te cercou d'infirmidades,
E Alma no ſofrimento chama, e acceita.
Nellas verás mais claras as verdades
Das fraquezas da vida, e a vaidade
Que é ſeguir do vaõ mundo as vaidades.
Com elle alcançarás a eternidade,
Que tudo o ſofrimento vence, e alcança,
E tudo pode a humilde e ſam vontade.
Esforçarás com ellas a eſperança,
Que ſaõ par'Alma esforço eſſas fraquezas,
Inda que á vida dem deſconfiança.
Naõ ſentirás nas dores as triſtezas
Que ſente, quem naõ cuida, ou naõ entende
Que pode aver brandura em aſperezas.
Por mais que a dor offenda, nunca offende
A quem em tudo ſempre ós Ceos aſpira,
A quem Alma em divino amor accende.
Na mór dor pola mór gloria ſuſpira,
E na mór pena polo mór deſcanço,
E na eſperança d'elle Alma reſpira.

To-

Todo trabalho em ti ſe torna manſo,
Porque d'elles com Deos bem te aproveitas,
Neſſe teu eſcondido e bom remanſo.
Por gloria toda dor por Deos acceitas,
Sempre a Deos amas, ſempre a Deos aſpiras,
Por ſeu amor todo outro amor engeitas.
Pola verdade, e naõ em vaõ, ſuſpiras,
Naõ como nós que ſempre ſuſpiramos
Em vaõ por ventos, nadas, e mentiras.
Guardas melhor do que nos cá guardamos,
Alma a quem a criou, e a quem a chama,
E melhor amar ſabes do que amamos.
Tens deſprezado tudo o que cá ſe ama,
Em Deos, e a Deos o eſprito lá levantas
Qu'em divino amor arde, e em ſanta chamma.
Com elle a voz ó Ceo ergues, e cantas
Mil verſos, e mil ſalmos, e mil Inos
Com que alegras o Ceo, e o mundo eſpantas.
Saõ ſempre teus cuidados lá divinos,
Divinas as palavras, e divinas
As obras de que cá ſomos indinos.
D'eſſe eſcondido boſque nos enſinas,
Como deve ſeguirſe a ſam virtude,
Com bons exemplos, e com ſans doutrinas.
Aſſi com dores, aſſi ſem ſaude,
Nos moſtras a ſaude verdadeira,
De que naõ á trabalho que te mude.
Vive prudente eſprito, viva inteira
Sempre tua virtude, ſem moverte
Nunca contraria voz, nem liſongeira.
Mas eu com tudo quero inda dizerte,
Sem parecer que quero grangearte,
Que ſó d'invejas poderás temerte
Mais, que d'aver quem poſſa liſonjarte.

## AO DUQUE DE BARCELLOS D. THEODOSIO.

### EPISTOLA XXI.

SEnhor excellentiſſimo, em quem vemos
Já neſſa tenra idade um grande Eſprito,
De que inda obras grandiſſimas veremos.
Obras a que immortal canto, e eſcrito
A terra juſtamente ſempre deva,
E a que o juſto Ceo dê premio infinito.
Quem averá que ante ti cante, e eſcreva,
Senaõ for, como eu ſom, d'amor guiado?
Que nada á a que amor grande naõ ſe atreva!
Eu d'elle agora ſobre mim alçado,
D'um deſejo de verte, qual deſejo,
A fallarte eſte eſpaço ſom levado.
Mas igual a eſte intento já te vejo,
Se acompanha tua meſma natureza
Ter ſempre no melhor firme o deſejo.
Naturalmente deves á grandeza
Ter o animo inclinado, pois deſcendes
De tanta mageſtade, e tanta alteza.
Mas ſe com pronto Eſprito naõ apprendes
Como ás d'uſar de teu Eſprito grande,
Ao meſmo Eſprito grandemente offendes.
Em ti ſempre a virtude, e a razaõ mande,
Nunca appetito algum, nunca algum vicio,
Tudo já'gora em ti concertado ande.
Começa a dar ao mundo claro indicio
Do que á d'aver em ti d'eſpanto dino,
Naõ tiro a cada idade ſeu officio:
Mas tudo deve ſer ſó no divino
Amor fundado ſempre, porque nada
Aja em ti que a teu nome ſeja indino.
Eſtás na idade em que á de ſer plantada

Em

Em ti a ſam virtude, e a boa doutrina,
Que fique ſempre d'ella Alma occupada.
A boa natureza bem inclina
O eſprito que por ella bem ſe guia,
Mas o bom meſtre, e o bom exemplo enſina.
Naõ ſe te paſſe deſd'agora dia
Que naõ vás melhorando o entendimento,
Inda que a branda idade o contraria.
Se a fortaleza em fraco fundamento
Eſtá fundada, vè quam levemente
Derribada ſerá do forte vento.
O vaſo tem em ſi ſempre preſente
Do primeiro licor o goſto, e cheiro,
Que tanto pode entrar primeiramente.
E's d'eſſa caſa ſucceſſor, e herdeiro,
D'eſſa gram caſa que algum tempo eſpera
De te lograr com goſto verdadeiro.
Para ſeres ſenhor d'ella te eſmera,
Porque eſtá coſtumada a ter ſenhores
De grande nome em toda a grande 'sfera.
A cujos grandes e immortais louvores
Se deve immortal verſo, e immortal canto,
E a quem ſempre o Ceo deu largos favores.
Gram Principe, ergue a viſta, verás quanto
O muyto que ouve, e á nelles, te obriga
A imitaçaõ que cauſe inveja, e eſpanto.
Quem averá que o menos d'elles diga?
Mas o melhor nos farás tu imitando,
Que a boa imitaçaõ é boa amiga.
Fundate ſempre em roſto, e peito brando,
Que a branda condiçaõ naõ ſó do amigo,
Mas vay tambem do imigo Alma roubando.
A liberalidade ande comtigo
Igual ao que és, e podes, porque a amarte
Póde tambem trazer o mór imigo.
Igualmente honra ſempre a Febo, e Marte,

As duras armas digo, e as brandas Muſas,
E faze por ter d'ellas grande parte.
Nunca o juſto favor em ti ache eſcuſas,
Que os grandes nacem para mercês grandes,
E ſerás grande ſe grandezas uſas.
Nunca em payxaõ alguma te deſmandes,
Co' a razaõ a modera, e co' a prudencia,
Porque ſempre ſenhor de ti meſmo andes.
Nunca ache em ti o pobre reſiſtencia,
Que o poderoſo ao fraco, o rico ao pobre
Deo por remedio a Summa Providencia.
Quem a obrigou a fazer nobre o nobre?
E grande o grande? E enchelo d'ouro e prata?
E outro com pouco ſangue, e pouco cobre?
O coraçaõ ao ſeu theſouro ſe ata,
Naõ o tenhas, Senhor, onde entre a traça,
Que Alma deſaſſoſſega, e a vida mata.
Em tudo ſó o melhor te ſatisfaça,
Nunca deças o eſprito a pouquidades,
Porque pouco teu nome naõ ſe faça.
Vive para viveres mil idades,
E naõ para acabar com tua idade,
Como os que deixam cá ſó vaidades.
Amigo de fallar, e ouvir verdade,
Que é virtude no Principe importante,
E cortez ſem perder auctoridade.
No mal mudavel, e no bem conſtante,
Que a culpa é menos culpa deſpedida,
E o bem é mayor bem ſe vay avante.
Seja a liſonjaria conhecida
De ti, ao menos para que a naõ creas,
Mas melhor ſerá ſer mal recebida.
A' liçaõ te affeiçoa porque leas,
Que o Ceo acharás nella, e nella a terra,
Tem riquiſſimas minas, groſſas veas.
Moſtra na branda paz, e dura guerra

O

O que deve fazerſe, o que deixarſe,
Anima quem acerta, enſina o que erra.
Nunca deixe teu animo levarſe
Sem conſideraçaõ do que outrem queira,
Com razaõ deve tudo ponderarſe.
Que a lingoa mentiroſa e liſongeira,
Em razoẽs funda ás vezes a mentira,
Que a poderaõ julgar por verdadeira.
A quem ſempre a acertar em tudo aſpira,
O Ceo que nunca a tais intentos falta,
Os bons caminhos moſtra, os máos lhe tira.
Alto Theodoſio, ſe a tençaõ anda alta,
Se buſca o Ceo, o meſmo Ceo procura
Que alta tençaõ naõ tenha baxa falta.
S'alegra muito á viſta a fermoſura,
Fermoſura é tambem, e aſſi ſe chama,
Toda bem ordenada compoſtura.
Naturalmente a fermoſura ſe ama
Polo meo dos olhos, que ella accende
Por elles n'Alma doce e viva chamma.
A fermoſura d'Alma naõ ſe entende
C'os olhos ſós, o entendimento a alcança;
Que paſſa avante, e muito mais comprende.
O animo bem compoſto rayos lança,
Com que o que dentro tem ſe vê de fora,
E d'altos fruytos dá certa eſperança.
Teu roſto alegre e brando, deſd'agora,
Nos vay dando eſperança clara e certa,
Do que em ti moſtrará a idade outr'ora.
Naõ nos enganarás ſe tens aberta
O' exemplo a viſta, á doutrina os ouvidos;
Que ſem tais lumes a eſperança é incerta.
Eſtes verſos d'amor puro nacidos,
Com brando gaſalhado, e alegre riſo
Sejam de ti, Theodoſio, recebidos.
Se muyto ouſey, perdoa, pois te aviſo

Com amor de teu nome, e de tua gloria;
E o que agora aqui leres por aviso,
Leraõ de ti despois por clara historia.

## *A JOAÕ RODRIGUES DE SA' DE MENEZES.*

### EPISTOLA XXII.

PAi das Musas d'esta terra
Juntas por vós á nobreza,
Que bem em vós nom s'encerra?
Destreza e esforço na guerra,
Na paz prudencia e destreza.
Vós nos pudestes mostrar;
Vós nos destes segurança,
Que sem nada se danar,
Podem juntamente andar
As letras, a penna, e a lança.

Desque com ella ganhastes
O sobrenome devido
A nós, que par'isso a herdastes,
Com as Musas repousastes,
Repouso bem escolhido.
Sabieis a ociosidade
Quantas culpas em si traz,
Puzestesvos na verdade,
Deixastes esta vaidade
De ver quantos males faz.

Daime licença que falle
Com vosco um pouco em segredo
O que o tempo quer que cale,
Mas nom á lingoa que iguale
O' que vai para aver medo.

Qu'es-

Qu'eſta Circe feiticeira
Da Corte dá volta a tudo,
E a lingoa mais verdadeira
Converte em mais liſongeira,
E em mais doudo o mais ſeſudo.

Que vida para querer,
Que vida para fugir,
Quero eſſa e eſta dizer,
Neſta á muito que ſofrer,
Neſſa á pouco que ſentir.
Alguns á dados ás graças,
Que querem paſſar com ellas
Por culpas d'outrem nas praças,
Com ſofrer eſtas deſgraças
Se foge cá melhor d'ellas.

Cuido que tenho um amigo,
E ſe o creo, creo enganos,
E' o cad'um ſó comſigo;
Fuja cad'um ó perigo
Se nom quer ver deſenganos.
Em quanto o intereſſe dura,
Ou couſa alguma ſ'eſpera,
Eſtá a amizade ſegura,
Mas logo ſe vê rotura
Se d'elle ſe deſeſpera.

Suſtentamſe as amizades
Com iſto, o tempo aſſi o manda,
Manda calar as verdades
Para ſuſtentar vaidades,
Com que tudo perdido anda.
E o peor é que ſe alguem
A quer pregoar ó vento,
Se era antes julgado bem,

Triſ-

Triſte que quaſi ninguem
Louva mais ſeu bom intento.

A verdade toda via
Sempre ſeus contrarios teve,
Já o tempo antigo o dizia,
Mas ſe pouco lhe devia,
Menos hora ó noſſo deve.
D'um Rei Mouro de Granada
Se conta um dito prudente,
De ver quam mal gaſalhada
Era a verdade, e tratada
Ainda da Criſtam gente.

Dous prégadores buſcando
Martyrio em Granada andavam,
E ante eſte Rei os levando,
Seus deſejos eſtorvando,
Lhes perguntou que buſcavam.
Dizem, a morrer vimos cá
Pola verdade. Se d'ella
Ouſardes (diz) fallar lá
Donde vindes, ninguem á
Que vos nom mate por ella.

Quem viſſe o tempo mudado
Que tantas couſas mudou,
O' quam bem aventurado
O que antes d'elle trocado
Co' a morte a vida trocou!
Mas é para recear
De tempo que aſſi ſe muda,
Sempre para ſe danar,
Se de novo ſe mudar
Que com mais males acuda.

Nun-

Nunca aqui vem um desgosto,
Que logo outro nom se tema,
E se acaso acode um gosto,
Do Sol nacido ó Sol posto
Dos desgostos nom se estrema.
Tudo é cá vida de dor,
Farsʿaõ dʿella cem mil contos
Se a lingoa apos tudo for,
Menor, meaõ, e mayor
Nom vive sem seus descontos.

O grande Sá de Miranda
Bem entendeo a verdade
Dʿeste mal que entre nós anda;
Lançouse lá dʿessa banda,
Seguro que nom se enfade.
Bem se vê que nom se enfada
Nas maravilhas que escreve,
Que alta fama tem ganhada,
A vea só nelle achada
Quanto todo ingenho deve.

Fugio ás occasioẽs
Do tempo, que á muitas cá
Que quebram mil coraçoẽs,
Que causam mil semrazoẽs,
De quʿestá seguro lá.
Sobre tudo poz os pés
Como quem sente o que sente,
Vio tudo andar ó revés;
Nom fora cá ledo um mes,
E' lá todo anno contente.

Nom me culpeis no que digo,
Cuidando que nom entendo
Que em toda parte á perigo,

Bem

Bem vejo que a todo abrigo
Deſgoſtos vaõ combatendo.
Mas quieto e apartado,
Podeſe homem aproveitar
De filoſofia armado,
De bom Criſtaõ ajudado;
Nada vemos cá ajudar.

Nem deixo de ver que agora
De ſorte vai tudo aqui,
Que quem lá nos vê de fora
Com Heraclito nos chora,
Com Democrito nos ri.
Que vida tam deſcanſada
Tem quem livre notar póde;
Eſta do Ceo vos é dada,
Nem vos ſerá já tirada
Por mais que a fortuna róde.

Ajudaſtes a experiencia
Com muita e grave liçaõ,
Veſtiſtesvos de Sciencia,
A Alma de conciencia,
De repouſo o coraçaõ.
Venha agora a inveja, e diga
Contra vós o que quizer,
Que por mais que ſeja immiga
Em vós á quem contradiga
( S'ella ouſar ) o que diſſer.

Quam bem podeis lá notar
Quanto cá entre nós ſe faz,
Com quanta razaõ zombar
De ver que aſſi apos o ar
A vida ſe nos deſfaz.
Andamos d'uma eſperança

Em

Em outra eſperança vam,
Deſaſſoſſegada dança,
Que de ter muita mudança
Deixa a cabeça mal-ſam.

Quantas differenças vemos
Cada dia, e quanto mal,
Com que a Deos temer devemos,
Nom ſei porque o nom tememos,
Pois ſeu temor tanto val?
O' noſſas vans eſperanças!
Que vaidades eſperamos!
Em Deos, em Deos confianças,
Nos homens deſconfianças,
Porque ſeguros vivamos.

O Pſalmiſta no lo enſina,
Homem é elle para crer,
Pois toda ſua doutrina
Sahio da Mente Divina
Que por elle a quis dizer.
Vedelo, nos diz, que quando
Eſtamos mais confiados
Nos homens, os vai deixando
O eſprito, e elles tornando
Para o de que ſaõ formados.

E chama mais que ditoſo
A quem ſeu Deos favorece,
Deos Santo, juſto piedoſo,
Que fez o Ceo luminoſo,
E quanto d'elle apparece.
E' juſto em galardoar,
Melhor qu'eu o entendeis vós,
Que nada deixa paſſar,
Tambem juſto em caſtigar,

E iſto merecemos nós.

Vedes quantos fundamentos
Que desfez neſte Janeiro!
Qu'é de aquelles penſamentos?
Mudouos em ſentimentos,
Mas aviſounos primeiro.
Que caſtigos nom pequenos
Deu de pouco para cá,
Nom merecemos nós menos,
Mas forom par'eſte acenos,
Se nelle acabaſſe já.

Mas ah, que nos aviſou
Ante eſte com mór caſtigo,
Mayor foi bem o moſtrou,
Pois em ſi nos caſtigou
Por nos moſtrar o perigo.
D'ameaças nom curamos,
Tam gram caſtigo nom cremos,
Com eſte agora o pagamos,
E inda o que receamos
E' mais que o que padecemos.

Mas vença ſua piedade
A ſua ira tam devida,
Que nunca á tanta maldade
Que nom ſeja ſua bondade
Muito mór, quem o duvida?
D'Elle aſſi nos caſtigar
As cauſas Elle as entende;
Poderamſe adivinhar,
Mas quem ouſará fallar
Se o tempo no lo defende?

Iſto he miſterio grande

Deos

Deos o quiz, e Deos o ſente;
Contr'Elle nom á quem mande,
Elle, que pode, ſe abrande
Com ter levado o innocente.
A todos toca eſte mal,
Parece por geral culpa
Nos deu caſtigo geral,
Outros quiçá diraõ al,
Mas nom ſei com que deſculpa.

Muito me vou alargando
Com verſos pouco ſuaves,
Recolhome, que lembrando
Me vai, qu'eſtou eſtorvando
Liçoẽs mais doces e graves.
Bem ſei que me perdoais,
Inda que em quanto eſta ledes
Mais alta liçaõ deixais.
Inda os biſnetos vejais
Dos biſnetos que já vedes.

## *A HUMA RELIGIOSA*
### *no dia de ſua profiſſaõ.*

## EPISTOLA XXIII.

POis de todo oje morreis
Ao mundo, e naceis a Deos,
Lembrevos que naõ deixeis
Pola terra mais os Ceos.
Porque inda que com effeito
Naõ poſſais a ella tornar,
Com ſómente o deſejar
Faltais a eſte bem perfeito.

Se em toda ſua pureza
O deſejais conſervado,
Conſervaſe com firmeza
No que hoje tendes votado.
Saõ os votos defenſores
Da Alma que ſe lhes obriga,
E a tem em perpetua liga
Com os divinos amores.

A obediencia preſerva
Contra os danos da vontade,
E com ella ſe conſerva
A virtude da humildade.
Nella tereis forte muro
De que Alma eſtará cercada,
Para nunca ſer entrada
Do imigo importuno e duro.

A pobreza que as riquezas
Baixas tem por nada, e vento,
Só nas eternas grandezas
Tem ſeguro o fundamento.
Daõ contentamento certo,
E Alma ſempre ſatisfazem,
E as de cá, inda que aprazem,
Saõ de goſto breve e incerto.

A caſtidade quieta
A Alma no divino amor,
E do baixo que inquieta
Lhe eſcuſa o trabalho, e dor.
Mas inda que promettida,
E co' a promeſſa obrigada,
Deve ſempre eſtar fundada
Na vontade bem regida.

Eſta com tudo ſe alegra,
Que Alma pera o Ceo ordena,
Em tudo acha branda a regra
Que tem contra a eterna pena.
Nos males tem paciencia,
No ſervir facilidade,
Grangéa com charidade
A divina omnipotencia.

Fóge de diſtraimentos
Que Alma lhe deſaſſoſſegam,
E buſca recolhimentos
Que em ſeu intento a ſoſſegam.
Deſpreza o que a terra eſtima,
Eſtima o que ella deſpreza,
E com ſanta fortaleza
A vencer o Ceo ſe anima.

Se de todas eſtas flores
A Alma tiverdes ornada:
Merecereis mil louvores,
Naõ quereréis ſer louvada.
Porque quem ao Ceo aſpira
Em tudo o que cuida, e faz,
De nada ſe ſatisfaz
Se naõ do bem que ſuſpira.

Tudo o que hoje profeſſaſtes
A eſte ſummo bem vos guia,
Pois por elle vos deixaſtes
Segui o com alegria.
Nelle eſtê pronta a memoria,
Nelle Alma ſe ſatisfaça,
Vivireis aqui com graça,
Reinareis deſpois com gloria.

# ELEGIAS.

*NA MORTE DO PRINCIPE DOM JOAÕ.*

## ELEGIA I.

AH, noſſo mal tam grande, ah gram tormento,
Ser morto o noſſo Principe Dom Joaõ!
Quem lagrimas dará a tal ſentimento?
Ah que palavras nunca baſtaraõ
A declarar tal magoa, tal triſteza,
Qual todos ſentem n'alma com rezaõ!
Ah grande dor, tam grande gentileza,
Tam grande ſprito, tal galantaria,
Tal animo, tal peito, tal grandeza,
Tal roſto, ſempre cheo d'alegria,
Tais olhos, com que tudo agaſalhava,
Tal graça, quanta em tudo ſe lhe via;
Tal perfeiçaõ em tudo, qual moſtrava,
Tam cedo obedecer á dura morte!
Levou-o o Ceo, que para ſi o guardava.
Qual nos pudera vir tam triſte ſorte?
Qual nos pudera vir tam triſte vida,
Qual nos cauſa eſta dor amarga e forte?
O' vida, na de ti, de nós perdida,
Choremos noſſa perda, naõ a tua
Cuja alma lá nos Ceos eſtá ſubida!
O que ſabe ſentirte treme, e ſua,
Muitos contrairos ſente, muitos danos
Sente teu Portugal, grá pena tua.
Tinhas por acabar dezeſete annos,
O' gram Principe noſſo, aſſi tam cedo
Te levaram divino d'antre humanos!
Bem ſei que eſtás tu lá ſeguro e ledo,
Nos cá ſomos os triſtes, já perdemos,
Em te perder, da morte todo o medo.
Quam pequenos ſeraõ grandes eſtremos

Em tam devido descontentamento,
Inda que de viver nos apartemos!
Qual peito de tristeza tam isento
Pode negar tristeza em dor tamanha?
Quem lagrimas dará a tal sentimento?
Usou com nosco a morte d'esta manha
Para naõ ser de nós tam receada,
Perdemos nós, tu'alma he a que ganha,
Na eterna vida está bemventurada,
Cobraste por hum reino outro mayor,
A perda é nossa, de nós he chorada.
Pequena por tal causa é toda dor,
Naõ se pode sentir devidamente,
O' quam devido te era todo amor!
Quanto inda te é devido! Inda que ausente,
Aos corpos és ausente, que tu' Alma
Em nossas almas sempre está presente:
E lá coroada está de louro, ou Palma,
Tudo é lá crara paz, tudo é amor puro,
Nunca o bem lá, como cá sempre acalma.
Naõ ha cá bem que um' hora estê seguro,
Naõ ha cá mal que a vida naõ desfaça,
Que para isto sempre é importuno e duro.
Que mal averá já que naõ nos faça
Muito mal, pois perdemos tanto bem?
Sem ti tudo ao prazer nos embaraça.
O' que triste tristeza, a que nos vem
C'o que a triste memoria representa
De ti, partes que nunca ouve em ninguem!
Tanto tua morte mais nos atormenta,
Quanto tua vida mais nos alegrava,
Inda que a que ora tens mais te contenta.
A vida que em servirte se passava
Era vida, tudo é tornado em vento;
Desesperouse quanto se esperava.
Corram lagrimas justas cento a cento,

Que

Que corram mil a mil, poucas ſeraõ,
Quem lagrimas dará a tal ſentimento?
Que lagrimas, que choros baſtaraõ?
Por muitas e mais triſtes que ellas ſejam,
Nunca ás que a ti ſe devem chegaraõ.
Cauſas para chorarte nos ſobejam,
Vidas para ſentirte nos falecem;
Quantas ora apos ti ſeguir deſejam!
Quantas ora ſem ti tanto padecem!
Quantas ora ſem ti taõ mal ſeguras!
Sem ti quantas triſtezas nos recrecem!
Quantos receos, quantas deſventuras,
Alem das que já temos, receamos,
Se tu por eſtes teus lá naõ procuras!
Mas o que mais ſentimos, e choramos
Que todo o mal, é termoſte perdido,
Iſto nos faz que todo mal temamos.
Tal temor a tal perda é bem devido,
E a ti fora devida a ſegurança
Contra todo peſar de nós temido.
Nunca nos enganou em ti eſperança,
Quanto em ti eſperamos tudo vimos,
Cedo fez tanto bem tanta mudança;
Que o que nom eſperavamos ſentimos,
Tudo aſſi vai, tudo aſſi ſempre á de ir,
Por hum começo a um cabo todos imos.
Tudo agora é chorar, paſſou o rir,
De noſſo juſto choro é juſta a cauſa,
Acabouſe o temer, veo o ſentir.
No ſentir naõ ſei eu ſe averá pauſa,
Pois nunca a pode ter o penſamento
Que triſte mil triſtezas ſempre cauſa.
Neſte tam triſte, e duro apartamento
Que eſperar a tornada nam nos deixa;
Quem lagrimas dará a tal ſentimento?
Quem nunca fim porá a tam juſta queixa?

Naõ temos ſós os teus eſtes queixumes,
Todo mundo em tal dor ao Ceo ſe aqueixa.
Os teus perdendo ver os bons coſtumes
Em que a vida paſſavas, com que ás gentes
Alumiavas com tam claros lumes.
Devemſe a ti engenhos excellentes,
Porque com teu favor os levantaſte,
Largo Mecenas eras aos prudentes.
Eſpritos altos nunca os abaixaſte,
E os baixos deſejavas levantar,
Nunca ſerviço humilde deſprezaſte.
Nunca em nada te vimos por ti errar,
Foiſenos eſta bemaventurança,
Que vida a tua para mais durar!
Naõ merecemos nós, que a eſperança,
Que comtigo grandezas ſegurava,
Chegaſſe a vermos d'ella a ſegurança?
Que moſtras de virtudes te faltava?
Digo moſtra, porque o tempo de breve
Naõ deu lugar a quanto s'eſperava:
Quanto mais cá tua alma d'ellas teve,
Tanto mais lá onde eſtá ſer mereceo,
Tanto fez noſſa perda menos leve.
Em ti tudo ſe vio, tudo ſe creo,
Quanto verſe pudera, e quanto crerſe,
Se muito tarde te levara o Ceo.
Pudera o mundo em ti ſatisfazerſe,
Já ſatisfeito eſtava, n'um momento
Perdeo o que mais tinha para terſe.
Quem já pode eſperar contentamento?
Quem poderá perder nunca peſares?
Quem lagrimas dará a tal ſentimento?
Corram a centos, corram a milhares,
Corram ſem conto, que aſſi ſaõ devidas;
Quebrem-ſe os olhos já, por lhes faltares.
Pois lhes faleces já, perçamſe as vidas,

Que

Que teraõ, naõ te tendo, mais perigos,
Dos que ter podem, vendoſe perdidas,
Que amigo em ti perderom teus amigos,
Digo vezinhos Reys, Reys eſtrangeiros,
Que ajuda em ti perderom contra imigos!
Que conſelhos tam ſaõs, tam verdadeiros
Em tal idade davas, tais os deras,
Acabaſtes nos teus annos primeiros!
O' bom Principe noſſo, ſe eſtiveras
Mais tempo cá entre nós! Lá te quiſerom,
Quiſte o Ceo para ſi, ſó para elle eras.
Tam cedo aos noſſos olhos te eſconderom!
Porque foy? Noſſas culpas o cauſarom,
Grandes ſaõ, pois tal pena merecerom,
Os Ceos que para ſi cá te criarom,
Por mais nos caſtigar em te perder,
Tanto em tam pouco tempo, em ti moſtrarom.
Sem ti quanto já temos que temer!
Quanto nos dá a eſperança que eſperar,
Digo eſperanças todas ſem prazer!
Até os imigos ſei que haõ de chorar,
Os barbaros ſem fé, lei, nem rezaõ,
Que a ti ninguem podia amor negar.
Ora que vencimentos temeraõ,
Que naõ quiſerom mais o vencimento
Que alegres eſperavam de tua maõ?
Quam ledo nos foy teu conhecimento!
Quam triſte tua morte nos é agora!
Quem lagrimas dará a tal ſentimento!
Chora miſera Corte, triſte chora,
Sente miſero mundo, triſte ſente,
A noſſo bem tam triſte e contraira hora.
Santo Principe noſſo, quem conſente
Na vida agora, ſem ver já tua vida,
Em todas as virtudes excellente?
Aſſi noſſa eſperança é de nós ida!

Aſſi

Aſſi uma morte vem tam receada !
Aſſi uma vida foge tam querida !
Deſeſperança tam deſeſperada
Para mais te ſentir, ninguem temia
Verte tam cedo tam exprimentada !
Tornouſe em noute eſcura o claro dia ;
Com tal morte morreo noſſo mor preço ;
No mundo outro igual preço naõ avia.
Morreſte quanto a nós, mas foy começo
Tal morte de tal vida, qual ganhaſte.
Ah, que fallar em ti nada mereço !
Comtigo as noſſas almas nos levaſte,
Mais eſtaõ ellas lá, mais em ti eſtaõ,
Que cá onde tam triſtes as deixaſte.
D'aquelle corpo enfermo o ſprito ſaõ
Com tanta noſſa perda aſſi apartado,
Que choros a tal magoa igualaraõ ?
Naõ foy tanto contr'elle á morte dado,
Que o ſeu roſto de graça todo cheo
Foſſe, nem ao morrer, deſengraçado.
A vida que na morte o buſcar veo,
Foy com brandura, foy ſem movimento,
Seguio por tal caminho ſem receo :
E deixou ſobre fraco fundamento
De noſſo bem fundada a eſperança ;
Quem lagrimas dará a tal ſentimento ?
Choram Ninfas do Tejo eſta mudança,
Tal morte choram as do Mondego,
Por ti que foſte, e és noſſa confiança.
Choram, e vivem já em deſaſſoſſego
As do Lima, as do Neiva, e as do Douro ;
Ficou-nos ſem ti tudo mudo e cego.
Sem ti, que eras o noſſo mor theſouro,
Chora quanto ha do Minho á Guadiana,
Seccaſe toda palma, e todo louro.
Eſta geral triſteza a tudo dana,

Tu-

Tudo eſta gram triſteza correrá,
Crers'á, que nunca a fama niſto engana.
O Eufrate, o Nilo, o Gange, o Indo lá,
E os que os converſam, todos ſentiraõ,
Tal ſenhor qual em ti eſperavam cá.
Todos em tudo a ti te louvaraõ,
E teu nome tam dino de louvores
Até onde eſtás ſubido, ſubiraõ.
Tudo te louvou ſempre, e por mayores
Louvores que te deſſem noute e dia,
Dos merecidos ſempre eraõ menores.
Tu vencias a toda fanteſia,
Tu vencias todo engenho, e todo eſtilo,
Tudo para ti pouco parecia.
Quem poderá em chorarte hora ſeguilo?
Recolheſe ao ſentido eſte peſar
Para mais livremente alli ſentilo.
Naõ ſe deixa igualmente elle chorar,
Falta par'elle ſprito, falta alento,
Tudo, pois faltas tu, deve faltar.
Ah, noſſo mal tam grande, ah gram tormento,
Ser morto o noſſo Principe Dom Joaõ!
Quem lagrimas dará a tal ſentimento
Que a ſentimento tal devidas ſaõ?

## *A FRANCISCO DE SÁ*
### *Na morte do Principe que Deos tem.*

### ELEGIA II.

EM triſteza tam nova, e tam devida,
Rariſſimo Franciſco, ſaõ devidas
Novas palavras, nova dor, e vida.
Morto o que tinha ſempre noſſas vidas
Alegres, como agora viviremos?
Ah, noſſas eſperanças tam perdidas!
Que bem, ſem tanto bem eſperaremos
Que ſe poſſa com goſto ver cumprido?
Que mal com tanto mal nom temeremos?
Igualmente nom podes ſer ſentido,
Inda que ſeja tudo ſentimento,
Ah Principe de nós mal entendido!
Em ti ſe occupe todo penſamento,
Mouram todos por ti de ſaudade,
Fujaſe já todo contentamento.
Franciſco, eſta é já'gora tua vontade,
Niſto paſſas a vida, pena, e magoa,
Dor, cuidado, e triſteza é tua verdade.
Teus olhos fontes ſaõ, teu peito é fragoa,
Nom ſe gaſta um c'o outro; quem cuidára
Poder viver ũa vida em fogo, e agoa?
Mas quem iſto de ti nom eſperára
Se t'entendia bem, e s'entendia?
Quanto reino em ſua vida ſ'alegrára!
Principe que em amor ſó ſempre ardia
Dos reinos que já nelle ſ'alegravam,
Nas grandezas qu'em ſi já promettia:
Qu'eſperanças com elle ſe criavam!
Que maravilhas nelle o mundo vira,
Pois teus raros conſelhos o guiavam!

A mil Reis ſeus avôs como os ſeguira,
Como a todos ganhára em tudo o preço,
Se ſempre a ti ſómente em tudo ouvira!
Quanto nelle ſe vio, neſſe começo
Que teve cá de vida aſſi tam breve!
(Mas ah que té a mi meſmo aqui faleço)!
Que condiçoẽs tam brandas ſempre teve!
Qu'inclinaçoẽs tam altas ſe lhe viam!
Quanto louvor a ti niſto ſe deve!
Tanto com elle as Muſas já ſubiam,
Tanto lhes punha os olhos, que par'elle
Novos eſpritos cada dia creciam.
Honra tiveram nelle, e gloria nelle
As armas que aſſi tenro exercitava,
Que todo ingenho já cantava d'elle.
Como ſeguia ſempre, como amava
Tudo o bom, tudo o juſto, como inteiro
Era no que a virtude lh'enſinava!
Como foy ſempre em tudo verdadeiro!
Qu'eſtremos tinha mais que tu ſabias,
Que ant'elle ſempre em tudo eras primeiro!
Pois úa vida em que tu tantos bens vias,
Tam eſtranhos, tam ſós, tam deſuſados,
Um' Alma de que tanto conhecias;
Um eſprito tam cheo de cuidados
Excellentes, altiſſimos, divinos
Sobre tudo o da terra levantados:
Um animo de que eramos indinos,
Um puro coraçaõ todo á virtude
Entregue, de que os Ceos eram ſó dinos;
Na terra pobre, fraca, e ſem ſaude
Podia durar muito? Terra dina
Que todo bem em pena ſe lhe mude.
Foiſe a melhor lugar, foyſe á divina
Regiaõ, onde d'eterna Primavera
Goza, e ſe ri da terra d'elle indina.

On-

Onde já nada teme, nada eſpera,
Onde tem Reino eterno, e já ſeguro,
Que pouco, e com cuidados cá tivera.
Alli é tudo claro, é tudo puro,
Tudo alli é amor, e amor merece;
Merece ſempre a terra um odio duro.
Quem iſto, gram Franciſco, alli conhece,
Quem abre os olhos d'Alma, e os levanta
O' Ceo qu'eternamente reſplandece;
Que ſente? Porque chora? Que nom canta
O bem de quem quer bem, e aquella gloria
Em que hora eſtá aquella Alma juſta e ſanta?
Aquelle nome, qu'inda que alta hiſtoria
Deixára cá de ſi, fora finito,
Poſto no Ceo em immortal memoria,
Entre os eternos nomes vivo e eſcrito,
Como nom tira toda vam triſteza?
Como nom faz alegre todo eſprito?
Se ſentir é brandura, por dureza
A tenho neſta parte, armeſe o peito
Em razaõ, vers'á armado em fortaleza:
Em tudo ſe verá ſempre direito,
Sempre igual, ſempre juſto, e ſe verá
Em todos ſeus trabalhos ſatisfeito.
Mas quem do juſto Ceo ſe nom fiará?
Quem da maõ de Deos larga mercês largas
Seguramente nom eſperará?
Ah Senhor, como encurtas, como alargas
As vidas a quem queres, como as fazes
A uns tam doces, a outros tam amargas!
Como a todo deſejo ſatisfazes
S'é juſto, s'é devoto, s'é piedoſo,
Como a ſeu tempo ſempre o bem nos trazes!
Seu povo ouvio devoto e ſaudozo,
Nom quiz que o choro muito lhe duraſſe,
Como a filho o tratou muito mimoſo.

Deu-

Deunos Sebaſtiaõ, em que abrandaſſe
Portugal a ſaudade de Joaõ,
E nelle noſſa ſede ſe apagaſſe.
Inteiramente nelle ſe acharaõ
Todas as graças que no Pay perderom,
E que no avô mil annos ſe veraõ;
No gram Joaõ que viva, o que viverom
Os em que ouve mais vida, e reine em paz
Querido, como os ſeus ſempre o quiſerom.
E aſſi como igualmente ſatisfaz
A todos, como a todos igualmente
Em verdade, e em juſtiça ſempre traz:
Aſſi o minino Principe innocente
Deixe de ſi enſinado, com que faça
O que dever ó Ceo, a ſi, e á gente.
Franciſco Prudentiſſimo, eſſa traça
Que roe teu peito, e Alma deſcontenta,
C'o eſtas lembranças moura, e ſe desfaça.
Contigo t'aconſelha, e te contenta,
Que acharás em ti tudo, ſe non queres
Deixar ó tempo a dor que t'atormenta,
Mas ſe em ti tens remedio nom o eſperes.

## *A ANTONIO FERREIRA.*
### *Na morte de Maria Pimentel ſua molher.*

### ELEGIA III.

INda me falta eſprito, inda ouſadia
Para eſcreverte, Antonio, tam ſortado
Me tem té'gora tua malenconia.
Nom t'ouſei de fallar, todo occupado,
Como a amizade quer, no ſentimento
De qu'eſtás com razaõ todo tomado.
Deſejei de lembrarte como é vento,
Como é pó, com'é nevoa, com'é fumo

A vida vam que dura um ſó momento.
Quizera, em que de mim pouco prezumo,
Tirarte da triſteza a que te ataſte,
Inda qu'eu nella todo me conſumo.
Poderate lembrar quanto lembraſte
Já a eſte teu amigo em mil triſtezas,
De que prudentemente o deſviaſte.
Poderate lembrar que as aſperezas
De qu'um graõ ſentimento uſa c'o a vida,
Nom devem de chegar a ſer cruezas.
Poderate lembrar como é devida
A' triſteza a prudencia, como ſabe
Até no ſentimento achar medida.
Como o peito, ond'um grande eſprito cabe,
A toda dor (inda que grande) deve
Achar remedio, antes qu'o tempo a acabe.
Mil couſas te lembrára, mas deteve
As palavras a dor do que ſentias,
Com qu'a Alma inda fallarte mal ſabe.
Aquella, Antonio, em que te ſempre vias,
Morta a teus olhos, quem ouſára tanto
Que t'acudira á magoa tantos dias!
Aquella que com grand'amor, e eſpanto
De quanto vias nella aſſi ſerviſte
C'o a vida, ingenho, e c'o amoroſo canto;
Aquella que tu aſſi d'Alma ſeguiſte,
Té que com ſanto nô ambos atados
O bem que deſejaſte poſſuiſte;
Já deſapparecida, e deſatados
Tam depreſſa uns amores tam unidos
Qu'eram um ſó cuidado dous cuidados!
Aquelles dous eſpritos tam vencidos
Um do querer do outro, aſſi tam cedo
Com tanta dór, e magoa deſpedidos!
Qu'eſprito com razaõ nom terá medo
De lembrar temperança na triſteza,

Em

Em que nom pode a dor guardar ſegredo?
Quem a conſolaçaõ tem por crueza?
Quem acha (como a grande dor o manda)
Nas mais brandas razoẽs, mais aſpereza?
Deixalo ó tempo que conſume, e abranda
O prazer, e a triſteza, o bem, e a pena,
E em toda ſorte hora anda, hora deſanda.
Já uma couſa faz, já outra ordena;
Fezme temer fallarte, já te fallo
Na perda que tua vida deſordena.
Nom ei tua dor por menos, que no aballo
Primeiro, com qu'eu todo juſtamente
Com novo ſentimento inda m'aballo.
Imaginote cá continuamente
Avorrecerte o com que mais folgavas;
Dos amigos fugir, nom ſó da gente.
E nos troncos cortar d'arvores bravas
Lembranças do teu bem, do teu deſcanço,
Com cuja viſta a vida bem paſſavas.
Fallar hora em ſom alto, hora em ſom manſo;
Deſcuidado de ti, todo queixoſo
Qu'a vida ſe te vai taõ manſo e manſo.
Sempre o tempo culpar de vagaroſo,
E tu de mil trabalhos todo cheo
Culpareſt'a ti meſmo de mimoſo.
Parecert'o que vês tudo tam feo,
Como ſempr'a teus olhos fermoſa era
A qu'a morte te faz nom ter receo.
Teu verſo, teu ingenho que podera
Juſtamente tuas fontes ter cingidas
Do fermoſo Loureiro, da verde Era;
Seus ramos deſprezar, avorrecidas
Todas as honras, que ás Irmans d'Apolo
Tens tam inteiramente merecidas.
Zombar dos que d'um Polo té outro Polo
S'entregam ós perigos da ventura,

Su-

Sugeitos ó furioſo e bravo Eolo;
Polo qu'um ſó momento inda nom dura,
Polo que já deſprezas, pois te falta
A em que tinhas a vida por ſegura.
Erguer por ella em voz ſentida e alta
Mil ſuſpiros ó Ceo, ſentir que tudo
Quanto ſem ella vês te ſobreſalta.
Deſejar ſer de todo ſurdo e mudo,
Por nom ſe t'eſtorvar tua memoria;
Parecer a uns doudo, a outros ſeſudo.
O qu'outros por prazer tem, e por gloria
Julgar por pena dura, e peſo grave,
Só na morte eſperar grande victoria.
Mas ah, que vou temendo que t'aggrave
Em t'aſſi imaginar, vendo teu ſiſo
Com qu'eſſe jugo te farás ſuave!
Vendo que claramente vês qu'é riſo,
Quanto eſtorva o caminho do ſeguro
E immenſo bem do eterno Paraiſo.
Vendo que com eſprito pronto e puro,
Os olhos erguerás ó claro Norte,
De que vem claridade a todo eſcuro:
Qu'alumia o juizo, e vence a morte,
E ſerena, e abranda as tempeſtades,
E abaixa o mar tempeſtuozo e forte:
Que mata em quem o ſegue as vaidades
Que cegam Alma, e vida desbaratam
E deſtruem as virtudes, e as verdades:
Que a mil miſerias os cuidados atam,
E eſcurecem de todo o juizo claro,
E a meſma honra que mais buſcam matam.
Norte, que ſempre teve por ſeu faro
A que a vida te poz em tal eſtreita,
Qu'entr'os triſtes te podem chamar raro.
Olhos no Ceo porás, na ſó perfeita
Gloria que ſempre vive ond'Alma vive,

Da

Da que cá vês em pó toda desfeita.
A esperança Christam co' isto revive,
Quem entende o que faz nisto descança;
Nesta certeza, Antonio, alegre vive,
Nesta gloria tua pena, e dor amansa.

## *A DIOGO BERNARDES*
### *Em reposta d'outra sua, á morte do Doutor Antonio Ferreira.*

## ELEGIA IV.

UM silencio, Bernardes, me rompeste
Já quasi a naõ fallar determinado
Na dor, que hora de novo em mim moveste.
Igualmente á dor minha ser chorado
Naõ podia em meu verso o meu Ferreira,
Nem ser de mim seu sprito bem cantado.
Entendia de mim que á verdadeira
Fama do que elle em tudo merecia,
Naõ chegaria a minha voz inteira.
Calava, e a fallar nelle m'escondia,
Por naõ offender morto um bom amigo
Que me quiz tanto quando cá vivia.
Fizesteme chorar ora comtigo
Com nova magoa, nova saudade,
A dor que eu cá chorava só comigo.
Movestem'Alma a nova piedade,
A nova pena, e novo sentimento
D'aquella grande perda d'esta idade.
Aquella grande perda que dum momento;
Despois de tanto mal acontecido,
Naõ deixei de trazer no pensamento.
Mas eu naõ choro ver d'entre nós ido
Este retrato só da idade antiga,
Do Ceo á nossa lingoa concedido:

Mas

Mas faltarme um ingenho a que o meu ſiga;
E uma voz que ouça, e eſprito de que apprenda,
E os ſegredos das Muſas m'abra, e diga.
E quem o meu máo verſo me reprenda,
E o meaõ me concerte, e mo levante
Com douto aviſo, e com ſegura emenda.
Sinto faltar, Bernardes, quem m'eſpante
Com ſeu bom canto, com ſeu bom eſcrito,
Com cuja imitaçaõ poſſa ir avante.
Aquelle claro, aquelle puro eſprito
De ſaõ conſelho cheo, e de prudencia,
Sempre ſerá de mim cantado e eſcrito.
Agora em ſua triſte e longa auſencia
Quem acharei que a dor me deſaggrave?
E me moſtre o remedio na paciencia?
Faziame a triſteza menos grave,
Mais branda a dura pena, a dor mais leve,
Faziam'a alegria mais ſuave.
Se teve (magoa noſſa!) a vida breve
Largo nome terá, larga memoria
Que a toda a parte, e tempo a fama leve
Já do tempo terá certa victoria
Quem ſ'ouve aſſi na triſte e mortal vida,
Qu'aſpirou ſempre á clara e immortal gloria.
Nella da mortal carne deſpedida,
Eſquecida de tudo, nos amores
Divinos eſtará toda embebida.
A voz levantará a outros louvores
Mais devidos, mais puros, e mais ſantos
Arrebatada d'immortais fervores.
Mil verſos, e mil inos, e mil cantos
Cantará ſempre á eterna Fermoſura,
Mais dinos de memoria, mais d'eſpantos.
Será nelles guiado de mais pura,
De mais fermoſa, de mais rica Muſa,
Mais ornada de copia, e de brandura.

Amas

Amará, e ſerá amado, aſſi lá ſe uſa;
Cantará, e ſerá ouvido d'a quem canta,
Que quem lá ſe ama, d'amar naõ s'eſcuſa.
O Sol que ſobre o mundo ſe levanta,
Que com ſua luz clara, e tam fermoſa
Nos vence a viſta, e o eſprito nos eſpanta:
Em conta naõ terá, que outra glorioſa
Luz, que dá luz ó Sol, e ás Almas lume,
Lhe terá mais que o Sol Alma luſtroſa.
Um tempo eterno, um immortal coſtume
Seguirá ſempre, tempo alegre e puro,
Primavera que nunca ſe conſume.
Lá naõ verá Inverno triſte e eſcuro,
Naõ ventos, naõ tormentas, naõ mudanças;
Mas tudo quieto em Deos, tudo ſeguro.
Livrouſe das incertas eſperanças
Que nos deſaſſoſſegam, e desbaratam;
E das leves e falſas confianças.
Naõ vês, Bernardes, como nos maltratam
Os movimentos vaõs, e os vaõs receos
Que as Almas inquietam, as vidas matam?
Quem pode defenderſe a mil enleos?
Quem ſe pode valer em mil perigos
D'outros muitos perigos ſempre cheos?
E' perigo naõ ter, e ter amigos:
Mal ſe pode viver neſta eſtreiteza,
Se m' ey de velar d'elles como imigos.
O noſſo Antonio eſtá em outra largueza,
Ninguem teme, ninguem d'elle ſe teme;
Em tudo vê pureza, e tem pureza.
E cá, Bernardes noſſo, quem naõ treme?
Quem naõ deve de ſi meſmo temerſe?
Quem á que contra tempo em vaõ naõ reme?
Quem vê couſa de que poſſa valerſe?
Olhos no Ceo, e no divino Norte,
Póde guiar tod'Alma a naõ perderſe.

Naõ chores já do noſſo Antonio a ſorte,
A minha ſorte chora, e a ſorte tua,
Pois nolo tem roubado a dura morte.
A nós dura, a nós aſpera, a nós crua
Que nos levou o noſſo amigo brando,
E a doce e branda converſaçaõ ſua.
Por elle rindo, por mim vou chorando,
E por elle contente, e por mim triſte
Sem elle a vida irei toda paſſando.
Tú que a noſſa amizade clara viſte,
Claro verás que á dor da perda grande
D'um claro amigo, bom, mal ſe reſiſte.
Nunca tal perda, amigo, o Ceo te mande;
Dor é que nunca a vida perde um' ora:
Remedio póde aver com que ſe abrande,
Naõ que de todo a vença, e deite fora.

## *A ANTONIO DE SA',*
*Na morte de ſeu neto e herdeiro.*

### ELEGIA V.

O Tempo voa muito, a vida é breve,
E eſſe pouco que dura é tudo dor,
Em comparaçaõ d'ella a morte é leve.
Ah, que puzemos neſta vida o amor!
Nom ſei que aſſi nos cega, que corremos
Trás noſſo proprio dano, e deſamor.
Que grande noſſo mal! Todos queremos
O que nos dana a todos; trás peçonha
Nos imos ſempre quanto mais podemos.
Tudo ſaõ deſvarios de quem ſonha,
Sombra contra rezaõ de nós ſeguida;
Que grande porquidade, que vergonha!
Que á neſta morte que ſe chama vida,
Para deixar por ella a verdadeira,

A que ſempre o Ceo largo nos convida?
Logo ( grande miſterio ) da primeira
Hora qu'eſte ar ſentimos nos queixamos,
Sinal que alli ſerá té á derradeira.
Nacemos com trabalho, e nos criamos,
Trazemolo do ventre, é natureza,
Quando temos prazer contr'ella erramos.
Miſera vida, que ſempre em triſteza
Se gaſta, hora uma couſa, hora outra couſa
Suſtentandoa nom neſta firmeza.
Ah, que s'um bom eſprito cuidar ouſa
Neſte grave deſterro perigoſo,
Na eſperança da morte ſó repouſa!
Queixoſo é aquelle eſtado, eſte queixoſo,
Da fortuna hoje vemos deſprezado,
O que viamos hontem mais mimoſo.
Olha um quanto é poſſivel levantado,
Veloás ( s'elle bem ſente ) eſtar temendo
Poderſe ver por terra inda lançado.
Qu'eſtamos numa e noutra hiſtoria lendo
Que nos nom moſtre em tudo mil mudanças!
Qu'eſtamos cada dia em tudo vendo?
Em quem, ou quando vimos eſperanças
Que poſſaõ com rezaõ ſer confiadas?
Ou quando ſem rezaõ, deſconfianças?
Da vida as horas todas ſaõ gaſtadas
Hora em 'ſperanças vans, hora em temores,
De couſas que ſe vem ſaõ tudo uns nadas.
O que cheo ſe vê de vaõs favores
Da fortuna, que ſempre é duro immigo,
Cuidas qu'o eſprito tem livre de dores?
Antes tem ( como ſabes ) mór perigo,
Que quanto a fortuna é mais tida em conta,
Muitos mores receos traz comſigo.
Pois o tam triſte a que a pobreza afronta,
A quanto s'aventura por s'encher

Sem fazer c'o a verdade nunca conta.
Eſte cad'hora vemos nom temer
Mil trabalhos, mil perdas, mil perigos
Com que ſe pode vida, e Alma perder.
Quantas vezes d'amigos faz immigos,
Quantas (como nom deve) ſe confia
D'elles mais que dos proprios bons amigos.
Sobre o contino trabalhar do dia
Poucas vezes deſcanço á noute tem,
Poucas o corpo, nunca a fanteſia.
Enchaſe a caſa toda, ou ſeja bem,
Ou ſeja mal, cumpramſe os appetitos,
Que tanto crecem mais quanto mais vem.
Enganadas tençoẽs, baixos eſpritos,
Que por tam baixo preço aſſi ſe vendem,
Que aſſi deixam theſouros infinitos.
Que com grandes trabalhos ſempre entendem
Em ter em muita conta pouquidades,
Que intereſſes em tudo ſó pretendem.
Que á que dizer a tantas crueldades
Quantas comnoſco uſamos? Ninguem crê
Brandos conſelhos de ſans amizades.
Tú que o ſabes, Antonio, onde ſe lê
Que poſſa haver na vida quietaçaõ?
Em que eſtado repouſo algum ſe vê?
Quem ſem deſcontos ſeus come o ſeu paõ?
Que vida á que nom tenha toda a alhea
Por melhor? Ah juizo cego e vaõ!
Que no que á d'eſcolher aſſi s'enlea,
Que o que s'eſtá moſtrando claramente
Perigoſo, iſſo eſcolhe, iſſo o recrea.
Como aſſi nos enganam facilmente
Quaeſquer miſerias, quam leves baixezas
Nos levam apòs ſi tam levemente!
Pois vida em todos chea d'aſperezas,
Onde o bem vem acaſo, e como ſombra,

Onde saõ naturais sempre as triſtezas;
E em tempo que um eſpirito bom ſe aſſombra,
De ver tam mal ſeguido o claro Norte,
Que de tudo os que o ſeguem deſaſſombra,
Para que é durar muito? O' alta ſorte
A do que vai do ventre á Sepultura,
Que eſta tal vida eſcuza, antes tal morte!
A morte contra a vida é a melhor cura
Que ſe pode querer, ſempre é piedoſa,
E ſempre de mil males nos ſegura.
A' boa Alma, mais cedo da glorioſa
Paga que já no Ceo Deos lh'ordenou,
Poem na eſtrada direita, alta e ditoſa.
A' triſte que o caminho certo errou,
Em lhe cortar a vida as cauzas corta
De mor pena, e aſſi a tudo aproveitou.
Brevemente eſta vida vemos morta,
Se queremos a viva á miſter tento,
Que s'entra a ella por eſtreita porta.
O alto, o verdadeiro fundamento
Que á contra a triſte vida, tu o vês claro,
Tu em quem tantos bens tem firme aſſento;
Nom é ſeguro, certo, e bom reparo
Contr'ella branda morte em tenra idade,
Qu'inda nom ſente como cuſtam caro:
Atalhaſe da vida a adverſidade,
Anticipaſe o bem da vida eterna,
Vida d'amor, de paz, de ſuavidade.
Ganhaſe ver mais cedo o que governa,
Só com querer, os Ceos, e todo mundo,
Venceſe a Hydra vam d'eſta vam Lerna.
A vida cá da terra que ó profundo
Nos vai guiando as vans inclinaçõẽs,
Que nunca em appetitos acham fundo.
Cortamſe juntamente ás occaziões
As más cabeças todas em peleja,

Li-

Livram-ſe em paz do mundo as affeições.
O Ceo que a todos o melhor dezeja,
Quiz para ſi teu netto inda minino:
Que grande dita a elle, a nós qu'inveja!
Foiſe pera outro eſtado alto e divino,
Deixou, inda que grande, o que cá ouvera,
Que o podera fazer dos Ceos indino.
Mas c'o muito qu' á em ti, abrandars' eſpera
Tua pena, d'áſſi perder o herdeiro
Que com gram teu prazer o Ceo te dera.
Querelo hora levar de cá primeiro
Que podeſſe chegar a impedimentos
Do bem, que tem agora verdadeiro;
Te deve de alegrar os ſentimentos:
De ti que te conheço ſempre creo
Que ó melhor dás em tudo os penſamentos.
Que t'apartas do povo todo cheo
De vaõs myſterios, que no bem, e mal,
Dás ſempre ó ſentimento o juſto meo.
Mas ah, qu' eſte amor noſſo natural
Sempre tira por nós, como forçada
Leva Alma ás vezes ó que menos val!
Eſte ver grande caſa pendurada
De fracos fios, eſte eſtar receando
Podela ver do tempo inda aballada,
Chama muito os ſentidos; mas lembrando
M'eſtá que o Ceo é juſto, qu'elle irá
Sempre eſſa tua caſa levantando;
Como tal caſa que fundada eſtá
Em mil merecimentos, e qu'eſteve
Guardada de virtudes, e eſtará.
E pois tal hora a tem, tal ſempre a teve,
Tal a quererá ter em nome, e gloria;
Novo lume dará que avante a leve:
Que em tudo perpetue a gram memoria
De ſeus paſſados, qu' inda avante creça,

E ó mundo de ſi deixe larga hiſtoria.
Que em tudo o que tiver bem ſe conheça
De que ſangue é; em fim aſſi t'o mande
Qu' em tudo a ti, e a ſeus avós pareça,
Grande nas letras, e nas armas grande.

## *MARCOS E VENUS.*

## ELEGIA VI.

*Traduzida de Auſonio.*

*Marc.* A Uma, que me quer mal tenho amor certo,
Mal quero a outra, que me ama grandemente,
Concerta, Venus, eſte deſconcerto.
*Ven.* Iſſo farei eu logo facilmente,
Mudarei os coſtumes, e os Amores,
Queir'te uma mal, de ti outra ſe contente.
*Marc.* Terei aſſi outra vez as meſmas dores.
*Ven.* Queres ambas amar? *Marc.* Se for amado
D'ambas, nenhuns dezejos tenho mores.
*Ven.* Um conſelho te dou deſenganado
Que queiras, Marcos, para ſer querido;
Que eſte é o caminho certo, e coſtumado.
*Marc.* Já me tens, Alma Venus, perſuadido,
Que duas ame, e deſamar me vejo;
D'outro conſelho devo ſer provido.
*Ven.* Vence-as ambas com dons. *Marc.* Muito o dezejo,
Mas tenho pouco: com promettimentos
Naõ ſe dá ao pobre fé, e fazm'iſto pejo.
*Ven.* Affirma-te com grandes juramentos.
*Marc.* Deos naõ ſe engana. *Ven.* De noute paſſea.
*Marc.* Temo a dura prizaõ, e ſeus tormentos.
*Ven.* Eſcreve verſos, que cada uma lea.
*Marc.* Apollo, nem as Muſas me conhecem,
Nem tenho para verſos boa vea.

*Ven.*

*Ven.* Pois que já a teu amor naõ obedecem ;
Quebra-lhe as portas. *Marc.* Ei medo ó caſtigo ;
Que ſe dá no juizo ós que o merecem.
*Ven.* Ah , creio , de ti meſmo és duro imigo !
Queres que ſó o Amor te mate , ou inflamme ?
Naõ te porás por elle a algum perigo ?
*Marc.* Miſero o Mundo ſó antes me chame ,
Que miſero , e culpado. *Ven.* Quanto pude
Diſſe ; buſca quem creas que mais t'ame.
*Marc.* Quem buſcarei , que m'aconſelhe , ou ajude ?
*Ven.* Ou Fedra dête a corda , ou Dido a eſpada ,
S'iſto naõ queres á alta rocha acude
De Leucas , ſobre o mar taõ levantada.
*Marc.* Eſte conſelho me dás , neſte inſiſtes ?
Nenhuma outra eſperança m'é deixada ?
*Ven.* Eſte ſe dá ós miſeros , e triſtes.

## *ANGERIANO E AMOR.*

## ELEGIA VII.

*Traduzida de Angeriano.*

*Ang.* FErmoſiſſimo Amor , que com glorioſa
Arma , que ſempre vence , andas vagando ;
Porque te cria nú tua Mai fermoſa ?
*Am.* Porque vou a todo homem deſpojando
Que a minha caſa vem. *Ang.* Para que effeito
Trazes as ſetas ? *Am.* Com ellas vou matando.
*Ang.* Porque és menino ? *Am.* Aquelle cujo peito
Tem de meu ferro , ou fogo ſentimento ,
Como um menino , em tudo é logo feito.
*Ang.* Jupiter , para que , ou com que intento
Te poz nos hombros azas taõ ventoſas ?
*Am.* Porque quem ama , mais leve é que o vento.
*Ang.* Porque eſſas fachas trazes taõ danoſas ?

*Am.*

*Am.* Coraçoẽs vivos, mar, e a ſerra dura
Queimo com minhas chammas furioſas.
*Ang.* E's cego; ou tens a viſta clara, e pura?
*Am.* Quem ama é cego, eu nom: mais reſplendecente
Que o Sol é a luz de minha fermoſura.
*Ang.* Soſtem-te Ambrozia, ou Nectar? *Am.* Diligente
Spritos, e mimos, riſos, e alegria
Me tem ſó ſatisfeito, e ſó contente.
*Ang.* Porque tens May fermoſa? *Am.* Gera, e cria,
A fermoſura n'alma mil amores,
E eu com ella naço cada dia.
*Ang.* Porque naceu do mar? *Am.* Os amadores,
Mais que o mar, Alma deſaſſocegada
Tem, co'eſperanças vaãs, ou com temores.
*Ang.* Tens caſa pobre, ou rica, e concertada?
*Am.* Nenhuma tenho, e o ar do Inverno irado
He minha habitaçaõ mais coſtumada.
*Ang.* Quando Amor de voar eſtás cançado,
Onde o repouſo teu tens eſcolhido?
*Am.* Já de voar eſtou todo apartado.
No peito, e olhos de Filis recolhido,
No riſo, e em tudo o mais guerra fazemos
A todo o peito para amor nacido,
E a tudo que nos vê, e a quanto vemos.

## *AMOR PERDIDO.*

## ELEGIA VIII.

*Traduzida de Moſcho.*

PErdeu Venus fermoſa o ſeu Cupido,
Fermoſo filho ſeu, brando, e mimoſo;
E triſtiſſima eſtá de o ter perdido.
Tudo corre, nada acha trabalhoſo,
O campo, o monte, o povoado, o ermo;

Que

Que á grande dor nada é difficultoſo.
Co' eſprito de triſteza todo enfermo
Sobe n'um alto monte, procurando
O' cuidado remedio, á pena termo.
Dalli eſtá, quanto pode, a voz alſando,
E neſtas triſtes queixas a derrama
Por ſeu fermoſo filho perguntando:
» O filho, a que eſta may mais que tudo ama,
» Se me perdeu acazo, que nom creo,
» Que ſe eſcondeſſe, nem que me deſama;
» Nom poſſo inda ſaber onde ſe veo,
» Nem ſei, ſe eſprito algum m'o tem furtado,
» Ando toda entre dor, entre receo.
» Se o lugar, onde eſtá me for moſtrado,
» A quem m'o aſſim moſtrar prometto, e juro,
» Que em premio um bejo meu lhe ſeja dado.
» A quem nas minhas maõs m'o der ſeguro,
» Lhe darei inda mais. Quem á, que ſeja,
» Com taes promeſſas deſcuidado, e duro?
» Se ganhar eſte preço alguem dezeja,
» Mil ſinaes lhe darei, no peito os guarde,
» Porque o nom deſconheça, quando o veja.
» Nom é alvo; mas todo o corpo lhe arde
» Em côr de fogo, e os olhos reſplendecem
» Tanto que nom á viſta, que os aguarde.
» As palavras, que diz, doces parecem;
» Mas tem chea de enganos a vontade,
» E engana os triſtes, que iſto nom conhecem.
» Quando eſtá cheo de ira, ou crueldade,
» Naõ á couza que o mova, ou que o abrande,
» Nem que lhe faça confeſſar verdade.
» He minino; mas tem aſtucia grande,
» E eſtá mil graves couzas commettendo,
» Mil vezes quando cuidaõ, que rindo ande.
» Creſpos cabellos té os hombros pendendo
» Em certa ordem lh'eſtaõ: medo, nem pejo

» Nun-

» Nunca em ſeu roſto ouſado ſe eſtá vendo.
» Maós, e braços pequenos tem; mas vejo
» Que muito longe tira a ſeta dura,
» Com que um peito ſaõ fere, e um ſaõ dezejo.
» De todo o corpo traz ſem veſtidura,
» A' calma, e ó frio ſempre deſcuberto,
» Mas cheo é o eſprito de prudencia pura.
» O voar deixa ás vezes, e de perto
» As Ninfas hora, os homens hora tenta
» Nom com roſto fingido, ou encuberto.
» E como vê, e intende que contenta,
» E que a vontade ó que elle diz ſe abranda,
» Lá no intimo do peito, e Alma ſ'aſſenta.
» Arco pequeno tem, mas com elle manda
» Té ás eſtrellàs a ſeta deſtinada,
» Que certa ſempre em ſuas regras anda.
» Fermoſa aljava ó hombro traz dourada,
» Dentro peçonha, e ſetas, que meu peito
Mil vezes tem ferido, e Alma chagada.
» De uſar crueza em tudo é ſatisfeito,
» Porque quanto nelle á tudo é aſpreza,
» Cruel é o nome que lhe é mais acceito.
» Na mam úa faxa traz, que com crueza
» Gaſta as triſtes entranhas, e ſeu fogo
» Queimará o Sol com ſua fortaleza.
» Se o achares, e á maõ o ouveres, logo,
» Se podes, com eſtreitos nós o prende,
» Naõ te enganem ſuas manhas, nem ſeu rogo.
» Traze-o prezo com manha, e arte; e intende
» Que ou rogue, ou ameace, ou chore, ou ria,
» Que ardis ſaõ tudo, com que ſe defende.
» Se com palavras cheas de alegria
» Te moſtrar amizade, entaõ mais teme,
» Entaõ de ſua paz màis deſconfia.
» Em ſuas palavras, e em ſua boca, crême,
» As peçonhas crueis traz eſcondidas,

» Com que o triſte, a que as dá, chora, arde,
» e treme.
» E ſe te forem d'elle offerecidas
» Setas, coldre pintado, arcos fermoſos,
» Nom ſejaõ ſuas offertas recebidas,
» Que ſeus doẽs queimaõ tudo, e ſaõ danoſos. »

## *A FILIS.*

## ELEGIA IX.

FILIS, de cujo nome enche as memorias
O Amor, que tudo mais por ti deſama,
E orna por ti ſeu carro de victorias.
Filis, de quem glorioſa, e clara fama
Do Amor guiada em tudo, e da verdade
No mundo juſtamente ſe derrama.
Se te deves ſervir d'uma vontade
A teus louvores ſempre offerecida,
Filis, huma ſó gloria d'eſta idade;
Deve a minha de ti ſer recebida,
Que indaque ſempre indina de louvarte,
Gaſta neſtes dezejos tempo, e vida.
Sei que nem voz, ingenho, eſtilo, ou arte,
Fermoſiſſima Filis, podem tanto,
Que nem com deſatino ouſem cantarte.
Mas quando a teu louvor ergo meu canto,
Nom é porque de mim tanto imagine,
Que chegue, onde chegar naõ pode o eſpanto.
Quem averá, que em ti nom deſatine?
Que eſprito, que em te ver nom emudeça,
Indaque niſto o meſmo Amor o enſine?
Mas canta-te Alma; porque naõ padeça
O dezejo que ſente noute, e dia
De em ti moſtrar com que tudo eſcureça.
Que quem, fermoſa Filis, te veria,

Que

Que intendimento, e olhos nom abriſſe
A quanto em ti tudo iſto venceria?
E quem um ſó momento de ti ouviſſe,
Como mais livre elle veria o eſprito
Do que d'eſte momento ſó ſentiſſe?
Como daria mais a voz, e eſcrito
Se nom á nunca viſta fermoſura,
De que tanto é cantado, e tanto eſcrito?
Filis, com cuja viſta a noute eſcura,
Como o fermoſo dia fica clara,
E cuja graça o ár ſerena, e apura.
Quem tivera um eſprito, que voára
A' menor parte do que em ti ſe intende,
Para que ó Sol, e á ſombra te cantara.
Mas tudo quanto á em ti ſe nos defende,
A's palavras, ó eſprito, ó intendimento,
Que entaó neſtes dezejos mais ſe accende.
Filis, do Amor um ſó contentamento;
Como ſe á de eſperar, que tanto ouſemos,
S'inda em ti ſe embaraça o penſamento?
E ſe os olhos ouſados a ti erguemos,
Tanto eſtás ſobre tudo levantada,
Que de todo da viſta te perdemos.
Mas ſe acazo te deixas ſer olhada,
N'Alma imprimido deixas um dezejo
De todo tempo ſer d'ella cantada.
Sempre ſinto eſte em mim; mas em ti vejo
Tanto (quando do Ceo tanto me é dado)
Que naó ſei como ſiga o que dezejo.
Vejo em teus olhos ſempre o Amor armado,
Fere, e ſara d'alli; dá vida, e mata;
Tudo alli tem vencido, e ſugigado.
D'alli o mais forte peito desbarata,
Que nada tem contra elles reſiſtencia;
D'alli as vidas captiva, as Almas ata.
Vemos, que ó Amor dá tudo obediencia,

Mas

Mas Amor a ti, Filis, obedece,
Nem ſe vê nunca Amor em tu' auſencia.
Na tua graça, Filis, apparece,
A quem por grande dita chega a verte,
Um bem, que o mundo todo nom merece.
Ah' Filis! quem podera offerecerte
Verſos, que de ti vira recebidos;
Mas mal t'os darei taes, ſem intenderte.
Se eſpritos a taõ grande bem naſcidos
A' cá na terra, que ouzar tanto devaõ,
Eſtes te ſaõ a ti, Filis, devidos:
Eſtes a tanto o eſprito alçar ſe atrevaõ,
E no mundo derramem teus louvores,
Eſtes fallem, eſtes cantem, eſtes eſcrevaõ.
Cante-te rodeada dos Amores,
De Venus, e das Graças, e das Muſas,
Derramando em ti ſempre novas flores.
Como diante de ti ficaõ confuſas
Todas as outras raras fermoſuras,
Que em todo outro lugar ſeraõ Meduſas!
Como pendem de ti tantas venturas
Que de teus olhos ſó eſtaõ pendendo,
Eſperando onde os poens, onde os ſeguras!
Cantem o que de ti ſe eſtá intendendo
De deſcuido de tudo o que ſe eſpera,
Porque te eſtás de ti ſó merecendo.
Cantaraõ como nunca o Amor pudera
Ferir teu peito, e quantos outros vimos
A que ſó com tua viſta a morte dera.
Como quanto em ti vemos, quanto ouvimos,
Torna de todo branda a mór dureza,
Como após eſte ſom todos nós imos.
E diráõ, que do Amor a fortaleza
Em ti, Filis, eſtá continuamente,
E que onde nom eſtás tudo é triſteza.
Que em teu riſo nos abres novo Oriente

Que

Que torna o ar ſereno claro, e brando,
Contente o triſte, e alegre o deſcontente.
Que eſtás com tuas palavras eſpantando,
Mas muito mais com ſeus intendimentos,
Que mil vidas á morte eſtaõ julgando.
Que enredas no creſpo ouro os penſamentos,
E nelles tece Amor tantos cuidados,
Que ataõ mil Almas todos os momentos.
E os eſpritos que Amor tem nelle atados,
E de ſe verem aſſim taõ ſatisfeitos,
Que eſtaõ de tudo, Filis, deſcuidados:
E tuas obras iguais a teus conceitos,
Com a prudencia que ſempre em tudo uſaſte,
Guardando em quanto deves os reſpeitos.
Com eſpanto dirám como ajuntaſte
Tal cortezia, e authoridade tanta,
E como uma com a outra temperaſte.
Cantaraó, com que a todo eſprito eſpanta,
Teu eſtranho valor, teu alto preço,
De que todo alto ingenho ( ſe ouſa ) canta.
Cantaraõ tudo o mais, de que ó começo
Só chegaraó, por muito que ſe cante,
Em que eu, Filis, cuidar ſó naõ mereço.
E por muito, que o eſprito a ti levante,
Se tento teus louvores logo tremo,
Logo pareço nelles inconſtante.
Antes de calar ſempre quero o extremo,
Que mal cantado ſer de mim teu nome,
E o que dezejo mais muito mais temo:
Amor me diz, que eſte conſelho tome.

## *A' MESMA.*

## ELEGIA X.

FErmoſiſſima Filis, ah perdoa
Com taõ grande ouſadia aſſim chamarte
Um'alma, onde o teu nome ſempre ſoa.
Fermoſiſſima Filis, ſe eu contarte
Inteiramente o meu amor podera,
E quanto paſſo, e ſinto por amarte;
Taõ pouco ſentimento naõ ouvera
Em ti, que o mal que cauzas deſprezaras,
E que a dor, que me dás, naõ te doera.
Se como eu amo, Filis, aſſim amaras,
Como eu ſinto tambem, Filis, ſentiras,
E como eu choro aſſim, Filis, choraras.
Ah ſe o meu mal, ſe o meu cuidado ouviras,
E a verdade d'eſt'Alma clara e pura,
Quantas verdades claras em mim viras!
Mas minha cruel ſorte aſpera e dura,
Contraria de meu bem verte nom deixa,
O que em mim cauza tua fermoſura.
Deveras tirar Alma d'eſta queixa
Ouvindolhe o que paſſa, e o que ſente,
E tudo o de que ſempre ó Amor ſe queixa.
Mas indaque meu mal continuamente
Me trate, Filis, peior do que me trata,
Sempre o Amor eſtará n'Alma preſente.
Que Alma uma vez que a taes cuidados ſe ata,
E o eſprito que a tal Amor ſe prende,
Nunca ſe ſolta mais, nem ſe deſata.
Aſſim te amo, que um grande odio ſe accende
Em mim contra meu bem, porque o nom queres;
E quem mais m'o dezeja mais me offende.
Mas ah, Filis cruel, porque aſſim feres
Meu brando peito com teu odio duro,

Que

Que nom pode durar ſe o nom perderes?
Aſſim pagas um claro amor, e puro,
Que inda que nunca tua dureza cance,
Naõ deixará de ſer, como é, ſeguro.
Amanſe já tua aſpereza, amanſe
Teu duro deſamor, e ó ſofrimento
D'eſta Alma eſpaço algum dá, que deſcanſe.
Deixa-lhe já tomar, Filis, alento,
Para poder tornar a ſofrer tudo,
Por teu amor com mais contentamento.
Nom cuides, que por mim, Filis, acudo,
Trato ſó do que quer tua vontade,
Que contra mim tua ira ſempre ajudo.
Pois vês em mim taõ clara eſta verdade,
Porque me moſtras, Filis, aſſim clara
Com tanto deſamor tal crueldade?
Quem, Filis, algum tempo inda chegara
A ver tua dura condiçaõ mais branda,
Que tempo fora já que ſe mudára.
Ah que nom ſei ſe a dor mais ſe deſmanda
Do que deve; e ſe menos obedece
Do que o meu ſofrimento, e o Amor manda!
Tua condiçaõ nom é a que em mim parece,
Brandura é, Filis, ſua natureza,
Mas em mim tua brandura ſe endurece.
Nada em ti á que mova Alma a triſteza,
Mas eu mouro de triſte ſe te vejo,
Tendo em teus olhos ſó minha riqueza.
Será porque nom tenho outro dezejo
Senom poder a vida toda verte,
E de temer faltarme o que dezejo.
Se iſto pode ſer cauza de offenderte,
Ou te offende ver que Alma iſto dezeja,
Perdoa, que nom pode obedecerte.
Mas que perdes tu, Filis, que te veja,
E que viva de verte? Antes acude

O' que em mim falta, c'o que em ti ſobeja.
Sofre que Amor com teus olhos ajude
A viver quem ſó nelles buſca a vida,
Inda que em morte nelles ſe lhe mude.
Eſta nom tenho eu inda merecida
Se nom ſe por amor queres dar morte,
E á grande fé ſer mal agradecida.
E inda que iſto uſar queiras, minha ſorte
Sempre, Filis, terei por glorioſa,
E por mais branda a pena, e dor mais forte.
Dirſe á, que pela couza mais fermoſa,
Que o mundo vê, a vida ſe me gaſta,
E toda via lhe ſerá invejoſa.
Alma deſtes dezejos nom ſe afaſta,
Pois minha morte irá junta a teu nome,
E para quem buſca honra, iſto ſó baſta:
Amor me diz, que eſte conſelho tome.

## *A' MESMA.*

## ELEGIA XI.

PRudentiſſima Filis, em quem chove
Tantas graças o Ceo, tantas rarezas,
Que todo o eſprito a teu amor ſe move.
Em quem ſe virom juntas taes grandezas,
Taes maravilhas, que enchem de alegria
O peito todo entrado de triſtezas.
Quem o eſprito ó que entendes alçaria,
Que de amor naõ encheſſe, e de eſpanto o peito?
Quem o menos, que em ti á, intenderia?
Um ſaber de ſi meſmo ſatisfeito,
Taõ geral, taõ inteiro, e certo em tudo
Que aſſi ſó pode, e deve ter reſpeito.
Quem te ouvirá que nom ſe torne mudo?
Quem ante ti terá, Filis, eſprito?

Ou

Ou que peito ante ti naõ ſerá rudo?
Como nom dará a fama immortal grito
Em louvor immortal de quanto fazes,
Dino de ſer immortalmente eſcrito?
Com o muito com que a ti te ſatisfazes,
O intendimento, a voz, a maõ, e a penna
A teu louvor devidamente trazes.
Aſſim, Filis, em ti tudo ſe ordena,
Que enches de novo eſpanto toda a terra,
E a quem tanto naõ vê, de nova pena.
Tem já por ti continua, e dura guerra
O valor, a prudencia, a fermoſura;
Inda que, Filis, tudo em ti ſe encerra.
Cada uma em ti quer ſer mais clara e pura,
Cada uma em ti dezeja mais moſtrarſe,
E cada uma em ti eſtá inteira e ſegura.
Quanto d'elles depende em ti juntarſe,
Perfeitiſſima Filis, claro vemos,
E quantos bens no Mundo podem acharſe.
Que verſo, e canto já naõ deveremos,
Que louvor, que cuidado, e intendimento,
A quem o eſprito, a quem o Amor devemos?
Mas ah que entendes teu merecimento,
Sabes que tudo te é, Filis, devido,
E até na dor que dás contentamento.
Sabes quanto é melhor de ti intendido,
Que de nós, quanto em ti tem o Ceo juntado
Que a noſſo intendimento é defendido.
Sabes que quem te vê fica obrigado
Sempre a ſervirte, Filis, ſempre a amarte,
E occupar neſte amor ſempre o cuidado.
Sabes, que quem ſe occupa em ſó cantarte,
Mais que a ti a ſi meſmo enche de fama,
E que buſca louvor quem quer louvarte.
Sabes que quem teu nome ſempre chama,
Que para ſi procura nome, e vida,

E que quem naõ te amar, que ſe deſama.
Vês em tudo iſto que nom é devida
Tua memoria a ninguem, nem obrigada,
Filis, eſtás a ſer agradecida.
Mas ſeja de ti embora deſprezada
( Inda que niſto faça o que a ſi deve )
A voz, de que és, em vaõ, ſempre chamada.
Deſpreza o eſprito, que ſe a tanto atreve,
Que naõ avendo, Filis, quem te intenda,
De ti ouſadamente canta, e eſcreve.
Deſpreza o peito ( inda que ſó pertenda
Teu ſerviço ) que em ti ſó fallar ſabe,
E o cuidado, em que a tudo al ſe defenda.
O dezejo deſpreza, em que ſó cabe
Sempre ſervirte, ſempre poder verte,
E que ſó neſtes bens a vida acabe.
Podes, Filis, de tudo iſto offenderte
Mas nom te offenda um claro amor, e puro
Determinado a em tudo obedecerte.
Nom deſprezes amor, que o amor ſeguro
Naõ ſe quer deſprezado, nem merece
Teu brando peito achar contra ſi duro.
Nunca amor verdadeiro deſmerece
Um agradecimento verdadeiro;
Mas ah quam duramente eſte apparece!
Nom deixa de moſtrarſe o eſprito inteiro
Que os olhos volve um'hora brandamente,
A um claro amor, e em nada liſongeiro.
Mas tu, fermoſa Filis, cruelmente
O Amor deſprezas, tens em pouca conta
Quanto Alma te offerece fielmente.
Como juſto é que Amor padeça afronta?
E ſe Amor honra, que honras nom mereça?
Nem monte Amor, que tanto em tudo monta?
Appareça em ti, Filis, appareça
Brandura que honre Amor, e ſua verdade

Ver-

Verdade, e Amor bem é que ſ'agradeça.
Tudo pode uma grande authoridade
A um taõ grande valor nada lhe dana,
Nada eſcurece a grande claridade.
O meu eſprito, Filis, nom me engana
Que dentro em mim me eſtá ſempre dizendo;
Que és verdadeiramente mais que humana.
E que inda que te eſtê ſempre eſquecendo,
Nunca de teu Amor, nem de teu nome
A memoria um momento vá perdendo;
Amor me diz, que eſte conſelho tome.

## *A' MESMA.*

## ELEGIA XII.

Filis valoroſiſſima, a quem deve
Toda Alma, Amor, e todo o ingenho canto
Minh'Alma paga, o ingenho nom ſe atreve.
Filis, de quanto te amo nom me eſpanto,
Quizera amarte mais, o que me eſpanta
E' ſofrer ũa taõ fraca vida tanto.
Alma a teus penſamenros ſe levanta,
Com iſto a vida em ſua dor ſe engana,
A vida ſem ti chora, Alma em ti canta.
E quanto nom te ver, Filis, lhes dana,
Tanto cuidar em ti lhes aproveita,
Inda que em ti cuidar as deſengana.
Se eu viſſe a dor que paſſo ſerte acceita,
Inda que ſem remedio m'a deixaſſes,
Alma me deixarias ſatisfeita.
Se de minhas triſtezas te lembraſſes,
Filis, nom quererei outra alegria;
Ah ſe eſte triſte eſprito aſſi alegraſſes!
Paſſo a noute velando, paſſo o dia,
Mas Alma todo o tempo em ti cuidando,

Que

Que teu Amor em tudo tem por guia.
Cuido mil vezes em teu peito brando
Como de odios eſtá ſempre taõ cheo,
Contra quem a ti ſó eſtá ſempre amando.
Cuido que o que de ti intendo, e creo
E' tanto, que pouco é o que por ti ſinto,
E quanto te amo mais, mais te receo.
Quando algum grande bem, Filis, me pinto,
Naõ o imagino em vida, mas na morte,
Em que eu alegre já por ti conſinto.
Mas ſe me tu mudares minha ſorte,
E amparada de ti vir minha vida,
Que mal averá entaõ, que por mim corte?
E ſe é bem que ella ſeja de ti ouvida
Por dor, e por amor, e ſe mereço
Serme já de ti eſta honra concedida;
E ſe eu a vida a ti toda offereço,
Que perdes, Filis, em m'a ſuſtentares?
Que diminue aſſim teu grande preço?
Mil vezes de meus gritos encho os ares,
Mas nem aſſim do Amor ſom nunca ouvido,
E logo ſelo hey ſe m'eſcutares.
Ah que até de mi meſmo avorrecido
Ando, porque de mi tu te avorreces,
Nem me creo, pois nom ſom de ti crido.
Sempre a meus penſamentos appareces
Como de meu Amor toda indignada,
Pois te nom ſei amar como mereces.
Quanto eu paſſo, és de mi, Filis, amada,
Naõ julgues o que dou pelo que devo,
Por piedoſa te deixa ſer julgada.
Se tambem teu louvor mal canto, e eſcrevo,
Bem vez que todo o ingenho, e eſprito raro
Se atreverá taõ mal, como eu me atrevo.
Eſta falta a quem te ama cuſta caro,
Quem cantarte dezeja muito ſente,

Ser

Ser á ſua voz, e ingenho, Febo avaro.
Mas ſe eu ſom d'iſto menos deſcontente,
E' porque inda pouco é o favor de Apollo
Para ſeres cantada inteiramente.
Corre teu nome de um té outro Polo,
Voa do claro Tejo ó fámozo Indo,
Da fama, e Amor levado, nom de Eólo:
Um dezejo nas almas imprimindo
De ver eſſa tua nova ſermoſura,
Que antes de verte foi meu peito abrindo.
Já n'Alma Amor m'a tinha viva e pura,
Quando a verte cheguei eſta verdade,
Que de todo em te ver ficou ſegura.
Senti nos olhos nova claridade
Que inda nunca té entaõ nelles ſentira,
Senti n'Alma uma nova ſuavidade.
O mór eſpanto vi que nunca vira,
E que nunca cuidei, Filis, que viſſe,
E ó Ceo dei graças que tal luz abrira.
Quanto entaõ receei que inda ſentiſſe,
Tudo ſenti. Mas mais do que receas
A's de paſſar; o Amor logo me diſſe.
Tem em mim deſcuberto novas veas
De lagrimas, que cahem dentro em meu peito,
Que nom quer minha ſorte, que me creas.
Mas do que ſinto aſſim 'ſtou ſatisfeito;
Pois, Filis, teu Amor a iſſo me obriga,
Como que a ti, e á Amor o vira acceito.
Se já chamei a minha ſorte immiga,
Alma, que entende quanto me enganava,
Me manda que de todo me deſdiga.
A dor o intendimento me cegava,
Obedecia mais á dura pena,
Que ó Amor, e á rezaõ, que me enſinava.
Quem aſſi contra Amor ſe deſordena,
Que por contraria tem ſua ſorte boa,

So-

Sofra tudo o que Amor manda, e ordena.
Dentro em minha Alma, Filis, sempre soa
A tua fermosura, e o teu nome,
Que eu por ella terei louro, e coroa;
Amor me diz, que este Conselho tome.

## *A MESMA FILIS.*

## ELEGIA XIII.

NOm sei se de ti só, Filis, me queixe;
Se de mim, se do Amor, se da ventura,
Ou se de todo meus queixumes deixe.
Sinto a pena que passo aspera e dura,
Sem nunca me deixar um só momento,
Causada só de tua fermosura.
Vejo em mim sempre vivo o graõ tormento
Que em ti só tem remedio, e se me nega,
Nem vê úa só esperança o pensamento.
Verte, e nom verte, me desassocega,
Em nada posso achar, Filis, repouso,
E Alma já de cançada á dor se entrega.
Cuidar sómente em ti, Filis, nom ouso;
Mouro por ver-te, e nom espero tanto;
Nem no bem, nem no mal, Filis, repouso.
Só quando de teu nome escrevo, ou canto,
O meu damno sentir menos podera,
Dandote versos, voz, estilo, e canto;
Se para elles em ti brandura ouvera,
Que como os offereço os acceitara;
Mas que versos entaõ, Filis, te dera?
A voz a teus louvores levantara,
Sofrerame em meus danos, e queixumes;
Só teu nome escrevera, e só cantara.
Tomara luz dos teus dous claros lumes
Para seguir os teus claros louvores;

Mas

Mas ſegue Amor os ſeus duros coſtumes.
Temme entre dinas penas, vivas dores
De ti, fermoſa Filis, deſprezado;
Nem quer que inda de vivo tenha as cores.
Mas quaõ mal é, Filis, do Amor julgado,
Que quem ũa fermoſura vê taõ nova
Poſſa ſer de triſteza nunca entrado!
Fermoſura, que todo o eſprito approva
Por maior, por mais ſó, por mais perfeita;
E em que o Mundo ſe alegra, e ſe renova.
Fermoſura, que deixa ſatisfeita
Toda viſta, toda Alma, toda vida,
Por quem toda outra viſta eſt'Alma engeita.
Eſt'Alma, que por ti ſempre perdida
Anda, fermoſa, Filis, ſempre triſte,
Porque nom é de ti já ſoccorrida.
Vê como contra mim a triſteza inſiſte!
Vê como eſtá d'eſt'Alma taõ entregue,
Que até'qui neſte eſtado outra naõ viſte!
Quem averá que piedade negue
A tanta dor? E quem remedio certo
Nom dará a quem tal dano tanto ſegue?
Filis, eſte meu mal nom é encuberto,
Todos o vem, de todos é entendido,
Quantas vezes com elle deſconcerto.
Se me quero queixar ſom mais perdido,
Porque eu meſmo averei por deſatino
Queixarme, Filis, de mal por ti ſofrido.
E ſe de ti me queixo, a quem contino
Aprazer, grande Filis, ſó dezejo,
De te amar ſerei inda mais indino.
Que ſe eu em ti eſſa fermoſura vejo
Taõ deſuſada, taõ maravilhoſa,
Por cujo puro amor, Filis, me rejo;
Como ei de aver a dor por rigoroſa
Que de verte me nace, ſe ſó verte

M'a pode fazer branda, e piedoſa?
A minha ſorte, Filis, é quererte,
Iſto ſó ſei fazer, iſto ſó faço,
Nem teme o meu amor nunca offenderte.
De quanto te amo nom me ſatisfaço,
Nom te podendo amar mais do que te amo,
Nem perco d'eſte amor um breve eſpaço:
E ſe eu por eſte amor, Filis, me chamo
Mil, e mil vezes com razaõ ditoſo,
E quanto no Mundo á por ti deſamo;
Como poderei ſer de mim queixoſo?
Ou como nom ſerei de mim contente,
E meu nome averei por venturoſo?
Que quem teu brando amor no peito ſente,
Inda que o trate como duro e grave,
Toda dor paſſar deve alegremente.
E inda que verte, Filis, Alma aggrave,
E a poſſa encher de mil deſconfianças,
Tambem verte fará tudo ſuave.
Cuidar em ti deſtrue as eſperanças,
Mas eu no amor mal ſei ſó ajudarme,
Filis, de tuas dociſſimas lembranças.
E ſe iſto é aſſim, mal poderei queixarme
Do Amor que aſſim me trouxe a verte, e amarte,
Que nunca d'eſte amor poſſa ſoltarme.
Se quizeres, ah Filis, ſó lembrarte
Que naõ te ama eſte eſprito, porque eſpere
Poder com meu amor inda abrandarte.
Que nada á em ti, que nom me deſeſpere,
Tudo me dana, tudo me atormenta,
Tudo, Filis, eſpritos, e olhos fere.
Mas d'eſte dano aſſim Alma ſe contenta,
Que a troco de te ver na vida um'hora
Devendoo de temer, ſe lhe apreſenta.
Amote, Filis, por me nom ver fora
D'um amor taõ devido ó que em ti vemos,

Que

Que a tudo com razaõ vence, e namora.
Amote, Filis, porque mais extremos
Juntos em ti ſe vem, (e nom me engano)
Que em quantas fermoſuras ver podemos.
E inda que ſó te veja de anno, em anno
Ou de mil em mil annos, me reparo,
Filis, de toda perda, e todo dano.
Rezaõ, e Amor me moſtraõ niſto claro,
Que da ventura queixarme nom devo,
Pois em ti contra a dor me deu reparo.
E pois te moſtrou, (mas nom me atrevo
A cuidar, que te vi, por nom correrme
De quaõ indinamente de ti eſcrevo.)
De nada quero já, Filis, valerme,
De nada já ter queixas, Filis, quero;
Amote, e baſta para engrandecerme.
Venha quanto vier naõ deſeſpero
De ſofrer bem de Amor a dura guerra,
Antes tudo per ti contente eſpero,
Filis, a mais fermoſa que á na terra.

## *A' MESMA FILIS.*

## ELEGIA XIV.

QUe poſſo, Filis, ver, que me contente?
Que pode Alma ſentir, de que nom moura
Vendome d'eſſes teus olhos auſente?
D'eſſes teus olhos, onde ſe entheſoura
Do Amor, e Fermoſura a mór riqueza,
Mais clara, que o fermoſo Sol, mais loura.
Tudo é em mim, ſem te ver, dor, e triſteza;
E quanto em ti mais cuida o penſamento,
Sinto n'Alma por ti mais aſpereza.
Nom ſe me paſſa nunca um ſó momento,
Que nom ſe repreſente a meu cuidado,

Que

Que em ſó verte eſtá meu contentamento.
Que farei, Filis, neſte triſte eſtado,
Se vendo que ſó meu remedio é verte,
Me vejo de tal bem taõ apartado?
Se Amor, Filis, quizeſſe hora dizerte,
Qual me tem meu cuidado, e meu dezejo;
Quiçá que poderia a dor moverte.
De tudo o que aqui vejo, nada vejo,
Nada que ouça é de mim, Filis, ouvido;
A todo outro cuidado Alma tem pejo.
Todo eſtou em amante convertido,
E na dor de nom verte a mil tormentos,
Que nacem d'eſta dor, offerecido.
Sempre me occupaõ triſtes penſamentos
Desque, fermoſa, Filis, te apartaſte:
Quanto a voz ſoa ſaõ triſtes accentos.
Triſte ſem ti, e eſcuro eſte ar deixaſte,
Que onde teus olhos faltaõ tudo é triſte:
Naõ é aſſim neſſa parte que buſcaſte;
Neſſa que com teus claros olhos viſte,
Neſſa que com teus olhos vês, e aclaras;
Mil fermoſuras, Filis, repartiſte.
Vemſe as nuvens alli puras e claras,
Variadas de mil alegres cores,
Que onde, Filis, eſtás tudo reparas.
A terra ſe enche de diverſas flores,
Alli ſe vê a brandura, alli a alegria;
Alli o Amor, as Graças, e os Amores.
Alli ſe moſtra mais fermoſo o dia,
E Febo inda que claro, inda que louro;
Mais claro com teus olhos alumia.
Eu que ſó nelles tenho meu theſouro,
Sem os ver, nem ſómente ſei que faço;
Nem ſei, Filis, ſe vivo, nem ſe mouro.
Mas ſó ſei, que nada ſatisfaço
Meu eſprito, que ſo verte dezeja;

E

E por mil annos julga um breve eſpaço.
Se nom te vejo, que verei que ſeja
Remedio á grave dor, e á dura pena
Que a vida me atormenta, Alma me peja.
Tua auſencia eſte mal, Filis, me ordena;
Matame com te ver, nom me dês morte
Com mal, que mais que a morte me condena.
Eu nom naſci para pequena ſorte,
Pois naſci para verte, e para amarte,
Naõ á mal, que eſte amor, Filis, me corte.
Bem te poſſo eu nom ver, mas nom deixarte
De amar com vivo amor, fé clara e pura,
Inda que nunca mais eſpere olharte.
Quem vê uma vez taõ grande fermoſura,
Nem tempo, nem auſencia, nem dor grave,
Lhe faz Alma no amor menos ſegura.
Rezaõ á, Filis, já que dezaggrave
Tua viſta a quem ſó por ella eſpera,
Para tudo lhe ſer doce, e ſuave.
Ah ſe taõ grande bem já o Ceo nos dera,
Que viramos teus olhos taõ fermoſos,
Sem cuja viſta eſt'Alma deſeſpera!
Acude a mil eſpritos ſaudoſos,
Filis, de quanto em ti ſe vê, e s'entende,
E de tua auſencia triſtes, e queixoſos.
Fermoſiſſima Filis, naõ te offende
A natural brandura o grave dano,
Que tem de nom te ver quem de ti pende?
Nom vês que um ſó momento é mais que um anno
Sem te ver, a quem niſſo eſpera a vida,
Como eu que em 'ſperar verte a paſſo, e engano?
Mas devias ſer já, Filis, vencida
Da tua companhia doce e branda,
Em teu amor inteiramente unida.
Vê como triſte por ti, Filis, anda,
Chea de dor, e ſaudades puras,

Com

Com tua vista a saudade, e dor lhe abranda.
Eu digo aquellas raras fermosuras
Que á noute, e ó dia vem, Filis, comtigo
Das quaes pendem mil vidas, mil venturas.
Aquelle, em que Amor é grande imigo
A mil espritos d'ellas desprezados,
Que estaõ sempre em contino, e graõ perigo.
D'ellas teus olhos saõ, Filis, chamados,
Tambem de fermosuras és amada,
Uns de outros os divinos saõ amados.
Vem, Filis, Filis, vem. Ah taõ chamada
Como nom vens? Vem, Filis. Ah nom tardes;
Porque esta vida á morte condenada
Sem te ver, com te ver, da morte a guardes.

## *A' MESMA FILIS.*

## ELEGIA XV.

GRandes, brandas, e claras fermosuras,
Com cujos olhos o Amor pode tanto,
Que abranda as pedras asperas e duras.
Em quanto alegre minha gloria canto,
Pois tambem tendes parte nesta gloria,
Ajudai com prazer meu ledo canto.
Já Filis vem, por quem minha memoria
Triste, e queixosa andava justamente,
Comsigo da tristeza traz victoria.
Cada uma em rosto alegre, e Alma contente
Cheas de novo amor, nova alegria,
Este bem esperai té'gora ausente.
Em seus olhos vereis chegar o dia.
Em seu rosto a manhãa fermosa e clara,
E em tudo o seu docissima harmonia.
Alegres esperai aquella rara,
Antes aquella só Filis fermosa,

Dis

Dina que todo o eſprito alto a cantara.
Nella vereis a neve, e nella a roſa,
E nella ouro, rubis, e perlas finas,
E em tudo ũa fermoſura milagroſa.
E mil graças na terra peregrinas,
De todo o intendimento bem julgadas
Nom por humanas ſó, mas por divinas.
Graças, que aſſi mil Almas tem atadas,
Graças que preſas tem a ſi mil vidas,
A ſeu ſerviço, e amor ſempre obrigadas.
Deſte devido amor tambem vencidas,
Eſperai eſta nova fermoſura,
Em quem mil perdas ſaõ reſtituidas.
Nella vereis amor, nella brandura:
Mas nella vê ſempre odio, e vê dureza,
Quem tem em ſeu amor Alma ſegura.
Nom vedes ida já daqui a triſteza,
Dos olhos fermoſiſſimos temida
De Filis? Já no ar outra pureza?
Nom vedes do prazer a dor vencida?
Nom vedes Muzas já, Graças, e Amores?
Nom vedes ida a morte, vinda a vida?
Signaes, que chega já. De alegres cores
Ornadas a eſperai: O prazer ſoe:
Orneſe o ar de cheiro, o chaõ de flores.
Alegres cantos toda a voz entoe:
Seja ſempre eſte dia bem cantado;
E d'elle a toda a idade a Fama voe.
Com nova gloria, e nova honra illuſtrado
Seja ſempre eſte dia venturoſo,
Em que é tal bem a noſſos olhos dado.
Onde Filis eſtá, tudo é fermoſo,
Inda que ella é fermoſa mais que tudo;
Mas onde nom ſe vê tudo é queixoſo.
Para d'ella cantar o ingenho é rudo,
Inda que vêla apura o intendimento,

E quem melhor a vê fica mais mudo.
Se de nom ver a Filis um momento
Pode tanto, que a vida á dor se rende,
Inda que sempre a veja o pensamento:
Quando escondida a tanto tempo offende
A quem sempre seus olhos ver dezeja,
Outra dor cauza que se nom comprehende.
Daqui se julgará quaõ grande inveja
Devo ter a quem pôde ver téᶜgora
A vista de que Amor quer que me reja.
A vista, onde esta vida, e Alma mora,
Donde tudo o que espero está pendendo,
E de que a mesma Filis se namora.
Fermosuras que o mundo estais vencendo,
A vossa Filis vem de vós amada,
Alegrias lhe estais grandes devendo.
A grandissima Filis sempre ornada
De valor, cortezia, e authoridade,
De grande intendimento acompanhada.
A clarissima Filis, que a esta idade
Dá grande nome, e dará sempre fama,
A que dará seu nome claridade.
A bellissima Filis, que derrama
De seus olhos por onde os vai mostrando
Graça, que sem querer tudo a si chama.
Por onde passa vem tudo illustrando,
Faz a terra fermosa, o ar serena,
E tudo com seus olhos vem honrando.
Accrecenta o prazer, suspende a pena;
A quem a nunca vio dá novo espirito;
A voz a seus louvores move, e ordena.
Pode dᶜelles encher a todo o escrito;
Os baixos pensamentos alevanta;
Quanto emfim faz nom pode ser escrito:
Já nos vem; já vos torna; já Amor canta,
Porque vem; porque torna; porque verse

Pos-

Posſa a força, com que Alma mil encanta.
E porque ninguem ouſe defenderſe
Vendo eſta fortaleza da ſua guerra,
Contra a qual nom á quem baſte a valerſe.
Porque uma fermoſura onde ſe encerra
Quanto uma fermoſura tem inteira,
Se conheça quanto honra, e illuſtra a terra.
E que naõ pode aver taõ liſongeira
Condiçam, que por mais que d'ella diga,
Nom ſe tenha por certa e verdadeira.
Já tendes Filis ſempre branda, e amiga
A vós, a ella tambem brandas, e amigas;
Nom ſeja a meu eſprito dura e imiga;
A outros mil naõ ſejaes duras e imigas.

## *A' MESMA FILIS.*

## ELEGIA XVI.

SE eu podera moſtrar meu penſamento,
E dizer tudo o que Alma por ti ſente,
Sem do Amor perder nunca um ſó momento;
Que eſprito mais que o meu fora contente?
Que mal podera ſer de mim ſentido,
Que o nom paſſara branda, e alegremente?
Que inda que nunca fora de ti crido
Para ſer de ti, Filis, remediado,
Podera ó menos ſer de ti intendido.
Viras o meu amor, e o meu cuidado,
E a ſegura firmeza, e ſaã verdade
De que eſte peito eſtá ſempre guardado.
Viras uma clariſſima vontade
Para nunca deixar, Filis, de amarte,
Inda que em ti nunca ache piedade.
Mas tambem temo muito, Filis, darte
A intender quanto peno, e quanto te amo,

Porque nom posſa com rezaõ culparte.
Que ſe eu por ti ſempre o meu bem deſamo;
Se porque mal me queres, mal me quero,
Na mór pena, mais no amor me inflammo.
Se inda que de ti, Filis, deſeſpero,
Rezaõ que deſeſpere me parece,
Naõ deve crerſe que culparte eſpero.
Já eſte amor úa brandura te merece,
Mas contra elle mil culpas imagino
Com que venho a cuidar, que a deſmerece.
Sempre é num ſer o meu amor contino,
Nom pode ſer maior; e eu inda creo,
Filis, que o nom ſer mais, o faz indino.
De mim mais que de tudo me receo,
Eu ſom o que me dano, e o que me offendo
E contra o meu amor aſſim me enleo.
Mas cançame iſto, Filis, ó que intendo,
Que nom eu ſó, mas todo o mundo deve
O' que em ti vejo, e ouço, e naõ comprendo.
Quem nunca a viſta em ti ſegura teve
Que a nom viſſe perdida do teu raio?
Quem ſem dano a cuidar em ti ſe atreve?
Nunca te vejo, Filis, ſem deſmaio
Do eſprito, que ante ti logo ſe rende,
Mas de um amor ſeguro nunca caio.
Alma do que em ti vejo amante apprende,
E inda que a deſeſpera o que em ti vejo,
Nunca a grandeza d'eſte amor offende.
Mil vezes contra mim, Filis, pelejo,
Porque ás vezes me queixo de meu dano,
Sendo-me elle por ti prazer ſobejo.
Mas creçaõ ſempre, Filis, d'anno em anno
Quantos danos por ti alegre padeço,
Nunca averei, que d'os ſofrer me engano;
Nem crerei, que lembrarte ſó mereço.

A

## *A' MESMA FILIS.*

## ELEGIA XVII.

AH Filis, Filis, em quem ſempre vemos
Taõ grande, e taõ inteira fermoſura,
Ornada de grandiſſimos extremos!
Nom é rezaõ que em tanta deſventura
Deixes morrer quem vive de quererte,
E tem morrer por ti por graõ ventura.
Senom baſta um Amor puro a moverte,
Senom baſta uma dor n'Alma contina,
De tua condiçaõ deves vencerte.
A tua condiçaõ branda e divina,
Uſada ſempre, Filis, a branduras,
Como contra o Amor ſempre ſe inclina?
Um Amor que nos olhos teus apuras,
Te merece já, Filis, que lhe abrandes
Suas triſtezas aſperas e duras.
E que á ſu'Alma de teus olhos mandes
Algũa ſuavidade, em que reſpire
De ſeus tormentos ſempre por ti grandes.
Quem, Filis, averá que nom ſuſpire
Por eſta doce e branda ſuavidade?
Quem, que ſentindoa, a outra nunca aſpire.
Se acazo deſcuidada, e ſem vontade
De obrar com tua viſta, os olhos viras
A quem morre por ver ſua claridade;
De ſu'Alma as triſtezas todas tiras,
E parece que toma nova vida,
E contra a dor novo animo lhe inſpiras.
Fermoſiſſima, Filis, ſe vencida
De piedade quizeſſes um momento
Ver quem Alma por ti traz eſquecida;
Que farias em ſeu intendimento!

De que novos eſpritos o encherias !
Quanto levantaria o penſamento !
De quaõ maravilhoſas alegrias
Seu eſprito ſeria todo cheo !
Como contra mil danos o armarias !
Ah Filis ! Filis , por quem tudo feo
Julgo quanto no Mundo é mais fermoſo ;
Nada eſpero de ti , muito receo.
Anda ſempre eſte eſprito ſaudoſo
De ver eſſes teus olhos , onde vejo
O Amor em tua brandura rigoroſo.
Nom faça tanto mal taõ bom deſejo ;
Nom peço que me vejas ; verte deixa ;
E niſto , Filis , ei quanto deſejo.
Mas inda aſſim de ti nunca ſe queixa
Alma , inda que nom queres que te eu veja ;
Só de mim em meu mal é minha queixa.
Mas quem aſſim me vê , Filis , dezeja
Que moſtres teu poder contra eſta morte ,
Que a vida , ſem te ver , me cança , e peja.
Mas cada vez meu mal fazes mais forte ,
Deveſme de valer em quanto é tempo ,
Nom queiras , que tal nome , com tal ſorte ,
De idade a idade vá , de tempo a tempo.

## *A' MESMA FILIS.*

## ELEGIA XVIII.

VEjo em ti ſempre , Filis , ũa brandura
Natural , que nacco logo comtigo ,
De que ornada ſempre é tua fermoſura.
Mas nace d'ella ás Almas mór perigo ,
Que de aſperezas de outras fermoſuras ;
Com ella o Amor ſe moſtra mais imigo.
Saõ aſperas , faõ graves , e ſaõ duras

As

As penas, que eu por ella eſtou ſentindo:
Quem vio nunca aſperezas de branduras?
Eſtou commigo meſmo deſavindo,
Porque me queixo que acho em ti aſperezas;
E eu por ellas de tudo ando fugindo.
Queixome de odios teus, e de triſtezas
Cauzadas d'elles, Filis, e de danos,
A que ás vezes dou nome de cruezas.
Mais me poſſo queixar de meus enganos,
Que como intender devo nom intendo
Teus grandes, e altos dons, e ſobrehumanos.
Mas nom cuide ninguem, Filis, que offendo
A tua fermoſura, e tua grandeza
Co' as queixas, com que o ar eſtou rompendo.
Que ſe me queixo de odio, e de aſpereza;
Se digo que outros mil danos me fazes;
Se choro, que Alma me enches de triſteza;
Se me eſpanto de ver que nom refaze.
Eſta vida por ti quaſi gaſtada,
Mas cada vez em mór perigo a trazes:
Nom é, Filis, por verte ſó lembrada
De fazer todo o mal que poderias,
A eſt'Alma em teu amor ſempre occupada.
Nem que a deſprezes, Filis, nem te rias
Do mal que por ti paſſa, e por ti ſente
Chorando as noites, ſuſpirando os dias.
Nem porque a trates dura, e aſperamente,
Que nunca és de aſpereza taõ vencida,
Que uſes do que a brandura nom conſente.
Queixome de te ver ſempre eſquecida
D'eſt'Alma ſempre a ti, Filis, ſujeita,
D'eſt'Alma de ti, Filis, nunca ouvida.
E queixome de ver, que nom acceita
Tua vontade eſte amor taõ claro e puro,
Que em tudo á tua vontade ſe ſujeita.
E queixome de verte taõ ſeguro

Eſ-

Eſſe eſprito contra eſta sáa vontade
De teu amor, em que eu o eſprito apuro.
E de ver, que por mais, que Alma a ti brade,
Por mais que em teu amor arça eſte peito,
Por mais que por ti negue a liberdade:
Sempre de tua brandura um brando effeito
Me negas, Filis, com que me deixaras
De muitos mais cuidados ſatisfeito.
Se da triſteza aſſim me levantaras
O' prazer de te ver para mim branda,
Filis, que novo eſprito em mim crearas!
Se eſte deſejo muito ſe deſmanda,
Ou perdoa, ou caſtiga o atrevimento:
Tudo em mim tua vontade pode, e manda.
Mas teu deſcuido, e ſeu eſquecimento
Effeitos fazem de aſpereza, e ira,
Em quem ſempre em ti tem ſeu penſamento.
Quem por ti chama, quem por ti ſuſpira,
Quem por ti cheo eſtá de ſentimentos,
Quem por ti de ver mais os olhos vira;
Nom de aſperezas Filis, nem tormentos
Se queixa, que os nom uſas, ſó tem queixas
De teu deſcuido, e teus eſquecimentos,
Com que em pena, e em tormento igual o deixas.

## *A MESMA FILIS.*

## ELEGIA XIX.

APos o Veram brando, o Inverno duro
Começa triſte, e cheo de aſperezas,
Importuno, pezado, frio, e eſcuro.
Entra o tempo com furias, e bravezas
Na terra, n'agoa, no ar faz movimentos
Que ameaçaõ mil danos, e triſtezas.
Revolvem tudo os furioſos ventos,

E parece que tem aſpera guerra
Uns com outros os grandes elementos.
Nais pezada ſe torna, e grave a terra,
E tudo quanto de antes produzia
Nega, e dentro em ſi meſma eſconde, e encerra.
O que hora ós olhos moſtra, o que hora cria,
Tojos, eſpinhos, cardos, e ſeccura,
Tudo alheo de graça, e d'alegria.
Ceſſou aquella varia fermoſura
De differentes roſas, varias flores
De que ſe ornaõ as plantas, e a verdura.
Das fontes nom taõ claros os liquores
Correm, como corriaõ; turvo é tudo;
Tem as aves ſilencio em ſeus amores.
Seu brando canto eſtá de todo mudo,
E ſó das triſtes ſe ouve o triſte canto,
Que eu com meus triſtes verſos ſigo, e ajudo.
O vento enche no mar de medo, e eſpanto
Aſſim o déſtro, e esforçado navegante,
Como o que nom intende, ou ouſa tanto.
Ora as ondas com furia leva avante,
Ora as contraſta, e força que uma deça
O' mais fundo, e outra ás nuvens ſe levante.
Nom á couſa, que triſte nom pareça,
Tanques, fontes, ribeiras, mares, lagos,
Nem peito, que de os ver naõ ſe entriſteça.
Todo o mundo padece mil eſtragos
Da graõ força dos ventos poderoſos,
Mais livres, mais ſoltos, e mais vagos.
Os Ceos puros claros, e fermoſos,
Saõ de nos viſtos menos livremente
Com a groſſura dos ares rigoroſos.
O clariſſimo Sol reſplendecente,
Todo d'eſcuras nuvens encuberto,
Deixa com menos luz a humana gente.
A lũa inda que a nós anda mais perto,

Tam-

Tambem c'os tempos triſtes, e cerrados,
Já ſeu lume nom dá taõ deſcuberto.
De trovões os ouvidos atroados,
Os olhos de relampados vencidos,
Os ares de chuveiros carregados.
Mil outros danos ſaõ viſtos, e ouvidos
No triſte Inverno duro, e grave imigo,
Que inda que coſtumados ſaõ temidos.
Mas entre tanta dor, tanto perigo,
Que pode aver na terra taõ ſuave
Em que ſe ache á triſteſa brando abrigo?
Senom nuns olhos onde Amor a chave
Tem do que pode, e onde Alma ſatisfeita
Fica, por mais que Amor a offenda, e aggrave
Senom n'uns olhos porque Amor engeita
Toda outra viſta, e ſó nelles deſcança,
Nelles, onde a mór dor logo é desfeita.
Só nos olhos de Filis, onde amanſa
O Amor a ſua mór ira, e aſpereza,
Inda que elle de uſalas nunca cança.
Que tormento, que pena, que triſteza
Lembrára a quem aquelles olhos vira,
Por quem eſt'Alma o mundo já deſpreza?
E quem para ſi brandos os ſentira,
Que outro contentamento lhe lembrara,
Que podera aver no mundo, que ouvira?
Inda que o tempo tudo tranſtornara,
Inda que o tempo tudo revolvera,
Neſtes olhos a tudo ſe furtara.
E por mais, que no mundo acontecera,
De quanto pode dar a imiga ſorte,
Neſtes olhos a tudo ſe eſcondera.
A brandura de Filis é mais forte
Que quantas forças n'outros olhos vemos;
Como ſua aſpereza é mais que morte.
De ſeus formoſos olhos ver podemos

(ie

( Se ella quer ) mil effeitos d'elles dinos,
Que nunca em outros vimos, nem veremos.
Mas noſſos olhos ſaõ dos ſeus indinos;
Aſſaz tem quem um'hora os vê na vida,
Que os grandes bens nom podem ſer continos.
Viſſeos eu um momento, e foſſe ouvida
De mim ſua voz, d'eſte contentamento
Fora a vida a mil bens reſtituida.
Mas ah que annos faraõ eſte momento!

## *A' MESMA FILIS.*

## ELEGIA XX.

APos o Inverno duro, o Veraõ brando
Começa alegre, e cheo de branduras,
Vaiſe com elle o anno renovando.
Traz o tempo alegrias, e freſcuras
C'o a branda alegre, e ſuave Primavera,
Chea de differentes fermoſuras.
Tudo o que triſte, tudo o que ſeceo era
Se alegra já de novo, e reverdece;
Ah ſe o meſmo eſte eſprito uſar podera!
Já de mil varias flores apparece
A terra toda ornada, e taõ fermoſa
Que ó Ceo com ſuas eſtrellas ſe parece.
No roxo lirio, e na purpurea roſa,
No alvo jaſmim, no goivo miſturado,
Na amarella gieſta, e bem cheiroſa.
E em outras muitas flores, de que ornado
Vem o doce Veraõ claro e fermoſo,
Vêſe o Ceo mais benino e temperado.
Tudo é mais claro, tudo mais luſtroſo,
Quanto hora cria a grande natureza,
Mais brando, mais ſuave, e mais cheiroſo.
Fugio já aquella furia, e aſpereza

Do

Do Inverno, ante o Veraõ, que a deitou fora
E venceu co' a brandura ſua dureza.
A fermoſura da fermoſa Aurora
Sempre fermoſa, clara, e ſempre pura
Mais fermoſa, mais clara, e pura é agora.
Traz o dia outra nova fermoſura,
E' fermoſa a manhã, fermoſa a tarde,
Fermoſo o Orizonte, e fermoſa a altura.
A noite em taõ fermoſos lumes arde,
Que pode competir c'o claro dia;
Nace mais cedo o Sol, poemſe mais tarde.
A agoa nom corre já como corria
Eſcura, e turva; mas já pura, e clara,
Enche os ouvidos, e olhos d'alegria.
O fermoſo Veram tudo repara,
Dá a tudo novo fructo, e nova vida;
Faz liberal a terra, antes avara.
E' já das aves docemente ouvida
Aquella branda muſica, e ſuave,
Que lhes tem natureza concedida.
Ouvemſe hora em ſom brando, hora em ſom grave
Seus queixumes cantar, e ſeus amores,
Que nom á a quem o Amor nom dane, e aggrave.
Entre as folhas das arvores, e as flores
Da graõ força da calma ſe defendem,
Nem temem já do Inverno alli os rigores.
Umas a outras parece que ſ'intendem,
Que hora ũa canta, hora outra lhe reſponde,
Ora juntas no canto mais ſe accendem.
Mas que parte aver pode no mundo, onde
Do Veram a brandura nom ſe veja?
E á ſua fermoſura que ſe eſconde?
O mar que contra ſi meſmo peleja
Da gram força do Inverno taõ movido,
Que inda té os altos ares rompe, e peja:
Do brando tempo ſeu furor vencido,

Se

Se vê já taõ quieto, e já taõ manſo,
Que parece que nunca foi temido.
Correm os brandos ventos manſo, e manſo,
E os de maior rigor, e mais forçoſos,
Parece que buſcaraõ já deſcanço.
Os Zefiros ſuaves e amoroſos,
Sem furia, ſem rigor, mas brandamente
Contra a força do Sol ſaõ poderoſos.
No trabalho que mais cança, e ſe ſente,
Daõ ó que o ſente, e paſſa novo alento,
E lh'o fazem paſſar mais facilmente.
Mais claro o fermoſiſſimo ornamento
Do claro Ceo, ſe vê reſplendecendo,
Sem nada que dê á viſta impedimento.
Ora as fermoſas nuvens ſe eſtaõ vendo,
Que do fermoſo Sol todas ornadas,
Vaõ d'elle varias cores recebendo:
Verdes, azuis, roxas, e encarnadas,
De prata, e de ouro, brancas, e amarellas;
Outras de muitas cores variadas.
Vemſe, com graõ prazer da viſta, entre ellas
Fermoſiſſimas formas differentes,
Fermoſo é tudo quanto ſe vê nellas.
Mas como podem nunca ſer contentes
Os olhos, inda que tudo iſto vejaõ,
Se dos olhos de Filis forem auſentes?
Os eſpritos que a Filis ſó dezejaõ,
De nada ſaõ ſem Filis ſatisfeitos,
Nem no mundo á ſem Filis de que o ſejaõ.
Nenhuns contentamentos ſaõ acceitos
A quem úa vez a vio, ſe de a ver deixa,
Por improprios os tem, por imperfeitos.
Quanto ſem Filis vejo é dor, e queixa;
Aſſim o ſinto neſt'Alma, que ſem ella
Sempre em tudo ſe doe, ſempre ſe queixa.
Nella vê o que dezeja, e vê ſó nella

Me-

Maravilhas grandiſſimas, e eſpantos;
E cheo o mundo eſtá d'elles, e d'ella.
Mas como os olhos poderáõ com tantos
Bens, como em Filis podem ſempre verſe;
Dinos de raros, graves, e altos cantos?
Mas quem pode tambem tanto atreverſe,
Que veja, ſem ver Filis, outra couſa?
E vendoa de que dor pode temerſe?
Vendo ſua fermoſura ſó repouſa
Eſt'Alma que eſtá d'ella ſempre chea,
E inda que a teme, em al cuidar nom ouſa.
Em nenhuma outra fermoſura alhea
De todas as que o mundo mais approva,
Como ſó neſta a viſta ſe recrea.
Nada que ós olhos moſtre o tempo eſtrova
O penſamento, que Alma tem contino
Na viſta em que me a vida Amor renova.
E' das mercès do Ceo o mundo indino,
Darnos Filis, do Ceo é mercê grande,
Cuidar que ſe merece, é deſatino.
Mas inda o largo Ceo mil annos mande,
Que eſta fermoſa Filis honre a terra,
A cujo nome tudo o Amor abrande.
Quanto n'uma perfeita Alma ſ'encerra,
Em Filis juntamente tudo vemos,
E tudo quanto pode Amor em paz, e em guerra.
Quanto de antigas fermoſuras lemos,
Quanto ſe vio em todas as que vimos,
Em ſua fermoſura junto o temos.
Quando ſua doce, e branda voz ouvimos,
Que Zefiro mais brandamente ſoa?
Em que outro ſom taõ graõ prazer ſentimos?
Nelle o famoſo Apollo a voz entoa,
Nelle tempera a ſua branda lira,
Nelle eſtá prezo Amor, e co' elle voa.
Neſte ſom a cançada Alma reſpira,

Se

Se acaſo, e por graõ dita, ouvilo acerta,
E a eſte contentamento ſempre aſpira.
Se eu na vida tivera um'hora certa
De ver, e ouvir a Filis, (ah que Filis!)
A vida naõ julgara por incerta,
Em quanto ver, e ouvir podera a Filis.

## *PENAS AMOROSAS.*

### ELEGIA XXI.

DEs que meus olhos nom vem
Outros, que ſempre Alma vê,
E' a mór pena que tem,
Cuidar eu que nom na crê
Quem crêla mais me convem.
Se tanto mal chego a crer,
Té que da vida os deſpojos
Venha a morte recolher,
*Yá nunca verán mis ojos*
*Coſa, que les dê placer.*

Se Alma tanto mal duvida,
Nom tendo com que encobrir
Verdade taõ conhecida,
E' porque por mais ſervir
Deſejo de ter mais vida.
Mas na que agora me enoja
Com quanto mal ſe me ordena,
Que em mim todo o bem deſpoja,
*Todo me canſa, y me pena*
*Nó ſé que remedio eſcoja.*

Entreterme com a lembrança
Do bem, que vi, que nom vejo,
Que nenhum juizo alcança,

E' dar mais a meu desejo,
Menos á minha esperança.
Taõ mal com ella me avenho,
Que nella inda cuido a medo,
Vencido da dor que tenho
*Quiero dormir, y nó puedo*
*Que el Amor me quita el sueño.*

Cançado as vezes da dor
Repouso o esprito deseja,
Mas logo me estorva Amor,
Porque em mim a sinta, e veja
Com mais aspero rigor.
Vaise assim Alma abrazando
Perdido todo o socego,
A que acudo em vaõ gritando.
*Soccorred con agoa al fuego,*
*Ojos, á prieſſa llorando.*

A lagrimas os convido
Para abrandar este fogo;
Nom som dellas soccorrido,
Porque sempre acho a meu rogo
O duro Amor escondido.
Soccorreime nesta pena
Que a todas se desiguala,
Entender de quem m'a ordena,
*Que ni tiene cosa mala,*
*Ni le falta cosa buena.*

Por ella, inda que a ventura
Me dê causas de queixarme,
Sinto a pena por brandura,
Por mais que sinta levarme
De dor grave aspera, e dura.
E está meu intendimento

(Ina

(Inda que em meu mal penoſo
Me tem meu grave tormento
*De mi ventura quexoſo*)
*De quien mi aggravia contento.*

Só da ventura que auſente
Me tem, com rezaõ me queixo,
Pelo muito que Alma offende;
Mas nom de quem nunca deixo
De amar auſente, e preſente.
O eſprito me deſampara
No que a auſencia faz ſentir,
Que é mal que naõ ſe compara,
*Quien llamó al partir, partir,*
*Erróle el nombre á la clara.*

Devera chamar-lhe morte
Eſcondida em vida triſte;
Ou aſpera e dura ſorte,
A que a vida naõ reſiſte,
Porque Amor a faz mais forte.
Nom á a tal mal reſiſtencia,
Nem á vida onde á tal dor,
Nem tal dor com paciencia,
*Ni pena dó nó ay Amor,*
*Ni mal dó nó ay auſencia.*

D'eſta a contina triſteza
Que a triſte vida me gaſta,
Baſta para ſer crueza,
Para me matar naõ baſta,
Por uſar mais aſpereza.
Mas ſe Amor quer que aſſim pene,
E que mais a dor me aperte
Porque mór mal ſe me ordene;
*Pues nó mejora mi ſuerte.*

*Preſto morir me conviene.*

Eſte bem a meu mal falta,
Porque venha a faltar tudo,
E Alma aſſim ſe ſobreſalta,
Que hora grito, hora ſou mudo,
Hora a voz é baixa, hora é alta.
Choro o tempo que perdi
Fermoſo, brando e ſereno,
Só pelo que nelle vi;
*Tiempo bueno, tiempo bueno,*
*Quien te me llevou demi?*

Com rezaõ bom tempo digo
Aquelle em que meu bem via,
Inda que ſempre em perigo
Alma por elle ſentia,
Tendo o Amor por duro imigo.
Agora mouro vivendo,
Som de triſtezas captivo,
E c'o mal que eſtou ſofrendo
*Ay que viviendo nó vivo!*
*Ay que nó mucro, muriendo!*

Vive neſtas incertezas,
Anda em temores contínos
Quem tem da auſencia as triſtezas;
E ſizudos deſatinos
Saõ nelle as móres certezas.
Lagrimas, danos injuſtos,
Tormentos graves e eſtranhos,
Tem por devidos e juſtos;
*Donde los daños ſon daños,*
*Y los guſtos nó ſon guſtos.*

Em quanto nom me apparece

O bem que á viſta ſe eſconde,
Nenhum prazer m'o parece,
E um mal em males reſponde,
E um dano em mais danos crece.
Chego ás vezes a eſperar
De ver da viſta um momento,
Mas para mais me danar
*Si eſpiero contentamiento,*
*Nunca acaba de llegar.*

Para meu dano eſconder
Parece ás vezes que rio,
No roſto moſtro prazer;
Mas tudo iſto é deſvario
Que o meſmo Amor faz fazer.
E inda que me moſtro tal
Nada da alegria quero,
Mas por encubrir meu mal
*Tañovos yo mi pandero,*
*Tañovos, y pienſo en al.*

Acude o eſprito cançado
Movido da dor que ſente,
E ſom d'elle aconſelhado,
Que pois me moſtro contente
Nom ſeja diſſimulado.
Mas o verdadeiro Amor
Deſengana eſtes enganos,
Reſpondendo com fervor:
*Afuera conſejos vanos,*
*Que deſpertaes mi dolor.*

Sempre em mim fereis perdidos
Se aſſim fordes liſongeiros,
Deixai lograr meus ſentidos,
De meus males verdadeiros

Encobrir com bens fingidos.
E inda que em meu ſentimento
E' ſempre falſa a alegria,
E verdadeiro o tormento,
*Bendito ſea aquel dia*
*Que nació mi penſamiento.*

## *LABYRINTHO DE AMOR.*

### ELEGIA XXII.

NOm deixa Amor intenderſe
De quem coᶜ elle nom ſe intende,
Antes coſtuma eſconderſe,
E de todo defenderſe
De quem dᶜelle ſe defende.
Nem uſa communicarſe
A quem o nom communica,
Por nom deixar declararſe
De quem quer certo moſtrarſe
No que em ſi nom verifica.

Por eſta cauſa acontece
A quem cuida ter Amor,
Que menos dᶜelle conhece;
E quem mais diz que padece,
Menos ſentir ſua dor.
Quem julga do Amor aſſi,
Julga dᶜAmor commummente
Pelo que intende de ſi;
Outra couſa julgar vi
Quem tem Amor, e Amor ſente.

Nom é Amor andar de amores;
Nem dar ſuſpiros ó vento;
Nem ſuſpirar por favores;

Nem

Nem queixar de grandes dores;
Nem ter por grave o tormento.
Nom paſſear de contino;
Nem ſofrer calmas, e frios;
Nem chamarſe ſempre indino;
Nem obrar com deſatino;
Nem fallar mil deſvarios.

Nom dizer galanterias;
Nem compôr trovas galantes;
Nem gabar malenconias;
Nem fugir das alegrias;
Nem zombar d'outros amantes.
Nom fazer cantar tençoens;
Nem olhar com attençam;
Nem buſcar occaſioens;
Nem dar culpa a ſemrezoens;
Nem louvar ſua rezam.

Nom moſtrarſe ſaudoſo
Se nom vê quem ver deſeja;
Nem d'outro mais venturoſo,
Que foi em ver mais ditoſo,
Parecer morto de inveja.
Nom desfazerſe com ais
Cheo de triſteza grave;
Nem com outros mil ſinais
Moſtrar deſgoſtos mortais,
Porque Amor nom lhe é ſuave.

Nom affirmar, que ſentio,
E ſente que a fermoſura,
Que ſeu coraçaõ feriо,
E' a mór que nunca vio,
E vêla foi graõ ventura.
Nom cuidar de ſi que quer

Mais bem, que quantos quizerom,
E que aſſi lh'o devem crer,
Porque nom ſabe viver
Sem os olhos que o vencerom.

Tudo iſto acontecerá
Sem Amor, nem affeiçaõ,
Mas n'Alma, em que Amor eſtá,
Outras muitas couſas á
Que ſem Amor nunca ſaõ.
Amor é taõ conhecido,
Que onde úa vez ſe recolhe,
Por mais que eſtè recolhido,
Nom pode eſtar eſcondido,
Que ſua meſma força o tolhe.

Quando por algum reſpeito
N'Alma ſe eſconde, e ſe encobre,
Se Amor nom é contrafeito,
Por mais que o encubra o peito,
Pelos olhos ſe deſcobre.
Quem tem Amor nada faz
Sem fundamento de Amor;
Amor o guia, e o traz;
Nelle Amor faz, e desfaz,
Como abſoluto Senhor.

Se paſſea, Amor o leva;
Se vai ver, Amor o guia;
Se deixa de ver, releva;
Nom faz couſa que nom deva
Contra Amor, que é ſua guia.
Se é bem viſto de quem ama
Por indino ſe conhece;
E ſe quem ama o deſama,
Entaõ no Amor mais ſe inflamma;

E assim cuida que o merece.

Quem tem Amor nom se queixa,
Tudo sofre, nada o abalia,
E então menos o Amor deixa;
E quando a rezaõ da queixa
E' mór, então mais se cala.
Nom teme frio, nem calma
Quando assim Amor o pede,
Que Amor que está firme n'Alma
Com victoriosa palma
A seus poderes excede.

Se vê quem deseja ver,
E' tal seu contentamento,
Que outro bem do Amor nom quer;
Que só neste gosto ter
Os olhos, e o pensamento.
Quando ás vezes desatina
Nom vendo a quem n'Alma vê,
Cuida que então mais atina,
Que Amor nunca desafina,
Por mais sem tino que estê.

Se passa sem ver um dia
A quem com sua vista causa
Sua maior alegria,
De summa melanconia
Esta tristeza lhe é causa.
Nom quieta, nom socega
Olhos a uma, e outra parte;
Cuida que a vista tem cega;
Todo remedio se nega
Que d'este disgosto o aparte.

Se vê, crê que reviveu,

E novo eſprito cobrou,
E de novo goſto encheu
Alma, que do que perdeu
De novo ſe reſtaurou.
Todo o grande mal eſtima
Só por eſte goſto leve;
E novas dores ſe anima
A ſofrer, ſó pela eſtima
De ver um eſpaço breve.

Nem c'o penſamento offende
Em quem em ſi ſempre o tem,
Que quem ama nom pretende,
Se nom ſómente o que intende
Que a quem ama mais convem.
Se intende que Amor lhe dana
Nom deixa aſſim de o ſeguir;
Se lhe dizem, que ſe engana,
Nunca Amor ſe deſengana
Para deixar de ſervir.

Nom ſe lembra de eſperança,
Nem a falta, ſe a tem, d'ella
Faz fazer no Amor mudança,
Que onde Amor fundou lembrança
Nom á eſquecimento nella.
Nunca é do Amor eſquecido,
Ou eſquecido, ou lembrado,
Nom ſe aparta deſpedido;
Nem deſama avorrecido,
Nem lhe lembra ſer amado.

Nunca ſabe importunar
Alma que ama de verdade
Se nom é ſó com amar,
E inda que falte eſperar,

Nun-

Nunca falta eſta vontade.
E por mais que amando faça
Quanto ſe poſſa fazer,
E por amar ſe desfaça,
Nada á que bem ſatisfaça
A quem ſabe bem querer.

Preſente, a noite lhe é dia,
O dia lhe é noite, auſente,
Que os tempos aſſim varia
Quem ſó por Amor ſe guia,
E ſempre nᶜAlma Amor ſente.
Hora grita, e hora geme,
Hora chora, hora ſuſpira,
Hora deſeja, hora teme,
Hora ſᶜabranda, hora ſᶜira,
Hora repouſa, hora treme.

A todo goſto antepoem
Só de bem amar o goſto,
Todo a eſte fim ſe diſpoem,
E nunca o cuidado poem
Fora do em que o tem já poſto.
Tempo nunca occaſiaõ,
Por muita força que tenha,
Inda que de ſemrezam,
Será com ſeu coraçaõ
Que do Amor ſe deſavenha.

Nom ſabe fallar em al,
Em outra couſa nom cuida,
Porque o goſto principal,
Que lhe é como natural,
De toda couſa o deſcuida.
Todo a ſi meſmo ſe eſquece;
E a devida gravidade

Mil

Mil vezes de ſi ſe dece,
Porque nom ſe compadece
Com Amor authoridade.

E' claro, e ſem fingimentos,
De claras verdades uſa,
Grandes encarecimentos
De ſeu Amor, e tormentos,
Como certo em tudo eſcuſa.
Que quem ama quanto deve,
Só diz que quanto deve ama,
E mais dizer nom ſe atreve;
Que quem em dizer é leve
De ſuſpeitoſo ſe inflamma.

Por muito que queira, e ame,
Sempre crê que deve mais,
Inda que Amor o deſame,
E contra elle mais ſe inflamme
Com diſfavores mortais.
Que quem o Amor firmemente
No peito tem eſculpido,
Vive d'elle taõ contente,
Que inda quer que ſe accrecente
Com ſer deſagradecido.

Mil vezes ſe ſente, e vê
Morrer de vivos ciumes,
Sem ver, nem ouvir porque,
Mas pelo que intende, e crê
Do Amor, e de ſeus coſtumes.
Que mil vezes acontece
No Amor tal deſigualdade,
Que quem por Amor merece
Menos, mais de ſi offerece,
E quem mais, menos piedade.

Quem

Quem ama sempre deseja
A quem ama contentar;
Se succede que nom seja,
Comsigo fica em peleja
Entre disgosto, e pesar.
Que Amor, em que nunca á falta,
Inda que aja disfavor,
Que encontre cousa taõ alta,
Por vontade, nunca falta
Nas obrigaçoens de Amor.

Saõ do Amor estes effeitos,
E estes varios accidentes;
De Amor saõ estes conceitos,
Estes do Amor os preceitos,
Que seguem seus Pacientes.
A quem tais preceitos tem,
E com taes condiçoens ama,
Nome de Amador lhe convem;
Quem d'outro modo quer bem,
Podese crer que desama.

## ELEGIA XXIII.

Em que sempre se glosa no ultimo verso de todas as Oitavas,

*Intendami chi puó, che m^e intend^e io.*

### OITAVA I.

TRago a vida inquieta, Alma cançada
Entre desassossegos, e cuidados,
Hora de seu intento desconfiada,
Hora com pensamentos confiados:
Já cahida se vê, já levantada,

Já

Já leve, já com medos carregados,
Neſtas variedades deſconfio:
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

II.

Nom ſinto couſa que ſentir nom deva,
Nem deixo de ſentir tudo o que devo,
Nom á cuidado com que nom me atreva,
Mas com ſó um cuidado nom me atrevo:
Dizme a rezaõ, que claramente eſcreva
Os queixumes que calo, e nᵉAlma eſcrevo,
Porque de minha lingua as nom confio;
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

III.

Entriſteceme o que deve alegrarme,
E alegrame o que deve entriſtecerme;
Obrigame o que deve de ſoltarme,
E ſoltame o que deve de prenderme:
Aproveitame o que deve danarme,
E daname o que deve de valerme;
Inda que iſto pareça deſvario,
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

IV.

E' tanta em mim a contrariedade
Que movemᵉem mim riſo, e movemᵉira,
E tantas inconſtancias na vontade,
Que agora ó bem, agora ó mal aſpira:
Cuido que é contra mim minha verdade,
E que eu fora por mim ſe a naõ ſeguira;
Mas eu em bem amar ſempre porfio;
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

V.

Accrecentame mais o enfadamento,
De que Alma cada vez eſtá mais chea,
O meu, nom ſei ſe errado, intendimento,
Ou certo no mais mal que inda recea!
E o tempo com contrario movimento,

E sem vontade, uma vontade alhea,
E outras vontades de que me nom fio:
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

VI.

A queixas a vontade me convida,
De todo o intendimento mᵉas defende,
E a memoria assim já dᵉisto esquecida
De se queixar novas rezoens attende:
E como de si mesma anda corrida
Cuidando, que nom falta quem a intende,
Mas eu de mᵉintenderem me desvio;
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

VII.

A dor que dᵉestas voltas se me ordena,
Se faz mais leve com discurso, e sizo,
Que sabe na dor grande, e na pequena,
Quando convem arrebentar de riso.
Eu tenho a culpa dᵉesta minha pena,
Pois o tempo me avisa, e nom me avisso,
Mas o mesmo á vontade corta o fio,
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

VIII.

Dᵉestes cuidados nace um pensamento
Que hora me move, hora me assocega,
E nelle se revolve o intendimento
Coᵉ a vontade que diz, desdiz, e nega.
E sobre este socego, e movimento,
Em que Alma inda nom deixa dᵉestar cega,
Entraõ Rezaõ, e Amor em dezafio:
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

IX.

A Rezaõ o que quer com rezoens prova,
O Amor a quer vencer só com a sua força,
E assim cada um o intento do outro estrova,
Cada um contrᵉoutro em dano meu sᵉesforça.
Nestes contrarios nom é cousa nova

Que

Que o Amor as rezoens da Rezaõ força;
E á força do Amor dê a Rezaõ desvio;
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

X.

Nesta perplexidade, que confusa
Tem Alma, ou de tristeza, ou de alegria,
Do que quer a Rezaõ o Amor se escusa,
E a Rezaõ o que Amor quer contraria:
Com estas semrazoens que comigo usa
O Amor, que meu socego me desvia,
Tremendo em fogo estou, ardendo em frio;
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

XI.

Com esta importunaçaõ aspera, e dura
Que um momento quieto nom me deixa,
Me queixo mas nom sei se da Ventura,
Ou do Amor, ou da Rezaõ devo ter queixa:
Dᵉaquella, porque contra mim procura,
Dᵉaquelle, porque da Rezaõ se queixa,
Dᵉesta, porque nom vence o desafio:
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

XII.

Intenda-me quem pode, que eu me intendo,
Nem quero, se puder, que outrem me intenda,
E já de minhas queixas me reprendo,
Temendo nom faltar quem me reprenda.
Mas por muito que diga nom pretendo
Que intender minha queixa outrem pretenda,
E de quem cuida que me intende rio,
*Intendami chi puó, che mᵉ intendᵉ io.*

## *Á MORTE DO PRINCIPE DOM JOÃO.*

### SONETO.

SAnto Principe noſſo, ao Ceo levado,
Naõ de nós, mas ſó d'elle merecido,
No qual da mortal vida deſpedido,
Da eterna (juſta troca) eſtás dotado.
Em tudo cá ficou triſte cuidado,
Foy ſeguindo apos ti todo ſentido;
Quanto vemos ſem ti cá eſcurecido,
Vejamos ſer por ti de lá alumiado.
Iguais a ti ouvirás lá teus louvores,
Que cá ſempre por todos ſobejavas.
Quanto traz, contra nós, de ti a memoria!
Lembremte lá noſſas ſaudoſas dores;
Pois cá com ſermos teus nos alegravas,
E ſó avermolo fido nos dá gloria.

# ODAS.

## *AO SENHOR DOM DUARTE.*

### ODA I.

DUARTE, d'altos Reis ao mundo vindo,
Minh'honra, e esperança;
Uns tem por seu mór gosto estar ouvindo
Quanto em Frandes se passa, quanto em França;
Quanto no mundo todo, e estar medindo
Tudo o que s'acontece,
Como elles querem, como lhes parece.
D'estes outros se rim mais recolhidos,
Que passam toda a vida
Comsigo em outros gostos escondidos,
E de tudo a memoria assi perdida
Tem, que tanto lhes lembra dos vencidos;
Como dos vencedores;
Em sua occupaçaõ tem seus amores.
A' muitos outros, que assi á trabalhosa
Caça saõ inclinados,
Que nenhuma outra cousa mais gostosa
Lhes é, que hora em silencio, hora com brados;
Com uns e outros enganos, a medrosa
Caça andar levantando,
Inda que os corpos nisso andem quebrando.
Na planta o esprito uns tem, que com cuidado
Puserom, e crecer virom,
No ramo já da fruita carregado,
Na clara fonte que com gosto abrirom,
Na terra que abre o curvo e duro arado,
No graõ que lhe semeam,
No que esperam colher, no que receam.
Cortam outros os mares, correm a terra,

Sugeitos a perigos,
A tormentas, a fogo, a morte, a guerra,
A auſencias de parentes, e d'amigos,
Todo o que eſtá quieto cuidam que erra,
Culpamno d'ocioſo,
E o bom repouſo tem por trabalhoſo.
O meu contentamento, DVARTE grande,
(S'eu ás Muſas me teço
Um alto canto, um ſom a que ſ'abrande
Todo peito) é cantar quanto conheço
Já de teu Real Eſprito, e quanto mande
Inda em ti ó mundo o Ceo,
Donde eſſe teu Eſprito alto deceo.

## *A FRANCISCO DE SA' DE MIRANDA.*

### ODA II.

PIerides ſagradas,
Em vindo o claro dia,
Que com juſta alegria
Celebreis, d'hera, e louro coroadas,
E em danças concertadas
A ſom de concertados inſtrumentos,
Em noſſas claras fontes,
Ribeiras, valles, prados, boſques, montes
Moſtreis mil ſentimentos
Alegres, com alegres movimentos.
Eſta é aquella ditoſa
Luz clara, em que naceo
Quem vos mais alto ergueo,
Que toda a antiguidade tam famoſa;
Eſta é aquella fermoſa
Luz que té'gora mais vos lumiou,
Que ó mundo deu o divino

Fran-

Franciſco, e coˢ elle ingenho peregrino
Com que tẽ ó Ceo ſ'alçou,
E a nós, e á patria, e lingoa tanto honrou.
Sempre eſte dia tereis
Por noſſa mayor gloria;
Eſte é cuja memoria
Devidamente ſempre cantareis,
Eſte levantareis
Em alto, em deſuſado, em grave canto;
Memoria merecida
O' rariſſimo ingenho tam devida,
Que com gloria, e eſpanto
Voſſo, tem dado ó mundo de ſi tanto.
Já tudo eſtá moſtrando
De vos ouvir deſejo,
O vento que ſobejo
Com furia eſtava tudo ameaçando,
De todo eſtá já brando,
O Ceo claro e ſereno, e aſſi corado
Se moſtra, que parece
Que a eſte noſſo dia favorece;
Tudo aqui eſtá calado,
Tudo vos quer ouvir aſſoſſegado.
Cantaloeis, tam cedo
Subido ó alto Parnaſo,
Banhado no Pegaſo,
De todo eſprito torvaçaõ, e medo,
Amor venha aqui ledo
Ouvir louvores ſeus dˢelle entoados,
Glorieſe que ouvio
Quem aſſi o intendeo, aſſi o ſintio,
Que forom bem cantados
Dˢelle ſeus bens, ſeus males bem chorados.
Cantaloeis tambem
Deſdˢo dia primeiro,
Que o Ceo, em tudo inteiro,

O deu ós bons ingenhos por gram bem,
Té o tempo que hora o tem,
Felicíſſimo tempo, boa idade:
O' Ceo levantai Sá,
Muſas, no mundo ſó ſeu nome vá
Louvado juſtamente
De vós, d'Amor, de nós, de toda a gente.
Os Ceos que te nos deram,
Franciſco, claro e puro,
Te tenham tam ſeguro
Como téqui (noſſa honra) te tiveram:
Os annos que te eſperam
Sejam inda outros muitos, e tais ſejam,
Quais todos deſejamos
Os que d'Alma, tua Alma, e vida amamos,
E glorioſo te vejam
Em ſi depois os Ceos que te deſejam.

## *A ANTONIO FERREIRA.*

### ODA III.

FErreira (direi) meu,
(Licença da amizade
Que tanto de verdade
Me tem feito outro tu, e a ti outro eu)
Se a um amigo teu,
Amigo em tudo puro,
Queres ouvir ſeguro,
Ouvem' agora um pouco:
Mas já ante ti me vou fazendo rouco.
De tua doce lira
O grave e brando ſom,
Dos Ceos tam rico dom,
Por quem triſte o Mondego hora ſuſpira;
Que ſempre o Tejo ouvira,

Se

Se tanto merecera
Que ſempre te tivera,
Nom ſe cale tam cedo,
Vá fazendo a todo outro eſpanto e medo.
Foite Apollo criando
Entre as Muſas mimoſo,
Em ti um milagroſo
Ingenho, um alto eſtilo ó mundo dando;
Por ſuas maõs regando
No ſeu mais alto monte
Da ſua mais clara fonte
Vai ſeu amado louro,
Para em ti moſtrar co' elle ſeu theſouro.
Inda que já moſtraſte
(Teu verſo é final claro)
Prova do ingenho raro
Com que já té o Ceo te levantaſte,
Com que te já mandaſte
Té o Oriental Indo,
Nom deves ir fugindo
Tam cedo á honra grande
Qu'inda eſperamos que em ti o Ceo nos mande.
Minerva que aſſi te ama,
Que em teu (ſó teu) eſprito
Moſtra o ſeu todo eſcrito,
De novo a novos verſos já te chama:
Que grande, que alta fama
Se vai de ti eſtendendo!
Quanto irá mais crecendo
De ti, da patria, e lingoa,
Se teu canto (ah naõ ſeja) em ti nom mingoa!
Olha o minino cego,
Qu'em teu peito aſſentado,
Quer ſer de ti cantado
Hora em repouſo, hora em deſaſſoſſego,
Digao teu Mondego

Que

Que já cantar te ouvio,
Já chorar te ſintio,
Tudo em canto, e ſom dino
De s'eſquecer por elle o peregrino.
Mas eſſa fanteſia
( Culpa do tempo, e terra
De bons ingenhos guerra )
Te desfaça o cuidado que te guia,
Que toda a noute e dia
Te tem de ti eſquecido,
De tudo avorrecido,
A que deves mil cantos
Qu'encham o mundo todo inda d'eſpantos.
Vive, vive Ferreira,
Teu canto ſempre ſoè;
De ti alta fama voè
( A pezar de más lingoas ) verdadeira;
A fama liſongeira
Seja par'uns confiados
Comſigo ſó enganados,
Eſtes preſupozeſſem
Nunca mais eſcrever, nunca eſcreveſſem.

## *AO SENHOR D. DUARTE.*

### ODA IV.

VEm noſſo claro Sol, vem já DUARTE
De nós tam deſejado,
Torna já a eſtes teus, torna moſtrarte
A quantos com ſuſpiros vaõ rompendo
Eſte ar, que aſſi de nós t'eſtá eſcondendo.
Eſte ar, que de muy claro e delicado,
Sem ti eſtá groſſo, e eſcuro,
Seja limpo comtigo, e apartado
Das groſſas nevoas, e da noite triſte

Que

Que sempre vemos des que nos nom viste.
Em ti nosso desejo está seguro,
De tua vista pendemos,
Por ti as nossas Almas d'amor puro
Ardem, e arderaõ, que doce chama!
Pois em amor tam doce nos inflamma.
Os grandes, altos, novos, Reais estremos
De que te Deos ornou,
Qu'amor e espanto criam quando os vemos;
Todos se nos estaõ representando
Nas Almas que apos ti nos vaõ deixando.
Essa tua graça que em ti o Ceo mostrou,
Logo como naceste,
Qu'as lagrimas saudosas temperou,
Que mudou mil tristezas em alegrias,
Nom queiras escondela inda mais dias.
Esse duro exercicio que escolheste
Da caça trabalhosa,
A que ante tempo assi te offereceste,
Seguindo as feras com maõ tenra armada;
Qu'inda em sangue infiel será banhada:
Nom te occupe inda tanto, inda mimosa
Guarda tua branda idade,
Que o bom tempo virá, que poderosa
Nom contra as feras só tua maõ s'estenda,
Mas toda a fera gente vença, e renda.
Olho teu Real Esprito, olho a vontade
Par'isto em ti tam clara;
Que nos vai promettendo esta verdade,
Que cedo seja, um só serás na guerra,
Serás prazer dos Ceos, honra da terra.
Vejo de ti no mundo úa fama rara,
Alta fama que voê
Até a gente que o Sol primeiro aclara;
Serás de todo bem rico tesouro,
Novo medo ó Gentio, ó Turco, ó Mouro.

Meu

Meu ſurdo canto entaõ farás que ſoê
Com tam alto ſugeito:
Farás que Apollo ſó por ti coroê
Do ſeu loureiro honroſo mil poetas.
Que maravilhas tens inda ſecretas.
A todo raro ingenho raro objeito
Serás, como agora és,
Cantado em guerra, em paz, igual teu peito
Será de todos, e ſerá de Eolo
Levado deſd'um Polo ó outro Polo.
Meu verſo, inda que baixo, qual o lês,
Inda que tam ſem arte,
Como por levantalo algum'hora o vês,
Sempre occupado em ti amanhecerá,
Sempre occupado em ti anoitecerá.

## *A ANTONIO DE SA'*

## ÓDA V.

QUe forças, que palavras averia,
Antonio noſſo, que te detiveſſem?
Que os teus aſſi te amamos,
Que ſempre deſejamos
Vêrte entre nós, ſe tanto valeria
Eſte deſejo qu'aſſi os Ceos quiſeſſem?
Mas pedete o teu Douro
Qu'eſtimas mais que o Tejo, e que ſeu ouro.
Deſejamos com tudo inda deterte,
Forçanos tua prudencia, tua brandura,
Tua inteira verdade,
Tua candida amizade
Com que tod'Alma trazes a quererte,
Com que t'ergueſte ſobre a gente dura
Immiga de pureza,
De ſaber, de verdade, e de firmeza.
Detenhate inda um pouco ũa força grande,

For-

Força d'um bom amor, amor devido
O' teu Franciſco raro,
Irmaõ, e amigo claro,
Cujo nome voando no mundo ande
C'os nomes que merece ós Ceos erguido,
E amor ache na gente,
Ache grande louvor devidamente.
Detenhate ſua Muſa alta e ſuave,
Que fará mover pedras, deter rios:
Seus verſos entoados
O' ſom de ſeus cuidados,
Som alto, doce, claro, brando, e grave,
Que pode accender fogo em peitos frios,
Antonio, detemte inda,
Deixa lograr ós teus tua boa vinda.
Mas, ah, qu'eſtá por ti ſempre tirando
O teu doce repouſo d'Alma, e vida,
Os teus quietos dias,
As horas que podias
Apartarte comtigo, as que paſſando
Com teus livros eſtavas, em devida
E alegre occupaçaõ,
Livre no Inverno, livre no Veraõ.
Chamate aquelle teu alto ſoſſego
De todo eſprito livre deſejado,
Aquelle que tanto amas,
Que por elle deſamas
Quanto negocio, e vaõ deſaſſoſſego
Em tudo vês aqui, de qu'inquietado
Por força é todo peito,
Por mais que lhe o bom ocio ſeja acceito.
Paſſarás lá, prudente Antonio, os annos
Sem pender das humanas confianças,
Apos que cá perdidas
Andam Almas, e vidas;
Ouvirás lá contar noſſos enganos,

Ave-

Averás dó de noſſas eſperanças,
Que quando mais aprazem,
Em pó num breve eſpaço ſe desfazem.

*A FRANCISCO D'ANDRADE,*
*Em repoſta d'outra ſua.*

## ODA VI.

GLoria á patria, honra ós teus, prazer ás Muſa
Que com amor te olharom,
Eſſe teu raro ingenho, eſſe de que uſas
Em louvor ſeu, de que ſe tanto honrarom,
Eſſe teu claro eſprito, e peregrino
Eſtilo, e ſuave canto
De melhor tempo, ou melhor terra dino,
Qu'em bons ingenhos cria juſto eſpanto:
Será por maravilha nomeado,
Por tudo irá voando
Teu nome com louvores levantado,
Que teu tam raro verſo o irá levando.
Teu verſo que a Phebo é rico teſouro,
E ſerá ſempre ás ſuas
Nove Irmans, e nova honra ó verde louro
Qu'inda eſpera cingir as fontes tuas.
Mas já que tens iguais ó alto conceito
O canto, o verſo, o eſtilo,
Em tudo toma ſempre igual objeito
Em que poſſas melhor que em mim ſubilo.
Ouço as Muſas de longe, nunca ouvi
Alguns ſegredos ſeus,
Nom vi ſeus boſques, ſua agoa nom bebi,
Que doẽs tam raros ſaõ mais certos teus.
Mas teu canto m'irá agora movendo
Com paſſo mais ſeguro
A' fonte, de qu'eſtá ſempre correndo

Pe-

Pera ti o liquor brando, ſuave e puro.

## *A FRANCISCO DE SA' DE MIRANDA.*

### ODA VII.

LOuvaraõ muitos eſta gram Cidade,
Eſta nobre Lisboa,
Raro Franciſco, eſta que do Occidente
Com grande nome em toda parte ſoa,
E ſoará com graõ nome em toda idade,
Que dá Leis ó Meio dia, e ó Oriente.
Seus eſpantos veraõ, ſuas grandezas,
Seus nobres edificios
D'obra antiga e moderna, as variedades
Dos eſtados, das obras, dos officios,
Dos negocios, dos tratos, das riquezas,
Dos coſtumes, das Leis, e das vontades.
Com alegre louvor veraõ partidas
Daqui armadas noſſas,
Proſperas as veraõ depois entradas
Cheas de mil deſpojos, preſas groſſas,
Com bandeiras triumphaes ó Ceo erguidas,
Com bandeiras d'immigos derribadas.
Tributos veraõ vir todos os annos
D'Indos, Arabes, Perſas,
E d'outras mil regioẽs, d'outras mil gentes
De varios nomes, e de Leis diverſas,
Conquiſtadas per nós, nom com enganos,
Com juſtas armas, com rezoẽs prudentes.
Veraõ ricos retornos, groſſos ganhos
De ricas mercancias,
Qu'eſta terra a outras dá, e d'outras acceita:
Novidades veraõ todos os dias
Em que os ſentidos e olhos s'achem eſtranhos;
Inda que o appetito nada engeita.

Tu-

Tudo iſto louvaraõ muitos, e a vida
Toda aqui paſſariam
Neſte inutil cuidado, e goſto vaõ,
Só d'eſtas vaidades penderiaõ,
Deſprezada de todo e eſquecida
Toda outra mais alta occupaçaõ.
Mas tu, que com mais faõ eſprito, e raro
Vès, conheces, e intendes
O que deve fugirſe, o que buſcarſe,
Mas tu que nunca ó mal, ſempre ó bem pende
Com douto juizo, puro, livre, e claro
Eſcolheſte o que ſempre deve amarſe.
O ſanto ocio eſcolheſte, as Muſas quietas,
Muſas caſtas e brandas,
Co' as divinas hiſtorias, co' as humanas
Temperas o prazer, o nojo abrandas
Teu, ou de teus amigos, nom t'inquietas
Com nada, vives livre, e nom t'enganas.
Ouves de longe, vês de longe o mundo,
Parecete inda perto,
Tudo al a quietaçaõ ſanta avorrece.
Ah, ſanta quietaçaõ, quanto mais certo
Eſtá em ti o repouſo, como ó fundo
Se vai quem por ti tudo nom eſquece!
Ah, prudente Franciſco, deſprezaſte
Sempre as Cidades vans,
Cheas de máos enganos, vaõs negocios,
Louvas teu doce Neiva, as agoas ſans
Da tua fonte, as fruitas que plantaſte,
As aves que ouves, os teus ſantos ocios.
Como te ris de nós, como navegas
Seguro pera a praya
Onde ſe acaba o medo da tormenta,
Que tantas vezes triſtes nos deſmaya,
Triſtes detidos d'eſperanças cegas,
Mal qu'enganoſamente nos contenta.

Deſ-

Deſtas vans eſperanças, qu'enganados
Nos levam, eſtás ſeguro,
Nom temes, nom eſperas, nom deſejas.
Co' eſſe animo conſtante e peito puro,
Co' eſſes eſpritos ſobre o mundo alçados,
Muitos annos, e ſaós inda te vejas.

*A DOM JERONIMO D'OSOURO*
*Biſpo do Algarve, o primeiro dia de Janeiro.*

## ODA VIII.

ONtem acabou um anno,
Outro ſe começa hoje;
Depreſſa paſſará como o paſſado,
O tempo voa, e foge,
E d'um em outro engano
Leva a vida apos ſi, leva o cuidado.
Polo que já paſſou,
Polo que paſſa agora
Quaſi o que pode vir pode julgarſe,
Ditoſo a quem um'hora
Ditoſa nom falton
Em que podeſſe bem deſenganarſe.
Ditoſo o que a lembrança
Tem ſempre no que vio,
Que já nom vê, e no qu'inda eſtá adiante;
E polo que ſintio
Por vam julga a eſperança
Que outros tem por ſegura, e por conſtante.
Deſpreza vaõs deſejos
Da terra, e com eſpritos
Altos, aſpira ó bem que ſempre dura,
E com ſecretos gritos,
Nunca a eſte fim ſobejos,
Traz o Ceo a ſua Alma limpa e pura.

Eſte tem paz comſigo,
Eſte de máos enganos
Vive livre, eſte vive em ſi ſeguro,
Começam acabam annos,
Vem um e outro perigo,
Eſcondeſe em ſi meſmo em ocio puro.
Em ſi tem ſéu deſcanço,
Comſigo ſe contenta,
Como quem ſó de Deos em tudo pende,
Hora brava a tormenta,
Hora o mar ſeja manſo,
Igualmente á fortuna ſe defende.
Mas ah, quam raramente
Um deſtes á na terra!
Que louvores merece o que aſſi ouveſſe!
Quantos tem dura guerra
Em ſi continuamente;
Quem ſem eſte mal viveſſe, ou nom viveſſe!
Do que virom eſquecidos,
Do que vem deſcuidados,
O' qu'inda podem ver a viſta eſcondem:
De vam eſperança guiados,
Vaõ tras ella embebidos,
Surdos que nem vos ouvem, nem reſpondem.
Comſigo ſempre inquietos,
Nunca em nada repouſam,
Hora vammente eſperam, hora receam,
Tudo o que cuidam ouſam;
Por bens nunca quietos
Qu'embaraçaõ ſempre Alma, e a vida enleam:
Um anno, e outro corre,
Um tempo, e outro voa,
Nenhum anno nem tempo ó bem os leva;
Nelles nunca o bem ſoa;
Tudo em vida lhes morre:
Nelles todo anno gea, e todo neva.

Teu

Teu rariſſimo eſprito,
De noſſa idade gloria,
Clariſſimo, prudente, grande Oſouro,
De cuja alta memoria
Levanta a fama um grito
Té o Ceo, que á terra em ti deu gram theſouro:
Quam longe vás do cego
Vulgo, que ou nom s'atreve
Co' bem, hora o nom intende, hora s'engana;
Que ſegue o que mais deve
Fugir, que o bom ſoſſego
Foge, e tem ſó por gloria a gloria humana.
Com letras nos enſinas,
Com virtudes nos moves,
E com ſantos coſtumes nos reprendes,
Em noſſas Almas choves
Certas e altas doutrinas,
Que o bem do Ceo, e o mal da terra intendes.
Em ti agora revive
Quanto da antiguidade
Com eſpanto ſe lê, s'ouve, e ſe canta,
Longa e ditoſa idade,
Oſouro, vive, vive,
E viva em ti quanto em ti o mundo eſpanta.
A mil Janeiros vejas
Ledo o primeiro dia,
A mil Dezembros ledo o derradeiro.
Com tua prudencia guia
Clara, e certa nos ſejas,
Com tua virtude exemplo verdadeiro.

## *A DOM JORGE DE MENEZES*
*Em repoſta d'outra ſua.*

### ODA IX.

QUantos á, raro eſprito, que comſigo
S'enganam, e ſe contentam,
Porque tem, porque podem, porque valem,
E ſó ſe deſcontentam,
Se temem qu'outros niſto ſe lhe igualem,
E iſto ſó tem por peſo, e por perigo,
De todo deſcuidados
De mais altos cuidados.
Por bemaventurança tem ſómente
Ter ſangue conhecido
De muito tempo atrás, ter caſa, e renda;
E occupam ſó o ſentido
Em como crecerá ſempre a fazenda,
Ou ſeja juſta, ou ſeja injuſtamente,
Enchaſe o vaſo todo,
Que pouco vai no modo.
Das virtudes, das letras eſquecidos,
Como d'uma baixeza
Indina de ſer viſta, nem ouvida,
Por contrario á nobreza
Tem todo eſtudo, ſó a mimoza vida
Lhes occupa os eſpritos, e os ſentidos;
De ſi meſmos immigos
Procuram ſeus perigos.
Pois os cuidados vaós, os máos coſtumes
Em que a vida deſpendem,
O goſto d'exercicios ocioſos;
Os preços porque vendem
Seus nomes, ſuas honras, claros lumes
Do bom ſangue, e d'eſpritos generoſos,

Nom

Nom á pena que o eſcreva,
Nem eſprito que s'atreva.
Tu ſeguiſte outra certa, e ſam carreira
De ti, bom Jorge, dina,
A's virtudes, ás letras t'entregaſte;
Sabias qu'era indina
A ocioſidade vam, que nunca amaſte;
Do alto preço da honra verdadeira,
Sabias qu'eſte é o luſtre
Do ſangue claro e illuſtre.
As Muſas a ſeu leite te criarom,
A doces inſtrumentos
De ſuas maõs tocados cantando ias;
Os ſeus recolhimentos,
Que poucos ver merecem, ſempre vias;
E todos ſeus ſegredos te fiarom,
Iſto em teu verſo vemos
Que com eſpanto lemos.
Emprega teu ingenho puro e raro,
Teu claro e brando eſtilo
Em ſugeitos de ti ſómente dinos,
Ouçamſe além do Nilo
Teus rariſſimos verſos e divinos,
Que teu nome faraõ muito mais claro;
E outro que vás cantando
Doce ſuave, e brando.
Digo o nome que cantas tam ſuave
Que abranda as pedras duras,
E ſempre a mil grandezas t'ergue o eſprito;
Qu'em ſeu amor ſeguras
Tem já tua Alma, e vida, de que eſcrito
Tens tanto em ſom tam brando, em ſóm tam grave;
Quando d'aqui te deces
Vè bem que lhe mereces.
Honraromme teus verſos, mas offendes
Teu eſprito, e ingenho

Quando os deces aſſi a tais ſugeitos,
Nom m'engana o que tenho,
Vejo quam baixos ſaõ, quam imperfeitos
Quantos verſos eſcrevo, e tu o intendes,
Mas eſta honra te devo,
E inda a muito m'atrevo.

## *AOS BONS ESPRITOS.*

## ODA X.

Bem nacidos Eſpritos,
Ingenhos bem criados,
Das Muſas fielmente bem guiados
Em proſa, em rima, em canto, e em eſcritos:
Se quereis voſſos verſos celebrados
Das meſmas Muſas, ſe do meſmo Apollo:
E que d'um a outro Polo
Com grande eſpanto, e grande inveja ſoêm,
Sabeilhes buſcar azas com que voêm.
Se clara e immortal vida
Buſcais, s'uma memoria
A quem ſeja do Ceo juſta victoria
Do tempo, e eſquecimento concedida:
Se um nome a que mil nomes cheos de gloria
Sejam devidamente attribuidos:
Em novo eſprito erguidos
Cantai d'um nome, e d'uma fermoſura
Que darvos poderaõ fama ſegura.
Eu digo uma Franciſca
Qual nunca o mundo teve,
Qu'inda que o que eſcrever d'ella s'atreve
A perigos grandiſſimos s'arriſca:
A ſuas grandezas com rezaõ ſe deve,
Que todo verſo em ſeu nome cantado
Seja perpetuado,

E aſſi no mundo ſempre ſe celebre,
Que ſua fama do tempo a força quebre:
Uma Franciſca digo,
Do ſangue e nome raro
Dos clariſſimos Reis d'Aragaõ claro,
A quem em tudo ſempre honra comſigo:
Cujo Eſprito (que ſempre é unico faro
Que a grandezas ó eſprito que bem ſente
Guia direitamente)
Almas enche d'amor, peitos d'eſpanto,
Lingoas mudas de voz, vozes de canto.
S'o eſprito vos inclina
A ſer de vós cantada
Alguma fermoſura deſuſada,
Em tudo rara, em tudo peregrina:
D'outro eſprito nenhum foi celebrada
Outra tal fermoſura inda té'gora.
Anno, mez, dia, e hora
D'ella cantai, que d'ella cantareis
Com que antigos eſpritos vencereis.
O roſto onde eſtá viva
Uma encarnada neve,
Que a viſta mata, e accende em eſpaço breve,
E faz que Amor d'alli mate, e alli viva:
Qu'ingenho pode aver que apos ſi leve,
Que voz que d'elle cante, ou maõ que eſcreva
A que o mundo naõ deva
Honra, e louvor, s'inda mais quer que a honra
D'eſcrever de quem tanto o mundo s'honra?
D'aquelle fermoſo ouro,
Ou ſolto, ou recolhido,
De que o rayo do Sol fica vencido
Da Fermoſura, e Amor rico theſouro:
D'aquelles laços ond'eſtá eſcondido
O Amor, e onde ſe moſtra, e d'onde prende,
D'onde tant'Alma pende:

Quem averá, que (inda que indino) cante,
Que ſeu nome no mundo naõ levante?
Aquelles rayos claros
De ſeus olhos fermoſos,
Que os ares tornam muito mais luſtroſos,
Quando de ſua luz nom ſaõ avaros:
Como nom daraõ nomes mais famoſos
O's eſpritos que, co' a rezaõ por guia,
Cantarem noite, e dia
Seus grandes e rariſſimos louvores,
Que a quem cantar de Reys, e Imperadores.
Pois no eſtremo que vemos
Que divide as fermoſas
Duas eſtrellas, e as purpureas roſas,
Na maior perfeiçaõ que ver podemos:
A cuja clara ſombra as poderoſas
Armas o duro Amor recolhe, e eſconde;
D'onde faz guerra, e d'onde
Nega paz, terá certo todo eſprito
Nome raro a ſeu canto, e a ſeu eſcrito.
Em coral puro e fino
As perlas engaſtadas,
De robis fermoſiſſimos cercadas,
De que té'gora foi o mundo indino:
Per onde umas palavras ſaem formadas
A cujo ſom ſe vai ar ſerenando,
Nelle as Graças voando
C'o Amor, e c'os Amores. Quem tal canta,
Se nom c'o verſo, c'o argumento eſpanta.
Rirs'ia da fortuna
Quem ella tanto alçaſſe
Que em clara voz, e em alto ſom cantaſſe,
A fermoſa e alviſſima coluna
(Ditoſo canto que a eſte bem chegaſſe)
Em que aquella cabeça ſe ſuſtenta,
Onde ſe repreſenta

A maior fermoſura que á na terra,
E mil doẽs que o Ceo dentro nella encerra.
Quem cantará da graça
Que outras mil graças chove?
Quem do riſo c'o que Almas abre, e move;
Que tod'Alma nom vença, e ſatisfaça?
Quem á que o eſtilo (inda que baixo) prove
Em eſcrever o mais que ſe vê nella,
E quanto ſe crê d'ella,
Que nom ſe lhe converta a pobre vea
Na rica d'Aganippe, e ſempre chea?
Se pede voſſo intento,
S'o eſprito vos deſeja
Cantar d'um claro eſprito onde ſe veja
Rariſſimo ſaber, e intendimento:
Onde outro achar podeis, que tanta inveja
Poſſa fazer a todos? Nem que poſſa
Nomes e fama voſſa
Tanto illuſtrar? E voar do Tejo ó Nilo
Se a ſeus louvores levantais o eſtilo?
A ſua prudencia vede
Que honrará voſſos cantos.
Ouvi o que diz, vede o que faz, e quantos
Bens podeis cuidar d'ella todos crede.
Mas muito mais crede inda, porque tantos
Bens nunca cuidareis, quantos o Ceo
Em ſu'Alma recolheo:
De que a tem rica e ſatisfeita aſſi,
Que pode contentarſe ſó de ſi.
Quem cantar nom eſpera
Da brandura tam grave;
Do prudente concerto, e tam ſuave
Comque tudo o que faz aſſi tempera:
Que nom avendo eſprito a quem aggrave
Nom á nenhum que deva contentarſe,
Nem poſſa gloriarſe?

Nom

Nom perca o raro ingenho tal empreſa;
Pois do Amor, nem da Muſa lh'é defeſa.
Se cantar deſejais
D'um valor alto e grande
Que todo peito mova, e todo abrande
A prontamente ouvir o que cantais:
O eſprito já buſcando mais naõ ande
Onde o ſaber, o ingenho, o eſtilo empregue,
Aqui nunca ſe negue,
Que aqui achareis valor, e mageſtade
Que dará a voſſo verſo autoridade.
Aqui uma confiança
D'eſprito generoſo,
Um animo Real, e valeroſo,
Uma honra, um preço, um ſer que naõ s'alcança,
Mas nom é á brandura iſto danoſo,
Nem a brandura á autoridade dana:
Voz, e arte mais que humana
Convem para poder ſubir taõ alto,
Mas cad'um como pode dê ſeu ſalto.
Se Amor, e ſeus coſtumes,
Se ſuas fortalezas,
Seus odios, ſuas branduras, ſuas durezas,
Seus cuidados, ſeus rogos, ſeus queixumes,
Seus deſcuidos, ſeus danos, ſuas triſtezas
Quereis cantar, e o mais que c'o Amor anda:
O meſmo Amor vos manda
Largo argumento neſte ſó ſugeito,
A quem o meſmo Amor ſempre é ſugeito:
Vereis aqui ſugeitas
Mil e mil liberdades,
E a uma ſó vontade mil vontades,
Offerecidas ſempre, e nunca acceitas.
Aqui vereis mal cridas mil verdades
Que Amor, inda que as veja, as nom conhece:
Vereis que aqui offerece

O

O Amor mil coraçoẽs, e aqui os deſpreza,
Daqui vence, e aqui ſer vencido preza.
Amor d'ũa parte duro
Vereis irſe eſcondendo,
D'outra brando, e eſtar Alma a amar movendo
Mais que a ſi quem lhe tem claro odio e puro.
Vereis ũa vez a voz irſe perdendo,
Soltarſe outra em queixume, outra em vaõ rogo;
Ora em agoa, ora em fogo
Gaſtarſe a viſta, e o peito, e a tanto dano
Inda negar o Amor um leve engano.
Se a guerras, ſe a victorias
Quer o eſprito inclinarvos:
Em quais nunca podeis melhor moſtrarvos
Que poſſaõ mais ornar voſſas memorias;
Neſtas que ſobre vós podem alçarvos
Achareis maravilhas nunca ouvidas:
Deixai como eſquecidas
Duras armas, e guerras a ũa parte,
Que o brando Amor mais val que o duro Marte.
Anda Alma aqui em perigos,
Lá o corpo ſó ſe mata;
Como imigo a quem ama cá ſe trata,
Lá s'offendem com odio ſó os imigos.
Tudo aqui vence Amor, e desbarata,
Nuns olhos ſe faz forte, e nelles s'arma,
Dalli ſempre deſarma
Mil fogos, e mil ſetas, e mil tiros,
E arder faz tudo em choros, e em ſuſpiros.
Tudo aqui ſaõ receos
De mil contrarias ſortes,
Tudo roubos, e incendios, tudo mortes,
Victorias, e triunfos, e trofeos;
Nom á onde fazer contra Amor fortes,
Que com cad'um dentro no peito vay,
Das Almas nunca ſay;

Que

Que por tal fermoſura Amor nom deixa
Alma ond'eſtá ſem morte, ou grave queixa:
A quanto deſejardes
Tereis aqui argumentos,
Quando a grandezas, e altos fundamentos
Voſſos claros eſpritos levantardes.
O voſſo canto, e verſo, e intendimentos
A eſta alta fermoſura offerecei,
Que eu canto, e cantarei;
E eſte bem ſeus louvores vos daraõ,
Que com ſeu nome os voſſos ſe leraõ.

## *NO NACIMENTO DA Sra. D. MARIANNA Filha de Vaſco da Silveira, e da Senhora D. Ines de Noronha.*

### ODA X.

LEdo Amor voe, livre o prazer ande,
Solto o contentamento,
No alegre nacimento
(Em que mil alegrias o Ceo mande)
Da fermoſa minina
Que ſerá de rariſſimos bens dina.
Da fermoſa minina á luz da vida,
Pouco á, do Ceo mandada,
A quem do Ceo foi dada
Mai, que pode entre mil ſer eſcolhida;
E o que é de todos crido,
Pai que pode entre mil ſer eſcolhido.
Que bem nom pode em ti ſer eſperado,
Minina tam ditoſa,
Que viſte a luz fermoſa
No dia de tua May tam deſejado:
Com louvores continos
Celebrado d'umanos, e divinos?

Dia

Dia em que humildemente ſe venera
A ditoſa memoria
D'outro cheo de gloria,
Que toda pena abranda, e dor tempera:
Fermoſo e Santo dia
Da limpa Conceiçaõ da Alta MARIA.
Já eſperarte devemos mais que humana,
Pois contra o tempo, e morte
Armada vem tua ſorte
Com teus divinos nomes, Marianna:
Nomes dados dos Ceos
Da Santa May, da Santa Avó de Deos.
Terás ſempre em tais nomes claro exemplo,
Puro ſanto, e divino,
Com que tudo em ti dino
Seja do ſummo eterno, e ſanto Templo.
Tais guias, e tais nomes
Te diraõ outros mil e immortais nomes.
Crece em virtude, crece em fermoſura,
Comtigo as graças creçam,
Mil doẽs ſobre ti deçam:
Pende do Ceo, nom pendas da ventura:
Terás ventura, e Ceo
Que nunca falta a quem d'elle pendeo.
O que deve ſeguirſe em cada idade
Claramente t'enſine,
Sempr'o Eſprito t'incline,
Marianna, a brandura, e a bondade.
Enchate de prudencia,
De valor, e divina obediencia.
Cre-e, minina, crece, e em ti veremos
Doẽs raramente achados;
E verſos deſuſados
Para teu nome ás Muſas pediremos;
Que ſem ſeu favor, e arte,
Quem ouſara eſcreverte, quem cantarte?

Cre-

Creça comtigo a Era, a Palma, o Louro;
Para devidamente
Dar coroa eminente
A quem cantar de tam rico theſouro.
Que a quem tal nome ſoa,
Como lhe á de faltar verde coroa?
Crece, minina, e ſempre te parece
Co'a mai, ſempre c'o pai,
Em tudo avante vai,
Porque aſſi um raro nome ſe merece.
Que ſe a elles te pareces,
Que rariſſimos nomes nom mereces?
E quantos bens, de teu amor movidos,
Juntos em ti deſejam,
Em ti juntos os vejam
A mil contentamentos ſempre unidos.
E vejam longos annos
Livres de ſobreſaltos, e de danos.

## *A FILIS.*

### ODA XII.

NAçam ingenhos para teus louvores,
Que em ti tam grandes vemos,
Que deixam muito atrás inda os maiores.
Se tanto commettemos,
Que nom baſta, intendemos,
A tanta fermoſura, e a tal eſprito
Uſado canto, nem uſado eſcrito.
Se quero começar por eſte eſtremo,
Vejo um, vejo outro, e cento,
Vejo mil, vejo mais, e ant'elles tremo;
Vejo o merecimento
Mór que o intendimento
De que niſto eſperar guia pudera;

Se

Se mais a ti o Ceo qu' a elle nom dera.
Fico, Filis, assi nisto confuso.
Vejote, nom t'intendo,
A ti mesmo dou culpa, a mim m'escuso,
Que do que em ti estou vendo,
Me nace estar temendo
Cantar de ti com medo d'offenderte:
Cantate tu que sabes intenderte.
De ti mesma devias ser cantada,
Teus louvores ensina
A quem de ti nom sabe dizer nada:
Tu de louvar és dina
A tua peregrina
Fermosura, a que nada, Filis, falta,
Que para nós estás, Filis, mui alta.
Mas eu que esperar posso se te canto,
Se ó que em ti, Filis, vejo
Inda nom sei bem dar devido espanto.
Mas d'este justo pejo
Me salvará o desejo
Que tenho de cantarte toda a vida;
Obrigaçaõ de todos bem devida.
Mas para teus louvores o Ceo crie
Ingenhos desusados,
De que, Filis, teu canto se confie.
Nós em verte occupados
Sóbre nós levantados,
Louvaremos o Ceo, pois que chegamos
A ver o que no mundo nom cuidamos.

## *A FILIS.*

## ODA XIII.

QUando os suspiros movo,
Fermosissima Filis, a chamarte;

Do

Do doce, e brando, e novo
Som de ſó nomearte
Nom á quem Alma, nem a voz m'aparte.
Teu brandiſſimo nome
Sempre a mim doce, ſempre a mim ſuave,
Que peito á que nom dome?
Que dor tam dura e grave
Que co' elle nom s'abrande, e deſaggrave?
Na mór minha triſteza,
No meu mais rriſte e grave penſamento,
Na mayor aſpereza
Do Amor, e ſeu tormento,
Tomo em teu nome, Filis, novo alento.
Se tanto ás vezes ouſo,
Que d'eſte nome canto, ou d'elle eſcrevo,
Nunca em nada repouſo,
Mais do que digo devo,
E aſſi com medo até cantar m'atrevo.
Mas já ſerás cantada
De mim, fermoſa Filis, toda a vida,
E inda que em vaõ amada,
Já nunca arrependida
Alma ſerá do amor que a tem vencida.
Nem do amor, nem da rima,
Tudo a ti juſtamente offerecido,
Como a ſeu preço, e eſtima,
Será nunca movido
Eſte peito de ti, Filis, vencido.
Além do Eufrate, e Nilo,
Irá d'eſte por ti fermoſo Tejo
O meu inculto eſtilo,
Que com teu nome vejo
Livremente correr tudo ſem pejo.
Que onde teu nome brando
Pode chegar, que a ſi nom traga certo
Quanto for alcançando,

Fi-

Filis, ó longe, e ó perto?
Ou que peito a ſeu ſom nom ſerá aberto?
Nom ſó ficará eſcrito
Nos eſpritos gentis d'amor vencidos,
Seraõ do inculto eſprito
Com amor recebidos
Teu nome, e teu louvor uma outro unidos.
Teu nome a que prezo anda
O meu intendimento inteiramente,
E toda dor abranda
Qu'eſt'Alma por ti ſente,
Inda que na mór dor por ti contente.
Fermoſa Filis, ouve
Minha voz, e em teu nome, ouvindoa, apura,
Meu canto ſempre louve
Teu nome, e fermoſura,
E nom quero do Amor outra ventura.

## *A FILIS.*

## ODA XIV.

EU, Filis, nom entendo
Eſte amor com que t'amo,
Amarte ſó pretendo,
A mim por ti deſamo,
E cada vez em mais amor m'inflammo.
E' ſempre meu intento,
Filis, ſervirte, e amarte,
Nunca outro penſamento
Tenho ſe nom louvarte,
Se ſoubera o louvor devido darte.
Fallar em outra couſa
Nom ſei, Filis, nem quero;
Fallando em ti repouſa
O eſprito, e d'elle eſpero

Que

Que ſinta o que eu dizer já deſeſpero.
Para louvarte fallo,
Para louvarte eſcrevo,
Para louvarte calo,
Quando a tanto m'atrevo;
Mas tudo a teus louvores, Filis, devo.
A tudo a viſta eſcondo
Quando és, Filis, auſente.
Nem ouço, nem reſpondo
Se nom de ti ſómente,
Que neſte eſprito eſtás ſempre preſente.
Nada que de ti diga
Me deixa ſatisfeito.
Nem ſorte á tam imiga
Que mude eſte meu peito,
Inda que a ti nunca é, Filis, acceito,
Amote, Filis, quanto
Póde minha vontade,
No intento do meu canto
Verás eſta verdade
Que m'enche o eſprito de ſuavidade.
Mas quando, Filis, vejo
Tua grande fermoſura,
Mais amarte deſejo,
Se pode ſer mais pura
Eſt'Alma em teu amor firme e ſegura.
Quando te vejo creo
Que nada, Filis, faço,
E co' eſte duro enleo
A vida em dor desfaço,
Mas ſe mouro d'amor, d'amor renaço.
Nom queiras que julgado
Do que em ti á me veja,
Porque a mais condenado
De ti, Filis, nom ſeja,
A brandura a vontade aqui te reja.

## *A FILIS.*

### ODA XV.

EU vejo o Amor armado
Nom de ferro, nem fogo,
Nem d'arco, nem de ſetas,
Nem o vejo ajudado
De manhas, nem de rogo,
Nem d'invençoẽs ſecretas.
Nom vence os fracos peitos,
Como antes coſtumava,
Com força e fortaleza.
Já nom lhe ſaõ acceitos
Os meos de que uſava,
Cheos de ſó crueza.
Em teus olhos o vejo,
Filis ſempre fermoſa,
Armado fortemente
D'alli vence o deſejo,
E Alma deixa queixoſa
E alegre juntamente.
Alli tem brandos rayos
Com que com força branda
Os peitos vay entrando:
E mil doces deſmayos
A's Almas co' elles manda
O Amor aſpero e brando.
Com tua fermoſura
Nada á que nom abrande,
Nada que a ſi nom renda,
Neſſa tua brandura
Tem fortaleza grande
Com que os eſpritos prenda.
Os olhos dalli fere

Dal-

D'alli os peitos accende,
D'alli os entrega á morte;
Nem dá lugar que eſpere,
Quem nos teus laços prende,
Ter nunca livre ſorte.
Occaſiaõ, nem tempo
Para vencer eſpera
Quem pode, Filis, verte.
Comtigo em todo tempo
Vence, mas deſeſpera
Poder nunca moverte.
Em ti nom ſe varia
A fermoſura, e graça,
Sempre uma nos pareces.
Nom fica eſcuro o dia,
Inda que o Sol nom naça,
Filis, ſe tu appareces.
Pois á tua vontade
Nós prende Amor, e deixa
Almas, e penſamentos:
Movate já a verdade
Deſt'Alma que ſe queixa
De teus eſquecimentos.

*Groſando os primeiros oyto verſos do Soneto de Boſcaõ que começa*

*Quien dize que la auſencia cauſa olvido.*

## ODA XVI.

D'Amor firme e ſeguro
Nom tem o peito preſo, nem vencido;
Ou é d'amor perjuro,
Ou nunca foy rendido
*Quien dize que la auſencia cauſa olvido.*

De-

Deve ser d'este a vida,
Pois como morto deve ser julgado,
Julgada por perdida,
Qu'estando em tal estado
*Merece ser de todos olvidado.*
Tem sempre Alma segura
No bem que sempre é d'elle desejado;
E ausente, em grave e dura
Tristeza está occupado,
*El verdadero y firme enamorado.*
Como quem ama, e sente,
Espera ser dos olhos soccorrido
Seu mal sendo presente,
De tal bem despedido,
*Está quando está ausente más perdido.*
Para maior tristeza
Nom vendo o bem a que está sempre unido
Com amor, e firmeza,
D'elle nunca esquecido
*Aviva la memoria su sentido.*
Chorando a triste ausencia,
De que anda todo tempo lastimado:
De dura impaciencia
Em sua dor tentado,
*La soledad levanta su cuidado.*
Se seu contentamento
E' ver o bem que sempre é d'elle amado:
Com quam grave tormento
Será delle chorado
*Hallarse de su bien tan apartado!*
A grave saudade
De seu bem, que inda que mal intendido,
Amado é com verdade,
No peito mal ferido
*Haze su dessear más encendido.*

*Groſando o ultimo verſo de cada Oitava.*

## ODA XVII.

PEnſé que um puro amor, y verdad ſana
Otro amor puro, y verdad ſana hallaſſe,
Mas quedó mi eſperança en eſto vana,
Porque en tal bien tal mal nó me faltaſſe.
Y nó á baſtado el tiempo al Alma inſana
A que con tiempo ſe deſengañaſſe.
Y aſſi ſe deve compaſſion y riſa
*A quien aviſa el tiempo, y nó ſe aviſa.*

En mi nó falta amor, falta ventura,
Y aun a perder más tiempo me aventuro,
Quanto el ſus deſengaños mas ſegura,
Tanto yó nel amor mas me ſeguro:
Uno con otro contra mi conjura,
Yó contra mi con ellos me conjuro,
Que para ſu tormento el fuego atiſa
*A quien aviſa el tiempo, y nó ſe aviſa.*

Sigo el amor que devo, mas nó haze
Notro amor el effeto que conviene,
Y tanto aſſi ſervir, y amar me aplaze
Como que todo el bien dello me viene:
Eſta vana opinion me ſatisfaze
Tanto, que amando em vano me detiene;
Y aſſi ſe haze el eſperar ceniſa
*A quien aviſa el tiempo, y nó ſe aviſa.*

Siendo eſto aſſi, como és, y que aviſarſe
Deve a quien tiene el tiempo aſſi aviſado,
Sinó ſabe con el aconſejarſe,
Nó ſe tenga por bien aconſejado;
De ſi miſmo nó deve bien juzgarſe,
Pues és bien que nó ſea bien juzgado,
Y que traiga de necio una diviſa
*A quien aviſa el tiempo, y nó ſe aviſa.*

## *AO SENHOR DOM ALEXANDRE.*

### ODA XVIII.

CLariſſimo Alexandre, a quem eſpera
A ſagrada Tiara,
A que todo ſaõ peito honra, e venera:
A que coꝰ a grande e rara
Virtude que em ti vemos,
Ornada das mais partes que intendemos
Que em ti ſe vaõ cadꝫhora mais moſtrando,
Te eſtás devidamente habilitando.
Que arte, que voz, que canto, ingenho, eſtilo
De teu nome eminente,
Que pode já voar do Tejo ó Nilo,
Cantar pode igualmente,
Pois tanto ſe offerece?
Para que cꝰos louvores que merece
Teu nome, a toda parte vá ſeguindo,
E todo peito a teu amor abrindo?
Quem cantará do amor? Quem da vontade
Que á virtude fermoſa
Em tudo moſtras? Cuja ſam verdade
Faz Alma glorioſa;
E as obras de ti dinas
Com que ſeguila, com que amala enſinas?
E o ſanto exemplo com que reprendido
Fica quem da virtude anda eſquecido?
A' ſua graça, á ſua fermoſura
Tens Alma toda entregue:
Como quem ſabe que com graça pura
O mayor bem ſe ſegue;
E das vans fermoſuras
Que tanto bem impedem nada curas,

Nella tens poſtos olhos, e nella Alma,
Com ella aſpiras á glorioſa Palma.
Eſta é a fermoſura mais louvada
Que o Ceo na terra eſtima,
A elle Alma por ella é levantada,
E contra o mal ſe anima;
Neſta o peito ſeguro
Te fazes contra os vicios forte muro.
Que nom á mais ſegura fortaleza
Que a que tem na virtude ſua firmeza.
Quem cantará igualmente do ornamento,
Com que a virtude ſanta,
Que de todo outro bem é fundamento,
Em ti mais ſe levanta
C'o eſtudo com que a ornas
Das letras, com que em ti mais clara a tornas;
Das letras que, com ſeu fermoſo luſtre,
A todo ſer daó ſer mais claro e illuſtre?
Neſte eſtudo de ti tam dino, e ſanto
Todo tempo aproveitas;
Por elle com ter alto Eſprito, quanto
Pode eſtorvarte, engeitas.
Em tanto nom te eſcuſas
Da ſanta occupaçaó das ſantas Muſas:
Que és exemplo, e motivo aos diligentes,
Vergonha, e confuſaó aos negligentes.
Dos paſſatempos que eſſa idade pede,
Foges como de immigos,
Porque c'o intendimento que em ti excede,
Intendes os perigos
Que Alma deſaſſoſſegam,
E o penſamento a occupaçoẽs entregam,
Que fica em vaó a occupaçaó do eſtudo
Que nada alcança ſe nom deixa tudo.
Segue, Real Eſprito, eſſe deſejo
C'o fervor com que o ſegues:

Na-

Nada te seja impedimento, ou pejo
A que de todo entregues
Todo amor, e cuidado
A tal estudo, a tempo assi gastado.
Que quando assi se gasta sempre deixa
Louvor, contentamento, e nunca queixa.
Teu Real sangue, e teu Real Espirito
Veremos nisto claro,
E serás com rezaõ cantado, e escrito
De todo espirito raro.
E faraõ com seu canto
Que com louvor, e amor, e gosto, e espanto
Teu nome a todo mundo corra, e voê,
E docemente em todo ouvido soê.
Vens acudir ás brandas saudades
Que sempre te suspiram.
Vens responder ás devidas vontades
Que sempre te seguiram
Com amor verdadeiro,
Com Alma pura, e coraçaõ inteiro.
Digo da Real, e grande Caterina,
E das Reais Maria, e Serafina.
Com santo amor a santa may te aguarda,
Vem já, vem, nom aguardes;
E porque sempre o graõ desejo tarda,
Vem já, vem já, nom tardes
A's irmans que te esperam,
Que te querem o que sempre te quiseram.
E em quanto sentem da tardança o dano,
Cada momento lhes parece um anno.
Vem ao irmaõ, mas pay brando, amoroso
No que te mostra, e ama,
Theodosio Principe alto e milagroso,
Dino dimmortal fama,
E aos mais irmaõs que te amam,
E com desejo, e amor nAlma te chamam.

Vem-

Vemte lograr de tantos bons amores,
A que a terra, e o Ceo daõ mil louvores.
Paſſemſe nelles mil felices annos,
De mil prazeres cheos,
Clariſſimos amores, ſem enganos,
Triſtezas, nem receos.
E em nenhum tempo vejam
Contra o que querem, contra o que deſejam,
Enfadamento, pena, nem deſgoſto,
Mas ſempre amor, contentamento, e goſto.

EPI-

# EPITHALAMIO.

*NO CASAMENTO DA Sra. D. MARIA, com o Senhor Alexandre Farnes, Principe de Parma, e de Placencia.*

## OITAVAS I.

MAravilhas do Amor quem as intende?
Os ſegredos do Amor quem os alcança?
Uns coraçoens em vivo fogo accende,
A outros nega de ſi toda eſperança:
Concede a uns que ame, a outros o defende;
De uns moſtra ter, d'outros nom ter lembrança,
Outros de ſi deſcuida até um'hora,
Em que os acha diſpoſtos, e os namora.

II.

Nom é iſto no Amor eſquecimento,
Que todo o coraçaõ tem na memoria;
Mas é ordenança ſua que um momento
Eſpera em que a cada um dê pena, ou gloria:
Cuida um peito de ſi, que é livre, e iſento
E que terá do Amor ſempre victoria;
Mas cedo, ou tarde, ó Amor tudo obedece,
Que todo coraçaõ duro amollece.

III.

Criaſe um livre eſprito deſcuidado
De ſe render ó que Amor n'Alma cria,
E ſempre o Amor é d'elle deſprezado
Comſigo ſe contenta a noite, e o dia:
E de mil armas anda ſempre armado
Contra Amor forte, e contra ſua porfia,
Mas a ſeu tempo Amor tudo ſaltea,
E a quem mais ſe defende mais enlea.

Das

IV.

Das meſmas armas, de que ſe arma o peito
Contra elle, d'eſſas meſmas mais ſe ajuda,
E ſempre lhe é o eſprito mais acceito
Que mais ſe lhe defende, e mais ſe eſcuda:
Porque entaõ ſeu poder menos perfeito
Se moſtra, quando logo ſe lhe muda
Um coraçaõ de nada defendido,
Que quando ſe defende, e é vencido.

V.

Quem cantará do Amor as grandes couſas
Se inda as communs nom podem bem cantarſe?
Bem ſinto, eſprito meu, que nom repouſas
Por dizer o que nom deve calarſe:
Mas tambem vejo claro que nom ouſas
Começar o que nom póde acabarſe;
Mas canta tu do Amor, e ſeus poderes,
Que elle te guiará, ſe te perderes.

VI.

Foi viſto ir pelo ar o Amor voando
N'um claro dia, e todo em prazer cheo
Fermoſamente os ares ſerenando,
Derramando mil flores de ſeu ſeo:
A feſtas, e a prazeres convidando
A mil Amores, que o levavaõ em meo,
Danças, Riſos, e Jogos o ſeguiaõ,
E mil Cantos ante elle, e as Graças iaõ.

VII.

Iaõ todas coroadas de capellas
De mil flores diverſas bem tecidas,
Brancas, roxas, vermelhas, e amarellas
Entre Myrtho, e Berver entremetidas;
Todas ſuaves ao cheiro, á viſta bellas
Todas d'Amor, e para Amor colhidas;
Aſſim ſe trata Amor mimoſamente
Quando alguma alegria grande ſente.

Em

VIII.

Em alta voz d'ũa parte nomeavam
MARIA, fermoſiſſima MARIA;
Logo em voz alta d'outra parte alçavam
ALEXANDRE ditoſo com MARIA;
E todos juntos outra vez cantavam
Os nomes de ALEXANDRE, e de MARIA;
E nom ceſſava o Amor com ſeus Amores
D'eſtes nomes cantar, e ſeus louvores.

IX.

Forom voando aſſim té que chegarom
Onde eſtava ſua Mai, Venus fermoſa,
N'um jardim fermoſiſſimo, onde a acharom,
Como ella ſempre eſtá, branda e mimoſa:
De Ninfas, que em Amores ſe criárom
Acompanhada eſtava, e vangloriosa:
No jardim tudo ſaõ flores, e roſas,
Tudo Ninfas alegres, e fermoſas.

X.

Tudo mimos, delicias, e perfumes,
Fontes fermoſas, agoas, e freſcura,
Tudo dinças, e goſtos, nom queixumes,
Tudo tratar de Amor, e de brandura:
Medir conforme ós goſtos os coſtumes;
Fazer por conſervar a fermoſura;
Nom negar á vontade os appetitos;
Nem render a diſgoſtos os eſpritos.

XI.

Em quanto alli as arvores florecem,
Com cuidado ſaõ viſtas e tractadas;
Se acontece ſeccar, e reverdecem
Nom as deixam de todo deſprezadas:
Se co' tempo ſeccam, e ſe murchecem
Logo d'eſte jardim ſam arrancadas;
Que no jardim de Venus nom é olhada
Arvore de que nom ſe eſpera nada.

Che-

XII.

Chegando o filho a Mai com prazer tanto,
Com tantas vozes de alegria cheas,
De todo ſe eſtorvou com grande eſpanto.
Mas dizlhe o filho; » Mai que te ſalteas?
» Eſte prazer que em taõ alegre canto
» Moſtro, e em tudo o que vês, tu nom m'o creas,
» Se nom te parece que é bem devido
» O' que te contarei, que é ſuccedido.

XIII.

Diz a Mai já um pouco em ſi tornada:
» Fermoſo filho meu, quando te vejo,
» Figuraſeme em ti a viſta amada
» Do meu fermoſo Adonis, meu dezejo:
» E vendote fiquei toda turbada
» Do ſobreſalto grande, e amor ſobejo.
» Mas contame já tuas alegrias,
» E onde te detiveſte tantos dias.

XIV.

O minino da Mai ſempre mimoſo,
Se lhe encoſtou ſobre o fermoſo peito,
Contente de ſi meſmo, e glorioſo
De lhe aver de contar taõ grande feito:
Mas da ira da Mai mui receoſo
Que ouveſſe por afronta, e por deſpeito
Nom ſer d'elle chamada ás Santas Vodas,
A que foi a Alegria, e as Graças todas:

XV.

» Bem ſabes Mai (lhe diz o filho) que onde
» Tendo acabado o Sol ſua certa via,
» Sua fermoſa luz cobre, e ſe eſconde,
» E ós Antipodas vai dar novo dia,
» Uma fermoſa luz, que correſponde
» Em tudo á do fermoſo Sol, ſe cria;
» Ou ſe criou té'qui, e agora ida era
» Dar nova luz a quem com Amor a eſpera.

» Ma-

XVI.

» MARIA eſta é, Princeza em tudo clara,
» Do clariſſimo Infante DUARTE filha,
» Que inda que o Mundo todo ſe buſcara
» Nom ſe podera achar tal maravilha;
» E de ISABEL, das raras a mais rara
» Que ó Ceo contenta, e o mundo maravilha;
» Princeza cuja vida, e exemplo raro
» A's viuvas é honra, e louvor claro.

XVII.

» Filho do Rey, cujo alto nome ſoa,
» E ſempre ſoará devidamente,
» Da invicta e grandiſſima Lisboa,
» O's derradeiros Reinos do Oriente:
» Que accreſcentou á ſua gram Coroa,
» Com eſforçado peito, e com prudente,
» Digo MANOEL, cujo alto Eſprito, e grande
» Sempre ós ſeus Succeſſores o Ceo mande.

XVIII.

» Ella filha de JAMES raro Eſprito,
» Senhor da Grande Caſa de Bragança,
» De quem tem dado a fama immortal grito,
» E do ſangue dos Reys graõ parte alcança:
» Succeſſor do graõ NUNO, de que eſcripto
» Mil maravilhas á, por cuja lança
» Invencivel inda é, por proprio dano,
» Seu nome em odio ó ſangue Caſtelhano.

XIX.

» Eſta Princeza grande, eſta MARIA,
» Eſta que pareceo ſempre divina,
» Por exemplo tomou, por certa guia
» A virtude da Mai de que era dina:
» Nunca coube em ſeu peito, ou fanteſia
» Penſamento, ou memoria d'ella indina,
» Co' as Graças, e co' as Muzas ſe criava,
» E Minerva ſeu Eſprito lhe inflammava.

» Logo

XX.

» Logo em menina para ſi a tomarom,
» E ſempre entre ſi meſmas a tiverom,
» E tudo quanto enſinaõ, lhe enſinarom,
» Tudo o que podem dar, tudo lhe derom:
» Contra meus penſamentos ſempre a armarom
» Tal, que quaſi invencivel m^a fizerom;
» Eraõ ſeus exercicios de contino
» Em tudo que é de tal Princeza dino.

XXI.

» Deſcuidada de mim, do brando fogo
» Que eu em quem quero brandamente crio,
» Podera crer, que me trazia em jogo,
» E que as ſetas em vaõ forjo, e afio:
» Se eu nom ſoubera quanto val meu rogo,
» Q^abranda, e accende um peito duro e frio,
» E que contra meu golpe que entra tudo,
» Nem duro peito val, nem duro eſcudo.

XXII.

» Nos meſmos exercicios, e coſtumes
» Com ella a Irmã mais moça ſe criava,
» Duas eſtrellas clariſſimas, dois lumes,
» A que ſe ſeguia, a que bem guiava:
» Igual Amor entr^ellas ſem queixumes,
» E um meſmo Eſprito em tudo o Ceo lhes dava;
» Em tudo Irmãs, em nada differentes
» Uma da outra, e ambas de ſi contentes.

XXIII.

» Eſta é aquella rara CATHERINA
» Que o caſto Hymineo tem com rezaõ dado
» O' ſeu devido Amor, paga ſó dina
» D^Amor de tantos annos, e cuidado:
» Com a primeira rezaõ que a idade atina,
» Sobre tudo eſte bem foi d^elle amado,
» Eu digo JOAÕ herdeiro de Bragança,
» Seu ſangue, já ſeu Eſprito, e eſperança.

Joaõ

XXIV.

» Joaõ do graõ Theodosio filho, e herdeiro
» Nom só do Estado mas da honra, e Gloria
» Que do primeiro Sol té o derradeiro
» Tem cheo o Mundo de immortal memoria:
» Theodosio, em tudo grande, e em tudo inteiro,
» De quem pode tecerse larga historia;
» Theodosio, a que o Ceo deu liberalmente,
» Theodosio, que tambem deu largamente.

XXV.

» Nem com isto Maria se lembrava
» De mim, nem do que eu já lhe ia lembrando
» Para um Principe grande que eu amava,
» E que para este amor fui só criando:
» E se eu nisto até'qui dissimulava,
» Foi porque d'elle fui sempre esperando,
» Que nom só por estado pertendesse
» Este Amor, mas por si o merecesse.

XXVI.

» Foi crecendo este Principe, e crecendo
» Em tudo o que a um graõ Principe é devido;
» Eis que as Graças o estaõ de si enchendo,
» Como a um ditoso Esprito, e bem nascido:
» Eis que ó monte das Musas vai erguendo
» O dezejo; eilo d'ellas bem ouvido,
» Eilo já ó louro Apollo taõ acceito,
» Que em tudo o que elle pode o faz perfeito.

XXVII.

» Já em toda occupaçaõ aspera, e dura
» Se occupa; eilo no campo; eilo no monte
» Persegue as aves na maior altura;
» Nom acha fera que nom mate, ou afronte:
» Nom tem Diana bosque, ou espessura,
» Nom matta, ou valle, ou prado, ou rio, ou fonte
» Que a estes exercicios d'elle usados
» Possa ter escondidos, nem vedados.

Já

XXVIII.

» Já das armas quer Marte que uſe, e prove;
» Já trata as ſuas, já as alheas nom teme,
» Já com deſtreza, e com eſprito move
» O bruto, que com elle ſua, e treme:
» Já ſobre elle mil graças o Ceo chove
» Porque em tudo de todos já o eſtreme,
» Já em todo bom coſtume elle é criado,
» Já é de todos juſtamente amado.

XXIX.

» Era amado tambem devidamente
» De muitas; mas eu ſempre lhe guardava
» O ſeu amor, porque mais dinamente
» Mereceſſe eſte amor, que eu procurava:
» O ſeu amor que me outorgou contente,
» Sabendo para quem m'o aſſim outorgava,
» Sabendo que o outorgava já a MARIA
» Que elle por grande gloria recebia.

XXX.

» Novo ALEXANDRE, e ſó de OCTAVIO herdeiro,
» A quem Parma, e Placencia, e outros Eſtados
» Tem por proprio Senhor, e verdadeiro,
» E niſſo ſe aõ por bemaventurados:
» OCTAVIO que do Graõ PAULO terceiro
» Tem o appellido, e ſangue derivados,
» No Summo Sacerdocio raro exemplo,
» Donde ſe ergueo ó Summo, e Eterno Templo.

XXXI.

» Novo ALEXANDRE da alta MARGARITA
» Filho, e herdeiro tambem, que dinamente
» Em grandes Reaes Governos ſe exercita,
» Com Eſprito Real, alto e prudente:
» Neto de CARLO Quinto, que o imita,
» E o Eſprito lhe move, que altamente
» A heroicos feitos ſempre aſpire,
» E nunca d'eſte exemplo os olhos tire.

» Man-

XXXII.

» Mandei logo por ver ſe abrandaria
» Aquelle peito Real, e Alma ſegura,
» A que eu inda fallar claro temia,
» Por quanto ſempre foi contra mim dura,
» As Graças, e os Amores, que á porfia
» Com diſſimulaçaõ, e com brandura
» ALEXANDRE ante ella aos Ceos alçaſſem,
» E ſeu amor, e graças lhe louvaſſem.

XXXIII.

» Ora do ſer, do preço, e authoridade,
» Da graça, cortezia, e gentileza;
» Ora do ingenho, letras, e verdade,
» Da conſtancia do animo, e pureza:
» Ora da Real Liberalidade
» Do Eſprito, da virtude, e da grandeza;
» Ora d'outras mil graças lhe cantavam
» Que de fóra, e de dentro todo o ornavam.

XXXIV.

» Eu a tudo iſto alli diſſimulado,
» Brandamente lh'abrindo ia os ouvidos,
» Taes dons com tal amor, e tal cuidado
» (Dizia eu) devem ſer bem recebidos:
» Nom fallo em Real Sangue e alto Eſtado,
» Qu'ante eſtes devem ſer menos ouvidos,
» Valha o amor ſó, com que Alma offerecida
» Se tem, e a mim em teu nome entregue a vida.

XXXV.

» Nom ceſſavam as Graças, e os Amores,
» A quem eſta obra tinha encommendada,
» De dizer a ſu'Alma mil louvores
» D'ũa Alma, d'outra com bom Amor amada:
» Eis que ſe altera toda, eis muda as cores,
» Eis que quer conſentir, e eſtá calada;
» Em fim venceo Rezaõ, que vencer deve,
» E que a tudo preſente ſempre eſteve.

» Re-

XXXVI.

» Rezaõ venceo, nom fogo, seta, ou tiro,
» Que só Rezaõ a taes Espritos guia,
» Sem ella em vaõ n'uma Alma entro, e suspiro,
» S'ella tem a virtude só por guia:
» Contente de mim mesmo os olhos viro
» O' grave, e Real Esprito de MARIA,
» E em nome d'ALEXANDRE nella os ponho,
» Que já a tudo por ella o anteponho.

XXXVII.

» Acudio logo alli Hymineo Sagrado
» A confirmar este Amor puro e Santo,
» Da Virtude, e da Verdade acompanhado,
» Da Concordia, da Paz, de Rizo, e Canto:
» D'Igualdade, e de Fé, e Amor trocado,
» D'um Cuidado em duas Almas sem espanto,
» De bons Dezejos, candidos, modestos,
» Contentamentos licitos, e honestos.

XXXVIII.

» Logo entrarom prazeres, logo danças
» Contentamentos, e diversas cores;
» Soltei ós coraçoens as esperanças,
» E accendi os entaõ mais nos amores:
» E com rezaõ enchi de confianças
» A mil Ninfas de si, e de louvores
» Mil Damas formosissimas, que ornavam
» A gram festa que a Espoza celebravam.

XXXIX.

» Alli a formosura, e a mocidade
» Juntas a outras mil graças se estaõ vendo;
» Donde eu sem perdoar nenhuma idade
» Estou a uns, e a outros combatendo:
» D'alli o esprito roubo, e a liberdade,
» D'alli os nomes a muitos vou erguendo;
» D'alli falteo a muitos, d'alli espio,
» D'alli defencaminho, e d'alli guio.

» Al-

XL.

» Alli um da que ama os olhos nunca tira,
» Outro indino ſe chama, e ver nom ouſa;
» Um eſtá todo mudo, outro ſuſpira,
» Outro naquella gloria ſó repouſa:
» Outro que a nenhum bem d'eſtes aſpira,
» Ora olha uma couſa, ora outra couſa;
» Alli buſca cada um todos os modos
» D'avantajarſe em tudo ós outros todos.

XLI.

» As Ninfas que em choreas florecerom
» De todo alli poderom ſer vencidas;
» As tres Irmãas a poſſe alli perderom
» De fiar, e tecer, e cortar vidas;
» As Deozas que do pomo contenderom
» Alli nom forom viſtas, nem ouvidas,
» Perdoa, Mai, verdade aſſi taõ clara,
» Mas nom creo, que alli ſe te julgara.

XLII.

» Uma clariſſima luz alli ſe via
» De taõ eſtranha, e nova fermoſura,
» Que a fermoſa manhã, e o claro dia
» Ante ſeus olhos ficaõ nevoa eſcura:
» De preço, e authoridade, e cortezia,
» De graça, e de ſaber, e de brandura,
» De condiçaõ que do Amor ſempre riſſe
» Nunca em ninguem vi mais, por mais que viſſe.

XLIII.

» Digo aquella Franciſca, grande gloria
» Do Sangue, e nome d'Aragaõ famoſo,
» Que a eſta idade das outras dá victoria,
» E o Mundo faz mais rico, e mais fermoſo:
» Que o tempo que á de vir com ſua memoria
» D'eſte tempo fará mais ſaudoſo;
» Uma das que na Caſa Real florecem,
» Uma das que mais nella reſplendecem.

XLIV.

» O graõ Rey que com ſua authoridade
» Sebastiaõ celebra, e honra eſte dia,
» Com grave, e alegre aſpeito em tenra idade
» Gracioſo traz á dança a eſpoſa Tia:
» O ar, graça, e meneo, e gravidade
» Com que os paſſos concorda á melodia
» Ninguem em mais idade inda o fizera;
» Mas d'um Rei milagroſo que ſe eſpera?

XLV.

» D'elle ſe eſpera, que um caminho novo,
» Até'gora dos ſeus nunca ſeguido,
» Abrirá ós ſeus illuſtres, e ó ſeu Povo,
» De quem ſerá com fé, e amor ſervido:
» S'eu co' eſte amor mil paſſos d'aqui movo
» O's coraçoens dos ſeus, é lhe devido:
» E trará a ſeu Imperio, e a ſeu theſouro
» As Heſperides com ſeus pomos d'ouro.

XLVI.

» D'elle ſe eſperam milagroſos feitos,
» Que milagres lh'eſtá o Ceo promettendo;
» Marte o eſtá eſperando com conceitos
» Que ſem elle nom pode ir concebendo;
» Cria Apollo os ſeus ramos mais acceitos
» Para Coroa d'elles ir tecendo,
» Com que os meſmos ſeus ramos mais illuſtre,
» Tomando em ſua cabeça preço, e luſtre.

XLVII.

» Ilo á ſeguindo em tudo o ſeu Duarte,
» ( Como quem o que deve em tudo guarda )
» E as ſuas Inſignias Reaes, ſeu Eſtandarte
» Que já com prompto, e alegre animo aguarda,
» Com prudencia, e Conſelho, eſforço, e arte:
» Mas já eſta gloria a ſeu Eſprito tarda,
» E entaõ d'elle ſerá bem conhecido
» Quanto pode de Duarte ſer ſervido.

» O

XLVIII.

» O grão DUARTE, que esta festa, e dia
» Nom só com Amor de Irmaõ trata, e festejá;
» Mas porque é d'elle honrado co' alegria
» Que aprazerlhe, e servilo só dezeja:
» DUARTE em quem o Ceo grandes bens cria,
» Em que inda o Mundo maravilhas veja,
» De Principes exemplo puro e claro,
» Alta materia a todo espirito raro.

XLIX.

» Tambem de grande Amor grande argumento
» Mostrou a alta Rainha CATHERINA,
» Que do seu recolhido apartamento,
» Onde Alma para o Ceo sómente afina,
» Deixando o seu contino sentimento,
» Pelo bem de que a terra foi indina,
» Comsigo esta obra santa favorece,
» E alli entre as alegrias apparece.

L.

» Alli do grande Henrique claro Infante,
» De letras, e de virtude exemplo raro;
» D Espirito em todo bem firme, e constante;
» De peito na verdade aberto e claro:
» Dino que em immortais versos se cante,
» E se escreva com puro e alto apparo;
» Foi tambem este dia acompanhado,
» E approvado o que já tinha approvado.

LI.

» ALEXANDRE que já n'Alma intendido,
» E com a alegre e gloriosa nova,
» Tinha o triunfo ó seu Amor devido,
» Com mil prazeres seu prazer approva:
» O Espirito a grandezas sempre erguido
» Em outras mil grandezas o renova;
» Festeja o Portuguez, e o Castelhano,
» O Austrio, o Alemaõ, o Italiano.

LII.

» Mas já ſeu peito que a mór bem aſpira,
» Qu'é ver o ſeu ſó bem que Alma dezeja,
» Já MARIA ó Ceo pede, e já ſuſpira,
» De nada ſe contenta até que a veja:
» Neſta eſperança ſeu Amor reſpira,
» De todo outro prazer ſe afronta, e peja,
» Lá ſe lhe vai o Eſprito, e o penſamento,
» Lá o cuidado, lá o intendimento.

LIII.

» Neſta lembrança a vida ſó ſuſtenta,
» Só d'eſte bem que eſpera todo pende;
» Com eſte bem que ſe ſempre repreſenta
» A todo outro cuidado ſe defende:
» Mas juntamente o Eſprito lh'atormenta
» A tardança, de que Alma mais s'offende,
» Offendeſe do tempo, que lhe tarda
» O bem, de que elle todo bem aguarda.

LIV.

» Mil vezes diz: Como vivo eu agora
» Taõ longe do em que ſó quero ter vida,
» Sem ver o roſto, em que eſte Eſprito mora,
» E em que ſó meu Amor enche a medida?
» Se ſó tua ſombra aſſim Alma namora,
» Que anda de mim de todo deſpedida,
» Que ſerá quando vir o que eu intendo
» Que ſó em ti s'eſtá ſentindo, e vendo?

LV.

» Des que apparece o Sol té que s'eſconde,
» Des que s'encobre até que torna o dia
» A todas partes olho, e nom vejo onde
» Ache ſem ti repouſo a fantezia:
» Se por ti chamo, Alma ſó reſponde,
» Eu MARIA nomeo, ella MARIA;
» Ah tempo de mim tanto ós Ceos pedido,
» Que de ti meſma ſeja reſpondido!

» Tem-

LVI.

» Tempo ditoſo, em que te eu ouça, e veja,
» E em que tu tambem me ouças, e vejas,
» Em que intendas d'eſt'Alma o que dezeja,
» E de ti intenda eſt'Alma o que dezejas:
» E em que por teu amor ſempre me reja,
» E em que por meu amor ſempre te rejas;
» Se viſſe já eſt'amor aſſim trocado,
» E em noſſas Almas viſſe um ſó cuidado.

LVII.

» Que farei a eſte Amor que me reprende,
» Como que meus cuidados nom ſentira?
» Que força é eſta que aſſim cá me prende,
» S'outra força maior de lá me tira?
» D'eſte dezejo em que ſe o Eſprito accende
» Quem me quer eſtorvar? Quem me retira?
» Como nom cortarei ventos, e agoas,
» Para cortar d'eſt'Alma tantas magoas?

LVIII.

» Niſto dias, e noites vai paſſando,
» E em outras mil palavras amoroſas,
» Em quanto dezejoſo eſtá eſperando
» As vélas que já tem por vagaroſas:
» Fermoſiſſimas vélas, que cortando
» As largas ondas foraõ mais fermoſas
» Pelas fermoſas Ninfas que levarom,
» A que as ondas de todo ſe amanſarom.

LIX.

» Fermoſiſſima, e rara companhia,
» Fermoſiſſima frotta que a levava,
» Tudo para o ſerviço de MARIA
» Que com Amor devido já eſperava:
» Quanto ſe via alli, quanto s'ouvia
» Prazer, e Amor nos coraçoens criava;
» Encheoſe de alvoroço a gram Cidade,
» E outras Almas ſe encherom de ſaudade.

» En-

LX.

» Entre as Damas, que tudo mais ornavam,
» E a seu Amor mil coraçoens prendiam,
» Quatro os olhos, e as Almas namoravam,
» Com maravilhas que se nellas viam:
» Os espritos a muitos se enleavam,
» C'os espritos que nellas intendiam;
» Dinas de crear Amor, inveja, e espanto,
» E a todo o ingenho dar glorioso canto.

LXI.

» Uma de quem com grande rezaõ canta
» Todo o que a vê, e a julga por divina,
» E' aquella fermosissima Oranta
» De fermosura, e Alma peregrina:
» Glorioſa, bem nascida, e rara planta
» Do Illustrissimo Sangue Malespina,
» Por quem victorias mil tenho alcançado,
» E Apollo a mil Poetas laureado.

LXII.

» Outra, cujo alto Esprito, e fermosura
» Fermosuras, e espritos mil apaga;
» Por quem aver nom pode sorte dura,
» Inda que um' Alma em só durezas traga:
» A rara em tudo Antonia, honra segura
» Da Illustrissima Casa de Gonzaga;
» Antonia, cujo nome em Cedro, e Ouro
» Guardarse deve, como mór thesouro.

LXIII.

» Outra em quem eu bens grandissimos conheço,
» E em quem quanto se vê no Mundo é raro;
» Com cujo nome a muitos escureço,
» E outros muitos levanto, e mais aclaro:
» Por quem se deve ter por de mais preço
» O nome Aldobrandini illustre e claro,
» E' aquella fermosa, e gram Genebra,
» Que as setas me desponta, o arco quebra.

» E'

LXIV.

» E' aquella de Atiloy, em quem concorrem
» Mil grandes partes, a outra illuſtre Dama,
» Por cujo amor uns dinamente morrem,
» E ardem outros em amoroſa chamma:
» Cujos louvores polo mundo correm
» Com merecida, e com alegre Fama,
» Eſta de Frandes luz, de Italia aquellas,
» Nom ſó Muſas, e Graças, mas eſtrellas.

LXV.

» De todas, Mai, dizer muito podera;
» Muito dos que d'Amor, e fé guiados
» Traz o cuidado, que eu a cada um dera;
» Brandamente de mim forom forçados:
» Do bem que Alma d'um brando Amor eſpera;
» E de uma doce obediencia lá levados,
» Muito de outras graviſſimas peſſoas
» De quem tu, Fama, em todo o mundo ſoas.

LXVI.

» Eis MARIA entra já em nova fadiga
» Do Eſprito entre obediencia, e ſaudade;
» De uma parte a nova obrigaçaõ, que a obriga
» A que já deu a vida, e a vontade:
» D'outra a converſaçaõ branda e amiga,
» E a doce e clara familiaridade
» Da Mai, que ſempre conſervava, e via,
» Do Irmaõ, e Irmaã que como a ſi queria.

LXVII.

» Ouve em fim com rezaõ de ſer vencida
» Da juſta obediencia que a obrigava,
» E do amor daquella Alma já affligida
» Por quanto eſte ſeu bem já lhe tardava:
» Eis que a Mai na ſaudoſa deſpedida
» As lagrimas, e o amor diſſimulava,
» Em tudo o graõ prazer que tem deſcobre,
» E a triſteza da ſaudade encobre.

» Mas

LXVIII.

» Mas já das ondas de Neptuno a fia,
» A' furia a entrega já dos bravos ventos:
» Mas ſabe, que quem tal creou MARIA,
» Lhe fará brandos eſtes Elementos:
» E ſe ouver cauza (o que ella nom queria)
» Que nelles cauze grandes movimentos,
» Que ſerá, porque d'elles já cançada,
» Mais dezeje chegar, ond'é eſperada.

LXIX.

» Obedece Neptuno, e ao ſeu Tridente
» As fermoſas Nereidas vaõ ſeguindo;
» E com ſeus Focas Protheu alegremente
» Vai as ſalgadas ondas dividindo:
» A clara Lua, e o Sol, qual mais contente,
» A noite, e o dia vaõ cerrando, e abrindo;
» E o grande Eolo Rey que os ventos manda,
» Já a furia lhes tempera, o impeto abranda.

LXX.

» Da Clariſſima Infante vaõ nadando
» Co' a filha os penſamentos, e os eſpritos;
» Por mais que pelas ondas vá voando,
» Trazela vaõ dezejos infinitos:
» Continuamente a eſtá imaginando,
» No peito tem ſeus dons todos eſcritos,
» N'Alma eſculpida ſua fermoſura,
» E ante os olhos a tem ſempre em pintura.

LXXI.

» MARIA chea de ſaudades grandes,
» Chora os bens que té'li ſempre tivera;
» Mas o Amor a que já ſe deve em Frandes
» Brandamente a ſaudade lhe tempera:
» Mas, ah MARIA, porque a mais abrandes,
» De ti, e d'ALEXANDRE que te eſpera
» Ouve cantar os devidos Louvores,
» Que de ti cantaõ Graças, d'elle Amores.

On-

LXXII.

*Graças.* Onde estará uma rara fermosura?
Onde uma graça desacostumada?
Onde um Espírito cheo de brandura,
De preço, e d'authoridade nunca achada?
E um'Alma em todo bem sempre segura,
Das Graças todas sempre acompanhada,
Que a nom busque outro Espírito generoso?
Vai em paz, branda Espoſa, ó brando Espoſo.

LXXIII.

*Amor.* Onde estará um Espírito em tudo raro
Que grandezas em tudo só pretende?
Onde um peito amoroso puro, e claro,
Que sempre a Amores baixos se defende?
Onde um cuidado que nom quer reparo,
O's bons dezejos que Amor n'Alma accende,
Que nom busque outro Espírito alto, e fermoso?
Vai em paz, branda Espoſa, ó brando Espoſo.

LXXIV.

*Graças.* Quanto um'Alma pode, que se guia
Só do que deve! Quanto um' Graça rara!
Quanto um' fermosura igual ó dia,
Quando a luz do Sol claro está mais clara!
N'um alto espírito só de o ouvir cria
Fogo d'Amor, comque s'o espírito aclara,
Cria fogo d'Amor brando, e forçoso.
Vai em paz, branda Espoſa, ó brando Espoſo.

LXXV.

*Amor.* Quanto Amor pode, que um espírito ausente,
Só do que ouve, e nom vê, assi se namora,
Que o que nom vio, é o que nom ver mais sente,
E só nesta dor gasta o dia, e hora!
Como que o vir, n'Alma o tem presente,
E este cuidado só em seu peito mora;
Assim o brando Amor é poderoso.
Vai em paz, branda Espoſa, ó brando Espoſo.

Com

LXXVI.

*Graças*: Com tua graça o ar ſerene, e abrande,
Só o neceſſario ás vélas favoreça;
Clariſſima MARIA, o Ceo te mande
Uma clara luz, que nunca s'eſcureça:
Todo o tempo comtigo o prazer ande,
Naçaõ alegre o dia, e anoiteça;
Todo o tempo do teu ſeja invejoſo.
Vai em paz, branda Eſpoſa, ó brando Eſpoſo.

LXXVII.

*Amor*. Com teu amor ás graças de MARIA,
E ós grandes bens que a ornam bem devido,
Clariſſimo ALEXANDRE, o Amor, que guia
Os corações que ſe lhe tem rendido,
Pouco a pouco a ſaudade em alegria
Vá convertendo, e d'eſte Amor vencido,
Nom eſtè ſeu Real Peito taõ ſaudoſo.
Vai em paz, branda Eſpoſa, ó brando Eſpoſo

LXXVIII.

*Graças*. Contente logra tudo o que te eſpera,
Contente o ouça quem te bem dezeja;
Tenhas continuamente Primavera
Que aſſombrada de nuvens nunca ſeja:
D'um Pólo a outro Pólo em toda a eſfera
Se cantem os bens que o mundo em ti veja,
E tudo encha teu nome glorioſo.
Vai em paz, branda Eſpoſa, ó brando Eſpoſo.

LXXIX.

*Amor*. Contente logra os grandes bens que eſperas,
Vive, ALEXANDRE, bemaventurado;
Com mil palmas, mil louros, e mil eras
Sejas perpetuamente celebrado:
Teu grande nome, que por ti fizeras
Dino de ſer de todos bem cantado,
Será com o de MARIA mais famoſo.
Vai em paz, branda Eſpoſa, ó brando Eſpoſo.

LXXX.

» Isto as Graças cantarom, e os Amores;
» Isto só todo espirito agora canta;
» A estes devidos e Reaes louvores
» Mil bons ingenhos Febo ora levanta:
» De Netos de taes Reis, e Imperadores
» Qu'inda o mundo ama, e de que s'inda espanta;
» Que outra cousa esperarse poderia,
» Do que tal ALEXANDRE, e tal MARIA?

LXXXI.

» Principes raros, que perpetua gloria
» Deixareis a esses vossos Reaes Estados,
» Conservai com Amor vossa memoria,
» E elles com Amor sejaõ conservados:
» Assim será mais doce vossa historia,
» Vossos nomes seraõ mais invejados,
» Tudo com Amor se cria, e se sustenta,
» Com Amor se conserva, e se accrecenta.

LXXXII.

» Tenhote, Mai, contado as alegrias
» D'estes Principes grandes, e o cuidado
» Que sem ti me deteve tantos dias;
» Nom tomes mal tempo taõ bem gastado:
» Se ordenar (diz a Mai) filho querias
» Couzas de tanto pezo, e tal estado,
» Como assim me deixaste de fora?
» Mas nom é tempo; queixarme hei outr'hora.

LXXXIII.

» Nom tens, Mai, de que estar de mim queixosa
» Por nom tratar de seres lá presente,
» (Lhe diz o filho) pois estava a Esposa
» Inda do seu devido Esposo ausente:
» Vimte contar esta historia amorosa
» Que o Ceo quiz, de que a terra está contente;
» Agora é necessario que a Bruxellas
» Te vás, para onde vaõ cheas as vélas.

» Já

LXXXIV.

» Já alli pela Eſpoſa eſpera o Eſpoſo,
» Alli eſtarás ás viſtas amoroſas;
» Alli eſpero d'andar victorioſo,
» Entre mil Damas brandas e fermoſas:
» E das que com MARIA do famoſo
» Tejo hora vem, mas ellas mais famoſas,
» Mil corações eſpero ter vencidos,
» E ás ſuas vontades ſempre offerecidos.

LXXXV.

» E porque eu nunca quero, antes me guardo
» De ſer de meus coſtumes diſtrahido,
» Me deixa ir daqui logo, e lá te aguardo,
» Que quanto aqui á tudo é de mim vencido:
» E a mil eſpritos, cuido, que já tardo
» A que eſtou obrigado, e offerecido.
Foiſe o Amor, e os ares enchendo ia,
Dos nomes de ALEXANDRE, e de MARIA.

# EPITHALAMIO.

*NO CASAMENTO DE VASCO DA SILVEIRA; com a Senhora D. Inez de Noronha.*

VEm, fermoſo Hymineo, coroado
De violas, jaſmins, e outras mil flores,
Colhidas todas no amoroſo prado.
Nom vez como cercado dos Amores
O teu fermoſo Irmaõ, Amor, te eſpera,
Apartando daqui queixas, e dores.
Olha em Novembro a alegre Primavera;
Como parece que eſtá rindo o dia
Que taõ fermoſo o Ceo hoje nos dera.
Olha como chamando eſtá Alegria
Por ti com grandes vozes; como o canto
Tudo enche de ſuave melodia.
Vem, Hymineo, vem fermoſo e ſanto;
Naõ tardes, vem, que d'Alma já te chama
Aquelle Eſprito dino d'alto canto.
Aquelle graõ Silveira, que honra, e ama
O grande Amor, de quem devidamente
Corre por todo o Mundo immortal fama.
O graõ Silveira amado geralmente,
Geralmente louvado, e aſſim querido
Nom ſó dos Grandes, mas de toda a gente.
Aquelle em tudo grande conhecido
Por mil partes, que tem em toda a parte;
De quem Amor foi ſempre obedecido.
De quem já foi ſeguido o grande Marte,
De quem inda o ſerá com nova gloria,
Com raro eſprito, grande esforço, e arte.
Aquelle em tudo dino de memoria,
Dos Illuſtres Silveiras claro preço,
Que inda dará mór nome á ſua hiſtoria.

Vem

Vem, Hymineo, ajuda um bom começo,
Confirma uma tençaõ pura, amorosa,
Que tu só tens do Amor o justo preço.
Acode já áquella Alma dezejosa
De ver já em outra Alma teus effeitos,
Comque fique no mundo glorioſa.
Leva avante c'o Amor seus bons conceitos,
Em Amor puro só todos fundados,
Livres de todos outros vaõs respeitos.
Toda a nevoa já aparta a seus cuidados;
De seu Amor comtigo em premio traze
Grandes contentamentos bem logrados.
Máos dias, e más noites satisfaze
Com tempo todo alegre, e paz segura,
Em que todo outro bem s'ordene, e aze.
Aquella desusada fermosura,
Aquella grande Dama clara, e Illustre,
Igual em preço, e ser, honra, e brandura:
Aquella que dá ás Graças novo lustre,
Ornada de uma virtude pura e rara,
Comque as mais partes suas mais illustre:
Aquella que até morte sempre amara,
Por cujo Amor mil vezes dera a vida,
Inda que ella até morte o desamara:
Por premio Amor lhe dá, que merecida
A tem já com dezejo, e esperança
Guiada d'um Amor, que é sem medida.
Já agora com mais certa confiança
Te chamo, nem já a vir duvida tenhas,
Nem dilates tal bemaventurança.
Vem, Hymineo, vem, nom te detenhas;
Porque já a clara Inez com justa cauza
Consente que te chame, e quer que venhas.
Já ó cuidado de Silveira a pauza
Merecida quer dar, nom ó Amor grande,
Que ella em su'Alma, e elle na sua cauza.

Sem-

Sempre Amor neſtes dois Eſpritos ande;
Tudo nelles Amor, e prazer ſoe,
E mil peitos com ſeu exemplo abrande.
E em ti, Hymineo, unidos ſempre voe
D'elles tal fama, e nomes taõ glorioſos,
Que o Ceo com mil louvores os corôe,
Dos eſpritos um do outro dezejoſos
Nom é bem, Hymineo, que tu lhes tardes,
Nem os tenhas mais tempo ſaudoſos.
Vem, Hymineo, já, vem, nom aguardes;
Confirma já eſte Amor tambem trocado
Nos dois peitos, que ſempre em teus bens guardes.
Vejaſe um Eſprito a outro atado
C'o Santo nó que ajunta duas vontades,
E prende duas Almas n'um cuidado.
Entregueſe um ó outro as liberdades;
O que um ſempre quizer ſempre outro queira;
E logrem n'um querer longas idades.
A boa paga do Amor, e verdadeira
De ti, Hymineo, ſó pode ſer dada,
Porque a dás tal, que dura a vida inteira.
Juſta paga, e do Ceo juſto approvada,
E toda a que ſem ti o Amor ordena,
Nem dura, nem do Ceo é confirmada.
Vem, fermoſo Hymineo, vem; e a pena
Da tua tardança mais lhe nom dilates:
Nem pode já a tardança ſer pequena.
Vem já, e aquelle peito nom maltrates,
Que, como pela vida, eſtá eſperando
A hora em que a eſte Amor de todo o ates.
As horas, e os momentos vai contando,
Cada momento por mil annos conta,
Neſte bem todo o tempo imaginando.
Olha quanto um momento no Amor monta,
Quanto ſe ſente um'hora ſó perdida
Do bem de que ſe já faz certa conta.

Já

Já com rezaõ tua vinda é bem devida,
Pois já taõ chamado és... Mas já parece
Que vejo a luz que sempre a ti anda unida.
Na fermosa Alegria já apparece,
Como que já te vê, mais ledo o rosto,
E o claro Sol mais claro resplandece.
Já o alegre Riso, e o doce Gosto,
Que comtigo sempre andaõ, chegar vejo,
E já o Prazer todo de Amor composto.
Vejo Venus, as Graças, e o Dezejo
Que sempre as segue, e sempre andaõ comtigo;
Vejo o Consentimento, e honesto Pejo.
Vejo o Amor sem receo, e sem perigo;
Vejo a Verdade clara, e a Pureza
Que tem quem tuas Leis sempre traz comsigo.
Chega, Hymineo, já, mostra a clareza
Desse teu rosto divino, e fermoso;
Ajunta uma nobreza a outra nobreza.
Mostrate, e toma pela maõ o Esposo;
Leva o á rara Esposa que contente,
Com grave aspeito, espera, e amoroso.
Brando Hymineo, que taõ docemente
Pagas os que por ti traz o Amor andam,
Pois já viesse chamado, e estás presente!
Ouçamse já as palavras que os Ceos mandam,
Que façam duas vontades uma vontade,
E que toda dureza vencem, e abrandam.
Deça do Ceo uma nova claridade
Que em tudo os bons Esposos alumie,
E lhes dê d'um para outro saá verdade.
Que para o bem em tudo sempre os guie,
E os encaminhe a tudo o que dezejam,
E em todos seus designios os confie.
Amoroso Hymineo, cedo em si vejam
Teus Esposos docissimos penhores,
Que iguaes a elles inda em tudo sejam.

Lo-

Logrem de ſeu Amor fructos, e flores,
Seus nomes perpetuem, nunca indinos
De grandes, altos, e immortaes louvores.
O' doce Amor, e a ti cantem mil Hymnos:
O' ſanto Amor, e a ti, Hymineo ſanto,
De perpetuas cantigas ſempre dinos.
Nunca lhes chegue occaziaõ de pranto,
Tudo nelles continuamente ſeja
Feſta, prazer, e riſo, jogo, e canto.
Nelles paz, e concordia, e Amor ſe veja,
Igual Amor, qual tu, Hymineo, queres,
Sempre Amor nelles mande, enſine, e reja.
Amor, ditoſas Almas as que feres,
Para aſſim virem ſer tambem trocadas,
E ás que tu, Hymineo, eſte bem deres.
Vodas ditoſas bemaventuradas,
A que aſſiſtem os Bens, e as Graças todas,
Podereis juſtamente ſer chamadas
Alegres, bem nacidas, ſantas vodas.

# EPITAFIOS.

## *A ELREY DOM MANOEL.*

### EPITAFIO I.

ESta pequena pedra encobre, e encerra
O gram Rey MANOEL, amor do povo;
Que dilatou seu nome em toda a terra,
E descubrio ó mundo um mundo novo.
Felice em paz, sempre felice em guerra,
Que nunca a seu intento achou estrovo.
Governou santamente no Occidente,
D'onde venceo, e deo leys ó Oriente.

## *A' RAINHA DONA MARIA.*

### EPITAFIO II.

FIlha de Reys, e may, e irmã, e tia,
Avó de Reys, e de tudo isto dina.
De qual outra outro tanto se diria
Como dest'alta Rainha já divina?
Mulher de MANOEL, grande MARIA,
Por quem todo alto espirito inda s'ensina.
E póde com tudo isto a ley da Morte
Darlhe esta estreita sepultura em sorte.

## *A ELREY DOM JOAÕ TERCEIRO.*

### EPITAFIO III.

AQui jaz o gram Rey, JOAÕ Terceiro;
Filho de MANOEL, e de MARIA:
Que justamente o nome de primeiro,
Entre muitos Reys grandes, ter devia.
Rey justo, pay clemente e verdadeiro

De

De seu povo, que o amava, e que o temia.
Aqui jaz, e d'aqui o mundo inda espanta,
Por elle o mundo chora, e d'elle canta.

## *AO INFANTE DOM LUIS.*

### EPITAFIO IV.

UM grande exemplo aqui de Fortaleza
S'esconde, e de Prudencia, e de Bondade.
De Letras, e d'Ingenho, e de Largueza,
D'Espirito, e de Conselho, e de Verdade,
De Preço, e de Constancia, e de Grandeza,
De Brandura, e de Magnanimidade.
Principe Luiz, que só do Ceo foy dino,
E de que sempre foy o mundo indino.

## *AO CARDEAL INFANTE DOM AFFONSO.*

### EPITAFIO V.

FOy este que aqui jaz o grande Infante,
Gram Sacerdote Affonso ós Ceos levado.
Gram coluna da Igreja militante,
Das insignias de Purpura dotado.
Como Principe em tudo o bom constante,
Foy d'elle o mayor Principe imitado.
Como Pastor seguindo o Bom Pastor,
Suas ovelhas tratou com puro amor.

## *AO INFANTE D. DUARTE.*

### EPITAFIO VI.

AQui s'esconde nesta sepultura
O amor d'um'Alma triste, e saudosa

Do

Do bem que encobre aqui esta pedra dura,
Por cuja ausencia triste está chorosa.
DUARTE foy de quem no mundo dura,
E durará memoria glorioſa.
Pay de DUARTE foy, mercê divina;
Pay de MARIA, Pay de CATHERINA.

## *AO PRINCIPE DOM JOAÕ.*

### EPITAFIO VII.

UM Principe aqui jaz, certa esperança
De tudo o bom que s'esperar podia.
Mas a Morte atalhou a confiança
Que noſſas Almas de prazer enchia.
O graõ Principe JOAÕ, bemaventurança
Dos reinos para que elle inda crecia;
Seu corpo estreitamente aqui s'encerra,
E a seu Esprito era estreita toda a terra.

## *AO SENHOR DOM DUARTE*
*Filho d'ElRey Dom Joaõ Terceiro.*

### EPITAFIO VIII.

DUARTE foy, filho de JOAÕ Terceiro
Este que aqui debaixo está encerrado.
Do Pay em tudo filho verdadeiro,
Na flor da idade da morte cortado.
Pouco viveo, muito moſtrou primeiro;
Com que de todos era bem amado.
Moſtrouſe tarde, mas foy tam sentido,
Como que sempre fora conhecido.

## *A ANTONIO DA SILVEIRA,*
*Capitaõ d'Arzila.*

### EPITAFIO IX.

DEbaixo jaz ANTONIO da SILVEIRA
Capitaõ valeroſo e eſforçado:
Que ſempre defendeo a Real bandeira
Que ſempre teve o immigo deſvelado.
Qu'em tudo ſe ouve ſempre de maneira,
Que foy temido em guerra, em paz amado.
Venceo, desbaratou ſempre os immigos,
Nunca as armas temeo, nunca os perigos.

## *AO MESMO.*

### EPITAFIO X.

QUem recolheo em ſi eſta Sepultura?
Um eſprito na paz em tudo brando.
E eſforçado na guerra aſpera e dura
Que pola patria, e Rey foy continuando.
Raro exemplo d'eſforço, e de brandura;
E ſeu nome inda ó Mouro eſtá aſſombrando.
Nem á quem os ſeus bens todos aſſome,
ANTONIO da SILVEIRA foy ſeu nome.

## *A ANTONIO DA SILVEIRA,*
*Capitaõ de Dio.*

### EPITAFIO XI.

UM corpo aqui debaixo eſtá eſcondido,
Que já, guiado de ſeu raro eſprito,

Com

Com poucos Portuguezes deſtruido
De Cambaya o poder teve infinito:
Foy d'elle gram triunfo merecido,
E merece immortal canto, e eſcrito.
ANTONIO da SILVEIRA ſeu nome era,
De grande nome em toda a grande Eſfera.

## *A DOM VASCO DA GAMA, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India.*

### EPITAFIO XII.

QUem é eſte que ós pés tem o Tridente
Do Rey do mar? E' Dom VASCO da GAMA.
Que correndo do Tejo té Oriente,
Deo reynos a ſeu Rey, e a ſi gram fama.
Seu nome vivirá ſempre entr'a gente
Que, com rezaõ, ſeu nome ind'honra, e ama:
E ó Rey mereceo ſeu ſerviço raro
Officio principal, titulo claro.

## *AO GRANDE DUARTE PACHECO:*

### EPITAFIO XIII.

A India é teſtemunha das victorias
De DUARTE PACHECO milagroſas.
Portugal o ſerá das poucas glorias
Que lhe deo por ſuas obras glorioſas.
Todo mundo das claras ſuas hiſtorias
Louvadas, e invejadas, e famoſas.
O juſto Ceo de ſu'Alma limpa e pura;
De ſeu corpo eſta pobre ſepultura.

*A FRANCISCO DE SAᵉ DE MIRANDA.*

EPITAFIO XIV.

A Alma no Ceo repouſa eternamente
Chea do que cá tinha merecido.
O nome voando vai de gente em gente
Com inveja, e amor, e ciſpanto ouvido.
O corpo fraco jaz aqui ſómente,
Dᵉ Alma á força dᵉidade deſpedido.
A Morte desfaz tudo, mas MIRANDA
Vivo é no Ceo, e vivo na terra anda.

*A JOAÕ LOPES LEITAÕ.*

EPITAFIO XV.

AQui ſe guarda a glorioſa memoria
De JOAÕ LOPES LEITAÕ ſempre louvado:
Dino dᵉimmortal nome, e clara hiſtoria,
Por ſua prudencia, e esforço deſuſado;
Teve entrᵉimmigos nome cheo de gloria,
Dos amigos ſerá ſempre chorado.
O Amor guarda ſeu corpo, o Ceo ſuᵉAlma,
A quem daõ mundo e Ceo glorioſa Palma.

*AO MESMO.*

EPITAFIO XVI.

DE JOAÕ LOPES LEITAÕ aqui sᵉencerra
O claro nome, e o mar ſeu corpo cobre.

Cheo

Cheo de ſiſo em paz, d'esforço em guerra,
E d'um eſprito em tudo claro e nobre.
Corre o mar ſua Fama, e corre a terra,
E maravilhas mil d'elle deſcobre.
Como todos amavam ſua vida,
Sua morte de todos foi ſentida.

## *AO MESMO.*

## EPITAFIO XVII.

Vês, tu que paſſas, eſta ſepultura
De Palma ornada, e de Loureiro, e d'Era?
Vazia eſtá, que o quis aſſi a ventura,
Que para o corpo de JOAÕ LOPES era.
Seu corpo jaz no mar, ſu'Alma pura
O' Ceo ſe foi, onde ſeu corpo eſpera:
Coroa mereceo de dous Loureiros,
A dos Poetas, e a dos Cavalleiros.

## *AO MESMO.*

## EPITAFIO XVIII.

NEſſe fronteiro mar taõ levantado
Que lava eſt'alta pedra, e eſtas areas,
De JOAÕ LOPES o corpo eſtá guardado
N'um vaſo d'ouro das mais ricas veas.
Das Nereides alli ſempr'é chorado,
Alli cantado é ſempre das Sereas.
Ergueoſe aqui eſta pedra em ſua memoria,
E o mundo terá d'elle larga hiſtoria.

## *A AFFONSO D'ALBUQUERQUE Governador da India.*

### EPITAFIO XIX.

UM corpo aqui se guarda governado
Em outro tempo d'um tam claro Esprito:
Que nunca poderá ser igualado
D'humano canto, ou de mortal escrito.
AFFONSO D'ALBUQUERQUE foi chamado,
De quem levanta a Fama immortal grito:
De Reis vem, Reis honrou, a Reis venceo,
E de seu nome a todo mundo encheo.

## *AO MESMO.*

### EPITAFIO XX.

QUem os ossos regeo aqui escondidos?
Quem ós immigos inda faz temor?
A que as bandeiras e trofeos erguidos
Mostrum á patria e a elle honra, e louvor,
Cujas forom? De Reis d'elle vencidos,
E de seu Rei por elle vencedor.
Quem foi? AFFONSO D'ALBUQUERQUE. Ah tarde
Virá outro tal por mais que o mundo o aguardé!

*A' Sra. DONA MARIA DE TAVORA, Filha de Luiz Alvares de Tavora, Dama da Rainha.*

## EPITAFIO XXI.

QUem jaz aqui? Uma grande fermosura,
Com as graças de que era toda ornada:
Honra, e virtude, e ser, preço, e brandura,
Tudo em idade muito anticipada.
Quem tanto aqui escondeo? A Morte dura
Que desfaz tudo sem respeito a nada.
Onde ouve tantas graças? Em MARIA,
Em quem tudo isto, e muito mais se via.

*A' Sra. DONA CATHERINA D'ATAIDE, Filha de Dom Antonio de Lima, Dama da Rainha.*

## EPITAFIO XXII.

AQui jaz escondida aquella Dama
Fermosissima e rara Catherina:
Que no mundo terá glorioſa fama,
De cuja vista a terra foi indina.
Aqui chorou o Amor, e d'aqui chama
Que nesta pedra, de tod'honra dina,
Cantem immortais versos, e louvores
A Fermosura, as Graças, e os Amores.

## *AO DUQUE DE BRAGANÇA DOM THEODOSIO.*

### EPITAFIO XXIII.

TArde virá outro Theodosio á terra,
Que a eſte grande Theodosio já s'iguale,
Que com gram dor do mundo aqui s'encerra,
Ante quem todo grande eſprito cale.
Com ſuas grandezas fez á Morte guerra,
E que em ſeu nome todo mundo falle.
E inda deixou de ſi melhor herança
Em ſua imitaçaõ, que em ſua Bragança.

## *A' Sra. DONA JOANNA DE TOAR, minha irmã.*

### EPITAFIO XXIV.

OLhos erguidos ſempre ó claro norte
Que ó Ceo direitamente as Almas guia;
Contente em Deos na vida, em Deos na morte,
Livre de tudo o que a eſtorvar podia:
Se foi Joanna ós Ceos. Ditoſa ſorte!
Que aſſi veo a morrer como vivia.
Para Deos viveo cá, com Deos já vive,
Que o Santo Amor nom morre, antes revive.

## *A' Sra. DONA GUIOMAR DE SOUSA, minha irmã.*

### EPITAFIO XXV.

DIvino eſprito, que ó Ceo já voaſte;
Livre da priſaõ grave que aqui jaz,

E

E d'elle, o mais imigos triunfaſte,
Seguindo ſempre o que a Deos mais apraz.
Quanto o mundo podia deſprezaſte,
Tudo já'gora o Ceo te ſatisfaz.
Mil verſos, GUIOMAR, ſempre te cantemos,
E aqui teu corpo, e tua memoria honremos.

*A' Sra. DONA ANNA DE TOAR, minha irmã.*

## EPITAFIO XXVI.

BUſcas roſto fermoſo, e Alma fermoſa
Da eterna fermoſura namorada?
Buſcas vida quieta, em que penoſa,
E de ſaude imperfeita atormentada?
Buſcas huma morte ſanta, e glorioſa
Que deve mais que a vida ſer amada?
Iſto tudo por dom do Ceo teve ANNA,
E a ſepultura ſó teve d'humana.

*Traduzido d'Auſonio a hum homem pobriſſimo.*

## EPITAFIO XXVII.

NOm tive caſa em quanto tive vida,
Tenho a já certa neſta ſepultura.
Foime a vida pobreza conhecida,
E a morte m'é riqueza já ſegura.
A vida me foi pena endurecida,
E a ſepultura m'é deſcanço, e cura.
Andei em vivo ſempre deſcuberto,
E agora morto todo eſtou cuberto.

## *A FRANCISCO MENDES, insigne na Musica.*

### EPITAFIO XXVIII.

TU que passas detemte, e lê, e intende,
Que quem aqui debaixo é feito terra;
Inda a lembrança de seu canto accende
O frio peito, e abranda a dura serra.
Quem já o ouvio, s'outro mais ouve, offende
Seus ouvidos, e contra si mesmo erra.
FRANCISCO MENDES se chamou, mas Linó,
Mas Orfeo julgar era mais dino.

## *A RODRIGO VELHO, musico de grande nome.*

### EPITAFIO XXIX.

RODRIGO VELHO foy, ó mundo espanto
Na musica, e na voz branda e suave.
A Alegria fazia o seu bom canto
Mais doce e alegre, e a pena menos grave.
Quem á que ouvisse, e já nom ouça tanto,
Que Alma de grande dor nom se lh'aggrave?
A quem lembrará sua suavidade,
Que nom tenha Alma chea de saudade?

## *A LUIS DE VICTORIA, o mayor musico de seu tempo, e bom Poeta.*

### EPITAFIO XXX.

FOy LUIS de VICTORIA, cujo espirito
Foy na Musica só, nas Musas raro.

A

A quem seu doce canto, e brando escrito
Tem dado immortal fama, e nome raro.
Tudo na terra acaba, outro infinito
Tempo logra no Ceo formoso e claro,
Onde mais brandamente Alma levanta
O's versos que mais doce tange, e canta.

## *A ANTONIO FERREIRA.*

### EPITAFIO XXXI.

AQui FERREIRA jaz, aqui FERREIRA
De mil, e mil amigos é chorado.
E seu nome com fama verdadeira
De mil, e mil espritos é cantado.
Da Morte, no chegar sempre ligeira,
Da vida antes de tempo foy levado.
Seu corpo aqui, su'Alma está na Gloria,
Seu nome em todo mundo, e sua memoria.

## *AO MESMO.*

### EPITAFIO XXXII.

QUem jaz aqui? FERREIRA. E quem o chora?
Todos, e mais que todos chora ANDRADE.
E ANDRADE porque mais? Porque inda mora
Nelle d'ANTONIO a candida amizade.
E ANDRADE que perdeo? Faltalhe agora
Seu bom conselho, sua pura verdade.
E o mundo que? Seu grande e raro Espirito,
Rarissimo em seu canto, e em seu escrito.

*AO MESMO.*

EPITAFIO XXXIII.

D'Amor cantaſte; chora Amor agora,
Que falta a ſuas grandezas já teu canto.
A Febo honraſte; agora Febo chora,
Que já nom tem quem poſſa honralo tanto.
Mil eſpritos, ANTONIO, dia, e hora
Damos a teus louvores, e a teu pranto.
Mas tu de noſſo choro t'eſtás rindo,
Qu'outro immortal louvor eſtás ouvindo.

*A' RAINHA PRINCESA DONA ISABEL, primeira molher d'ElRei Dom Manoel.*

EPITAFIO XXXIV.

DO gram FERNANDO fuy filha primeira
Rey de Caſtella, e em Portugal caſada.
Com AFFONSO me vi Princeſa herdeira,
E c'o grande MANOEL Rainha herdada.
D'eſtes Princepes grandes companheira,
Por um chorei, e d'outro fuy chorada.
Foy meu nome ISABEL, e minha ſorte
Foy vida breve, e anticipada morte.

*A MEU PAY E MAY mortos em um meſmo dia.*

EPITAFIO XXXV.

AQui JOAÕ; aqui FILIPPA jazem;
Os quais em ſanto nó juntou ſua ſorte.

E, aſſi mortos, inveia ós vivos fazem
Com ſua ſanta vida, e ſanta morte.
Suas Almas no Ceo ſe ſatisfazem,
Vendo o clariſſimo e divino Norte
Que na vida foy ſempre ſua guia,
E que ó Ceo os guiou juntos num dia.

*AOS MESMOS.*

## EPITAFIO XXXVI.

DOus corpos aqui jazem, já regidos
De duas Almas numa ſó vontade.
De Deos guiados, num amor unidos
Sempre ouve d'um par'outro ſam verdade.
Juntos na vida, e d'ella deſpedidos
Forom juntos á eterna claridade.
Que aſſi lhes deo o Ceo igual a ſorte,
Que nom lhes deo chorar um do outro a morte.

*A' DUQUESA D'AVEIRO D. JULIANA.*

## EPITAFIO XXXVII.

HOnra, e grandeza, e preço, e autoridade,
Valor, e fermoſura, e cortezia;
De clariſſimos Reys antiguidade
Por uma, e outra parte aqui ſe via:
Neſte corpo, a que em tudo com bondade
Ornou ſempre a pur'Alma que o regia,
Eſta foy a Duqueſa JULIANA,
Eſpanto, e honra á natureza humana.

*AO DUQUE D'AVEIRO DOM JOAÕ.*

EPITAFIO XXXVIII.

DO gram Meſtre Dom JORGE Senhor raro
Fuy filho, e da gram Caſa ſua herdeiro.
Dos Reys dos Portugueſes ramo claro,
Do ſegundo JOAÕ neto primeiro.
A muitos fuy remedio, e fuy emparo,
Meu nome foy JOAÕ Duque d'Aveiro.
Mas tudo pára em vir a ſer cumprida
A Ley geral da Morte contr'a vida.

*A ELREY DOM JOAÕ TERCEIRO.*

EPITAFIO XXXIX.

NEſte eſtreito lugar s'encobre, e encerra
O Rey JOAÕ terceiro, a cúja Fama
Eſtreita ſerá ſempre toda a terra,
Que com rezaõ ſeu nome ind'honra, e ama.
Eſte c'o mortal corpo nom s'enterra,
Que com voz immortal o mundo o chama,
Gram Rey, da Patria Pay, cuja memoria
Dará ſempre a ſeu povo pena, e gloria.

*AO MESMO.*

EPITAFIO XL.

NEſte lugar de todos venerado,
Polo theſouro que eſtá dentro nelle,
Do terceyro JOAÕ eſtá guardado
O corpo, até que torne Alma por elle.
Baſta eſte nome; o mais que aqui nom cabe

O

O mundo todo, que inda o chora, o ſabe.

*AO DUQUE DE BRAGANÇA D. JAMES.*

## EPITAFIO XLI.

O Grande JAMES, a que inda era eſtreita
A grande Caſa de Bragança antiga,
Humildemente agora aqui s'eſtreyta,
Que a todos igualmente a Morte obriga.
Alma á Gloria ſe foy ſempre perfeita,
O Eſtado bem ficou, THEODOSIO o diga,
Seu filho, e ſucceſſor ſempre louvado,
Qu'encheo eſte, e encherá outro mór Eſtado.

*AO SENHOR DOM JAMES.*

## EPITAFIO XLII.

JAMES filho de JAMES, que contente
Pudera ſer d'eſte ſó nome, e gloria;
Quanto mais com tais partes, que preſente
Sempre o teraõ com immortal memoria;
Com magoa noſſa ſe nos fez auſente,
Venceo a Morte que ſempre á victoria.
Neſta pedra ſeu corpo eſtá guardado,
Seu nome em todo peito conſervado.

*A' DUQUESA DE BRAGANÇA D. ISABEL.*

## EPITAFIO XLIII.

ISABEL gram Duqueſa de Bragança,
De THEODOSIO no eſtado companheira;
Qu'eſta Caſa com nome da Eſperança
Neſta terra mandou fundar primeira;

Cu-

Cujo nome clariſſimo em lembrança
Immortal terá a fama verdadeira:
Aqui jaz, e aqui ſempre celebrada
Será, neſta obra a Deos bem dedicada.

*A AFFONSO VAZ CAMINHA, meu irmaõ.*

## EPITAFIO XLIV.

AFFONSO VAZ CAMINHA foy chamado,
Vinte annos, pouco mais, viveo na terra.
Como pôde ſofrer eſpada ó lado,
Logo do eſprito foy levado á guerra.
Foy nella Capitaõ, e foy Soldado,
Fez ſeu dever em tudo. Agora encerra
Eſta pedra ſeu corpo. Ah eſtranha ſorte,
Que tam longe, e tam cedo o achou a Morte!

*A' SENHORA D. JERONIMA DE NORONHA.*

## EPITAFIO XLV.

AQui jaz quem d'eſpanto o mundo enchia
Com eſpantoſa e rara fermoſura.
Cuja vida nos deu branda alegria,
Cuja morte nos dá triſteza dura.
Sua viſta a ſó canto Alma movia,
Sua auſencia ſó lagrimas procura.
Lagrimas juſtas ſempre aqui lhe demos,
E tam devida dor nunca abrandemos.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO XLVI.

GRande virtude, clara fermoſura,
Deſuſada honra, eſtranha autoridade,
Raro preço, novo ar, grave brandura,
Perfeito intendimento, ſam vontade;
Viſta em que ſe vio ſempre graça pura,
Voz chea de doçura, e ſuavidade:
De tudo muito em quem aqui jaz vimos,
Que com dor, e com lagrimas ſentimos.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO XLVII.

JERONIMA aqui jaz, já ſem a vida
Que juſtamente a muitos dava morte.
E pois tam cedo lhe faltou a vida,
A quem poderá já tardar a morte?
Mas quem já vê JERONIMA ſem vida,
Como cuida de ſi que eſtá ſem morte?
S'alguem á que iſto cuide, inda nom ſente
O mal que é ſer de tanto bem auſente.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO XLVIII.

AQui jaz eſcondido um gram theſouro,
Que ó mundo dava clara e rica ſorte.
E a todos pode já ſer triſte agouro
Ver tanta fermoſura entregue á morte.
Do largo Nilo ó furioſo Douro,

Do

Do quente Meodia ó frio Norte
JERONIMA ſerá ſempre chorada,
Como ſempre de todos foy amada.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO XLIX.

AQuella em quem a morte foy fermoſa,
Sem vida jaz aqui, Alma é na gloria,
Onde eſtá triunfando glorioſa
Do mundo, de que ſempre ouve victoria.
A terra ſerá d'ella ſaudoſa,
Em quanto viva for ſua memoria:
Que ſerá em quanto o mundo triſte dura,
Que nunca eſquece tanta fermoſura.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO L.

DEbaixo d'eſta pedra eſtá eſcondida,
De quem nunca ſerá o mundo eſquecido,
JERONIMA do Amor nunca movida,
E de quem ſempre foy o Amor vencido.
D'elle foy ſua morte aſſaz ſentida,
Qu'inda que deſprezado, e mal ouvido,
Tinha nella mór força, e mór valia,
Porque ſe a nom venceo, co' ella vencia.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO LI.

AQuella gram JERONIMA que a terra
Teve na conta d'ella merecida;

E

E que ó mundo fez ſempre illuſtre guerra
Em quanto lhe durou a breve vida:
Com magoa, e dor geral aqui s'encerra,
Na flor da idade d'ella deſpedida.
E o Ceo, que para ſi ſempre a guardou,
A mil, e mil deſejos a negou.

## *A' MESMA.*

## EPITAFIO LII.

JERONIMA aqui jaz, aqui os Amores
Chorem ſer ſempre d'ella mal ouvidos.
Cante aqui ſempre a Muſa ſeus louvores,
Na vida, e morte d'ella merecidos.
Crie eſta pedra as mais fermoſas flores
Que a natureza cria, doens devidos
A tam ditoſa e clara ſepultura,
Qu'eſconde em ſi tam grande fermoſura.

## *A GASPAR DE SOUSA CAMINHA, meu irmaõ.*

## EPITAFIO LIII.

GASPAR de Sousa foy quem aqui jaz,
Que em quanto cá viveo, ſempre moſtrou
Na guerra eſforço, manſidaõ na paz,
Que ſempre d'uma e d'outra bem uſou.
A' ſanta inſignia de JOAÕ, que traz
Mil eſpritos a ſi, cedo ſe atou;
Nella do pay, e avós moſtrou o eſprito,
Dino de ſer cantado, e ſer eſcrito.

*A AFFONSO VAZ CAMINHA, meu primo.*

## EPITAFIO LIV.

AFonso Vaz Caminha, da divina
Sciencia cheo, e da sciencia humana;
Das lingoas Grega, Hebraica, e da Latina,
Da Araviga, Chaldea, e Italiana,
Da Ingresa, da Francesa, e Limosina,
Da Polaca, Framenga, e da Alemana:
Déstro em todas as armas, e na pela,
Na justa, e no torneo assinalado.
Nas danças certo, e numa e noutra sella;
E d'outras muitas graças bem ornado.
Sobre tudo uma virtude nom mudada,
De que sempre teve Alma acompanhada.

*A DOM LOURENÇO D'ALMEIDA, filho de Dom Francisco d'Almeida, primeiro Viso-Rey da India, que morreo pelejando valerosamente.*

## EPITAFIO LV.

DOm Lourenço d'Almeida aqui s'esconde,
Esforçado mancebo, e valeroso:
Cuja fama no mundo corresponde
A seu nome immortal e glorioso.
Cuja morte a seu animo responde
Indomito, invencivel, milagroso.
Morrendo ouve da Morte gram victoria,
Ganhou na terra fama, no Ceo Gloria.

A

## *A DOM FRANCISCO Dᶜ ALMEIDA primeiro Viſo-Rey da India.*

### EPITAFIO LVI.

O Illuſtre D. Francisco aqui sᶜencerra,
Dos illuſtres Almeidas ramo claro:
Primeiro Viſo-Rey da Eóa terra
Que regeo com eſprito em tudo raro.
Na paz ſempre prudente, e aſſi na guerra,
Sempre animoſo em tudo. Nunca avaro
Lhe ſeja o tempo do que lhᶜé devido,
Quᶜé ſer ſeu nome ſempre ós Ceos erguido.

## *A' PRINCESA D. JOANNA.*

### EPITAFIO LVII.

R Oubou a Morte um gram theſouro á vida,
De virtudes exemplo celebrado;
A Princeſa Joanna, aqui eſcondida
Neſte Templo a Deos dᶜella levantado.
Sua auſencia ſerá ſempre ſentida,
E ſeu nome com dor ſempre lembrado.
E aqui sᶜhonrará ſempre ſua memoria,
E em todo o mundo ſua fama, e gloria.

## *A' MESMA.*

### EPITAFIO LVIII.

F Ilha de Carlo quinto, alta Joanna,
E dᶜIsabel de toda gloria dina;
Irmã do gram Filippe mais que humana,
E de Maria já quaſi divina.

No-

Nora de JOAÕ Terceiro, e da Auſtriana
Rariſſima Rainha CATHERINA;
Mulher do grande Principe JOAÕ,
E May do grande Rey SEBASTIAÕ.

*A' SENHORA D. MARIA COUTINHA.*

## EPITAFIO LIX.

AQui eſtá a fermoſura de MARIA,
Aqui o eſprito triſte de DIOGO.
Quanto ella mais ſe torna em terra fria,
Tanto elle mais ſe torna em agoa, e fogo.
Ella vive na luz do eterno dia,
Vive elle em dor porque a nom ſegue logo.
Ella morrendo melhorou a ſorte,
Elle vivendo eſtá em triſteza, e morte.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO LX.

DOna MARIA aqui eſtá recolhida,
Mas aſſi tem da morte alta victoria,
Porque inda que morreo á mortal vida,
Naceo na morte par'á eterna Gloria.
Se á triſte viſta nos eſtá eſcondida,
Nunca s'eſconderá á geral memoria.
Que como faltará immortalidade
A tanta fermoſura, e a tal bondade?

*A' MESMA.*

## EPITAFIO LXI.

MOrta é MARIA, aqui eſtá ſepultada.
Ah dia eſcuro, ah hora triſte e dura!
Se grave preço, ſe honra deſuſada,
Se alto valor, ſe grande fermoſura,
Aſſi tam cedo ſe nos torna em nada;
Quem á que a vida tenha por ſegura?
Morta é MARIA, todos a choremos,
Todos ſeu nome com rezaõ cantemos.

*A DOM NUNO ALVARES PEREIRA.*

## EPITAFIO LXII.

AQui jaz Dom NUNO ALVARES PEREIRA,
Que a quatro luſtros pouco mais chegado,
C'o ſanto intento na honra verdadeira,
Seguindo o Eſprito dos avós herdado,
Foi da vida enganoſa e liſongeira
D'anticipada morte ó Ceo levado.
Do pai, e mai, que o amavam ternamente,
Será ſempre chorado triſtemente.

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXIII.

CObre eſta terra um corpo, já animado
D'um'Alma que ós bens todos o inclinava;
E á guerra de ſeu animo guiado,
As duras armas nella exercitava.
Quando d'úa branda febre derribado

Aca-

Acabou, quando a vida começava.
Ah, quam cedo, bom NUNO, nos faltaſte,
A ti nom, que a melhor vida paſſaſte!

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXIV.

SEja ſempre a eſte corpo a terra leve,
Pois foi recolhimento d'aquell'Alma,
A que Deos deixou cá eſtar tempo breve,
Por lhe dar cedo glorioſa palma.
A dor de ſua auſencia em fria neve
Fará arder, e tremer na ardente calma.
E ſerá ſempre com rezaõ ſentida
Vida tanto ante tempo conſumida.

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXV.

NUno aqui, d'aqui s'enche de ſaudade
Todo eſpr:to em amalo verdadeiro.
Se aſſi é, que fará PERO D'ANDRADE
Sem tal parente, e amigo, e companheiro?
Na morte ſeguirá a meſma amizade,
Em ſeu modo conforme ó amor primeiro.
Doers'aó pai, e mai continuamente,
Mas ANDRADE com elles igualmente.

A

## *A' Sra. DONA JOANNA DE CASTRO Molher de Pero de Caſtro.*

### EPITAFIO LXVI.

MOrta é JOANNA, aqui eſtá recolhida,
Com ella PEDRO em dor aſpera e forte.
Su'Alma tem a Gloria concedida,
Elle triſteza, e lagrimas por ſorte.
Foi a morte a JOANNA nova vida,
Sem ella a PEDRO a vida é nova morte;
Que ſe vendo a viver PEDRO vivia,
Como vendo a morrer naõ morreria?

## *A' MESMA.*

### EPITAFIO LXVII.

AQui eſtá CASTRO, e CASTRO juntamente,
De CASTRO o amor, de CASTRO a fermoſura;
Com CASTRO, viveo CASTRO docemente,
Sem CASTRO, morre CASTRO em pena dura.
Chorará CASTRO a CASTRO triſtemente
Té vir com CASTRO CASTRO á ſepultura.
Que ſe a CASTRO foi CASTRO amor devido,
De CASTRO a CASTRO nom ſerá perdido.

## *A' INFANTA DONA ISABEL.*

### EPITAFIO LXVIII.

ISABEL foi a que eſta pedra encerra,
Em piedade inſigne, em virtude alta;
Que com ſua vida fez á morte guerra,
Que com ſua morte a muitas vidas falta.

Ao

Ao Ceo foy alegria, perda á terra,
Que inda, porque tal bem teve, se exalta.
Foy mulher de DUARTE Infante claro,
Será seu nome ao mundo sempre raro.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO LXIX.

QUem chora junto desta sepultura?
A Pobreza. Porque? Desemparada
D'um Espirito Real, e larga, e pura
Esmola de que sempre era ajudada.
Ao Ceo na morte a ti branda, a nós dura
Por tuas virtudes foste levantada.
Que se fará sem ti ó clara Infante?
Toda Alma por ti chore, e de ti cante.

*A' MESMA.*

## EPITAFIO LXX.

FOy d'ISABEL de Portugal Infante
O corpo que aqui jaz estreitamente.
Cuja Alma está no Ceo já triunfante,
Sobre outras muitas Almas eminente.
Que com ter a Deos sempre cá diante
Dos olhos, está lá sempre contente,
D'onde despreza a terra em que é sentida;
Sem aver mal que o bem do Ceo lhe impida.

*A' MESMA.*

EPITAFIO LXXI.

AQuem de Deos, que tudo pode, em ſorte
Foy eſta ſepultura concedida,
Teve com Deos a vida, em Deos a morte,
E com ambas ganhou a eterna vida.
Contra humanas fraquezas foy tam forte,
Que a Morte veo a ſer d'ella vencida.
Eſta foy ISABEL Infante clara,
Em rara charidade ſempre rara.

*AO SENHOR DOM DUARTE, filho do Infante Dom Duarte.*

EPITAFIO LXXII.

AQui jaz neſta humilde ſepultura
O grande, e grande humilde alto DUARTE,
Deixo titulos vaõs, que a Morte dura
Desfaz, e tira a uns, e a outros reparte.
Digo bom, digo ſanto, e d'Alma pura
Em quem nunca algum vicio teve parte.
Que com grande prudencia, e alta bondade,
Ajuntou com grandezas humildade.

*AO MESMO.*

EPITAFIO LXXIII.

QUem chora aqui? Quem d'outra parte canta?
Chora o Amor, eſtá a Rezaõ cantando.
Por DUARTE que aqui jaz, e ſu'Alma ſanta
Eſtá uma, e outra couſa convidando.

Comsigo nosso amor ao Ceo levanta,
No qual está da terra triunfando.
Com Amor, porque nos falta cá, choramos,
E co' a Rezaõ, porque está lá, cantamos.

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXXIV.

Um Principe aqui jaz, cujo alto Esprito
Teve sempre no Ceo seu fundamento:
Aò qual deo, como a bem alto e infinito,
A vontade, a memoria, o intendimento.
Entre nós andará seu nome escrito
Por todo tempo em todo pensamento;
De todos com rezaõ, e amor cantado,
Mas nom poderá ser assaz louvado.

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXXV.

FOy Duarte gram Principe, o que jaz
Neste estreito lugar, donde se estende
Seu nome a todo mundo, e satisfaz
A todos tudo o que se d'elle entende.
Tudo quanto a memoria d'elle traz,
Ao Principe que a ser Principe apprende
Pode ser certo exemplo, em que bem veja,
Como sem nunca errar sempre se reja.

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXXVI.

AQui jaz o gram Principe DUARTE;
Honra do mundo, gloria d'eſta idade;
Que igualmente honrou ſempre a Febo, e Marte;
Que ornou mais ſua Real antiguidade.
Quanto n'outros o Ceo de bom reparte,
Tudo nelle ajuntou com ſuavidade.
E nelle para Principes ſe via
Um claro eſpelho, uma ſegura guia.

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXXVII.

CObre eſta pedra um Principe famoſo;
DUARTE d'altos Reis ao mundo vindo.
Principe em quanto fez maravilhoſo,
A quem todo outro deve d'ir ſeguindo.
A quem deve com peito ſaudoſo,
Todo o que o conheceo, eſtar ſentindo.
Que pedra fora quem o nom amara,
E pedra quem por elle nom chorara.

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXXVIII.

DUARTE exemplo raro da verdade;
D'acertado conſelho, e alta prudencia,
D'alto valor, de liberalidade,
D'imitaçaõ da Real antecedencia,

De brandura, e cortês autoridade,
De manſidaõ, de ſanta paciencia,
D'amor divino, e grande piedade,
De jejum, de cilicio, e penitencia,
De grandeza Chriſtam, e d'humildade,
De pureza, e esforçada continencia,
De viva e afervorada charidade,
De pura e d'approvada conſciencia,
De Real, e ſanta magnanimidade,
De divina, e louvada obediencia,
De exemplar, e d'inſigne Criſtandade,
Fundado tudo na divina Eſſencia;
Tudo com tal concerto, e ſuavidade
Qual procurava da alta Omnipotencia:
Aqui jaz, e d'aqui ſeu nome accende
A todo eſprito que iſto d'elle intende.
Aqui jaz, aqui eſtá todo encerrado,
E ſeu nome por tudo dilatado.
Aqui jaz, aqui cabe, aqui s'encerra,
E nom cabe ſeu nome em toda a terra.
Aqui jaz, e eis que o Mundo em ſua memoria;
Porque o teve, e o nom tem, tem pena, e gloria.

*AO MESMO.*

## EPITAFIO LXXIX.

AQui Duarte jaz, cuja eſcolhida
Alma, guiada do divino Norte,
Se foi ao Ceo. Ditoſa tal ſubida,
E a quem ficou ſem elle, triſte ſorte.
A muitos era ſua vida vida,
A muitos foi a ſua morte morte.
O mundo o perdeo que era d'elle indino,
Ganhouo o Ceo que o fez de ſeus bens dino

*AO MESMO.*

EPITAFIO LXXX.

AQui DUARTE jaz. Iſto ſó baſta.
Tudo vem a parar em ſepultura.
Aqui ſómente jaz o que ſe gaſta.
No Ceo, e em todo mundo eſtá o que dura.

*AO MESMO.*

EPITAFIO LXXXI.

DUARTE jaz aqui, que tinha dado
O coraçaõ a todos ſeus criados,
E era de coraçaõ d'elles amado,
Que os corações lhe tinham todos dados.

# EPIGRAMMAS.

# EPIGRAMMAS.

## *AO SENHOR DOM DUARTE.*

### I.

TEu docissimo nome, Graõ DUARTE,
Que em minh'Alma continuamente soa,
A meus incultos versos, e sem arte
E' louvor, nome, Louro, Era, e Coroa:
Se teu grande e alto nome a toda a parte
Com gloria, com amor, e espanto vôa,
Quem será contra seus versos taõ duro,
Que nom lhe busque em ti nome seguro?

## *AO MESMO SENHOR.*

### II.

DE sciencia, brandura, e authoridade,
De grave cortezia, e de largueza,
De grandeza d'espritos, de verdade,
De liberdade, d'animo, e pureza:
De santo amor, justiça, e piedade,
De tudo o que a terra honra, e o Ceo preza,
Se deve ornar um Principe, e famoso
Na terra se fará, no Ceo glorioso.

*AO MESMO SENHOR*
*que dizia algumas vezes, que o entriſteccia nom ter muito para dar:*

III.

NOm pode dar quem deu quanto podia,
Mas nom tem pouco quem tem tudo dado;
Como nunca o Sol nega luz ó dia,
Nunca tua largueza tens negado:
Tem ſempre o que ſe dá maior valia,
Que o que eſtá recolhido, e bem guardado;
Quem largamente reparte o ſeu ouro,
Nos coraçoens alheos faz theſouro.

*D' ELREY AGATHOCLES*
*traduzido de Auzonio.*

IV.

AGathocles graõ Rey ſempre comia
Em baixo barro, e d'elle a copa ornava,
Em pobre vazo a Real rica iguaria;
Riquezas com pobreza miſturava:
D'eſta ſua modeſtia reſpondia,
A quem lhe a cauza d'ella perguntava:
» Rey ſom, mas filho ſom d'um pobre Oleiro;
» Som rico, fuí pobriſſimo primeiro.

## *DE DIDO.*
*traduzido de Auzonio.*

V.

EU ſom aquella DIDO taõ cantada,
Mas nom qual de VIRGILIO fui fingida;
Sempre a pureza foi de mim guardada,
Nem fui de ENEAS viſta, ou conhecida:
Fugindo á furia contra mim danada
De JARBAS, fui de mim meſma homicida,
Antes a vida quiz aſſim acabada,
Que a minha fama ſer nada offendida.
Creaſe antes da hiſtoria a sã verdade,
Que da Poeſia a falſa vaïdade.

## *A UMA ESTATUA DE RUFO*
*traduzido de Auzonio.*

VI.

DO Orador RUFO eſta é a propria figura,
Nada á que mais com elle ſe pareça:
Nom vê; tambem é ſurda; tambem dura;
Lingoa nom tem; e tem vã a cabeça.
N'uma ſó couſa RUFO é differente,
Que com ſer duro é molle juntamente.

## *DE NARCIZO, E ECCHO.*

VII.

DO famoſo NARCIZO a fermoſura
Em dois cuidados, e em duas Almas anda:
Na propria de NARCIZO, e mais ſegura

Na

Na da Ninfa Eccho, a que este amor só manda.
A fermosura de Eccho clara, e pura
Que tambem duras pedras move, e abranda,
Por Narcizo a nom preza Eccho, nem ama,
E Narcizo a despreza, e a defama.

## *DE NARCIZO.*

### VIII.

VIo na fonte Narcizo sua figura,
Sem se intender, ficou de si vencido,
Cuidou que era algũa nova fermosura
Que a fonte dentro em si tinha escondido:
Em si mesmo tem já sua ventura;
Cuida que longe a tem, vêse perdido;
Quando vê, que seu proprio Amor o mata,
Entaõ menos se solta, entaõ mais se ata.

## *AO MESMO.*

### IX.

QUe tens, Narcizo, nessa clara fonte,
Que nunca d'ella esses teus olhos tiras?
Em ti tens teu amor, que nom de fronte,
E se te tens, porque por ti suspiras?
Torna a correr o campo, torna ó monte,
Lá levarás o bem a que ahi aspiras;
Que a toda a parte irá sempre comtigo
Teu amor, e teu bem, e teu perigo.

## *AO MESMO.*

### X.

DE amor proprio vencido eſtá NARCIZO
Em nenhuma parte eſtá de ſi ſeguro;
Nom baſta intendimento, nom val ſizo,
Qu'o proprio amor é imigo forte, e duro:
Tudo o que o contraria tem por riſo;
Por ſi morre, e eſte amor julga por puro.
Mata amor proprio mais, que amor alheo,
Inda que eſtá de morte um, e outro cheo.

## *DE ECCHO.*

### XI.

INda que de NARCIZO nunca amada
Foi ECCHO, a ſua morte triſte chora;
E ſua voz era ſempre levantada
A chamar a quem morto inda a namora:
Em ſós ſuſpiros triſtes occupada,
Se lhe foi desfazendo de hora em hora,
Em ſós ſuſpiros triſtes toda a vida;
Té que em ar foi a triſte convertida.

## *A' MESMA.*

### XII.

PAra mim nom, para outros tenho vida;
Nom tendo corpo, occupo grandes valles;
Nom tenho propria voz, e ſom ouvida;
Nom ouvindo, reſpondo a bens, e males;
Sem nunca viſta ſer, ſom conhecida;

Lu-

Lugar proprio nom tenho, e em muitos ando.
Niſto fui transformada de improviſo
Do Amor, que a meu amor nunca foi brando.
Foi meu nome ECCHO, e meu Amor NARCIZO,
E minha morte, a morte de NARCIZO.

## *DA VOZ DE ECCHO.*

### XIII.

NOm haja (inda que me ouçaõ) quem me crea,
Nem tenha eſte meu ſom por verdadeiro;
Formada é minha voz de voz alhea,
E nunca fallo, ſem ouvir primeiro:
Saiba, s'alguem ouvindome s'enlea,
Que ſó digo o ſom que ouço derradeiro:
E que inda que ſeja ECCHO nomeada,
Som voz vá, falſo ſom, leve ar, e nada.

## *DO AMOR PERDIDO*
*traduzido de Sannazaro.*

### XIV.

VENUS o filho AMOR, que tem perdido,
Por uma, e outra parte anda buſcando;
E elle dentro em meu peito eſtá eſcondido,
E a ira d'ambos triſte eſtou receando:
Se o moſtro, ferei d'elle perſeguido,
Se o eſcondo, irm'á vida, e Alma gaſtando;
Deixate eſtar, AMOR, mas menos duro,
Que em nenhũa parte eſtarás mais ſeguro.

DO

## *DO AMOR MORDIDO DE UMA ABELHA*
*traduzido de Theocrito.*

XV.

DE uma abelha o AMOR na maõ mordido,
Chorando a Mai ſe foi todo eſpantado
De ſer de taõ pequena ave ferido,
E ficar da ferida taõ cortado:
VENUS, vendo o menino aſſim corrido,
E da dor grande e nova taõ tomado,
Lhe diſſe: » Deixa os choros, e os eſpantos,
» Que tambem és pequeno, e feres tantos.

## *DO AMOR.*

XVI.

SEmpre Amor uſa, e tem triſtes queixumes;
Em quanto arde no peito a viva chamma;
Ora veja, ora nom os claros lumes
Que movem, e que daõ luz ó eſprito que ama:
Nom vendo, rezaõ é que em grave queixa
Se rompa a voz, e ſe desfaça o peito:
E vendo, inda a queixumes lugar deixa
O grande Amor que nunca é ſatisfeito:
Em quanto o Amor ſe queixa é verdadeiro,
O que nunca ſe queixa é lizongeiro.

## *AO AMOR.*
*traduzido de Auzonio.*

XVII.

OU eſte aſpero fogo, AMOR, abranda,
Em que eſtá ſempre ardendo eſte meu peito;

Ou

Ou a outro frio peito, AMOR, o manda,
Para que faça nelle o meſmo effeito:
Se nom baſta a eſta troca eſte meu rogo,
Faze igual em dois peitos eſte fogo.

## *AO MESMO.*

*traduzido do meſmo.*

### XVIII.

FErido de uma abelha o AMOR fogia
A ſua branda Mai, d'ella mimoſo,
Com eſpanto de ver, que aſſi feria
Taõ pequena ave, e de ſua dor queixoſo:
A Mai, que a dor do filho mais ſentia
Que elle meſmo, lhe diz; » Filho fermoſo,
» Nom te eſpante eſſe mal que da ave trazes,
» Que pequeno tambem móres os fazes.

## *AO MESMO.*

*traduzido do meſmo.*

### XIX.

LAſtimado da abelha, e com graõ pena,
O brando AMOR á branda Mai ſe queixa,
De ver tal chaga d'ave taõ pequena,
Que com pequena chaga tal dor deixa:
» Pegueno és, diz a Mai, e peior tratas;
» Pois nom laſtimas ſó, mas tambem matas.

DAS

## *DAS FREXAS DO AMOR.*

### XX.

AS frexas comque Amor fere, e laſtima,
(Quem já por imprudente o julgaria?)
Umas ſaõ do metal que mais ſe eſtima,
Do metal outras de menor valia:
Uſa d'aquelle, e d'eſte porque imprima
Amor, ou deſamor na fantezia;
Se amor, do metal uſa rico, e nobre;
Se deſamor, do metal baixo, e pobre.

## *DO AMOR POBRE.*

### XXI.

ENtre as Ninfas Amor entrando um dia
Deſpido, e pobre, de que ſe elle preza;
Uma lhe dá de maõ, outra o deſvia,
Outra as armas lhe toma, outra o deſpreza:
Nenhuma com brandura o recolhia.
Fica engeitado Amor por ſua pobreza;
E a todos foi em alta voz ouvido:
» Nom pode pobre Amor ſer recolhido.

## *DO AMOR RICO.*

### XXII.

UM dia Amor ás Ninfas apparece
Veſtido, e bem ornado, nom como antes;
Com ouro, e prata todo reſplendece,
Com perlas, com rubis, com diamantes:
Cada uma por Amor logo o conhece,

Em o gabar, e em o querer conſtantes;
De todas para ſi logo é chamado,
Que nunca rico Amor é deſprezado.

## *DO AMOR ACOMPANHADO.*

### XXIII.

DAs Musas, e de Febo acompanhado,
De Mercurio, de Pallas, e de Marte,
Foi viſto um dia Amor d'armas ornado,
E de conſtancia, e de brandura, e d'arte:
Mas nom trazendo Amor Dite a ſeu lado,
Logo ouvio: » Podes logo, Amor, tornarte;
» Que nem aſſi de tantos taõ ſeguido,
» Sem Dite, ſerás viſto, nem ouvido.

## *DO AMOR, E DO DINHEIRO.*

### XXIV.

AJuizo o Amor chama o Dinheiro:
Queixaſe, que de todo o tem roubado,
E o ſeu lugar, que deve ſer primeiro
No Amor, para ſi tem todo uſurpado:
Pede reſtituiçaõ por derradeiro:
Do que ambos allegaraõ foi julgado;
» Pois gaſta Amor, Dinheiro ajuda a vida,
» Que ſeja contra Amor, Sentença lida.

## *DO AMOR PERDIDO.*

### XXV.

ALta noite de Inverno a mim Cupido
Molhado, frio, e nú todo tremendo

Se

Se vem; eu vendo o AMOR assim perdido,
O enxugo, e aquento: mas em se elle vendo
Enxuto, e quente, logo despedido
De mim, se torna contra mim dizendo:
» D'este meu frio ficarás com fogo,
» Em que arderás se nom morreres logo.

## *DO AMOR, E VENUS.*

### XXVI.

CHora AMOR, chora VENUS; e chorando
Se pergunta um a outro, porque chora?
Diz VENUS: » Só de ver teu rosto brando
» Taõ triste, que taõ ledo vi té'gora.
» Choro, porque se está de dor queixando;
Responde AMOR, quem sem amar namora.
» Quem sentir faz (diz ella) sentir deixa.
» Antes (diz elle) de que tenha queixa.

## *DO AMOR DOENTE.*

### XXVII.

DOente AMOR está de febre, e frio
De o estar quem lh'accrecenta a fortaleza:
A febre é para quem com desvario
A passa em summa dor, summa tristeza;
O frio sente só seu peito frio
De rigor cheo, d'odio, e d'aspereza;
O alheo mal tem só por accidente;
E os trabalhos do seu, sempre outrem os sente.

## *DAS FREXAS DO AMOR.*

### XXVIII.

DO sangue, que AMOR vio, da vea pura
De quem lhe dá mór força derramado,
As frexas cora, para mais segura
Victoria, de quem d'ellas for tocado:
Raro cazo, eſtranhiſſima aventura,
Ver o effeito da cauſa taõ trocado!
Deſamor levam, em amor inflammam;
Promettem deſamor, para amor chamam.

## *DO AMOR ROUBADO.*

### XXIX.

ACha VENUS o filho deſarmado
De quem as armas lhe tomou queixoſo;
» De quem foſte, diz, filho deſpojado,
» Que te deixou taõ triſte, e taõ choroſo?
» De quem pode mais que eu eſtou roubado.
» Quem pode mais que tu taõ poderoſo?
» PASCOALA. Ouvindo o VENUS diz; » PASCOALA
» Vença, pois nenhuma outra ſe lhe iguala.

## *DAS FERIDAS DO AMOR.*

### XXX.

TOda chaga no peito é perigoſa,
Mortal no coraçaõ toda ferida.
Pois como nelles deixa a venenoſa
Setta o Amor duro, e faz que dure a vida?
Porque aſſim duramente o Amor ordena,
Que dure a vida, porque dure a pena.

DO

## *DO AMOR PERDIDO.*

### XXXI.

ANda Venus com lagrimas perdida
Buſcando o filho Amor que tem perdido;
Em vaõ o buſca, em vaõ anda affligida,
Pois o nom buſca ond'elle eſtá eſcondido:
Achalo á ſe o buſcar na minha vida;
Achalo á nos teus olhos recolhido;
Em mim, porque é amarre minha ſorte,
Em ti, para de ti dar vida, e morte.

## *TRADUZIDO DE AUSONIO.*

### XXXII.

UM que ó peſcoço hum laço ſe deitara;
Vio uma grá ſomma d'ouro, e a tomou;
E deſatando o laço que já atara,
No lugar do theſouro alli o deixou:
Vindo depois o que o ouro alli deixara,
Que ſem ſeu ouro de todo ſe achou,
O laço que alli d'elle foi achado
Foi logo a ſeu peſcoço poſto, e atado.

## *TRADUZIDO DE SANNAZARO.*

### XXXIII.

COmo nom ſom tornado em rio corrente
T'eſpantas, pois que ſempre em choros vivo
E eu de nom me tornar em chamma ardente
Segundo eſtá em meu peito o fogo vivo:

Mas

Mas porque nom me mate eſta preſente
Chamma, nem eſte fogo taõ eſquivo,
Com lagrimas continuas, o contino
Fogo tempera Amor duro, e benino.

## *DE PALLAS, E VENUS.*

### XXXIV.

VIve corrida PALLAS, e afrontada
De nom lhe ſer a ella o pomo dado;
Fermoſamente torna logo armada
Com eſprito ſoberbo, e confiado:
E contra VENUS diſſe toda irada:
» Seja agora entre mim, e ti julgado.
Diz VENUS: » Graõ ſoberba é eſſa tua;
» Mas eu, PALLAS, nom venço ſe nom nua.

## *DE DAPHNE, E FEBO.*

### XXXV.

COm paſſos foge DAPHNE, e co'a vontade;
Co' a vontade, e c'os paſſos FEBO a ſegue:
Ella por conſervar a caſtidade;
Elle porque a ſeu ſó amor a entregue,
Gritando vai, que lh'ouça ſua verdade,
E que todo outro bem depois lhe negue.
Mas ella a eſtes amores verdadeiros
Surdos ouvidos dá, e pés ligeiros.

*TRADUZIDO DE SANNAZARO.*

XXXVI.

Vê como ſom tratado duramente
De diverſos cuidados, e de dores.
Arço, e ai que da meſma chama ardente
Sempre manando eſtaõ puros liquores:
Sou Nilo, e ſou Ethna juntamente.
Lagrimas apagai eſtes ardores;
E as lagrimas ſe gaſtem já na chamma
D'eſta Alma, que a ti ama, e em ti s'inflamma.

*DE VENUS, E ADONIS.*

XXXVII.

EM ſeus braços tem VENUS o fermoſo
ADONIS ſeu, do Javali ferido;
E ella tem mais ferido o amoroſo
E brando peito ſeu, do ſeu CUPIDO:
Morre ADONIS do dente furioſo;
De o ver VENUS da vida deſpedido;
E é d'elle, e d'ella taõ igual a ſorte,
Que ſe vê nelle, e nella igual a morte.

*DE PYRAMO, E THISBE.*

XXXVIII.

MOſtra tambem o AMOR, como menino,
O ſeu poder nos brandos, e meninos.
Sempre em PYRAMO, e THISBE foi contino,
Na meninice ſempre ambos continos:
Cada um de ſer amado era bem dino,
Mas inda ambos d'amar naõ eram dinos;

Creſ-

Creſce com elles té que os prende, e os ata,
E um meſmo Amor c'um meſmo ferro os mata.

## *DE ATALANTA, E HIPPOMENES.*

### XXXIX.

A Fermoſa, e leviſſima ATALANTA
Que venceo ſempre, e nunca foi vencida
Na ligeireza, comque o Mundo eſpanta,
Foi de pouco ouro, e naõ d'Amor detida:
HIPPOMENES ditoſo, que por tanta
Fermoſura pozeſte em riſco a vida,
Nom te baſtava Amor, baſtoute o ouro,
Para te dar o teu maior theſouro.

## *DE PENELOPE, E ULYSSES.*

### XL.

PAga Amor a PENELOPE a firmeza
Comque tecia, e comque deſtecia;
Pagalhe o amor, por cuja gráa pureza
Dava á verdade a noite, ó engano o dia:
Acode á ſua ſaude, e ſua triſteza,
Trouxelhe ULYSSES que ella ſó queria;
E ſe ULYSSES lhe paga o amor tornando,
Paga ella o amor a ULYSSES eſperando.

## *DE LEANDRO, E HERO.*

### XLI.

NO lume a viſta, em HERO o penſamento;
O' bravo mar LEANDRO s'apreſenta;
Elevado d'amor, e de tormento,

Tem

Tem por branda a aſperiſſima tormenta:
Nada até que lhe falta vida, e alento:
Mas já ſe ſatisfaz, e ſe contenta,
Que morto o leve o mar, como dezeja,
Onde, por ſeu amor morto, HERO o veja.

*AO MESMO.*

XLII.

POem os olhos LEANDRO no ſeu Norte,
E ó mar ſe entrega: Amor lhe dá ouſadia;
Tiralhe a força o mar; a vida a ſorte;
Morre buſcando o bem, que mais queria:
Mas Amor naõ contente d'eſta morte,
Matta a vida de que elle mais vivia:
Na praia o deita, onde HERO o vê da torre,
E deitandoſe d'ella, com elle morre.

*AO MESMO.*

XLIII.

TEndo já LEANDRO a voz fraca, e cançada,
E das ondas a força já vencida;
» Vive, HERO, diz, d'eſte amor ſó lembrada;
» Paga eſta morte com lembrança, e vida:
Deitouo o mar na praia dezejada;
Vendo HERO tal, da torre avorrecida
Se deita abaixo, e diz neſte perigo:
» Quem, LEANDRO, te matou, morra comtigo.

AO

## *AO MESMO.*

### XLIV.

VEndo LEANDRO na torre o vivo faro,
E ſentindo em ſeu peito a viva chamma,
Vai buſcar nelle tempo alegre, e claro,
E a quem o accende nella, e nella o inflamma,
Põe peito ás ondas; vemlhe a cuſtar caro,
Que inda que o leva Amor a Morte o chama:
Perde a vida, perde HERO, e aſſi perdida
HERO perde a LEANDRO, e perde a vida.

## *DE DIDO.*

### LXV.

INgrato ENEAS, que entregaſte ó vento
As palavras, e as Náos que tinhas dadas
A' minha praia, e ó meu intendimento,
Que nella, e nelle eſtavam bem guardadas:
Enganoume comtigo o penſamento,
Mas de mim tuas palavras ſaõ lembradas,
Para perder com tua eſpada a vida,
Porque a tua de mim ſeja eſquecida.

## *DE DIDO, E ENEAS.*

### XLVI.

VAiſe o cruel ENEAS, deixa a DIDO
Que mais que a honra, mais que a vida o ama:
Sempre o teraõ por deſagradecido,
Mas ah que outra ventura o leva, e o chama!
Ella, co' Eſprito d'eſta dor vencido,

O

O peito entrega ó ferro, o corpo á chamma;
Dizendo neſta ſua dura ſorte:
» A quem vida faltou, nom falte a morte.

## *A UMA ESTATUA DE MARMORE, traduzidó de Auſonio.*

### XLVII.

VIvi em quanto do Ceo foi permittido;
Som em marmore agora convertida:
Mas das maons de Praxiteles polido,
Tornei a novo ſer, e a nova vida:
A tudo mais, ſe nom ſó ó ſentido,
D'eſte Artifice fui reſtituida;
Que de mim já de todo o tive auſente,
Quando offendi os Ceos ouſadamente.

## *DE LAIS, que offerece o ſeu eſpelho a Venus: traduzido d'Auſonio.*

### LXVIII.

LAis, que já paſſei a freſca idade,
Dou já eſte eſpelho a VENUS clara e pura;
Sempre o tenha, pois ſempre mocidade,
Pois ſempre verá nelle fermoſura:
Nom tenho d'elle já neceſſidade,
Que me tem dado o tempo outra figura,
Nom quero verme, qual me vejo agora,
Nem poſſo verme, qual me vi outr'hora.

## *DE PARIS, E DAS TRES DEOSAS.*

### XLIX.

CHamado é Paris d'uma grá ventura,
De fermoſuras é Juiz Louvado.
Juno grandes riquezas lhe aſſegura;
Pallas falo em victorias ſinalado:
Venus promette úa grande fermoſura;
Ficalhe Paris mais affeiçoado,
Julga por Venus. Ouro, e honra deſpreza,
Mais honra a fermoſura, mais a préza.

## *DE AYAX, E ULYSSES.*

### L.

SObre as armas de Achilles, o eloquente
Ulysses tem contenda co' animoſo
Ayax; e ouvidos, fica injuſtamente
Ulysses com a eloquencia victorioſo:
Enche Ayax logo o peito em ira ardente,
E contra ſi ſe torna furioſo;
Mataſe com ſuas maõs, da dor movido,
E diz: » Só de Ayax, ſerá Ayax vencido.

## *DE VENUS, E CUPIDO.*

### LI.

COrre ſangue do peito da fermoſa
Venus, e o meſmo Amor lh'o tem ferido:
Volve ella ó filho, e diz d'elle queixoſa;
» Que deſcuido foi eſte meu Cupido?
Moſtralhe Amor Adonis da amoroſa

Se-

Seta d'AMOR, e d'ella já vencido;
Vendoo, no peito AMOR, e ADONIS sente,
E achaſe namorada, mas contente.

## *DO JUIZO DE PARIS.*

### LII.

SEndo eſcolhido PARIS, e chamado
Por Juiz de taõ grandes fermoſuras;
» Nom pode (diz) de mim ſer bem julgado,
» Se fermoſas em tudo ſois, e puras,
» Sem ver tudo o que ós olhos é vedado,
» Porque aſſim eſtas verdades ſe conhecem
» Com certa, e com ſegura confiança.
Logo todas a PARIS obedecem;
Só VENUS a ſentença, e Pomo alcança;
Triſteza as outras, e deſconfiança.

## *A UM RETRATO DE RUFO ORADOR: traduzido de Auſonio.*

### LIII.

ESta é de RUFO a imagem verdadeira,
E RUFO imagem é d'eſta figura.
E RUFO onde eſtá agora? Na Cadeira.
Que faz nella? O que faz neſta pintura.

## *DA INVENÇAÕ DAS MUSAS.*

### LIV.

A Hiſtoria de CLIO foi achada;
Da Frauta EUTERPE foi deſcobridora;
A Geometria de ERATO inventada;

Da

Do Salterio TERPSICHORE inventora:
D'URANIA a Aſtrologia inveſtigada;
POLYMNIA da Oratoria fundadora;
CALLIOPE das Letras; da Tragedia
MELPOMENE; e THALIA da Comedia.

## *A' S MUSAS.*

### LV.

Té'gora, Muſas Santas, e Sagradas,
Por Sagradas vos tinha, e venerava:
Nem cria, que podieis ſer julgadas,
Senom por quem por voſſas Leis julgava:
Já, Muſas, perdoai, ſois profanadas,
Já comvoſco nom ſe uſa o que ſe uſava;
Pois que tractadas ſois como profanas,
Sendo julgadas já por Leis humanas.

## *DE CUPIDO, E VULCANO.*

### LVI.

NAs duras armarias de VULCANO,
O brando AMOR, por velas, entra um dia;
E fazendo ós ouvidos brandos damno
O deſabrido ſom que alli ſe ouvia,
S'enfada AMOR. Diz-lhe o ferreiro inſano;
» Com armas vi já AMOR em companhia.
» Verás AMOR com armas, diz, nom uſalas;
» E ó premio baixo, e vil nom fabricalas.

## *DA PRIZAÕ DE VENUS.*

### LVII.

PAra prender ſua mulher fermoſa
VENUS, com MARTE, uma rede faz VULCANO
Subtil, de grande ingenho, artificioſa
Tanto, que á meſma viſta faz engano:
Sente ella mais a pena vergonhoſa
Da prizaõ, que da culpa o infame dano:
Que o animo obſtinado em vil baixeza,
Da pena, e nom da culpa tem triſteza.

## *A UM RAMALHETE DE FLORES.*

### LVIII.

DItoſas, bem nacidas, brandas flores,
D'uns olhos viſtas, d'umas maõs tocadas,
Que em ſuavidade, e cheiro, graça, e cores
Vos teraõ com vantajem conſervadas:
Das Graças, e do Amor, e dos Amores
Com rezaõ ſereis ſempre acompanhadas;
E o voſſo fermoſiſſimo concerto,
Trará toda Alma em grande deſconcerto.

## *AO MESMO.*

### LIX.

JUlgueſe d'eſtas flores a verdade
De quem as vence em graça, e fermoſura;
E d'eſte cheiro a branda ſuavidade
Com que Alma, vendo a, s'enche de brandura:
D'eſte vario concerto a variedade

Das

Das graças que o Ceo nella ajunta, e apura;
E intendaſe que quem junta eſtas flores,
Vence Almas mil d'inveja, e mil d'amores.

## *AO MESMO.*

### LX.

COlheo Amor eſtas fermoſas flores;
Juntou as com ſuas maõs a Fermoſura:
Creceo o cheiro ás flores, e a graça as cores,
Ficoulhe a ſuavidade mais ſegura:
Nom devem d'aqui eſtar longe os Amores,
Pois a graça aqui eſtá, pois a brandura;
E quanto aqui ſe eſconde, e aqui apparece,
Em tudo eſpanto, em tudo amor merece.

## *A UMA GRANDE FERMOSURA.*

### LXI.

UMa fermoſura vi, vi uma graça,
Com tanta graça, e tanta fermoſura,
Que nom ſei diligencia, que nom faça,
Por tornar outra vez a eſta ventura:
E inda que o intendimento ſe embaraça,
Intende, que é verdade clara e pura,
Que neſta fermoſura, e graça nova,
Mil bens o Ceo na terra hora renova.

## *A' MESMA.*

### LXII.

AQuella fermoſura, e aquella graça,
Que eu vi com tanta graça, e fermoſura;

Nom

Nom vejo outra que tanto satisfaça
Os olhos, que tiverom tal ventura:
Nem quem tempere a dor com que ameaça
Ausencia, que será pezada, e dura;
Que quem tanto Alma, e olhos satisfaz,
Em só tornarse a ver tudo refaz.

## *A' MESMA.*

### LXIII.

QUando ouço a branda voz, que de brandura
E suavidade enche Alma, e os ouvidos;
E quando vejo a clara Fermosura
Qu'intendimentos claros tem vencidos;
E quando a viva Graça, e sempre pura
Que d'amor mil espritos tem rendidos,
Nom sei se vivo entaõ, nom sei se mouro;
Só sei que este é do Amor o mór thesouro.

## *A UMA FEISSIMA.*

### LXIV.

FEa se fallas és, fea calada;
Ouvindo fea, fea respondendo;
Fea branda pareces, fea irada;
Negando fea, fea promettendo:
Fea toucada, fea destoucada;
Com frio fea, fea em calma ardendo;
Fea contente, fea descontente;
Em tudo sempre fea a toda a gente.

## *A' MESMA.*

### LXV.

SE a boa proporçaõ faz fermoſura,
Deves por bem fermoſa ſer julgada,
Pois a tens taõ igual, e taõ ſegura,
Em ſer em tudo deſproporcionada:
Quem bem te vê, intende, affirma, e jura
Que em ti tal proporçaõ nom falta em nada;
E aſſim ſe moſtra claro ſer verdade,
Que á tambem proporçaõ na fealdade.

## *A' MESMA.*

### LXVI.

TUa nom comparada fealdade
Effeitos faz de grande fermoſura;
Que ſe uma leva o peito, e a vontade,
Outra no meſmo effeito eſtá ſegura:
Mas nom intendas mal eſta verdade,
Que em ti ſe moſtra bem ſer clara e pura:
Leva a vontade a fermoſura a Amor,
E a tua fealdade a deſamor.

## *A' MESMA.*

### LXVII.

FAz Amor parecer fermoſo o feo,
Porque amando ſe engana o intendimento:
Mas ſe podes amada ſer, nom creo
Qu'Amor cauze eſte engano um ſó momento:
Mas nom ſerás amada, que o receo

De

De verte, apartará de ti o intento;
Tal roſto nom Amor, mas odio pede,
Pois á meſma Fealdade em feo excede.

## *A' MESMA.*

### LXVIII.

FEa naceſte, e ſempre foſte fea;
Ninguem te pode ver ſem fealdade:
Nunca te vi um dia menos fea,
Que ſempre foſte igual na fealdade:
Que ſe és de todo conſummada em fea,
Quem te verá com menos fealdade?
Ficarás como fea, que eſſe feo
Roſto nom merece outro menos feo.

## *A' MESMA.*

### LXIX.

COmo teu roſto, em feo conſummado,
Te faz que nenhum bem do Amor eſperes;
Aſſim ſe em outrem vês algum cuidado
D'Amor, damnalo, e deſtruilo queres;
Como teu peito eſtá deſeſperado,
Dezejas que tu ſó nom deſeſperes:
Mas tu ſó na má hora deſeſpera,
E nom quem com rezaõ, e amor eſpera.

## *A' MESMA.*

### LXX.

A Fealdade mais encarecida
Nom chega ó menos que na tua vemos;
Nom baſta, inda que larga ſeja a vida,
A poderemſe dizer os ſeus extremos:
Nella fica a eloquencia taõ perdida,
Como em couſa de que nada entendemos:
Nem á já quem moſtrar tanto ſe atreva,
Por mais que d'ella diga, e d'ella eſcreva.

## *A' MESMA.*

### LXXI.

Q Uem põe a viſta em ti, ſem falta jura
Que nom vio couſa menos para olharſe:
E quem bem conſidera eſſa figura,
Que nom vio couſa menos para amarſe:
Devias pelo Mundo ir em pintura,
Para o Mundo de tal mõſtro eſpantarſe;
Mas da Pintura, e nom me engano, temo,
Que nom poſſa pintar taõ feo extremo.

## *A' MESMA.*

### LXXII.

D Ezejo de ſaber, ſe ouſas de verte?
E ſe ouſas de te ver, que te pareces?
E ſe procuras logo de eſquecerte
Do que, quando te vês, em ti conheces?
Que ſe te vês, e intendes, ſe perderte

Da

Da memoria, é graõ pena a que padeces?
E se esta tens, é muito teres vida,
Sem ser já de tal pena consumida.

## *A' MESMA.*

### LXXIII.

MIl cousas tem tua grande fealdade
Iguaes ás de uma grande fermosura;
Espanta uma; espanta outra, e novidade
Parece o muito d'uma, e outra figura:
Nom se deixa intender toda a verdade
D'ellas, que a muita copia a faz escura;
Mas n'uma cousa ũa d'outra é differente,
Que uma deixa Alma triste, outra contente.

## *A' MESMA.*

### LXXIV.

E'S fea, em tudo fea, e sempre fea;
Nom sei como encareça esta verdade,
Se nom com repetila, porque a crea
Quem nom vê tua estranha fealdade:
Dezejo só para isto larga vea,
E um ingenho que igual fora á vontade;
Mas assim cuido que inda nom bastara
A poder declarar cousa taõ clara.

## *A' MESMA.*

### LXXV.

SE se diz que é maravilhoso o raro,
Podese ter por mais maravilhosa

A tua fealdade; pois é claro
Que é ſó, e ſendo ſó mais eſpantoſa:
Inda nom ſei, ſe bem aſſim declaro,
Que á tua fealdade monſtruoſa
E' a meſma admiraçaõ, por ſó, devida,
Que á fermoſura mais encarecida.

## *A' MESMA.*

### LXXVI.

QUanto ſe diz das outras fealdades,
Quanto de todas é no Mundo eſcrito,
Saõ da tua clariſſimas verdades,
E inda poſſo dizer, que é pouco dito:
Sempre a teu odio levas as vontades,
A viſta de ti foge, foge o eſprito,
Porque nada em teu roſto pode verſe,
Que nom poſſa fugirſe, e avorrecerſe.

## *A' MESMA.*

### LXXVII.

EM toda couſa fea te imagino,
E nas mais feas mais te repreſento;
Mas de todo, ſe a vejo, deſatino,
Porque nellas te encontra o penſamento:
E ſe eu ando temendo de contino
De chegar a te ver um ſó momento,
Vê como ſofrerei, ſe te nom vejo,
Lembranças do que nunca ver dezejo?

## *A' MESMA.*

### LXXVIII.

MUito pode Amor proprio, mas nom creo
Que em ti, ſendo taõ fea, poſſa tanto,
Que te faça ſofrivel eſſe feo
Roſto, que a todos cauſa eſtranho eſpanto:
Se de ti te contentas, mais me enleo,
Mais do poder do Amor proprio me eſpanto;
Se aſſim é, de ti te namorará,
Como de couſa que outra tal nom á.

## *A' MESMA.*

### LXXIX.

QUem é taõ curioſo, que dezeja
De ver a mais perfeita fealdade
Que haver pode no Mundo, a ti te veja,
Por goſto nom, mas por curioſidade:
Nom fará, com te ver, a outros inveja,
Mas podela á fazer co' a novidade;
Que o que nunca ſe vio, dezeja verſe,
Inda que ſeja para nom quererſe.

## *A' MESMA.*

### LXXX.

TUa gram fealdade a toda a viſta
Importuna, e enfada o penſamento,
Porque nom á quem vendoa reſiſta
A um aſſaz importuno enfadamento:
Olhos, nem coraçoens rouba, ou conquiſta;

Nem

Nem deixa satisfeito o intendimento;
Com tudo nom lhe estás pouco obrigada,
Pois te livrou de ser importunada.

*A' MESMA.*

LXXXI.

DE tua fealdade parte, e parte
Dezejei de tratar distinctamente,
Mas falta ingenho, estilo, tempo, e arte
Para tratalas copiosamente:
E pois que me é particularizarte
Impossivel, de ti direi sómente
Em summa, e todo o Mundo me ouça, e crea,
Que nom á em todo elle outra taõ fea.

*A' MESMA.*

LXXXII.

SE estes Epigrammas lendo,
Nom sabes para quem saõ;
Em ti d'elles, em te vendo,
Verás a declaraçaõ.

Porque sendo tu taõ fea,
Que outra tal nom pode aver,
Nom é rezaõ que se crea,
Que para outra possam ser.

*A UM HOMEM FEISSIMO.*

LXXXIII.

SE nom foges de ti, nom deves verte;
Mas se te viras, logo alli parado Fi-

Ficáras, ſem um ſó paſſo moverte,
Que, em te vendo, morréras de aſſombrado:
Dezeja quem te vê logo eſquecerte,
Por toda a vida nom andar paſmado,
Mas os que de coſtume já te vemos,
Pela converſaçaõ medo nom temos.

*AO MESMO.*

LXXXIV.

SE á Lei que a todo, em arte proveitoſa
Unico, dá em cazo mortal vida,
A todo ſingular aſſi piedoſa;
Tens em ti meſmo a tua defendida:
Nom temerás Sentença rigoroſa,
Inda que tenhas culpa de homicida,
Que em te vendo, ſegundo intendo, e creo,
Julgaráõ, que te val unico em feo.

*AO MESMO.*

LXXXV.

PODes ter com NARCIZO igual ventura,
Mas na cauza averá deſigualdade:
Elle morreo de ver ſua figura,
Morrerás vendo a tua na verdade:
Elle d'Amor de ſua fermoſura,
Tu de medo de tua fealdade;
E outra graõ differença em ti veremos,
Por elle ſe chorou, por ti riremos.

## *AO MESMO.*

### LXXXVI.

OBra tua viſta differentemente,
Democritos, e Heraclitos nos fazes;
De medo uns choraõ de te ver preſente,
Porque ſe rim de verte, a outros aprazes:
Nom riſo, que a ninguem deixe contente,
Pois a ninguem em nada ſatisfazes;
Mas riſo, a que ſó move a zombaria
Que todos de ti fazẽm noite, e dia.

## *AO MESMO.*

### LXXXVII.

QUando alguẽm ſó o Filoſofo nomea,
O famoſo Aristoteles ſe intende:
Quanto Orador, por Tullio ſó ſe crea,
A quem todo outro com rezaõ ſe rende:
Se Poeta, ninguem que o ouça, ou lea
Dalo mais que a Virgilio ſó pretende;
Aſſim quando ſó o Feo for ouvido,
A ti ſó deve ſer attribuido.

## *AO MESMO.*

### LXXXVIII.

EM feo tẽs chegado a gráo taõ alto;
Que comparado ninguem é comtigo,
Tanto, que quem te vir de ſobreſalto
Ou morrerá, ou chegará a perigo:
Quem d'armas contra imigos foſſe falto,

De-

Deviate trazer ſempre comſigo,
Porque o eſpanto de verte ſerá tanto,
Que em fugida os poria o meſmo eſpanto.

## *A UM HOMEM VANISSIMO.*

### LXXXIX.

DOnde te nace tanta vaïdade,
Pois nada em ti tanta vaidade cria?
Se o fazes por criar authoridade,
Mais a faz a brandura, e a cortezia:
Olha por ti, concerta eſſa vontade,
Que do mais chaõ caminho te deſvia;
Se é falta de ſaber, conſelho toma,
E eſſa vá condiçaõ emenda, e doma.

## *AO MESMO.*

### XC.

QUe vento eſſe é de que andas taõ inchado
Que fará navegar grandes carracas?
Pequeno é Boreas a elle comparado,
Náos, e Velas, para elle ſeráõ fracas:
Se crès, que podes no ar ſer levantado,
E' falſo teſtemunho que te aſſacas:
Deixa a vaidade, creme o que te digo,
Que a ſi meſma a vaidade é graõ perigo.

## *A UM VELHO MOÇO.*

### XCI.

POrque queres ſer moço, ſendo velho?
Porque vives da idade taõ trocado?

Quan-

Quanto melhor te fora dar conſelho
Que devêres de ſer aconſelhado:
Eu t'amoeſto, Amigo, e t'aconſelho
Que ſejas já de ti deſenganado;
Intende que a ti ſó comtigo enganas,
A ti ſó fazes mal, a ti ſó danas.

## *AO MESMO.*

### XCII.

QUem vêo a uſar no Mundo tal baixeza?
Viate, e nom ouſava de fallarte,
Crendo que m'enganava. Que preſteza
Taõ moço pôde, amigo, aſſim trocarte?
Maravilha é ſe o fez a natureza,
Mas graõ vergonha ſe ajudado d'arte.
Nom uſa a natureza eſtes enganos,
A arte ſó muda a cor, nom mingoa os annos.

## *CONTRA UM MALDIZENTE.*

### XCIII.

POrque praguejas do que mal intendes?
E ſe o intendes bem, porque praguejas?
Ou cales, maldizente, ou bem emendes,
E nom c'uns meſmos olhos tudo vejas:
Se por moſtrar juizo ſó reprendes,
Tambem farás louvando o que dezejas;
Reprende embora, onde merece, o vicio,
Mas nom reprendas ſempre por officio.

*A UM GRANDE COMEDOR.*

XCIV.

TEu comer, e beber o Mundo eſpanta,
Nem á quem inda vendoo tanto crea;
Nom baſtaõ quantas vides BACCHO planta,
Nem quanto a loura CERES paõ ſemea:
Nom quanto gado PAN paſce cad'hora,
Nem quanta caſſa a grá DIANA cria,
Nem quanta fruta rega a bella FLORA,
Nem quanto peixe o graõ NEPTUNO guia;
E quando te enches com maior eſpanto,
Indá encherte dezejas d'outro tanto.

*A UM MENTIROSO.*

XCV.

TUdo promettes quanto de ti quero,
Nunca couſa me dás que de ti queira,
Já com eſta expriencia deſeſpero
D'achar em ti promeſſa verdadeira:
Se aſſim és no que negas, o negado
Melhor que o promettido ſerá dado.

*AO MESMO.*

XCVI.

NEm tantas folhas á nos verdes boſques;
Nem ſe recolhem nelles tantas aves;
Nem o mar em ſi eſconde tantos peixes,
Nem nelle move o vento tantas ondas,
Nem tem tantas areas ſuas praias,

Quan-

Quantas mentiras dizes cada dia;
Ora falles zombando, ora de fizo,
Ou seja n'uma lingoa, ou n'outra lingoa,
Quer contes tuas cousas, quer alheas,
Com muitos hora estés, hora com poucos,
Hora seja com freima, hora com ira,
De vagar hora seja, hora de pressa;
Sempre fallando estás com tanto tento,
Porque acazo nom digas úa verdade,
Como quem dizer teme uma mentira,
Que de a dizer se guarda com cuidado.

## *A UM RONCADOR COBARDE.*

### XCVII.

A Lingoa tens nas maõs, e as maõs nos pés;
E os pés no espirito que apos elles vai:
E como solto das palavras és,
Assim traz ellas o animo se vai:
Hora promettes talho, hora revés,
Mas no chaõ co' as palavras tudo cai,
Teu mesmo espirito a tua lingoa teme,
E elle só d'ella foge, e d'ella treme.

## *A UM MUITO DOUDO, E DOUTO.*

### XCVIII.

DE todos és por douto bem julgado,
Mas tambem és por doudo conhecido:
No que intendes, e dizes approvado,
E no que usas, e fazes reprendido:
Usa o que sabes, e serás louvado,
E por douto, e prudente recebido;

Nom-

Nom queiras que te tenha toda a gente
Se por douto, por doudo juntamente.

## *A UM CONFIADO DE SI em muitas couſas.*

### XCIX.

Achas te graça, nós tambem t'a achamos;
Dizes que intendes, nós o nom dizemos;
Cuidas que és leve, nós aſſim cuidamos;
Crês que és valente, nós nunca tal cremos:
Fallas de ti, tambem de ti fallamos;
Tenſte em graõ conta, nella nom te temos;
Nem tudo concedemos, nem negamos,
Contentate c'o que te concedemos;
Concederte o negado é zombaria,
Negarte o concedido, roubantia.

## *A UM, QUE SE TINHA POR DOUTO.*

### C.

Tenſte por muito douto, e intendido,
E eu intendo que a mim nada me é claro;
Mas por ti nom intendo o que duvido,
E eu o que tu duvidas te declaro:
Se chamas douto a ſer de todo indouto,
Mais que a todos te podes chamar douto.

## *A UM GRANDE FALLADOR.*

### CI.

QUando te vejo ſempre te ouço, e nada
Ouço, ſe nom a ti quando te vejo;
Que nunca tua boca eſtá cerrada,
Sempre tua lingoa eſtá ſem nenhum pejo:
De fallar dia, e noite eſtá cançada,
E tu ſó nom te julgas por ſobejo;
Mas a ſaó parecer de bons Juizes,
Em tudo quanto fallas, nada dizes.

## *A UM GRANDE MURMURADOR.*

### CII.

TEns chea ſempre a lingoa de peçonha,
Com ella muito mais danas, e offendes;
E o roſto que de nada ſe envergonha,
Te faz que de taes vicios nom te emendes:
A maõ de Deos na boca ſe te ponha,
Pois taõ pouco a conſelhos bons te rendes;
E o fogo e ferro, que aſſi queima, e fere,
Neſſa tua lingua m'abrande, e tempere.

## *A UM MUITO CONTENTE DE SI.*

### CIII.

VEmoſte ſer de ti ſempre contente,
E nós nunca de ti nos contentamos;
Se o teu é acerto, acerto é teu ſómente;
Se o noſſo é erro, todos niſſo erramos:
Mas para que nom andes entre a gente

Aſ-

Assim enganado, te desenganamos,
Porque a nós mal, a ti bem te pareces;
Conhecemoste, e tu nom te conheces.

## *A UM IMPORTUNO.*

### CIV.

IMportunasme sempre, nom me deixas
Nem só um'hora para mim segura;
Tudo é contar arrufos, contar queixas,
E sem rezoens do tempo, e da ventura:
Se a quem nada te val, tanto te queixas,
Que a noite, e o dia no queixume dura,
Quem valerte podera, se te ouvira,
Depressa, por valerse, te acudira.

## *A UM QUE QUERIA JULGAR o que nom intendia.*

### CV.

QUem nunca teve dor, nom julgue dores,
Nem alegria, quem a nom sentio;
Quem nunca teve amor, nom julgue amores,
Nem tracte d'honra, quem a nom seguio:
Nom pode, quem nom vê, julgar de cores,
Nem sabe o que é ver, quem nunca vio:
Assim quem nunca em nada satisfaz,
Julgar nom pode o que outrem diz, ou faz.

*A UM, QUE TINHA GRANDE OPINIAÕ de ſaber, e de ſangue.*

CVI.

SE eſtá o ſaber na propria opiniaõ,
Tu ſó, ſem falta, ſabes mais que todos:
Se tambem eſtá nella a geraçaõ,
Tambem, ſem falta, és nobre mais que os Godos
Mas ſe eſtá no que ſabe o Mundo todo,
Sabeſe que nem ſabes, nem és Godo.

*A UM HOMEM MUITO CORRIDO, e que corria pouco.*

CVII.

SE aſſim como te corres, tu correras,
Que milagres fizeras n'ũa corrida?
Atalanta leviſſima venceras,
E Hippomenes de qu'ella foi vencida:
Tardiſſimo em correr ſempre te vemos,
Em correrte leviſſimo e apreſſado;
Mas nom te corres de taes dois extremos,
Com ſeres no correr leve, e pezado.

*RESPOSTA DE UM HOMEM a outro negandolhe uma petiçaõ.*

CVIII.

POr graõ doudo de todos ſom julgado,
E por tal ſom de todos conhecido;
Se o que pedes fizer, ſerei notado
De grande neſcio, e aſſi de todos crido:

Sen-

Sendo iſto aſſim, ſeja antes tido em conta
De doudo, que a de neſcio é mór affronta.

## *A UM CHOCARREIRO MUITO SEM SABOR.*

### CIX.

SEm ſabor quando ris, e quando fallas;
Quando andas ſem ſabor, e s'eſtás quedo;
Se perguntas, reſpondes, ou ſe calas;
Quando moſtras eſforço, e quando medo:
Sem ſabor nos retretes, e nas ſallas,
Que já niſto nom póde aver ſegredo;
E a graça que ſó tens a noite, e o dia
E' ſempre em tudo ter ſemſaboria.

## *CONTENDA DE DOIS.*

### CX.

UM tem dois olhos, e com viſta clara,
Outro um ſó tem, e eſſe co' a viſta eſtreita;
Diz eſte áquelle: » Amigo, eu apoſtara
» A qual de nós tem viſta mais perfeita.
Quem ouvera que a ſi nom ſe enganara,
Como o outro que enganado a apoſta acceita?
Dizlhe eſte: » Vê que vejo mais que ti,
» Pois dois olhos te vejo, um ſó tu a mi.

## *DE UM CEGO, E DE UM MANCO, traduzido de Auſonio.*

### CXI.

VAõ o manco, e o cego juntamente
Cada um tomando do outro o que lhe falta;

O cego leva o manco facilmente,
O manco guia o cego em ſua falta:
No ver do manco, o cego vai contente,
C'os pés do cego, o manco corre, e falta:
E aſſim do manco o cego era guiado,
Aſſim do cego o manco era levado.

## *A UM HOMEM CURIOSO.*

### CXII.

BOa é a boa curioſidade;
Mas melhor é ſaber ſer curioſo;
O que fazes é mais ſeguir vontade,
E' mais ſer leve, e ſer appetitoſo:
Ou deves confeſſar eſta verdade,
Ou nos confeſſa, que és vangloriоſo;
Nom eſperes, amigo, que julguemos
De que ſabes, ou nom pelo que vemos.

## *A UM FISICO,*
## *que ſe jactava de ainda vir a ſer Fiſico Mor.*

### CXIII.

SE co' o tempo ſe pode tudo vêr,
O que queres quiçá que inda o verás;
Fiſico Mór poderás vir a ſer,
Mas nem aſſim o mór Fiſico ſerás;
C'o Officio inda mais renda podes ter,
Mas pelas letras nunca mais terás,
Que inda que venhas a ſer Fiſico Mór,
O Fiſico ſerás ſempre menor.

*A UM GRANDE ZOMBADOR.*

CXIV.

SO' zombar ſempre tens por paſſatempo;
E a vida em zombarias ſó diſpendes,
Zombas quer ſeja, quer nom ſeja tempo,
E as mais das vezes do que nom intendes;
E ſe de ſizo fallas algum dia,
O ſizo em ti parece zombaria.

*DE UM BANQUETE.*

CXV.

NOm vi tanto comer, nem beber tanto
Como neſte banquete feſtejado!
Podera ós coſtumados dar eſpanto,
Quanto mais a quem come taõ regrado:
Vi quem nunca cantou, mettido em canto,
Vi roſto alegre o roſto carregado;
Eſte tal propriamente faz banquete,
Pois lhe vem proprio o nome de Bacchete.

*A UM, QUE ME CONVIDOU COM OUTROS.*

CXVI.

COnvidaſteme a mim, e ós que quizeſte;
Fomos com graõ largueza agazalhados;
Mil varias aves, varias carnes déſte,
Varias doçuras, frutas, e guizados;
Para uns vinho excellente alli tiveſte,
Outros forom de neve refreſcados;
Aſſim que quanto alli nos ajuntaſte,
Tudo foi muito, e bom, mas tu faltaſte.

## *A UM MUSICO.*

### CXVII.

SE só o primeiro vicio, amigo, usaras,
Que dos Musicos Flacco diz que é usado;
C'o segundo nom tanto importunaras,
Sem ser nunca de nós importunado:
Nunca, como hora rogas, nos rogaras,
Nem, como hora nom és, foras rogado;
Intende que por esse teu cantar,
Se disse: Cantar mal, e porfiar.

## *A UMA FEBRE.*

### CXVIII.

NAda dezejo nesta febre ardente
Se nom verme na fonte clara e fria,
Que me na grave calma, e sésta quente,
Do duro estio refrescar sohia:
Nom tivera alli inveja ó mais contente,
Bebera c'o sabor, com que bebia;
Mas em quanto esta sede assim durara,
Com mais vivo sabor inda a gostara.

## *A UMA FIGURA*
## *da Charidade, de pedra.*

### CXIX.

E' Fogo que sempre arde a Charidade;
A Charidade é chea de brandura;
Ouve, e responde com facilidade,
E em santos usos sempre anda segura:

Es-

Eſta nunca ſe move com vontade,
Nom ouve, nom reſponde, é fria, e dura;
E' Charidade das que agora vemos,
Nom a que enſina o Ceo, que ſempre uſemos.

## *A UM COLLERICO.*

### CXX.

POr leves cauſas te poens logo em ira;
Com palavras, com que temido ſejas:
Buſca outra voz, ou tal coſtume tira,
Porque ás vezes corrido nom te vejas;
Porque claro ſe vê que nom compete
A tal ira, e tal cólſera, falſete.

## *A UM ADULTERO.*

### CXXI.

POrque trazes o roſto taõ corado,
Se os trazem por ti tantos taõ corados,
Que ſe de muitos és adulterado,
De ti ſaõ muitos mais adulterados?
Mas já no meſmo mal foſte gerado
De Pai, e Mai no meſmo mal gerados;
Aſſim que todos ſois de nome indinos,
Pois adulteros ſois, e adulterinos.

## *A FILOMUSO, QUE SE TINHA POR DOUTO por ter muitos Livros: traduzido de Auſonio.*

### CXXII.

POrque de muitos Livros que compraſte,
Tens chea a caſa, e eſtás d'elles cercado,
Comtigo, FILOMUSO, te enganaſte,
E por douto te tens, e graõ Letrado:
Se ſó por iſto em tanto te eſtimaſte,
Que eſtás aſſim de ti tambem julgado,
Compra inſtrumentos muitos de tanger,
E por graõ tangedor te podes ter.

## *DO RICO, E DO POBRE; traduzido de Auſonio.*

### CXXIII.

NOm é rico ſómente o que é abaſtado,
Nem o pobre ſómente é deſditoſo;
Menos que elle o pobre é neceſſitado,
Nem mais que o pobre é o rico glorioſo:
Do rico é o ouro ſempre dezejado,
Só de pam vive o pobre dezejoſo;
Sendo iſto aſſim em ambos, é verdade,
Que menor do pobre é a neceſſidade.

## *DA VIDA, E DA MORTE.*

### CXXIV.

QUem chora, e quem ſe doe da alhea morte,
Deve antes de chorar a propria vida;
Que numa acaba toda triſte ſorte,

E

E noutra nunca a dor é despedida :
Quem chora a vida, chora a dor mais forte,
Quem chora a morte, chora dor perdida ;
Se á maior dor saõ lagrimas devidas,
Choremse mais que a morte as mesmas vidas.

## *DA VIDA.*

### CXXV.

QUem á vida da terra chama vida,
Ou com ella se engana, ou nome lh'erra ;
Porque que al é se nom ũa paz fingida,
Danosa muito mais que dura guerra ?
Q'outra cousa é, se nom morte escondida
Vista de quem a vista á luz nom cerra ?
Tem ouvidos nom ouve, olhos nom vê
Quem a vida mortal por vida crê.

## *DA MORTE.*

### CXXVI.

QUaõ depressa desfaz a dura morte
A quem promette o tempo larga vida!
Nem basta ter a dezejada sorte,
Para ser largo tempo possuida :
Sempre Alma e olhos no divino Norte,
Com grand'honra será a morte vencida,
E deve a de temer sempre vivendo,
Quem a dezeja desprezar morrendo.

## *A UM AVARO RICO.*

### CXXVII.

PAra que ajuntas esse vaõ thesouro,
Bem vaõ, pois para nada te aproveita?
Que monta a prata, ou que te monta o ouro,
Se por guardado a vida tens desfeita?
Com elle nom ajudas a saude,
Deixas antes perder a mesma vida:
Em ti perde teu ouro sua virtude,
Porque a tua de todo está perdida:
Se em altissimas veas estivera,
Muito mais facilmente ás maos se ouvéra.

## *A UM IGNORANTE MALICIOSO.*

### CXXVIII.

QUando deves fallar, fallar nom sabes;
Nem calar sabes, quando calar deves:
Mas se podes danar fallando, fallas,
E calas, se danar podes calando:
Em nenhuma pessoa vi té'gora
Junta a tal ignorancia tal malicia.

## *A UM ZOMBADOR IGNORANTE.*

### CXXIX.

FAllas, e zombas, dizes o que queres,
E nom sofres que alguem zombe comtigo;
Mas ouvirás assim como differes,
Porque igual á de ser visto o perigo:
Vejo que dó, que dizes nom te corres,

Do

Do que te dizem és logo corrido;
Mas se a melhor remedio te soccorres,
No contrario terás melhor partido.

## *A UM QUE SE GABAVA DE CAVALLEIRO.*

### CXXX.

GAbaſtete de grande Cavalleiro,
E ſe em matar eſtá a Cavallaria,
Devemte niſto ter por verdadeiro,
Pois matas mil co' a lingua cada dia:
Sempre no maldizer és o primeiro,
No bemdizer a lingua ſe t'esfria,
Eſte é o esforço com que alçarte queres,
Eſtas as armas com que a tantos feres.

## *A UMA AUSENCIA.*

### CXXXI.

DOs olhos, cuja viſta me alegrava,
Da voz, que em novo amor Alma accendia;
Da graça, que em ſi todo me enleava,
Do riſo, que de graças o ar enchia:
Do movimento, que Alma me levava,
Do intendimento, que a todos vencia,
Me vejo, por meu dano, triſte auſente,
C'o mal que os olhos choram, e Alma ſente.

## *A UMA DESPEDIDA.*

### CXXXII.

AS lagrimas em dor tem fundamento;
Mas com ellas a dor ſe vai gaſtando;

Nom

Nom é assim no firme sentimento,
Que sem ellas se vai mais segurando:
Diverteſe da dor o penſamento,
Co' as lagrimas que os olhos vaõ chorando;
Sempre vemos as lagrimas gaſtadas,
Poucas vezes triſtezas acabadas.

## *A UMA SAUDADE.*

### CXXXIII.

OS olhos, em que deixo morta a vida;
Os olhos, de que trago viva a morte;
Cuja graça neſt'Alma eſtá eſcondida;
Quando outra vez m'os moſtrará a ſorte?
Quando outra vez ſerá de mim ouvida
Aquella branda voz, contra mim forte?
Que com ſeu ſom abrio meu peito brando,
E a ſeu amor me foi Alma guiando.

## *A UNS OLHOS BELLOS.*

### CXXXIV.

UNs olhos, cuja alegre fermoſura
O's que os vem ſempre dá dura triſteza;
Uns olhos, que com riſo, e com brandura
Effeitos fazem d'odio, e d'aſpereza:
Uns olhos, em que a graça eſtá ſegura,
A que Amor nom abranda, nem firmeza;
Que eſperanças daraõ d'alegre ſorte,
Se com ſignaes de vida, os daó de morte.

## *AOS MESMOS.*

### CXXXV.

Escuro o dia a todos amanheça,
Claro, se vejo uns olhos, me amanhece;
Alegre o Sol a todos appareça,
Triste, nom vendo uns olhos, me apparece:
Se á quem esta verdade nom conheça,
A força d'estes olhos nom conhece,
Que é tal, que inda a sua mesma natureza
Branda faz parecer grave a aspereza.

## *AUSENTE.*

### CXXXVI.

Depois que me tiraste, Amor, a vida,
Em que eu n'uns olhos via doce a morte,
De tristeza, e de dor Alma vencida,
Nenhum dia contei com branda sorte:
Deves primeiro que Alma se despida,
E antes que a grande dor a vida corte,
Mostrar, a estes meus olhos, a em que via
As estrellas, a luz, o Sol, e o dia.

## *A UMA FLOR.*

### CXXXVII.

Num prado cheo de fermosas flores,
Encarnadas, brancas, e amarellas,
D'uma parte os brandissimos Amores,
D'outra as Graças se ornavaõ todas d'ellas:
Em mil Almas alli movendo amores,

An-

Andava o poderoſo Amor entre ellas,
E uma Alma d'um devido amor enchia
Da mais fermoſa flor, que alli ſe via.

## *DE UMA ESTRELLA.*

### CXXXVIII.

UMa fermoſa eſtrella eſtá na terra
Q'ás eſtrellas do Ceo faz grande inveja,
E ó Mundo eſtá movendo dura guerra,
Nem á entre todos quem com paz a veja:
Mas inda aſſim, quando a ſua viſta cerra,
Nom vêmos outra dor que igual nos ſeja,
Que ainda que alli ſe veja clara a morte,
Ver ſua fermoſura é clara ſorte.

## *DA MESMA.*

### CXXXIX.

FErmoſiſſima a clara Lũa vejo,
Com que a noite clariſſima parece;
Fermoſiſſimo o Sol, prompto dezejo
Do dia que com elle ſe eſclarece:
Mas quando a eſtrella que mais ver dezejo
Com ſua clara luz nos apparece,
Mais que a Lũa a meus olhos é fermoſa,
Mais que o Sol a meus olhos é cuſtoſa.

## *CONTRA UM POETA.*

### CXL.

CAnçado, máo Poeta, me deixaſte
Dos verſos, que t'ouvi ſeccos, e duros;

Onde apprendeſte tal, como inventaſte
Taõ improprios verſos, taõ impuros?
Mas em ti meſmo cuido que os achaſte,
De tudo deſordenados, e inda eſcuros,
E que hora asc ertas ſyllabas paſſavaõ,
Hora ás ſyllabas certas nom chegavaõ.

## *CONTRA O MESMO.*

### CXLI.

QUando teus verſos, d'eſte nome indinos,
Me lembraõ, máo Poeta, inda m'aballo
De nom ſerem teus verſos Caballinos,
E parecerem verſos de Cavallo:
Saõ louvados os verſos peregrinos,
E eu nunca ſeu louvor eſcondo, ou calo;
Mas nom louvo, Poeta, os verſos que uſas
De Febo peregrinos, e das Muſas.

## *AO MESMO.*

### CXLII.

NAda (ſegundo intendo) te parece,
Grande Poeta, bem na alhea Muſa;
Nunca ante ti na tua erro apparece,
E ſe t'o moſtraõ dáslhe logo a eſcuſa:
Se o conſelho te enfada, e t'avorrece,
Que ſe pode dizer a quem iſto uſa,
Se nom que bem ſeus verſos lhe pareçaõ,
E os alheos lhe enfadem, e avorreçaõ?

## *AO MESMO.*

### CXLIII.

POr Poeta douto, e mancebo és julgado,
E eſta opiniaõ de ti nom é ſecreta;
Mas vejote de ti ſer taõ louvado
De mancebo, e de douto, e de Poeta,
Que de ti (ſe perdoas) nom concebo,
Que és Poeta, nem douto, nem mancebo.

## *AO MESMO.*

### CXLIV.

ATeu ſabor eſcreves, o que eſcreves,
A Leis d'outros Poetas nom te obrigas;
Tambem tu és Poeta, e nom te deves
Atar a Leis de Poezia antigas;
Faze Leis, e desfaze, como fazes,
Rite dos outros ſe te ſatisfazes.

## *AO MESMO.*

### CXLV.

DIzes que o bom Poeta á de ter furia;
Se nom á de ter mais, és bom Poeta.
Mas ſe o Poeta á de ter mais que furia,
Tu nom tens mais que furia de Poeta.

*AO MESMO.*

CXLVI.

QUando alguns verſos teus me dás que lea,
Os meus louvados ſaõ de ti primeiro;
Deves querer, que a quem me liſongea
Seja eu tambem amigo liſongeiro.
Se o que me dizes queres que te crea,
Crême, porque tambem ſom verdadeiro,
Louvas meus verſos, eu nom louvo os teus,
Nem dezejo que tu louves os meus.

*AO MESMO.*

CXLVII.

QUeres que por Poeta te julguemos,
E nenhuns verſos teus queres, que ouçamos;
Mas ſeja aſſi, que aſſi melhor creremos
Iſſo, que de ti queres, que crêamos.

*AO MESMO.*

CXLVIII.

MUitas vezes meus verſos me pediſte
Que t'os moſtraſſe, e nunca t'os moſtrei,
Em nom pedirte os teus, ſe bem ſentiſte,
Entenderias porque t'os neguei:
Da paga me temi, ſe a nom temera,
Muitas vezes meus verſos já te lera.

## *A DOUS AMIGOS.*

### CXLIX.

DOis Amigos de igual conformidade
Conheço, que um ó outro Alma tem dada:
Nem ſabem ter querer, nem ter vontade,
Nem ſabe um ſem outro fazer nada:
Mas nem juſtos aſſim neſta igualdade
Alguma couſa é d'elles acertada,
Que ſe algũa couſa algum d'elles ſoubera,
Já ſer amigo um do outro nom ſofrera.

## *AOS MESMOS.*

### CL.

ESta voſſa amizade já ſegura
Parece que á de ſer em toda a vida;
Pois em ambos á cauſas, que a ſuſtentem,
Tendes em tudo igual conformidade;
Conformes nos coſtumes, e nas vidas,
Nas condiçoens, nos geitos, nas palavras,
Nas inclinaçoens todas, e dezejos,
E em tudo o què quereis, e nom quereis;
E para ſerdes inda mais conformes,
O ſois tambem em ſaber pouco, ou nada.

## *A HUM AMIGO,*
### *ſobre encarecer uma Dama.*

### CLI.

GAbaſte tua Dama de fermoſa,
Por bem alva, bem loura, e bem córada,

Por

Por grande, por bem feita, por airoſa,
Por ſer em tudo bem proporcionada:
Se informaçaõ do que ama é valioſa,
Deve ſer pela tua bem julgada:
Tudo o que dizes tem, mas nom tem graça,
E o que é fermoſo é feo com deſgraça.
Nom feiçoens, traje, ou côr, mas graça pura,
E intendimento fazem fermoſura:
E em quem, ſe pode ſer, ſe ajunta tudo
A quem nom tornará paſmado e mudo?
Mas em FILIS tudo iſto, e inda mais vemos,
Que louvamos, que amamos, que tememos.

*A UM QUE FALLANDO dava a conhecer o que era.*

CLII.

SE parecer dezejas o que és, falla.
Se parecer nom queres o que és, cala.

*A OUTRO SOBRE CERTA MA' COMPRA.*

CLIII.

PAra comprar o alheo, o teu vendeſte,
Sem te ſer neceſſario o que compraſte;
Aſſim de todo o que era teu perdeſte,
E o que ouveſte de novo já o gaſtaſte:
O teu valia mais do porque o deſte,
Menos o alheo do porque o tomaſte,
Podes te, amigo, com rezaõ gabar,
Que ſabes bem vender, e bem comprar.

## *A OUTRO SOGEITO.*

### CLIV.

O Que contrafazes
A todos apraz,
Mas o que desfazes
Ninguem ſatisfaz:
Em outrem tens graça,
Nom a tens em ti,
Quem o faz aſſi,
Sempre contrafaça.

## *A UM AMIGO,*
*que lhe moſtrou uma carta d'Amores.*

### CLV.

C Ouſa é que co' a verdade nom conjunta
Chamar Carta d'Amores a eſta Carta;
Mas nom quero faltar á tua pergunta,
Porque a noſſa amizade nom ſe parta:
Coraçoens apartados uma ajunta;
Mas eſta coraçoens juntos aparta;
Que inda que com amor ſaia do peito,
Merece ter do deſamor o effeito.

## *OBRIGAÇÃO DA AMIZADE.*

### CLVI.

M Al podera dizer, que bem reſponde
Com igual amizade a outra amizade,
Quem couſa alguma ao bom amigo eſconde,
Ou contra ſua vontade tem vontade:

O

O verdadeiro amigo correſponde
Em tudo ao tal amigo com verdade,
E entaõ me moſtro ao tal amigo claro,
Quando tudo o que ſinto lhe declaro.

## *DE UMA VOZ.*

### CLVII.

DE dor pezada, e de triſteza grave,
E de mil danos tendo Alma aggravada;
Ouvi uma branda voz doce, e ſuave
Que de todo a deixou deſaggravada:
Quem tal voz ouvirá que nom ſe aggrave
Alma, ſe d'outra alguma for tocada?
E que voz ſe ouvirá com tal brandura,
Junta com tanta graça, e fermoſura?

## *PARTIDA.*

### CLVIII.

OS olhos que nom vos virem,
Coſtumados a vos ver,
Se ſem vós vida ſentirem
Mereceráõ nom vos ver:
E ſe os leva a ſemrezaõ
Da viſta, em que Alma s'enleva,
Nom ſinto como me atreva
Sofrer o que ſentiráõ.

## *DE UNS OLHOS.*

### CLIX.

AQuelles olhos cheos de brandura
Dos quaes o Amor mil aſperezas manda,
Com cuja graça o ar ſ'aclara e apura,
Com cuja viſta a triſteza, e dor abranda;
Cuja mal intendida fermoſura
Ornada ſempre de mil graças anda;
Quando os nom vejo aſſi ſe troca a ſorte,
Que me é o dia noite, a vida morte.

## *DA ALMA, E DOS OLHOS.*

### CLX.

*Alm.* QUe ſentis olhos? *Olh.* Alma, mas que ſentes?
*Alm.* Voſſo mal ſinto. *Olh.* Em nós teu mal ſe ſente.
*Alm.* Eu ſinto vervos tanto tempo auſentes.
*Olh.* Sentimos verte tanto tempo auſente.
*Alm.* Senti o mal voſſo que nom ſois preſentes,
Que eu c'o a lembrança ſempre ſom preſente:
*Olh.* Todos rezaõ de ſentimentos temos,
Tu co' a lembrança, nós porque nom vemos.

## *A ANTONIO FERREIRA.*

### CLXI.

EMbora, meu FERREIRA, ſejas vindo,
Que já m'ia faltando a pobre vea,
E agora eſpero irme reſtituindo
Na tua ſempre rica, e ſempre chea:
Já me vai novo lume FEBO abrindo,

Pa-

Para que em ti de novo apprenda, e lea,
Que em tua converſaçaõ leo, e apprendo
Quanto, FERREIRA, fallo, eſcrevo, e intendo.

*RESPOSTA DE ANTONIO FERREIRA, pelos meſmos conſoantes.*

CLXII.

PAra verte, e ouvirte ſó ſom vindo,
E enriquecer em ti a pobre vea;
Em ti nos vai, ANDRADE, reſtituindo
Da ſua agua Hippocrene a fonte chea:
Eu com tua luz irei caminho abrindo
O' ingenho, que a ti intenda, e lea:
Quem nom ſabe quanto á que de ti apprendo;
S'alguma couſa eſcrevo, leo, e intendo?

*DA IMITAÇAÕ D'ANTONIO FERREIRA.*

CLXIII.

A Imitaçaõ tem ſua authoridade
Em ſeguir ſó o antigo, e eſcolhido;
Ganha aſſi melhor nome, e gravidade,
E com rezaõ lhe é mais louvor devido:
Mas s'alguem ſe igualar a antiguidade,
Porque imitado nom ſerá, e ſeguido?
Eu a ſó meu FERREIRA ſempre imito,
Igual em tudo a todo antigo eſprito.

*DA POEZIA DO DITO.*

CLXIV.

QUiz Apollo, e quizerom as Irmás nove
Formar um perfeitiſſimo Poeta,
Que com louvor geral o Mundo approve,
Cujo ingenho alta gloria lhes prometta;
Em quem o eſprito antigo ſe renove,
De quem fiem ſua Fonte mais ſecreta:
Formarom neſta idade ſó FERREIRA,
Da antiguidade imagem verdadeira.

*A D. ANTONIO DE VASCONCELLOS, mandandolhe moſtrár uns verſos meus.*

CLXV.

VAi minha mal nacida, e inculta rima,
VASCONCELLOS rariſſimo entre as Muzas,
Buſcar a pura, e grave, e douta lima
Que c'os teus com amor livremente uſas:
Com tua maõ lhe dá preço, e eſtima,
Nom aja em ti a eſte favor eſcuſas;
Nom pergunto, como outros, a verdade,
Para a nom receber com sá vontade.

*A D. DIOGO DE LACERDA.*

CLXVI.

MUitos annos, e bons tenhas, DIOGO,
Se taes os podes ter vendote auſente
Dos olhos, por quem ſempre em brando fogo
Teu amoroſo peito arde contente:

Ce-

Cedo ouvido do Ceo seja teu rogo,
E te leve onde possas ver presente
Aquella, em cujos olhos inda vejas,
Quanto nelles, DIOGO, ver dezejas.

*A JOAÕ LOPES LEITAÕ, estando prezo em sua caza, por entrar uma porta a ver as Damas contra vontade do Porteiro.*

CLXVII.

INda hoje vim a saber,
Que se agora vos nom vemos,
E' porque quizeste ver
O que todos ver tememos:
Mas já sei, que por extremos
E' necessario fazelos,
Pois nunca se chega a velos,
Se os, Senhor, nom commettemos.

Deovos o que commetteste,
Forçado do coraçaõ,
Prizaõ, mas pois o fizeste,
Tendea por bom galardaõ.
Os soltos todos diraõ,
Se entenderem essa ventura,
Que morre toda soltura
De inveja de tal prizaõ.

*RESPOSTA DE JOAÕ LOPES.*

CLXVIII.

BEm podera eu sofrer
O trabalho em que me vejo;

Se

Se ver quem tanto dezejo
Me a mim nom foram tolher.
Que antes me quero perder
Por ver o que mais tememos,
Que deixando de o ver,
Viver ſeguro de extremos.

Eſtoume agora doendo
De quem tiver para ſi,
Que é melhor andar vendo
Verduras, que eſtar aqui.
Ninguem aja dó de mi,
Por me ver neſta prizaõ,
Ajaõ de meu coraçaõ
Que vè tanto dano em ſi.

*A VASCO DA SILVEIRA, tendo elle um deſaſtre nos olhos, avendo poucos dias que tivera outro.*

CLXIX.

OS olhos ſaõ d'Alma imigos,
Daqui venho a ſuſpeitar,
Que lhes vem tantos perigos
De s'ella querer vingar.
Mil couſas d'iſto ſuſpeito,
Nenhumas rezoens me apprazem,
Ou ſeja do mal que fazem,
Ou do que outros lhes tem feito.

*RESPOSTA DO DITO.*

CLXX.

MEus olhos ſendome imigos,
Só me podem liſonjar,
Porque á força de perigos
Poſſa a que os poſſa abrandar:
E eſte ſó bem ſuſpeito,
Por onde os males me aprazem,
Nem chegará o que me fazem
A quanto me já tem feito.

*A GOMES FREIRE DE ANDRADE, com uma Almilha que me tinha pedido, que lhe ouveſſe, e promettido uma faca.*

CLXXI.

NOm pode homem mais fazer,
Que ſervir no que é mandado,
Inda que podereis crer
Que o fiz como peitado.
Mas já que a carne é taõ fraca,
Nom tenhaes por maravilha,
Que nom me eſqueça da faca;
Pois nom m'eſqueci d'Almilha.

*RESPOSTA DE GOMES FREIRE.*

CLXXII.

EM mim é o prometter
Taõ certo, como ter dado;
Por onde me podeis crer

Tei

Ter pola faca mandado:
E ſegundo a carne é fraca,
Nom tereis por maravilha
Crer, que os dezejos d'Almilha
Iriaõ já pola faca.

*DE LOPO ROIZ. CAMELLO, mandando moſtrar ao Autor uma obra em que quiz imitar a Batrachomyomachia de Homero, avendo poucos dias que dera uma queda na Caça.*

CLXXIII.

MElhor é cair na Caça,
Para nom cair em mingoa,
Que cair cá com a lingoa
No terreiro, e mais na praça.
Porque lá ſe for ao chaõ,
Logo ſom alevantado,
E cá ſerei mui notado
Com qualquer Caſſafataõ.

Pelo qual diſſimulai
Qualquer falta que ſentirdes,
Que ſe bem m'o encobrirdes
Muito melhor o eſperai:
Que o que eſcreve, e é Poeta
Deve de eſtar advertido,
Nom ſe faça outrem Cupido,
Tomando o arco, e a ſeta.

*RESPOSTA A LOPO RODRIGUES.*

CLXXIV.

Nom ſem rezaõ temeis mais
Quedas da lingua que tudo,
Que ſabeis como ſizudo
Que as mais d'ellas ſaõ mortais.
No mais nom á que temer,
E á muito de que eſpantar,
E muito para louvar
Quem a tanto ſe atrever.

Uma ſó couſa dizer quero;
Que mil Povos, ſe ſe atrevem,
Contender ſobre vós devem
Como ſobre o grande Homero.
Fora boa eſta contenda,
Por voſſa parte a tomara,
Quiçá que a Fortuna avara
Podéra aſſim ter emenda.

*A D. LUIZ DE MENEZES ALFERES MOR, tendo armado commigo no Jogo.*

CLXXV.

Com dor de meu coraçaõ
Que voſſa Alma hade ſentir,
Vos nom ouſo deſcobrir
Como vos vai na armaçaõ.
Tendesme por verdadeiro,
A verdade eide dizer;
Se inda quereis mais perder,
Podeis mandar mais dinheiro.

Mas

Mas como ſe negará
O que eſtá taõ intendido,
Que quem arma c'um perdido
Como ſe nom perderá?
Vede que poſſo eſperar
Das verdades que Alma ſente,
Se nunca em jogo ſómente
Me quiz a dita enganar?

*RESPOSTA DE D. LUIZ.*

CLXXVI.

QUem nom tem conſolaçaõ
Todo o mal pode ſentir,
Mas ſe perdi na armaçaõ,
Folgo de m'o deſcobrir:
Já ſei, que ſois verdadeiro,
Pezame de tanto o ſer;
Por vos perdido nom ver,
Vos nom mando mais dinheiro.

E eu me contento c'o mal,
S'eu ficar ſó o perdido,
Porque já tenho intendido
Que eſſe é o meu natural:
Se com dinheiro quizera
Minha mofina abrandar,
Em cada dia o perdera,
Para me poder ganhar.

*AO MESMO,*
*estando eu doente, e nom me tendo visto.*

CLXXVII.

A Verdadeira amizade
Em nenhum tempo se esquece,
Quando outra cousa acontece,
Ou á culpa, ou novidade.
Eu doente que crerei
De vos ver taõ esquecido,
A qual de nós culparei,
Que o tenha mais merecido?

Anda sempre o pensamento
Buscando em mim uma culpa,
Para vos achar desculpa
A taõ grande esquecimento:
Mas vervos taõ descuidado
Me dá causa de cuidar,
Que ou é teresme deixado,
Ou queresme deixar.

*RESPOSTA DE D. LUIZ.*

CLXXVIII.

E Ivos de fallar verdade,
Porque vos nom avorrece;
A boa, e firme amizade
Em nenhum tempo se esquece.
Depois que a minha vos dei,
Nunca vos puz em olvido,
De contino trabalhei,
Por seres d'ella servido.

Quem

Quem vive com tal tormento,
Nom ſe lhe deve pôr culpa;
Mas buſcarſelhe deſculpa,
Pois é por tal penſamento:
Eſtais de mim aggravado,
E nom vos quereis lembrar,
Que quem morre d'um cuidado,
Que nom pode em al cuidar.

*A PERO DE ALCAÇOVA CARNEIRO com uns papeis meus, que me tinha pedido.*

CLXXIX.

DE corrido de tardar,
Folgava já de ir tardando,
Mas já agora vou eſtando
Mais corrido de chegar;
Sempre quiz obedecer,
Mas té'gora me deteve
Nom dever apparecer
O que apparecer nom deve.

*A MANOEL TELLES.*

CLXXX.

QUem Alma, e vida vos tem
Em pena a que nada val,
Porque apparece taõ mal,
Pois que parece taõ bem?
Mas ſe aſſi como parece,
Mais vezes apparecera,
Inda entaõ mais padecera
Quem muito agora padece.

A

## *A DOM FRANCISCO DE MOURA.*

### CLXXXI.

COm tua branda lyra, e voz ſuave,
Com teus verſos d'Amor taõ bem nacidos
Me abrandaſte, FRANCISCO, um pezo grave
Que os eſpritos me tinha já vencidos:
Nom temerei, que a pena já os aggrave,
Pois por ti poderaõ ſer ſoccorridos,
Que quando a dor me for Alma aggravando,
Se t'ouvir, ſe m'irá logo abrandando.

## *RESPOSTA DE D. FRANCISCO.*

### CLXXXII.

SE teu verſo em mim doce, e ſuave
Pode tanto, que os meus d'elles nacidos
Faz correr n'um eſtilo alegre, e grave
Que de minha rudeza faõ vencidos:
Que tempo temerei, que os aggrave?
Que lingua, ſe de ti faõ ſoccorridos?
Febo por te nom ires aggravando,
Commigo quiz a lyra ir abrandando.

## *A D. MANOEL DE PORTUGAL com uma Oda.*

### CLXXXIII.

VErſos a bons eſpritos dirigidos,
Pelo que em ti ſe intende, e ſe conhece,
Inda que incultos, e em mim mal nacidos,
A ti primeiro a Muſa os offerece:
Tambem a ti primeiro faõ devidos

Pela tençaõ que nelles apparece;
Ouveos, e com mais culto verſo enſina
A cantar fermoſura taõ divina.

## *AO PADRE Fr. BARTOLOMEU FERREIRA, com os meus verſos para os examinar.*

### CLXXXIV.

PAra poderem ſer de ti approvados
Meus verſos, e de todos bem ouvidos,
Devem primeiro ſer de ti emendados
Com maõ de Amigo, e com cuidado lidos:
Seraõ com tua lima confiados,
Com tua approvaçaõ bem recebidos;
D'aquella ficaraõ cultos, e puros,
Com eſta poderaõ correr ſeguros.

## *A JERONIMO CORTE-REAL.*

### CLXXXV.

CAntando de Leonor a fermoſura,
Entre as Muſas Jeronimo creado,
De ſuavidade encheſte, e de brandura
Meu peito de triſtezas occupado;
Quando a chorar vieres a ventura
Que lhe deo triſte morte em triſte eſtado;
Que eſprito pode aver que t'ouça e viva?
Que peito onde ſua pena nom reviva?

## *A DUARTE DIAS*
*em reſpoſta de uns verſos ſeus.*

### CLXXXVI.

ESprito, que em teus verſos já moſtraſte
Copia, brandura, ingenho, eſtilo, e arte;
Se de muitos eſpritos bem cantaſte,
Devem muitos eſpritos bem cantarte;
C'o que entre elles me deſte aſſi m'honraſte;
Que nom poſſo com verſo igual pagarte;
Pagote com amor agradecido
A taes obrigaçoens ſempre devido.

## *A ELREY NOSSO SENHOR*
*da Setta que traz no peito.*

### CLXXXVII.

COm a Santa Setta, de que o peito ornaſte;
Graõ Rei, de todo os peitos nos abriſte;
E o claro amor, que ſempre em nos achaſte;
Mais firmemente nelles eſculpiſte;
S'a meſma Setta a teu peito voltaſte,
E d'um amor reciproco o feriſte,
Terás cravado ſempre todo o peito
D'amor a teu amor ſempre ſojeito.

## *A D. JORGE DE FARO.*

### CLXXXVII.

COmo pode ſer que emende
Quem deve ſer emendado,
Porque o que bem nom ſe intende,

Nom pode ſer bem julgado?
Trovas ſaõ mal eſcanſadas,
Pois é ſó ſeu certo fruito,
Se ſaõ boas, cuſtar muito,
Se ſaõ más, ſer mal julgadas.

*AO MESMO*
*em reſpoſta d'outro.*

CLXXXIX.

NEſſa trova intendereis,
Que o tempo tem graõ poder;
Pois quando a de mim quereis,
Que aſſim mandarme podeis,
Me dilata obedecer.
Nada me deſculpará
Se o tempo nom me deſculpa,
Que nunca ſeguro eſtá;
E a quem muito ás vezes dá,
De pouco outras vezes culpa.

*A FILIPPE DE AGUILAR;*
*tendome moſtrado parte de um ſeu Dialogo da Amizade.*

CXC.

EM que menos me moſtraſte,
Senhor, da voſſa amizade
Do que eu d'ella ver queria,
Com tudo tal me deixaſte,
Que outras muitas deixaria
Por ſeguir d'ella a verdade.
Inda eſpero merecer
Moſtraresme d'ella mais,

E em iſto tanto querer
Nom me engano,
Porque por bom tenho o panno,
De que vejo bons ſinaes.

*RESPOSTA DE FILIPPE DE AGUILAR.*

CXCI.

O Dezejo que moſtraſte,
Senhor, da minha amizade,
E' o meſmo que eu queria;
E taõ voſſo me deixaſte
Que por nada deixaria
De o ſer, e eſta é a verdade;
Mais quizera merecer
Para vos dar inda mais,
Que neſte noſſo querer
Nom á engano,
Que nom pode ſer máo panno
O que tem taõ bons ſinaes.

*A DIOGO LOPES.*

CXCII.

S Empre eſtá por mim tirando
A obrigaçaõ de Almeirim,
A que ei que vou já tardando,
E o tempo me eſtá eſtorvando,
Que venta, e chove ſem fim.
Mas nom baſta a obrigaçaõ,
Nem o tempo me deſculpa,
Pois eſtá em voſſa maõ

Ir cumprir minha rezaõ,
E nom dar ó tempo a culpa.

*DE MIM MESMO.*

CXCIII.

TUdo ſe vê no Amor, tudo acontece,
Mas mais em mim ſuas maravilhas vejo;
Nom pode Alma coᶜ a pena que padece,
E inda é mór a que ás vezes lhe dezejo;
Com rezaõ merecer com ella eſpero,
Mas de viver com ella dezeſpero.

*AO MESMO.*

CXCIV.

SInto dᵘm brando Amor taõ dura pena,
E tanto com ella a quem mᵘa cauſa quero,
Que juſtamente o meſmo Amor ordena,
Que me pareça juſto quanto eſpero:
Mas tornoa a julgar logo por pequena,
E logo juntamente dezeſpero,
Vendo na cauſa tal merecimento,
Que inda mais amor devo, e ſofrimento.

*AO MESMO.*

CXCV.

O Sol eſtá eſcondido, o dia eſcuro,
A agua continua, os ventos furioſos,
A tormenta importuna, o vento duro,
A terra triſte, os mares procelloſos:
Mas eu entre tudo iſto eſtou ſeguro

Na lembrança dos olhos mais fermoſos
Que o mundo tem; mas ai, que eſta lembrança
Desfaz cada vez mais minha eſperança!

## *AO MESMO.*

### CXCVI.

NOm ſei que eſt'Alma ſente, ou que adivinha
Que tanto ſe inquieta, e ſobreſalta?
Sinto nella uma dor que antes nom tinha,
Deve de ſer Amor, pois dor nom falta:
Negaſe a todo o Mundo já de minha,
Cuidei que a tinha em mim, acho a mais alta:
Deixoume; mas deixoume a dor, e a pena,
Do mal, que por meus olhos ſe lhe ordena.

## *AO MESMO.*

### CXCVII.

OVivo fogo que arde no meu peito,
Convem, que vivas lagrimas o gaſtem;
Ou as conſuma o meſmo fogo vivo;
Mas temo, que nem ellas tanto baſtem,
Nem elle tanto poſſa; e ſatisfeito
Nom eſtá Amor de ver que inda aſſim vivo;
Em mim outros mil damnos experimenta:
Sofro; mas inda aſſim nom ſe contenta.

## *AO MESMO.*

### CXCVIII.

QUantas couſas eſtou vendo
Que nom quizera intender;
Mas para poder viver
Faço que as nom intendo.
O tempo as virá moſtrar
Que tudo faz deſcobrir;
Muitos teráõ de que rir;
E muitos de que chorar.

## *AO MESMO.*

### CXCIX.

POis vejo em tudo mudança
Sempre de mal em peior;
Para que é ter eſperança
Que virá tempo melhor?
Cuidar que nom pode vir
Baſta para deſcançar;
E baſta para me rir
De quanto vejo chorar.

## *AO MESMO.*

### CC.

JA' agora um vaõ penſamento
Me nom devia enganar;
Porque a que poſſo eu chegar,

S'in-

S'inda um caſtello de vento
Nom chego a poder armar?
Uma eſperança perdida
Me tem deitado a perder;
E o que temo recolher,
E' vir a perder a vida
Quando a mais ſinta perder.

*AO MESMO.*

CCI.

QUe remedio á de eſperar
Quem o buſca onde o dezeja;
Se para maior ſeu damno,
Quando maior damno ſente,
Vè que o que lhe deve um'Alma,
Pende da vontade d'outras?

*AO MESMO.*

CCII.

QUem ſizo acertou de ter,
Trabalhe pelo poupar,
Porque couſas á de ver,
Que ou deve diſſimular,
Ou o deve de perder.
Por mil couſas paſſa o ſizo,
Tenhao em conta quem o tem,
Que nom pode ter mór bem;
Sabe arrebentar de rizo
Quando intende que convem.

*AO MESMO.*

CCIII.

SE primeiro me temera
D'eſte mal que Amor m'ordena,
Tanto a vida nom ſofrera,
Que eſperára tanta pena,
Que ſó de medo a perdera.
Se a nom perco neſte eſtado,
Cazo é para nom ſer crido,
Mas é do Amor ordenado,
Que nom mate exprimentado,
O que matára temido.

*AO MESMO.*

CCIV.

MIl contrarios n'um ſogeito
Armados contra mim vejo;
Dar triſteza um roſto alegre,
Vir de brandura aſpereza,
Lagrimas de brando riſo,
Morte donde vejo a vida.

*AO MESMO.*

CCV.

DE eſperança em eſperança
Fui perdendo as eſperanças;
Deum'as com rezaõ o Amor,
Tiroum'as a ſemrezaõ:
Que pôde mais minha ſorte,
Que as rezoens com que eſperava.

AO

*AO MESMO.*

CCVI.

NUnca me posso queixar
De dor que fora se sente,
Que inda que muito atormente
Pode-se remediar.
D'uma dor que alma padece,
E um momento me nom deixa,
E' só toda minha queixa,
E de quaõ mal s'agradece.

*A UM RETRATO DE MINHA IRMÃ.*

CCVII.

E'
Sombra da formosa CATHERINA,
Nom pode a formosura retratarse;
Moça guiada só da maõ divina
Desprezou quanto cá pode esperarse:
Conheceo a vã terra por indina
Que nella deva um'Alma de enganarse;
E offereceo a vida, e a vontade
A Deos, como a só Bem, como á Verdade.

*AO DA Sra. D. FRANCISCA D'ARAGAÕ.*

CCVIII.

O Espanto, a honra, a gloria d'esta idade
Mostra esta sombra, mostra esta pintura;
Que inda com sombra ser, mostra a verdade
Do que se vê em toda outra formosura:
A maior que vio nunca a antiguidade

De

De todo aqui ficara fea, e eſcura;
E terá ſempre o Mundo eſta memoria
Para eſpanto, para honra, e para gloria.

*A' MESMA SENHORA.*

CCIX.

VOando vai Amor por mar, e terra,
Acompanhado vai da clara Fama;
Por tudo vai pregoando paz, e guerra,
Para uma fermoſura tudo chama;
Para uma fermoſura, onde s'encerra
Quanto no Mundo s'honra, e quanto s'ama;
Eſta é aquella FRANCISCA clara, e pura
Que ós Reis d'Aragaõ dá nova ventura.

*A' MESMA.*

CCX.

FErmoſura, valor, e gravidade
Saber, e confiança em ſi ſegura;
Grande brandura em grande authoridade,
E grande authoridade na brandura:
E tudo o mais, que na immortalidade
Com devida, e glorioſa fama dura,
Tem poſto em ti, e na mór altura arriſca
Em ti, valoroſiſſima FRANCISCA.

A'

*A' MESMA.*

CCXI.

SEmpre este nome Amor FRANCISCA soa;
FRANCISCA em todo tempo soa a Fama;
Para FRANCISCA a voz Minerva entoa;
Para FRANCISCA Apollo as Musas chama:
Flora para FRANCISCA faz Coroa;
Tambem a mesma Inveja a FRANCISCA ama;
Venus ante FRANCISCA se escurece;
E só de si FRANCISCA se merece.

*A' MESMA.*

CCXII.

AS maravilhas desacostumadas
Derom sempre honra ós tempos, que as tiverom:
Com rezaõ forom sempre celebradas;
D'ellas cantarom, d'ellas escreverom:
Com memoria immortal perpetuadas
Inda florecem, como florecerom:
Assim FRANCISCA, gloria d'esta idade,
Contra o tempo terá immortalidade.

*A' MESMA*
*no fim de um livro de versos meus.*

CCXIII.

SA estes versos notados, e nacidos
De tua nunca vista fermosura,
E a teu nome Real offerecidos
Com a fé que te devem clara, e pura;

Ac-

Aconteceo chegar a teus ouvidos;
Nom podem dezejar maior ventura,
Francisca fermoſiſſima, nem querem
Mais nada, nem mais nada á por que eſperem.

*A' MESMA*
*no principio d'outro Livro.*

CCXIV.

Francisca fermoſiſſima, honra, e gloria
Do Real Sangue, e Nome d'Aragaõ,
Que inda que tem clariſſima memoria,
Mais clara com teu nome inda a teraõ:
S'eſtes meus verſos podem ter victoria
Da Morte, e Tempo; em ti certa acharaõ,
Pois de tua fermoſura ſaõ nacidos,
E á tua fermoſura offerecidos.

*EM UMA TABOA QUE COBRE O RETRATO*
*da meſma.*

CCXV.

Ninguem ouſe de ver eſte ſegredo
Que té'gora ninguem no Mundo intende
Sem inveja, e amor, eſpanto, e medo,
Que aſſim o Amor a todos o defende.

*Retrato de minha Irmã*
*A SENHORA D. CATHERINA.*

CCXVI.

Quando me lembra quanto accrecentaſte,
Fermoſa Catherina, a fermoſura,
Com dar a vida á vida que tomaſte,

Com

Com dar ao Amor Divino eſſa Alma pura;
E vejo eſte penhor que me deixaſte
Para poderte ver neſta pintura;
Me alegro de te ver neſſa verdade,
Choro de verme neſta ſaudade.

*A' MESMA.*

CCXVII.

NOm á aqui a ſombra da verdade
De quanto ſe vio ſempre em CATHERINA;
Em quem co' a fermoſura a ſantidade
Fez reſponder a larga Maõ Divina.

*A' MESMA.*

CCXVIII.

SE em ſó ver voſſa pintura
Nom á quem viver ſe atreva,
Quem á que morrer nom deva
Vendo voſſa fermoſura?

*A' MESMA.*

CCXIX.

SE vos nom intende o eſprito,
Como poderá a pintura
Moſtrar voſſa fermoſura?

## *OUVINDO CANTAR UMA RARA Fermoſura.*

### CCXX.

DO Ceo a voz, do Ceo a fermoſura,
Do Ceo quanto aqui ſe ouve, e aqui apparece;
Ouvir tanto, e ver tanto foi ventura
Que inda que a ſorte a dè nom ſe merece:
A tal voz muda voz é mais ſegura,
De tal tudo mais diz o que emudece;
E quando intende mais, que nom ſe intende,
Entaõ mais louva, entaõ menos offende.

## *AO MESMO.*

### CCXXI.

UMa fermoſura vejo aqui divina,
Ouço um divino, e deſuſado canto;
Ella Alma a Amor, e a viſta a medo inclina;
Elle enche o eſprito de devido eſpanto:
Quero fallar, mas a calar m'enſina
O que ouço, e vejo, como indino a tanto;
Deixo os olhos eſtar, deixo os ouvidos,
De tudo deſcuidados, e eſquecidos.

## *PERTENDENDO OUVIR CANTAR*

### CCXXII.

AQuella branda voz, que com divino
E alegre ſom as Almas deſaggrava,
A meu ouvido, como a mais indino
De tanto bem, com ſe eſconder aggrava:

Com

Com este mal entra Alma em desatino,
E em tormenta de dor aspera, e brava;
Terá quem ouvio tanto mais ventura,
Mas nom tanto, como eu, Alma segura.

## *AO MESMO.*

### CCXXIII.

D'Ouvir tua doce voz a alegre sorte;
A mim só por rezaõ d'Amor devida,
Me falta, por me dar em vida a morte;
Podendome tornar da morte á vida:
De voz taõ branda, contra Amor taõ forte;
Sempre a falta será de mim sentida,
Que inda que Alma em ouvila se entristece,
Dezeja o bem que por Amor merece.

## *DA SOMBRA DE FILIS.*

### CCXXIV.

TRás a sombra de FILIS AMOR ia;
Se queda estava, logo AMOR estava,
Tudo que ella fazia AMOR fazia,
E mil Almas vencia, e namorava:
VENUS que o filho assi occupado via;
» Que fazes filho AMOR? lhe perguntava;
Responde AMOR: » O' corpo segue a sombra;
» Mas as Almas, e AMOR seguem esta sombra

## *DOS OLHOS DE FILIS.*

### CCXXV.

DO Amor é a força a teus olhos rendida,
Nelles á alegre, nelles triſte ſorte;
Será com elles mais alegre a vida,
E ſem elles ſerá mais trjſte a morte:
D'elles é toda eſtrella em luz vencida,
Em cada um tem Amor um claro Norte;
E elles tem ſempre em pena, e vivas dores
Mil eſpritos de inveja, e mil d'amores.

## *DOS CABELLOS DE FILIS.*

### CCXXVI.

OS cabellos de FILIS milagroſa
O AMOR os doura, a FERMOSURA os tece:
Ant'elles VENUS é menos fermoſa;
O claro FEBO ant'elles ſe eſcurece:
A LUA vendoos fica mais luſtroſa;
Com ſeus raios nom tanto JOVE empece;
Nom deixaõ dizer mal a Alma invejoſa;
A MUZA em ſeus louvores emudece;
Nelles eſtaõ as GRAÇAS recolhidas;
Nelles detêm as PARCAS muitas vidas.

## *A FILIS.*

### CCXXVII.

FErmoſiſſima FILIS, agua branda
Cai ſempre d'eſta ſerra aſpera, e dura;
A teus olhos o Amor ſempre s'abranda,

Mas

Mas nunca d'elles nace uma brandura;
E ſendo, FILIS, branda em natureza,
Vences a brava ſerra em aſpereza.

*A' MESMA.*

CCXXVIII.

VEjo em teus olhos, FILIS, nom ſei que;
Que nem o ſei dizer, nem inda o intendo;
E o que ſó fico d'elles intendendo,
Que os quer ver ſempre quem uma vez os vê:
D'eſte dezejo com rezaõ ſe crê,
Que inda nelles á mais, que o que s'intende;
Que aſſim, ſem ſe intender, os peitos rende.

*A' MESMA.*

CCXXIX.

TOda dor que por ti, FILIS, ſe ſente;
Por dor nom deve ſer nunca julgada,
Mas paſſarſe com animo contente,
E como grande bem ſer eſtimada:
A que ſe ſente em ti é differente,
Por grandiſſima deve ſer cantada,
A dor por ti ſempre é contentamento;
A dor em ti ſempre é dor, e tormento.

*A' MESMA.*

CCXXX.

FErmoſiſſima vem a clara AURORA,
Alva, e corada, e com cabellos d'ouro,
A eſcura noite, em vindo, lança fora;

Seguea o fermoſo FEBO branco, e louro:
Tal FILIS vem, e o Mundo ſe namora,
FILIS do Amor riquiſſimo theſouro;
Vindo FILIS, comſigo traz o dia,
E é vencida a triſteza da alegria.

*A' MESMA.*

CCXXXI.

VEjo o campo de flores variado,
E cheo vejo o valle de mil fontes;
Na calma o boſque do Sol nunca entrado,
E as ribeiras correr dos altos montes:
Vejo o ar brando, doce, e temperado,
Fermoſiſſimos vejo os Horiſontes:
Mas comparado á tua fermoſura
Tudo iſto, FILIS, é ſombra, e pintura.

*A' MESMA.*

CCXXXII.

DIzemme, que ſe tanto, FILIS, t'amo,
Porque taõ pouco trabalho por verte?
Porque ſó por amarte me deſâmo,
E contra mim quero antes aprazerte:
N'Alma tua fermoſura ſempre chamo,
Nom deves d'iſto, FILIS, offenderte;
Os olhos, ſe te offendem, nom te vejaõ,
A' tua vontade contra ſi ſe rejaõ.

A'

*A' MESMA.*

CCXXXIII.

DEs que t'amo, só sei, FILIS, amarte;
Des que te vi, mais nada ver dezejo;
Des que te canto, só quero cantarte;
Mas s'eu como a ti nada, FILIS, vejo
Que assim me occupe o espirito, e pensamento;
Pouco faço em seguir este dezejo,
Pois faço o que me diz o intendimento.

*A' MESMA.*

CCXXXIV.

SInto d'um brando Amor taõ dura pena,
E tanto com ella a quem ma causa quero,
Que justamente o mesmo Amor ordena,
Que me pareça justo quanto espero:
Mas tornoa a julgar logo por pequena,
E logo juntamente desespero,
Vendo na causa tal merecimento,
Que inda mais amor devo, e sofrimento.

*A' MESMA.*

CCXXXV.

QUem os olhos a ti, FILIS, levanta,
Muito mais vê do que cá verse espera;
E o Mundo assi do que em ti vê s'espanta,
Que ver outra tal, FILIS, desespera.
Ditosa a voz que de ti, FILIS, canta;
Ditoso quem cantar sempre podera,

Fer-

Fermoſiſſima FILIS, teus louvores,
Que inda ós que te nom vêm enchem d'Amores.

*A' MESMA.*

CCXXXVI.

SE tu, FILIS, és chea de brandura,
Como me queixo ſempre d'aſperezas?
Se tua condiçaõ a Amor apura,
Como me queixo de odios, e durezas?
Se tanto alegra ver tua fermoſura,
Como me queixo, vendoa, de triſtezas?
Porque aſſi tua vontade quer, e ordena,
Que tudo, o em que ella falta, ſeja pena.

*A' MESMA.*

CCXXXVII.

MIl vezes uns queixumes, e uns louvores
Em meus verſos ſaõ, FILIS, repetidos;
Nacidos uns de teus graves rigores,
De tua fermoſura outros nacidos:
Quem nom repetirá ſuas grandes dores?
Quem os louvores que a ti ſó ſaõ devidos?
Deixemme repetir minha ventura,
Deixemme repetir tua fermoſura.

*A' MESMA.*

CCXXXVIII.

TUdo em ti, FILIS, é claro, e fermoſo;
Nada em ti á que a ti nom ſe pareça:
O mundo eſtá comtigo mais luſtroſo,

Na-

Nada vejo, sem ti, que te mereça:
Comtigo Amor é mais victorioso,
Mas ninguem á que Amor em ti conheça:
Vêse em ti, FILIS, natural brandura,
E effeitos de vontade aspera e dura.

*A' MESMA.*

## CCXXXIX.

QUem de ti, FILIS, canta, ou de ti conta;
Quem de ti, FILIS, falla, ou de ti escreve;
Ou diga muito, ou pouco o mesmo monta,
Ser largo em teus louvores, ou ser breve:
Tudo vem a parar núa mesma conta,
Nem á quem no que diz a sorte leve:
Mais diz quem menos diz, e mais s'espanta,
E menos diz quem mais escreve, ou canta.

*A' MESMA.*

## CCXL.

VIvos raios dos teus olhos fermosos,
Que o mundo, e Amor estaõ mais illustrando;
Alegres á minh'Alma, mas danosos
Vaõ nella, FILIS, docemente entrando:
Brandos os vejo, e sintoos rigorosos,
Como pode isto Amor ir ajuntando?
Mas em teus olhos sós se ajunta, e vê,
Tudo o que d'outros olhos nom se crê.

## *A' MESMA.*

### CCXLI.

A Quem, FILIS, dezeja
Ver ſempre eſſa tua nova fermoſura,
Em nada, que mais veja,
O que em ti, FILIS, vê ſe lhe figura;
E que á que de ti ſeja,
FILIS, mais que vá ſombra, e vá pintura?
Mas ninguem mais merece,
Que com FILIS, ſó FILIS ſe parece.

## *A' MESMA.*

### CCXLII.

A Mai do AMOR, a meſma Fermoſura
Buſca ſeu filho d'elle ſaudoſa;
Mas elle eſtá n'outra maior ventura,
Ouvindo, e vendo a FILIS mais fermoſa:
De o buſcar ante FILIS já nom cura,
Que apparecer nom ouſa d'invejoſa,
Que alli ond'AMOR entregue tem a vida,
Em fermoſura VENUS é vencida.

## *A' MESMA.*

### CCXLIII.

QUem já te vio, ſe vio mais outra couſa,
Nom deve crerſe, FILIS, que te viſſe;
Quem fóra de tua dor, FILIS, repouſa,
Nom creas, que tua dor nunca ſentiſſe:
Quem de ti com confiança cantar ouſa,

Nom

Nom seria rezaõ, que alguem o ouvisse;
Com tua vista, e tua dor nada se ajunta,
A teu canto a ousadia nunca é junta.

*A' MESMA.*

CCXLIV.

VEjo, FILIS, o Inverno rigoroso,
D'aspero tempo, e de tormentas cheo:
Vejo Boreas taõ bravo, e furioso
Qu'enche tudo d'espanto, e de receo:
Vejo em sua furia o mar taõ porfioso
Que parece, que nunca a tanto veo:
Mas quem vir, FILIS, tua fermosura,
Na aspereza achará doce brandura.

*A' MESMA.*

CCXLV.

EScurissimo, e triste nace o dia,
E tal, que a noite vence em 'scuridade:
De todo armado vem contra alegria
Cheo d'aspreza, e grave tempestade:
Mas s'eu FILIS visse, entaõ veria
Sereno o tempo, e alegre claridade;
Como no alegre tempo tudo é pena,
Se nom ver FILIS minha sorte ordena.

*A' MESMA.*

CCXLVI.

S'Eu nestes campos, FILIS, nom te vejo
Que com teus olhos vi já taõ fermosos,

Que

Que podem nelles ver ſem dor, e pejo,
Eſtes meus olhos de ti ſó ſaudoſos?
Valme a eſperança ſó junta ó dezejo
De deſandar os paſſos trabalhoſos,
Por onde minha dura, e grave ſorte
Me trouxe de tal vida a eſta morte.

*A' MESMA.*

CCXLVII.

MUitas vezes daõ verſos nome, e vida
A muitos que nom tem vida, nem nome:
Filis dá a quem a canta nóme, e vida,
E ós verſos em que a canta vida, e nome;
Que como faltará nome, nem vida
A quem cantar tal vida, e de tal nome?
Quem quizer nome, e vida, cante a Filis,
Que vida, e nome dá o canto de Filis.

*A' MESMA.*

CCXLVIII.

QUanto no Mundo agora ſe eſtá vendo
E' luz, ſerenidade, e alegria;
De ſua fermoſura eſtaó enchendo
A clara Lũa á noite, o Sol ó dia:
O's olhos eſtá a terra offerecendo
Mil varias flores que de noite cria;
A mi, ſem Filis, tudo ſe eſcurece,
Sem Filis, tudo feo me parece.

A

*A' MESMA.*

CCXLIX.

JA' vi eſtes campos cheos de mil flores,
Mais clara a noite, mais fermoſo o dia;
A eſteril terra de diverſas cores
Para uns fermoſos olhos ſe veſtia:
Musas, Graças, Amor, Venus, e Amores
Todos cantavam Filis á porfia;
Quando tanto a eſtes campos o Ceo dava,
Que aqui ſeus raios Filis derramava.

*A' MESMA.*

CCL.

TOrna o Veram, a terra reverdece,
De mil fermoſas cores já ſe cobre;
A natureza o campo já enriquece
Que o duro Inverno tinha feo, e pobre:
O ar eſcuro, claro já apparece,
O Sol que s'eſcondia, ſe deſcobre:
Filis ſempre fermoſa, ſempre pura
Nom muda, como o tempo, a fermoſura.

*A' MESMA.*

CCLI.

QUalquer hora, que Filis apparece,
Hora ſeja de noite, hora de dia,
Eſſa é a hora em que o Sol mais reſplendece,
E em que a Lũa com mais luz alumia:
Tudo em que os olhos poem, logo parece

Dif-

Differente do que antes parecia;
Quem FILIS pode ver, nom sei que sente,
Que se acha de si mesmo differente.

## *A' MESMA.*

### CCLII.

O Intendimento, FILIS, me reprende
Quando em ti cuido, se louvarte quero;
E diz, que se ninguem, FILIS, te intende,
Como poder chegar a tanto espero?
O espirito em teu louvor sempre s'accende,
Co' esta lembrança este furor tempero:
Mais vejo que a ti só tem o Ceo dado
Quanto em mil fermosuras tem mostrado.

## *A' MESMA.*

### CCLIII.

EM tua estranha, e nova fermosura
Tem o AMOR nova, e estranha fortaleza;
Com tua suavissima brandura
Faz nas Almas effeitos d'aspereza:
Com teu riso, e tua graça em ti segura,
Move os espritos, FILIS, a tristeza;
E pelo bem de vêrte, FILIS, deixa,
A troco d'alegria, grande queixa.

*A' MESMA.*

CCLIV.

FOi o AMOR a NARCIZO duro imigo,
Porque o amor desprezou, de quem o amava;
Felo por si morrer; deolhe o perigo
Em si mesmo que em outrem desprezava:
Teme-te, FILIS, d'outro tal castigo,
Que inda AMOR pode dar o que então dava;
Mas ah que antes terás por grã ventura
Morrer d'amores d'essa fermosura.

*A' MESMA.*

CCLV.

S'Eu, FILIS, com te ver a vida espero,
Como perdela sinto se te vejo?
E se vendote, FILIS, desespero,
Porque vêrte é só sempre meu dezejo?
E s'eu para este amor a vida quero,
Porque rezaõ da vida tenho pejo?
Mas assi ordena AMOR aspero e duro,
Porque em bem nenhum possa estar seguro.

*A' MESMA.*

CCLVI.

O Mal de nom te ver, e o bem de vêrte
Cauzaõ, FILIS, em mim tanta incerteza,
Que nom sei em qual mais mostro quererte;
De vêrte é sempre em mim tanta alegria,
Sempre de nom te ver tanta a tristeza,

Que

Que em mim cad'um grande cuidado cria;
Mas fica bem um co' outro temperado,
(Tua fermoſura aſſi, FILIS, o ordena)
O mal de nom te ver, e o bem paſſado,
E o bem de vêrte, co' a paſſada pena.

*A' MESMA.*

CCLVII.

QUando te vejo, vejo uma fermoſura
Que o mundo nom cuidou, FILIS, que viſſe;
Quando t'ouço, ouço uma voz branda, e ſegura,
Que o mundo nom cuidou, FILIS, que ouviſſe;
Quanto em ti tem o largo Ceo moſtrado,
Nunca no mundo, FILIS, foi cuidado.

*A' MESMA.*

CCLVIII.

POr amores de ſi morreo NARCIZO;
A ſeu amor ſu'Alma vio rendida;
Por ſi perdeo intendimento, e ſizo,
E por ſi teve em pouco a meſma vida.
Tua nova fermoſura, e brando riſo
Que para ti tod'Alma tem vencida,
Deve com mais rezaõ, FILIS, vencerte;
Fermoſiſſima FILIS, e ouſas vêrte?

*A' MESMA.*

CCLIX.

TAõ grande é, FILIS, tua fermoſura;
Que quem louvala ouſaſſe a offenderia.

Sem

Sem ti o dia claro é noite eſcura;
Comtigo a eſcura noite é claro dia:
Sempre n'um parecer eſtás ſegura,
Nunca em ti nada, FILIS, ſe varia;
E nom podendo já ſer mais famoſa,
Cada dia pareces mais fermoſa.

*A' MESMA.*

CCLX.

QUanto em ti cuido mais, menos t'intendo;
Quanto menos t'intendo, mais te quero;
E quanto mais em teu louvor me accendo,
Mais de louvarte, FILIS, deſeſpero:
O' que em ti vejo, eſprito, e ingenho rendo;
Amote, e toda a vida amarte eſpero,
E a vida em teu louvor gaſtar dezejo;
Mas nenhum canto chega ó que em ti vejo.

*A' MESMA.*

CCLXI.

SE intendendo taõ pouco, como intendo,
De quanto vejo em ti, ſe te nom vejo,
Tal ando, que ſom dor, e eſpanto á gente;
Que fora, ſe intendera o que dezejo?
Julgao tu, FILIS, inda que eſtou vendo,
Que julgarás contra o que eſt'Alma ſente;
Em tudo de ti ſempre deſeſpero,
E aſſi deſeſperado, aſſi te quero.

## *A' MESMA.*

### CCLXII.

DA vida, ſe te vejo, me deſcuido,
Por lograr do bem menos que Alma ſente;
Se te nom vejo, entaõ que vivo cuido
Por ſentir mais a dor n'Alma preſente:
Que Amor, em quem nunca á nenhum deſcuido
Contra quem vê ſeu mal ſofrer contente,
De todo para o bem me tira a vida,
E para o mal m'a torna de perdida.

## *A' MESMA.*

### CCLXIII.

N'Uma grave tormenta aſpera, e dura
Que mór outra tormenta ameaçava,
N'um dia quaſi igual á noite eſcura,
Que de clara manhá deſeſperava;
Eisque apparece úa clara Fermoſura
Que tudo pareceo, que ſerenava;
Nella vi eu um Sol que, anoitecendo,
Fez ir de novo o dia renacendo.

## *A' MESMA.*

### CCLXIV.

A Graça natural, e a fermoſura
Que o Ceo em ti juntou perfeitamente;
A côr fermoſa na fermoſa alvura,
FILIS, nada mais á, que a accrecente:
Só amor, ſó piedade, ſó brandura,

Fi-

Filis, tudo accrecenta a quem a ſente;
Mas, Filis, tudo em ti deixa perdida
A cor, rendido o peito, Alma vencida.

## *A' MESMA.*

### CCLXV.

FErmoſiſſima Filis, em quem mora
Fermoſura a que nada ſe compara;
Amor comtigo ri, comtigo chora,
Comtigo adoece Amor, comtigo ſara:
Com tua dor nos quiz moſtrar agora
Em ti uma maravilha nova, e rara
Que verſe a olhos umanos ſe defende;
E que inda que ſe veja nom ſe intende.

## *A' MESMA.*

### CCLXVI.

QUando fermoſa, Filis, ouſo tanto;
Que teus louvores começar me atrevo,
Quero cantar de ti, nom ſei que canto,
Quero eſcrever de ti, nom ſei que eſcrevo:
Se receo, ſe calo, ſe m'eſpanto,
Entaó cuido, que faço o que mais devo;
E quando teu louvor mais vou temendo,
Creo que mais de ti, Filis, intendo.

## *A' MESMA.*

### CCLXVII.

QUem vê os olhos de Filis, que dirá?
Que nelles Amor vive, e coᶜ elles mata.
De seus cabellos, que se cuidará?
Que nelles voa Amor, e coᶜ elles ata.
E quem sua graça vir, que julgará?
Fazse Amor nella forte, e desbarata.
E que dirá quem vir sua fermosura?
Que nom pode Amor dar maior ventura.

## *A' MESMA.*

### CCLXVIII.

QUando o Sol se levanta no Oriente,
Das estrellas a luz desapparece:
Quando depois se esconde no Occidente,
Toda estrella outra vez clara apparece:
Assim quando tu, Filis, és presente,
Toda outra fermosura se escurece;
E se escondes tua luz fermosa, e pura;
Clara se vê toda outra fermosura.

## *A' MESMA.*

### CCLXIX.

JUno a riqueza só distribuia;
Teus olhos daõ riqueza mais segura:
Venus a fermosura concedia,
Mas tu só tens perfeita fermosura:
Minerva os dons do Espirito repartia;

Filis, qual tem mais dons, qual é mais pura?
Tudo em ti poz o Ceo, e em ti o conserva,
Mais que em Juno, nem Venus, nem Minerva.

## *A' MESMA.*

### CCLXX.

Quando appareces, Febo a luz esconde;
Que ante ti de corrido se escurece:
Quando fallas, Mercurio nom responde,
Que de todo ante ti logo emudece:
Nom conte Marte suas victorias, onde
Tanta tua victoria se engrandece;
Erro pois será, Filis, compararte
Com Febo, com Mercurio, nem com Marte.

## *A' MESMA.*

### CCLXXI.

Nuncà da Lua a clara fermosura
A Endymiaõ d'ella brandamente amado,
Tanto de seu amor teve vencido,
Quanto a mi duramente desprezado
Da branda Filis, a amor sempre dura;
De tudo o seu amor tem m'esquecido.
Que quem vê a Filis, ou em Filis cuida,
De tudo só por Filis se descuida.

## *A' MESMA.*

### CCLXXII.

Diz, que as Parcas Senhoras saõ das vidas;
Mil vidas de teus olhos, Filis, pendem.

Das GRAÇAS saõ mil graças repartidas;
Mas a ti com rezaõ, FILIS, se rendem.
Saõ as MUSAS ó ingenho concedidas;
Mil ingenhos de ti, FILIS, apprendem.
Triunfas, FILIS, como do mais usas,
Das PARCAS, e das GRAÇAS, e das MUSAS.

## *A' MESMA.*

### CCLXXIII.

SEmpre AMOR em teus olhos está armado,
Mas a ti sempre está, FILIS, rendido;
Em quanto fazes é o AMOR achado;
Em quanto dizes é o AMOR ouvido:
Nunca de ti o AMOR vêse apartado;
Mas em ti se vê sempre o AMOR vencido.
Que quer comtigo AMOR, se te nom vence?
Comtigo está, porque comtigo vence.

## *A' MESMA.*

### CCLXXIV.

NInguem me estorve, FILIS, nem me impida
Andar sempre o teu nome no meu peito;
Cante de teus louvores toda a vida,
Mas para elles o Mundo é mui estreito:
A voz poderá ser d'elles vencida,
Como é, FILIS, o espirito satisfeito;
Mas quem nom ficará contente, e mudo
Da tua fermosura, e do teu tudo?

A

*A' MESMA.*

CCLXXV.

DEixate ſer de mim, FILIS, cantada;
Que deſeſpero de poder cantarte;
E nom te deixes nunca ſer louvada
De quem cuidar que poderá louvarte:
Niſto ſeja a ouſadia caſtigada,
Que preſume que pode celebrarte;
Mas nom poderá aver eſta ouſadia
No eſprito, que a louvarte AMOR ſó guia.

*A' MESMA.*

CCLXXVI.

O Mundo, por AMOR, em amor arde;
Jazem uns mortos, outros mal feridos:
Os que vierom cedo, os que vem tarde,
A ſeus pés ficaõ prezos, e rendidos:
Quem á que em tanta força alli ſe guarde,
Que inda vença a quem tantos tem vencidos?
Deſte triunfador de tanta gente
Triunfa FILIS valoroſamente.

*A' MESMA.*

CCLXXVII.

SE nom tens, FILIS, por acatamento
Ser teu nome de mim taõ repetido;
Vê como pode ſer um ſó momento
Deixar de ſer em mim teu nome ouvido?
FILIS no amor, FILIS no intendimento,

E em Filis sempre o espríto recolhido;
Filis na dor, e no contentamento,
E eu todo em fim em Filis convertido.
Sempre chama o que só nomear sabe
A lingua, em que outro nome já nom cabe.

*A' MESMA.*

CCLXXVIII.

TOdas as vezes, Filis, que te vejo,
Cuido que nem em ti vi nunca tanto;
E para teu louvor logo dezejo
Novas palavras, novo verso, e canto:
Mas acode a verdade a' este dezejo,
E me diz, que me accolha ó justo espanto,
Porque essa fermosura taõ ornada,
Deve só com silencio ser louvada.

*A' MESMA.*

CCLXXIX.

C'O que ouço, e vejo Alma de si se esquece,
E só d'isto terá sempre lembrança;
Ouço uma voz que ouvir ninguem merece;
Vejo uma fermosura sem mudança:
Voz doce e grave, voz suave e branda;
Fermosura, que os olhos vence, e espanta;
Voz, a que o ar s'apura, adoça, e abranda;
Fermosura, que ó Ceo Alma levanta:
Quem tal voz ouve, e vê tal fermosura,
Que espera mais do tempo, ou da ventura?

## *A' MESMA.*

### CCLXXX.

EM todas as ſortes de verſo cantada
Deves de ſer, FILIS, ſempre com rezaõ;
Deves de todo o engenho ſer louvada;
Mas ah quando a louvarte chegaráõ?
Nem os verſos diráõ nada,
Nem ingenhos baſtaráõ;
Porque eſtás tanto a cima
De quanto na terra á,
Que teu nome á rima,
Que te cantará,
Grande eſtima
Lhe dará.

## *A' MESMA.*

### CCLXXXI.

NUnca vi
Fermoſura,
FILIS, como a ti
Tem dado a ventura;
Em todo tempo aſſi
Taõ firme, e taó ſegura.
Em ti ó AMOR nos moſtrou
Tudo o que pode na terra;
Noſſo bem noſſo mal em ti juntou;
E nos poz em teus olhos paz, e guerra;
Mas ſempre a paz nelles, FILIS, nos negou,
Vê bem quanto niſto AMOR contra nós erra.

## *A' MESMA.*

### CCLXXXII.

FIlis, em quem veremos
As maravilhas grandes
Que em ti vemos cad'hora;
Fermoſura nom viſta,
Em que nunca á mudança,
De neve ornada, e roſas,
De rubis, e de perlas,
Do Amor rico theſouro:
Olhos, claras eſtrellas
Que os olhos embaraçam:
Cabellos, puros raios
Que até as almas penetram:
Graça em ninguem achada,
Ou cales, ou fallando,
Ou rindo eſtès, ou grave:
Ar eſpantoſo em tudo,
Ou movas, ou detenhas
Os paſſos bem medidos,
Intendimento raro,
Antes ſó dizer devo,
Prudencia no que dizes,
Prudencia no que fazes,
Em tudo ſempre acertas.
Sempre ó Mundo diria
As grandes maravilhas
Que o Ceo em ti nos moſtra;
Mas offender nom quero
Com falta de palavras
O que Alma mal intende;
Mas quero inda dizerte,
Que as partes que podéram

Fa-

Fazer cadʿuma insigne
A muitas fermosuras,
Tens em ti juntas todas;
Com que o Mundo confessa;
Que és nelle uma só FILIS.

*A UMA DAMA*
*que disse, que em trovas nom se fallava verdade.*

CCLXXXIII.

POis taõ mal acreditados
Os versos ante vós saõ,
Bem julgados nom seraõ
Os de que saõ bem julgados.
Contra taõ graõ parecer
Com que os assi condemnais,
Nom só nom os farei mais,
Mas nem ousarei de os ver.

Se lhe negais a verdade
Que estilo proprio nom tem,
Como averei que convem
Versos com tal qualidade?
Se assim como lhʿa tirastes,
Lhes nom tornaes a valia,
Quem mais seguir ousaria,
Senhora, o que condemnastes?

*A UMA FONTE.*

CCLXXXIV.

FErmosa, e clara Fonte,
Que quanto é mais ardente
O Sol, mais lhe resistes,
E a seus continuos raios

El-

Eſtás aberta, e clara
Sem temer a ſua força.
A agua com que refreſcas
Os peitos que te buſcam,
E com que a viſta alegras,
De longe nom a mandas,
Correndo por mil partes
Secretos aqueductos.
Onde nos nace o goſto,
Naces tambem aos olhos
Alegre, clara, e fria.
Mas deixo as maravilhas
De tua natureza,
Tornome á minha ſede
Que já, com goſto ſaõ,
Mil vezes m'apagaſte,
Na mór força do eſtio;
Se agora em ti me vira
Com eſta ſede grave
Que noite, e dia me aperta,
Vendote me alegrara,
Goſtandote vencera
A ſede que me vence:
Mas ah que nom ſei quando
Verei goſto taõ grande,
Fermoſa, e clara Fonte.

## *A' MESMA.*

### CCLXXXV.

DEzeje quem quizer a prata, e ouro;
Mas eu neſta grá ſede, em que me vejo,
A ti ſó ouvera por um graõ theſouro,
Fonte, onde ſó banharm'hora dezejo:

Fon-

Fonte, a meus olhos sempre a mais fermosa,
Fonte, a meu gosto sempre a mais gostosa.

*A UM PROPOZITO.*

CCLXXXVI.

FAltoume o que dezejei,
Nom quero o que nom dezejo,
Que o bem que nom alcancei,
Nom ouço em outros, nem vejo.
Pouco perde quem perder
O em que nom pode ganhar,
Pois o fez entristecer
O que o podera alegrar.

*AO MESMO.*

CCLXXXVII.

AMizade é de perigo,
E muito para temer
A de quem nom quer perder
Um dito, antes que um amigo,
Que nunca deixa de o ser.
E' mais segura amizade,
E verdadeira a de quem
Nom deixa sua verdade,
Por mais cauzas que lhe dem,
Para mudar a vontade.

*GROSANDO O ULTIMO VERSO.*

CCLXXXVIII.

E' Tal o contentamento
Deſte Amor em que me vejo,
Que já agora o intendimento
Me nom ſofre outro dezejo
Fora d'eſte fundamento:
E ſendo taõ acertado,
Como nelle verſe eſpero,
O intento deſte cuidado,
Com juſta rezaõ me quero
*Antes morto, que mudado.*

Quando para melhoria
O Amor n'alma ſe mudaſſe,
Sempre a Rezaõ acharia
Muitas rezoens, com que achaſſe
Na mudança mais valia:
Mas como nom pode ſer
Que meu Amor, e cuidado
Poſſa aſſi ſer melhorado;
Mal me quer, quem me nom quer
*Antes morto, que mudado.*

Do que creo, e nom intendo,
Do muito que á que entender
Em quem ſempre eſta Alma quer,
Eſtou claramente vendo
Que ſempre a devo querer:
Neſte Amor determinado
Eſtá meu peito amoroſo,
Em claras rezoens fundado,

Por-

Porque Amor que é taõ fermoſo
*Antes morto, que mudado.*

Se meu Amor me dá vida,
Sem elle como a terei?
Ou como a nom temerei,
Se mudar o Amor, perdida,
Pois ſem elle a perderei?
Mudar d'um ſeguro porto,
Em que acha paz meu cuidado,
Nom é conſelho acertado,
Que ſe mudado ſom morto,
*Antes morto, que mudado.*

Quem a tanto bem chegou,
Que do Amor, e da ventura
Um tal cuidado alcançou,
E Amor de tal fermoſura
Quanto nunca tal cuidou:
Do meſmo Amor, e cuidado
Que nace do meſmo Amor,
Deve de ter alcançado,
Que terá ſorte melhor
*Antes morto, que mudado.*

# FRAGMENTOS
já impreſſos.

## NA *RELAÇAM DO RECEBIMENTO das Santas Reliquias que vierão para S. Roque.*

### *A'S SANTAS RELIQUIAS.*

### OITAVA.

DOnde ſantas Reliquias? d'Alemanha.
Porque? Somos já lá mal conhecidas.
Que tem? Tomou opiniaõ eſtranha.
A que? A ſer veneradas, e ſervidas.
Aqui eſſe bem ſe ganha? Aqui ſe ganha.
Como? Porque a Deos dais almas, e vidas.
Em que ſe vê eſſe bem? Niſto que vêdes.
E de que nace? Do que amais, e crêdes.

### SONETO.

SAntas Reliquias, que antes de criadas
Nom ſó nós, e vós, mas na eternidade
No ſeyo da Santiſſima Trindade
Para eſte ſanto fim foſtes guardadas.
Ora cahidas, ora levantadas,
No eſcuro agora, agora em claridade,
Já de Deos a eſta ſua gram Cidade
Por eſcudo, e emparo, e favor dadas.
O meſmo Deos Jesus, de quem virtude
Tendes, e recebeis, e com tal gloria
Vos recebe em ſua ſanta Companhia;
Vos dè poder na vida, e na ſaude,
Na concordia, na paz, e na vitoria,
No deſcanço, no amor, e na alegria.

## *A'S MESMAS.*

### MOTE.

HOnremſe as ſantas Reliquias,
Nom ſó com veneraçam,
Mas com ſanta imitaçam.

### VOLTAS.

Honra he aos Santos honrar,
E proſtrarſelhes por terra,
Mas maior honra ſe encerra
Em os ſeguir, e imitar.
Quem os quizer grangear,
Além da veneraçam,
Siga a ſanta imitaçam.

A veneraçam incita
A amor, devaçam, e fé,
Mas tudo iſto já ſe vê,
Quando ſe ſegue, e ſe imita.
Ande ſempre n'Alma eſcrita
A ſanta veneraçam,
Com a ſanta imitaçam.

A veneraçam diſpõem,
A imitaçam perfeiçoa;
Aquella entende a coroa,
Eſta na cabeça a põem.
Se huma, e outra ſe compõem;
Nace da veneraçam
O effeito da imitaçam.

Se os Santos ſó veneráram
Aos exemplos que ſeguíram,
Nunca tanto conſeguíram,
Que a ſantidade chegáram.
Por eſta rezam ſe armáram
De ſanta veneraçam,
E de ſanta imitaçam.

## *DO RECEBIMENTO das Santas Reliquias,*

## REDONDILHAS.

QUe pertendem eſtes cantos,
E eſtas ſantas prociſsões?
Levantar os corações
A amor de Deos, e ſeus Santos.

E eſtas pompas taõ fermoſas
Com tanta ſolemnidade?
Teſtemunhar a verdade
De ſuas almas glorioſas.

E que cauſa de novo ouve
Pera feſta tam ſolemne?
Mercês da Fonte perenne,
Que he bem que tod' alma louve.

Eſtas mercês ſempre as temos,
Mas eſta agora qual he?
He nova, e grande mercê
Deſtas Reliquias que vemos.

Por-

Porque as Reliquias alçadas
Tanto ſobre á viſta vaõ?
Porque as almas de quem ſaõ
Eſtaõ no Ceo levantadas.

Pera que peſſoas tantas,
E tal concurſo de gente?
Pera mais ſolemnemente
Louvar as Reliquias ſantas.

Porque eſta feſtá ſe augmenta
Com tantos, e taes louvores?
Porque as Reliquias ſaõ flores
De que a Igreja ſe ornamenta.

Deſtas flores que naſcerom
Na Igreja que fructo vem?
Deſejar de morrer bem,
Como ellas tambem morrerom.

Do deſejo que procede,
Que nos ſeja de proveito?
Procurar d'elle o effeito,
Que a todo proveito excede.

Como eſte effeito ſe aquiſta
Cheo de tantos perigos?
Com vencer os inimigos,
Tendo ſempre Deos á viſta.

Que importa eſſa gram vitoria,
E que bem d'ella ſe ordena?
Libertar da eterna pena,
E viver na eterna Gloria.

Quem

Quem esta festa ordenou
Chea de santa alegria?
Quem? A santa Companhia,
A quem Deos sempre ajudou.

## *A'S MESMAS.*

### ODE.

SAntas Reliquias, que de Deos mandadas
A esta Cidade fostes por amparo,
Por forte escudo, e defensam segura,
Por honra, e gloria.

Os Santos, cujas almas cá na terra
Acompanhastes em virtudes santas,
Sejam Patronos com seus santos, e altos
Merecimentos.

C'o santo exemplo de vida, e doutrina,
Que em si obrárom, e a todos ensinárom;
Nos sejam guia, peraque o caminho
Do Ceo sigamos.

C'o entendimento na sua saã doutrina,
Nunca a vontade em nós se desordene,
C'os olhos postos em sua santa vida
Sempre acertemos.

Polo que valem, polo que em Deos podem,
Pelo que sabem de nossas fraquezas,
Seu patrocinio nos empare em todas
Adversidades.

Ao

Ao Padre Gloria, Gloria seja ao Filho,
Ao Sprito Santo seja tambem Gloria,
Que para sempre vive, reina, impera
Deos hum, e trino.

## *AO SANTISSIMO LENHO DA CRUZ.*

### SONETO.

GLoriosissima Cruz do Rei da Gloria,
Arvore santa, flor de suavidade,
Nosso resgate, nossa liberdade,
Nosso bem, nossa luz, nossa vitoria.
Objecto proprio da Divina historia,
Estandarte do Rei da eternidade,
Chave do Ceo, signal da Christandade,
De nossa redençam viva memoria.
Preço de nossas obras arrimadas
A vosso preço, que lhes dá valia,
E as que tem vosso arrimo Deos estima.
Pois ora nos honrais, sêdenos guia,
Que em vossa luz as Almas esforçadas,
Façamos obras de valor, e estima.

## *A' VIRGEM SACRATISSIMA N. SENHORA,*

### SONETO.

VIrgem e Mãi de Deos, quem tanto atina,
Que saiba em vós fallar? Quem mais levanta
A vós o intendimento, mais se espanta,
E perde a luz em vossa luz Divina.
Ante vós todo o Ceo se humilha, e inclina,
De vós, Senhora, toda a Igreja canta,
Todos vos chamam Santa, Santa, Santa,
Que assi a santa verdade nolo enfina.

Fos-

Foſtes de voſſo Filho tam amada,
Que toda, como a ſi, vos quiz na gloria,
Como d'um cremos, d'outro confeſſamos.
Só de Reliquias de voſſo uſo ornada
Deixou a terra indigna a tal memoria,
Eſſas amamos, eſſas veneramos.

## *EM LOUVOR DOS SAGRADOS APOSTOLOS.*

### SONETO.

GLorioſos Apoſtolos ſagrados,
Pera o Gram Deos, e pera nós nacidos,
E delle, antes dos tempos, eſcolhidos,
E á companhia de JESUS chamados.
Quiz des que d'elle ao Ceo foſtes levados,
E a voſſas Almas deo premios devidos,
Foſſem parte dos oſſos devididos,
Na Companhia de JESU guardados.
No Ceo vos pôs a alta Providencia
Na companhia de JESU glorioſa,
E cá na ſua ſanta Companhia.
Se entendes, alma, eſta correſpondencia,
Verás que ſe no Ceo fores termoſa,
Te dará cá tambem ſanta valia.

## *AOS SANTOS MARTYRES.*

### SONETO.

MArtyres ſantos, que altos refrigerios
Sempre achaſtes em Deos na dor mais forte,
E os que nam ſeguem o divino Norte,
Envergonhais com ſantos improperios.
E em mais conta teveſtes vituperios,
Que as honras que ha no mundo de mais ſorte,

Em

Em mais as armas que vos derom morte,
Que as que ganham no mundo altos imperios.
Foſtes fortes na guerra, pelejaſtes
Com a ſerpente antigua, fera, e dura,
E aſſi o Reino eterno recebeſtes.
Por pena, e confuſam gloria ganhaſtes,
Com morte Vida eterna mereceſtes,
Nella gozais da eterna Fermoſura.

## *AOS SANTOS CONFESSORES.*

### SONETO.

OH ſantas Almas de Jesu amadas,
Que por ſantos jejuns, por abſtinencias,
Por mortificações, por continencias,
Por lagrimas com pena derramadas:
Por potencias ao Ceo ſó levantadas,
Por orações, vigilias, penitencias
Alcançaſtes as altas excellencias
Nom viſtas, nem ouvidas, nem cuidadas.
Voſſas ſantas Reliquias concedidas
Do Ceo, por mercê grande, a eſta terra,
Meio entre Deos, e nós efficaz ſejam.
Que lhe demos de todo Almas, e vidas,
Que vença a branda paz á dura guerra,
Que os mais bens que dar póde em nós ſe vejam.

## *AS SANTAS VIRGENS.*

### SONETO.

DAs ſantas Virgens, que o mundo vencerom,
E os Ceos varonilmente conquiſtarom,
Aos meſmos Ceos as Almas alegrarom,
Quando em ſi com vitoria as recolherom.

Por

Por breve vida, que por Deos perderom,
Vida eterna, e immortal em Deos ganharom,
E na terra, que tanto desprezarom,
Honras de grande estima merecerom.
Todas merece quem se a Deos entrega;
Ganha vida por morte, Ceo por terra,
Por martyrio coroa, por dor gloria.
Ganha luz a Alma, que antes era cega,
Todo bem colhe, todo mal desterra,
E enche seu nome de immortal memoria.

---

Na *Austriada de Hieronymo Corte Real.*

## SONETO

Hieronymo aqui escreve, e d'aqui canta,
Illustre em sangue, illustre em verso, e sprito,
E c'o que d'elle é aqui cantado e escrito,
Mil altos nomes mais ao Ceo levanta.
E o gram nome de Joaõ, Cesarea planta,
De que a Fama está dando immortal grito,
Para quem guarda o Ceo premio infinito,
Aqui com nova gloria o mundo espanta.
Achou teu claro nome, ingenho claro,
De que fosse a vitoria celebrada,
A cuja fama, a terra é assàs pequena:
Este sprito que a canta, em tudo raro,
Igualmente pudéra obrar co' a espada
O que felicemente obrou co' a penna.

No *Segundo Cerco de Dio de Hieronymo Corte Real.*

## SONETO

ESpritos valeroſos, e esforçados,
Que tanto ao mundo tem de ſi moſtrado;
De hum valeroſo eſprito e esforçado,
Deviaõ dignamente ſer cantados:
E a feitos com razam tam celebrados,
Se devia alto verſo e celebrado;
E que tudo a alto ſom foſſe cantado
Em branda voz, e em cantos deſuſados.
A tudo iſto reſpondes igualmente,
Rariſſimo Hieronymo, e em cores
Vivas, moſtras aos olhos quanto cantas:
Deſte louvor alheo, mil louvores
Juſtamente te vem, nam ſó da gente,
Mas dos que entendem mais, que mais eſpantas.

Na *Elegiada de Luiz Pereyra.*

## SONETO.

PEreyra, que na mór altura mora,
Das Muſas, cujo nome mais levanta,
Cantando a vida, que chorando canta,
Chorando a morte, que cantando chora:
Co' amor ao morto Rey o Ceo namora,
Co' eſtylo, co' artificio, o mundo eſpanta,
E em memoria immortal ſeu nome planta
Com mil nomes ornado mais cad'ora.

Nef-

Neſtas lagrimas ſuas, neſtes cantos,
Que mortes choraõ, que celebraõ vidas,
Que a vida e morte do ſeu Rey ſeguiraõ:
Se vem de ſeu engenho mil eſpantos,
Maravilhas do Rey, ſó delle ouvidas,
Dos ſeus lealdade e amor, com que o ſerviraõ.

## EPIGRAMMA.

QUem canta Sebaſtiaõ? Canta Pereyra.
Que canta do ſeu Rey? A vida e morte.
Da vida que? Sua onra verdadeyra.
Da morte? Que a venceo com animo forte.
Na terra que ganhou? Memoria inteyra.
E no Ceo? Glorioſa e alta ſorte.
E de Pereyra quem? Quantos o lerem.
Quantos o lerem? Si, ſe o entenderem.

*Os outros Fragmentos, de que ſe falla no* Prologo, *vaõ ſegundo os lugares em que eſtavaõ nos Manuſcritos.*

FIM.

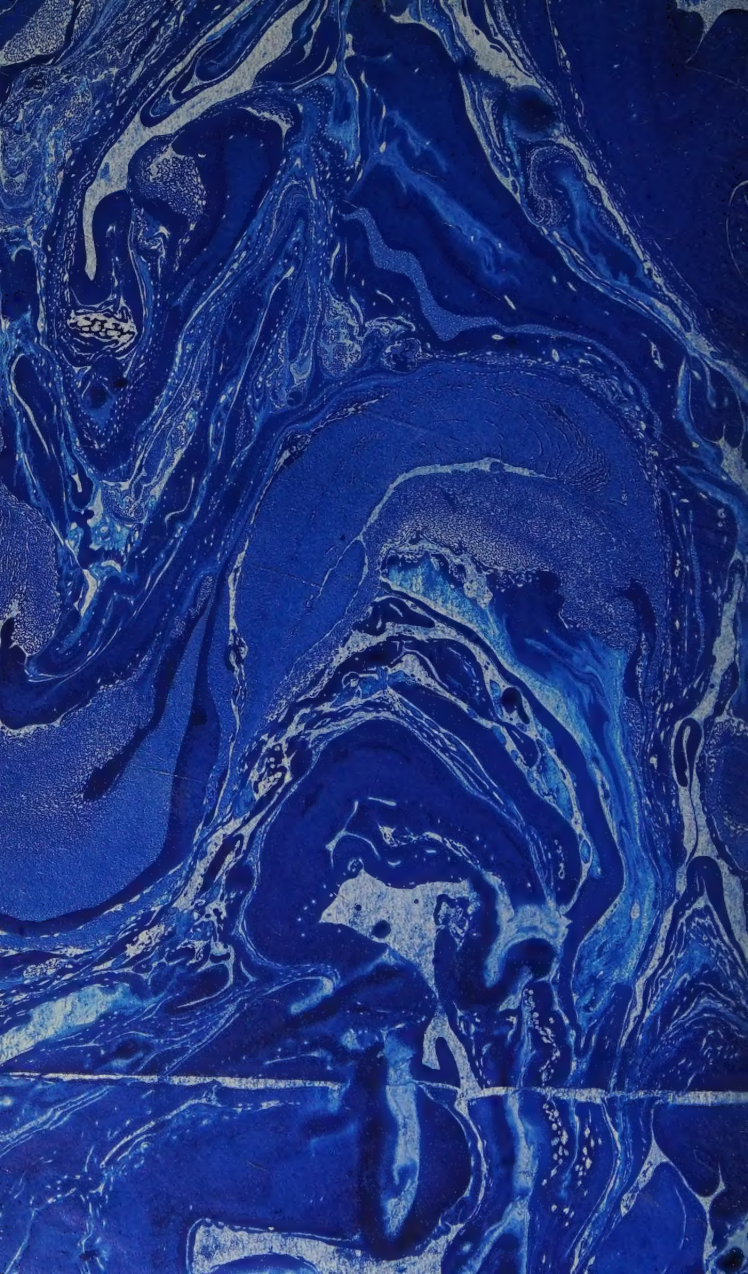
# INDICE

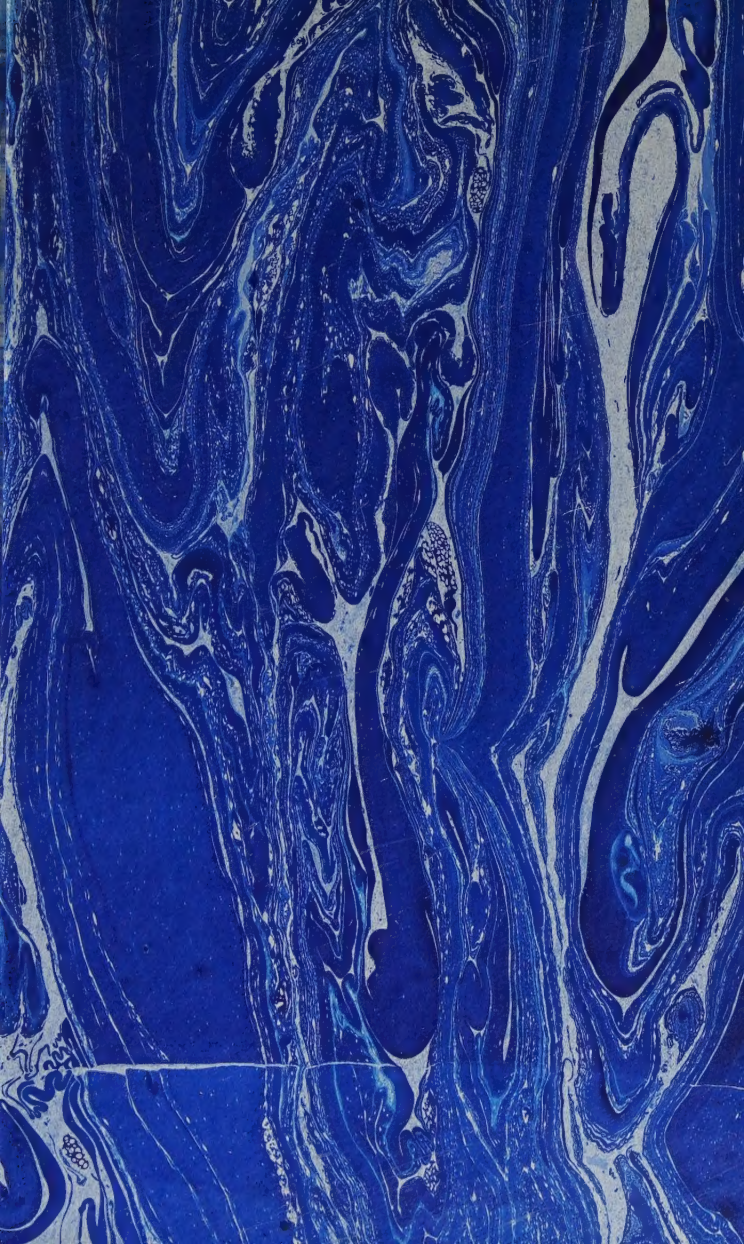

*Eglogas* - - - - - - - - - Pag. 3
*Epiſtolas* - - - - - - - - - - - 25
*Elegias* - - - - - - - - - - - - 113
*Soneto* - - - - - - - - - - - - 189
*Odas* - - - - - - - - - - - - - 193
*Epithalamios* - - - - - - - - - - 231
*Epitafios* - - - - - - - - - - - 261
*Epigrammas* - - - - - - - - - - 297
*Os Fragmentos já impreſſos* - - - - 417

# ERROS PRINCIPAES.

| *Pag.* | *Reg.* | *Erro.* | *Emende-se.* |
|---|---|---|---|
| 3 | 20 | pedes | podes |
| 13 | 2 | III. | IV. |
| 15 | 32 | alegre | alegres |
| 19 | 15 | IV. | V. |
| 39 | 3 | eſcolheſtes | eſcolheſte |
| 44 | 31 | poucos | pouco |
| 67 | 19 | fundamentos | fundamento |
| 105 | 16 | e elle | é elle |
| 116 | 18 | moſtraś | moſtra |
| 127 | 28 | dum | um |
| 149 | 15 | canto | canto ; |
| 176 | 11 | *demi* ? | *de mi* ? |
| 178 | 6 | *nació* | *naſció* |
| 220 | 10 | rriſte | triſte |
| 243 | 5 | ſervilo | ſervila |
| 271 | 1 | d'elle | d'ella |
| 304 | 23 | Pegueno | Pequeno |
| 312 | 19 | ſaude | ſaudade |
| 335 | 15 | roubantía | roubar-te-ia |
| 336 | 20 | m'abrande | má abrande |
| 351 | 5 | asc ertas | as certas |
| 362 | 23 | couſas | cauſas |
| 367 | 19 | quereſme | quererеſme |

CA





Y0-DDA-446